


降世神通
AVATAR
A LENDA DE AANG

A watercolor illustration of the character Kyoshi. She is depicted from the chest up, wearing a green tunic and a brown, segmented hat with a silver buckle. Her eyes are heavily shadowed with red, and she has a serious expression. To her left, a yellow parasol is partially visible. The background consists of dark, swirling brushstrokes. At the bottom, a hand is shown holding a glowing orange flame.

**A ASCENSÃO DE
KYOSHI**

F.G. YEE

COM O CO-CRIADOR DE AVATAR
MICHAEL DANTE DIMARTINO

A ASCENSÃO DE KYOSHI

F. C. YEE

COM O CO-CRIADOR DE AVATAR,
MICHAEL DANTE DIMARTINO.

MUNDO AVATAR

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor ou usados de maneira fictícia, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou locais é mera coincidência.

Os dados de catalogação na publicação foram solicitados e podem ser obtidos na Biblioteca do Congresso.

ISBN 978-1-4197-3504-2

ISBN (edição P & B / Indigo) 978-1-4197-3991-0

eISBN: 978-1-68335-533-5

© 2019 Viacom International Inc. Todos os direitos reservados. Nickelodeon, Nickelodeon Avatar: The Last Airbender e todos os títulos, logotipos e personagens relacionados são marcas registradas da Viacom International Inc.

Ilustrações de capa de Jung Shan Chang

Design de livros por Hana Anouk Nakamura

Tradução de Beatriz Diamante, Carlos Lira, Daniel da Silva, Flávio Caique, Gabriel Neves, Isabela Galveas e Ingrid Schmidt e Israel Lisboa

Revisão por Bruna Diamante, Eduardo Guerra, Ingrid Schmidt, Luisa Romeiro, Patrick Alves e Sibelle Lobo

Título original: *The Rise of Kyoshi*

Tradução não-oficial para o Português por Mundo Avatar – realizado de fã para fã sem fins lucrativos. Se você gostou da história, apoie o autor comprando o livro.

PREFÁCIO

Qualquer prelúdio apresenta um desafio único, mesmo se passando em um lugar fictício canônico como *Avatar: A Lenda de Aang*. Uma armadilha comum em prelúdios? Já que o leitor sabe como as coisas acabam, eles estão um passo a frente do herói. De qualquer forma, no entanto, um prelúdio pode expandir e aprofundar um amado mundo de fantasia, explorando sua história e personagens de um jeito novo. Esse é o caso de *A Ascensão de Kyoshi*.

Leitores familiarizados com a série original da Nickelodeon talvez lembrem que o Avatar Kyoshi foi uma lenda, mesmo em meio ao impressionante panteão de Avatares. Mas como ela se tornou uma mulher dedicada a enfrentar a injustiça ao redor do mundo? E por que ela era tão temida por seus inimigos? Essas foram as perguntas que foram deixadas inexploradas. Em minhas primeiras conversas com F. C. Yee, nós discutimos alguns enredos possíveis, mas também nos perguntamos: que tipo de personagem é a Kyoshi, o que a impulsiona, e que tipos de eventos em seu passado poderiam ter feito com que ela se tornasse uma figura tão lendária?

Eu não invejei o Yee pelo desafio de resolver essas questões. Eu sabia que ele teria que atuar em meio às convenções de um universo já estabelecido ao mesmo tempo em que deixava sua marca criativa. E não tem nada essencial que falte no universo de Avatar”. Primeiro você precisa ter um Avatar — a reencarnação que detém o poder de manipular, ou *dominar*, todos os quatro elementos, que têm uma conexão com o misterioso Mundo Espiritual, e que lida com conflitos entre as Tribos da Água, Reino da Terra, Nação do Fogo, e Nômades do Ar. O Avatar não pode fazer tudo isso sozinho e assim também precisa de um grupo principal de professores e amigos — O Time Avatar, como nós gostamos de chamar. Conflitos políticos também são uma necessidade: seja uma guerra mundial ou uma revolução, o Avatar inevitavelmente acaba no centro de uma luta antes que ele ou ela esteja pronto. E claro, nunca falta uma épica batalha de dominação.

MUNDO AVATAR

Penso que todos os Avatares compartilham certos ritos de passagem — como dominar todos os elementos — cada um precisa ter uma jornada única, encarar diferentes pessoas e desafios político em seu caminho para se tornar um Avatar completo. Em *A Ascensão de Kyoshi*, nós conhecemos uma jovem mulher tão contrária à lenda que ela se torna, que nós nos perguntamos como ela pôde se transformar em uma figura tão importante. Ela não é uma grande dominadora de terra. As pessoas não acreditam que ela seja o Avatar no início do livro — uma grande ideia trazida por Yee, que fornece o cerne para todo o conflito do livro.

Confiar a outro escritor um universo e personagens que eu ajudei a criar sempre me enche de ansiedade. Nas mãos erradas, essa pode ser uma experiência desanimadora. Mas quando li *A Ascensão de Kyoshi* pela primeira vez, eu fiquei imediatamente interessado pela história e extasiado pelos intrigantes novos personagens e seus passados. Eu estava ansioso para ler e descobrir como a Kyoshi superaria todos os obstáculos em seu caminho (e Yee joga vários para ela).

Tem sido um prazer trabalhar nesse projeto com todos os envolvidos, e eu não poderia estar mais animado para essa encarnação do universo Avatar.

**Michael Dante
DiMartino**

A ASCENSÃO DE KYOSHI

Não se pode dizer que Kuruk tenha sido um bom Avatar. Seus poucos anos de vida foram marcados por aventuras, romances sem compromisso e jogatinas questionáveis. Enquanto ele se preocupava em desafiar dominadores de fogo aleatórios para Agni Kai, conflitos de verdade surgiam ao redor do mundo.

Fogo. Ar. Água. Terra.


As nações estavam mais separadas do que nunca, cada uma com seus próprios problemas. O Reino da terra envolto em pobreza e corrupção, a Nação do Fogo se armando cada vez mais, as Tribos da Água completamente isoladas e os Nômades do Ar perdendo aos poucos suas tradições.

Em meio a tudo isso, um novo grupo ganhou forma bem debaixo do nariz de Kuruk. A Quinta Nação, formada por tripulações de piratas do mundo todo, pregava a liberdade e o fim da separação das nações de acordo com os elementos. E, enquanto ela crescia, Kuruk deixava o mundo na mão em nome de uma paixão.


E então ele se foi. Aos trinta e três anos. Por causa de um romance. Foi uma vergonha tão grande que os mestres do mundo todo acharam que os espíritos nos negariam um novo Avatar. E, conforme a busca pelo sucessor de Kuruk fracassava, o mundo mergulhava cada vez mais no caos.

Se Kuruk não tivesse sido tão irresponsável e morrido tão cedo, talvez as coisas tivessem sido diferentes. Talvez seus amigos não tivessem cometido todos os erros que cometeram na busca pelo novo Avatar. Talvez eu não tivesse tido que passar por todas as coisas horríveis que me aconteceram. Mas esse é meu mundo, e eu sou o Avatar.

“Avatar Kyoshi”. Estou começando a gostar do som disso.



○ TESTE



PORTO YOKOYA era uma cidade fácil de ignorar.

Situada à beira do Estreito Cauda de Baleia, Yokoya poderia ter sido um dos principais pontos de reabastecimento dos navios que deixavam os diversos portos que abasteciam Omashu. Mas ventos fortes, confiáveis e dominantes fizeram com que fosse muito mais fácil e rentável para os mercadores do Sul escolherem passar direto pela cidade e continuar em linha reta até chegarem à Grande Ilha Shimsom.

Jianzhu se perguntava se os habitantes locais sabiam ou se importavam com o fato de que navios carregados de riquezas navegavam tentadoramente por perto, enquanto eles estavam presos até o pescoço no fundo das cavidades de outro elefante-koi. Apenas um golpe de sorte e do

A ASCENSÃO DE KYOSHI

clima impedia que pilhas de ouro, especiarias, livros preciosos e pergaminhos chegassem às suas portas. Em vez disso, eram tripas de peixe. Uma fartura de buchada e brânquias de peixes.

O lado da terra era ainda menos promissor. O solo da península cresceu fino e rochoso à medida que se estendia mais para o mar. Jianzhu ficou perturbado ao ver campos de colheita tão estéreis quando ele atravessou o interior para ir à cidade pela primeira vez. A terra não tinha a mesma abundância selvagem e vulcânica do Vale Makapu ou a produtividade simétrica do Anel Exterior de Ba Sing Se, onde o crescimento se inclinava de acordo com a vontade dos planos do rei. Aqui, qualquer agricultor ficaria grato por qualquer substância que conseguisse colher.

O povoado estava na intercessão de três nações diferentes da Terra, do Ar e da Água. E, no entanto, ninguém jamais reivindicou isso. Os conflitos do mundo exterior tiveram pouco impacto na vida diária dos Yokoyanos.

Para eles, os danos da Revolta dos Caipiras Amarelos no interior do Reino da Terra eram uma história menos interessante do que a do bisão rebelde que se soltou do Templo do Ar e derrubou a palha de alguns telhados na semana passada. Apesar de serem marinheiros, eles provavelmente não poderiam nomear nenhum dos temidos líderes piratas que navegavam abertamente desafiando a marinha de Ba Sing Se.

Resumindo, Porto Yokoya não estava mais no mapa - ou seja, para o experimento desesperado e sacrilégio de Jianzhu e Kelsang, era perfeito.



Jianzhu arrastou-se pela neve molhada e fedorenta, com seu pescoço arripiado pelo manto de palha ao redor dos ombros. Passou pelo pilar de

madeira que marcava o centro espiritual da aldeia sem perceber. Não havia nada nas laterais, nem em cima. Era apenas um tronco liso na vertical preso no chão de um pátio redondo. Não estava esculpido com decoração alguma, o que era vergonhoso para uma cidade que era digna de conhecimento prático de carpintaria.

“Pronto.” A mensagem parecia dizer de má vontade a qualquer espírito que estivesse próximo. *“Espero que esteja feliz.”*

Casas úmidas e mofadas cobriam a grande avenida em ruínas, abrindo caminho para o ar como pontas de lança. Seu destino era a sala de reuniões de dois andares no fim daquela via. Kelsang havia se hospedado lá no dia anterior, dizendo precisar do máximo de espaço possível para o teste. Ele também afirmara que o local desfrutava de algumas correntes de vento auspiciosas, usando o solene e sagrado método de lamber o dedo indicador e apontar para cima.

Qualquer ajuda era bem-vinda. Jianzhu fez uma oração rápida para o Guardião do Tronco Divino, enquanto tirava as botas de neve e colocava-as na varanda, logo abaixo das cortinas da porta.

O interior do salão era surpreendentemente grande, com cantos distantes envoltos em sombras e paredes de tábuas grossas extraídas de algo que aparentava ser árvores maciças. O ar cheirava a resina. Dez vestimentas amarelas muito compridas e desbotadas estendiam-se pelas tábuas gastas do assoalho, assim como uma fila de brinquedos debruçados uniformemente, como um canteiro de sementes.

Um assobio de bisão, uma bola de vime, uma mancha deformada que poderia ter sido um pato-tartaruga empalhado, uma mola de osso de baleia enrolada, um daqueles tambores que fazem barulho enquanto giram

entre as palmas das mãos. Os brinquedos estavam tão deteriorados pelo tempo quanto as paredes daquele lugar.

Kelsang ajoelhava-se nas extremidades das vestimentas. O monge dominador de ar estava ocupado colocando mais bugigangas com tanto cuidado e precisão que mais parecia um acupunturista com suas técnicas de inserção de agulhas. Como se houvesse importância o fato de o barco de brinquedo navegar para o leste ou oeste. Ele curvou seu corpo de modo que os joelhos e mãos ficassem no chão, arrastando-se de um lado para o outro. As vestes alaranjadas e a barba negra pendiam tão baixo que varriam o assoalho que já se encontrava limpo.

— Eu não sabia que havia tantos brinquedos — disse Jianzhu a seu velho amigo. Ele identificou um grande mármore branco que parecia muito perto da borda do tecido e, com uma extensão graciosa de seu pulso, levitou-o com dominação de terra em frente a Kelsang. Pairava como uma mosca, à espera da sua atenção.

Kelsang nem olhou para cima enquanto retirava o mármore do ar e o colocava onde estava antes.

— Há milhares. Eu te pediria ajuda, mas você não faria direito. — A cabeça de Jianzhu doeu com o comentário. Nesse ponto, eles já estavam muito longe de *fazer direito*.

— Como você fez o Abade Dorje mudar de ideia sobre te dar as relíquias? - perguntou Jianzhu.

— Da mesma forma que você convenceu Lu Beifong a nos deixar administrar o teste Nômade do Ar no Ciclo da Terra — disse Kelsang, calmamente posicionando um tampo de madeira — Eu não o fiz.

Como um certo amigo deles da Tribo da Água sempre dizia: era melhor pedir perdão do que esperar pela permissão. E, no que dizia respeito a Jianzhu, o tempo de espera já havia passado há muito tempo.

Quando Avatar Kuruk, o guardião do equilíbrio e da paz no mundo, a ponte entre os espíritos e os humanos, faleceu na idade madura de trinta e três anos – *trinta e três! A única vez que Kuruk chegou cedo para alguma coisa!* – tornou-se dever de seus amigos, seus professores e outros dominadores importantes encontrarem o novo Avatar, reencarnado na próxima nação do ciclo elementar. Terra, Fogo, Ar, Água e depois Terra novamente, uma ordem tão imutável quanto as estações. Um processo que remonta a quase mil gerações antes de Kuruk, e que esperamos continuar por mais mil.

Exceto que, desta vez, não estava funcionando.

Já haviam se passado sete anos desde a morte de Kuruk. Sete anos de uma busca frustrante. Jianzhu se debruçara sobre todos os registros disponíveis das Quatro Nações, voltando centenas de anos, e a busca pelo Avatar nunca havia vacilado assim na história documentada.

Ninguém sabia por quê, embora os anciãos reverenciados trocassem palpites por trás de portas fechadas. O mundo era impuro e havia sido abandonado pelos espíritos. O Reino da Terra não tinha coesão, ou talvez fossem as Tribos da Água nos polos que precisavam se unificar. Os dominadores de ar tiveram que descer de suas montanhas e sujar as mãos em vez de pregar. O debate continuou.

Jianzhu se importava menos com a atribuição de culpa e mais com o fato de que ele e Kelsang haviam decepcionado o amigo novamente. O único decreto sério de Kuruk antes que ele partisse dos vivos era que seus companheiros mais próximos encontrassem o próximo Avatar e o treinassem bem. E até agora eles haviam falhado. Espetacularmente.

A ASCENSÃO DE KYOSHI

Neste momento, deveria ter um Avatar da Terra feliz, borbulhante, com sete anos de idade, sob os cuidados de sua família amorosa, sendo vigiado por uma coleção dos melhores e mais sábios dominadores do mundo. Uma criança em formação se preparando para assumir seus deveres aos dezesseis anos. Em vez disso, havia apenas um vazio que se tornava mais perigoso a cada dia.

Jianzhu e os outros mestres fizeram o seu melhor para manter o Avatar ausente em segredo, mas não adiantou. Os cruéis, os sedentos de poder, as pessoas sem lei que normalmente tinham mais a temer do Avatar estavam começando a sentir o vento mudando a seu favor. Como tubarões na areia respondendo às mais leves vibrações do puro instinto, eles testavam seus limites, sondando novos fundamentos. O tempo estava se esgotando.

Kelsang terminou de organizar tudo quando soaram os gongos do meio-dia. O sol estava alto o suficiente para derreter a neve do telhado, e o fluxo de água gotejava no chão como uma chuva fina. As silhuetas dos aldeões e de seus filhos enfileirados para o teste podiam ser vistas do lado de fora através das janelas. O clima estava cheio de conversas animadas.

“Não há mais espera”, pensou Jianzhu “É agora.”



Os Avatares da Terra eram tradicionalmente identificados pela geomancia direcional, uma série de rituais projetados para destrinchar a maior e mais populosa das Quatro Nações com a maior eficiência possível. Cada vez que um conjunto especial de trigramas ósseos fosse lançado e interpretado pelos mestres de dominação de terra, metade do Reino da Terra seria descartada como a localização do Avatar recém-nascido. Então, no território restante, outra metade e depois outra metade novamente. Os

locais possíveis continuariam encolhendo até que os pesquisadores fossem levados para a porta da criança que seria o Avatar da Terra.

Foi uma maneira rápida de cobrir o solo e se adequar inteiramente ao estado mental de dominação de terra. Uma questão de logística, simples ao ponto de ser brutal. E normalmente funcionava na primeira tentativa.

Jianzhu fizera parte de expedições enviadas pelos ossos a campos estéreis, cavernas de pedras vazias abaixo de Ba Sing Se, um trecho do Deserto de Si Wong tão seco que até os dominadores de areia se incomodavam com isso. Lu Beifong havia lido os trigramas, o Rei Buro de Omashu havia dado uma chance, Neliao, a Jardineira, havia tido sua vez. Os mestres abriram caminho através da hierarquia de dominação de terra até que Jianzhu conquistou sua fatia de erros também. Sua amizade com Kuruk não lhe dera nenhum privilégio especial quando se tratou do próximo Avatar.

Depois que a última tentativa o colocou em um iceberg no Polo Norte, com apenas focas-tartaruga como possíveis candidatos, Jianzhu se abriu para sugestões radicais. Uma lamentação bêbada com Kelsang trouxe uma nova ideia promissora. Se os modos do Reino da Terra não estivessem funcionando, por que não tentar o método de outra nação? Afinal, não foi o Avatar, o único dominador dos quatro elementos, um cidadão honorário do mundo inteiro?

Foi assim que os dois deixaram de se importar com a tradição e estavam tentando o modo dos Nômades do Ar para identificar o Avatar. Yokoya seria um bom local, um lugar seguro longe do tumulto da terra e do mar, onde eles poderiam tomar notas e corrigir problemas. Se Yokoya fosse tranquilo, eles poderiam convencer os mais velhos a expandir o teste por todo o Reino da Terra.

A ASCENSÃO DE KYOSHI

O método dos *Nômades do Ar* era simples, em teoria. Dos muitos brinquedos dispostos, apenas quatro pertenciam a Avatares de eras passadas. Cada criança de sete anos de idade da aldeia seria trazida e apresentada para a deslumbrante variedade de brinquedos. Aquele que fosse atraído para os quatro brinquedos especiais em uma lembrança de suas vidas passadas seria o Avatar renascido. Um processo tão elegante e harmonioso assim como os dominadores de ar.

Em teoria.

Na prática, foi o caos. Puro e desequilibrado. Foi um desastre do tipo que as Quatro Nações nunca haviam testemunhado.

Jianzhu não pensou no que poderia acontecer depois que as crianças que falharam no teste fossem instruídas a deixar a seleção e abrir espaço para o próximo candidato. As lágrimas! O lamento, os gritos! Tentando tirar os brinquedos de crianças para as quais haviam-nos prometido apenas alguns momentos antes, elas teriam escolha? Não havia força maior que a fúria de uma criança que foi enganada.

Os pais eram piores. Possivelmente os zeladores dos Nômades de Ar lidavam com a rejeição de seus filhos com graça e humildade, mas as famílias das outras nações não eram formadas por monges e freiras, especialmente no Reino da Terra, onde todas as apostas eram canceladas quando se tratava de laços de sangue. Os aldeões com os quais ele compartilhou saudações amistosas nos dias que antecederam o teste tornaram-se rastejadores de cânions selvagens quando souberam que seu pequeno e precioso Jae ou Mirai não era, de fato, a criança mais importante do mundo, como eles sempre souberam secretamente. Mais do que isso, alguns juravam por aí terem visto as crianças brincarem com espíritos invisíveis ou dominar a terra e o ar ao mesmo tempo.

Kelsang recuava suavemente.

— Você tem certeza de que seu filho não estava dominando terra em um dia com vento? Tem certeza de que o bebê não estava apenas... brincando?

Alguns não conseguiram entender uma indireta. Especialmente o capitão da aldeia. Assim que passaram por cima de sua filha Aoma, ou algo assim, ela lhes lançou um olhar de profundo desprezo e exigiu ver um mestre de alto escalão.

“Desculpe, moça”, Jianzhu pensou depois que Kelsang passou quase dez minutos conversando com ela. “Não podemos ser todos especiais.”



— Pela última vez, eu não estou negociando um salário com você!
— Jianzhu gritou no rosto de um agricultor particularmente contundente.
— Ser o Avatar não é uma posição paga!

O homem robusto encolheu os ombros.

— Soa como uma perda de tempo então. Eu vou levar minha filha embora.

Com o canto do olho, Jianzhu pegou Kelsang agitando freneticamente suas mãos, fazendo um sinal de corte no pescoço. A garotinha vagara até o brinquedo voador que outrora entretinha um antigo Avatar e o observava atentamente.

Huh. Eles não pretendiam obter um resultado autêntico hoje. Mas escolher o primeiro item corretamente já era improvável. Muito improvável para arriscar parar o teste agora.

A ASCENSÃO DE KYOSHI

— Tudo bem — disse Jianzhu. Isso teria que sair do seu próprio bolso. — Cinquenta moedas de prata por ano se ela for o Avatar.

— Sessenta e cinco pratas por ano se ela for o Avatar e dez se ela não for.

— POR QUE EU TE PAGARIA SE NÃO FOSSE O AVATAR?
— Jianzhu exclamou.

Kelsang tossiu e bateu ruidosamente no chão. A garota pegou o carrossel e estava olhando o tambor. Dois de quatro estão corretos. De milhares.

Santo *Sbu*.

— Quero dizer, é claro — disse Jianzhu rapidamente. — Combinado.

Eles apertaram as mãos. Seria irônico, uma brincadeira digna do senso de humor de Kuruk, ter sua reencarnação sendo encontrada como resultado da cobiça de um camponês. E a última criança na fila para testes, para inicialização. Jianzhu quase riu.

Agora a moça também tinha o tambor nos braços. Ela caminhou até um macaco de porco empalhado. Kelsang estava fora de si com excitação, seu pescoço ameaçando romper a madeira em volta dele. Jianzhu sentiu tontura. A esperança bateu contra suas costelas, implorando para ser solta depois de tantos anos preso dentro.

A garota levantou o pé e pisou no bicho de pelúcia com tanta força quanto ela poderia.

— Morra! — Ela gritou com sua voz aguda. Ela o moeu sob seu calcanhar, ouviam-se os pontos se rasgando.

MUNDO AVATAR

A luz saiu do rosto de Kelsang. Ele parecia ter testemunhado um assassinato.

— Dez pratas — disse o agricultor.

— Saia — Jianzhu exaltou.

— Vamos, Suzu — falou o fazendeiro — Vamos lá.

Depois de arrancar os outros brinquedos do Açougueiro de Macacos-Javali, ele pegou a garota e saiu pela porta correndo, nada além de uma transação comercial. Ao passar, ele quase caiu sobre outra criança que estava espionando os procedimentos do lado de fora.

— Ei! — Jianzhu disse. — Você esqueceu sua outra filha!

— Aquela não é minha — disse o fazendeiro enquanto descia os degraus para a rua. — Aquela não é de ninguém.

Uma órfã então? Jianzhu não tinha avistado a garota desacompanhada pela cidade nos dias anteriores, mas talvez ele tivesse passado por ela, achando que ela era velha demais para ser uma candidata. Ela era muito, muito mais alta que as outras crianças que foram trazidas por seus pais.

Quando Jianzhu se aproximou para examinar o que estava perdendo, a garota tremeu, ameaçando-se fugir, mas sua curiosidade conquistou seu medo. Ela permaneceu onde estava.

“*Subnutrida*”, Jianzhu pensou franzindo a testa e olhando as bochechas ocas da menina e seus lábios rachados. E definitivamente uma órfã. Ele viu centenas de crianças como ela nas províncias do interior, onde os *daofei* fora da lei não eram controlados. Seus pais eram mortos por

qualquer grupo de bandidos que estivesse em ascensão no território. Ela deve ter vagado longe na área relativamente pacífica de Yokoya.

Ao ouvir sobre o teste de Avatar, as famílias da aldeia tinham vestido suas crianças elegíveis em suas melhores roupas como se fosse um dia de festa. Mas esta criança usava um casaco surrado, com os cotovelos aparecendo nos buracos das mangas. Seus pés enormes ameaçavam arrebeitar as alças de suas sandálias muito pequenas. Nenhum dos fazendeiros locais a estava alimentando ou vestindo.

Kelsang, que apesar de sua aparência assustadora sempre foi melhor com as crianças, juntou-se a eles e se abaixou. Com um sorriso, ele transformou-se de uma montanha laranja intimidadora em uma versão gigante dos brinquedos de pelúcia atrás dele.

— Ora, olá — disse ele, colocando uma camada extra de amizade em seu estrondo. — Qual é o seu nome?

A garota deu uma longa e cautelosa pausa, avaliando-os.

— Kyoshi — ela sussurrou. Suas sobrelhas se apertaram como se revelar seu nome fosse uma dolorosa concessão.

Kelsang tomou seu estado esfarrapado e evitou o assunto de seus pais por ora.

— Kyoshi, quer um brinquedo?

Tem certeza de que ela não é muito velha? — disse Jianzhu — Ela é maior do que alguns dos adolescentes.

— Fique quieto — disse Kelsang. Ele fez um gesto arrebatador no salão cheio de relíquias, para benefício de Kyoshi.

A revelação de tantos brinquedos de uma só vez teve um efeito fascinante sobre a maioria das crianças. Mas Kyoshi não suspirou, nem sorriu, nem mexeu um músculo. Em vez disso, manteve contato visual com o Kelsang até ele pestanejar.

Tão rápido como um chicote, ela desviou dele, pegou um objeto do chão, e correu de volta para onde ela estava no alpendre. Ela avaliou Kelsang e Jianzhu pela sua resposta tão atentamente como a observavam.

Kelsang olhou para Jianzhu e inclinou sua cabeça para a tartaruga de barro que Kyoshi segurava em seu peito. Uma das quatro verdadeiras relíquias. Nem um único candidato havia se aproximado dela naquele dia.

Deviam estar tão entusiasmados por ela como pela pequena Suzu, mas o coração de Jianzhu estava nublado de dúvidas. Foi difícil de acreditar que teriam tanta sorte depois daquele dribble.

— Boa escolha — disse Kelsang. — Mas tenho uma surpresa pra você. Você pode ter mais três! Quatro brinquedos, só pra você! Você não gostaria disso?

Jianzhu sentiu uma mudança na postura da menina, um tremor em sua fundação que era óbvio através do soalho de madeira.

Sim, ela gostaria muito de mais três brinquedos. Que criança não? Mas na sua mente, a promessa de mais era perigosa. Uma mentira concebida para magoá-la. Se ela soltasse a mão no único prêmio que tinha agora, acabaria sem nada. Punida por acreditar na bondade deste estranho.

Kyoshi abanou a cabeça. Os nós dos dedos dela ficaram brancos à volta da tartaruga de barro.

— Está tudo bem — disse Kelsang. — Não precisa colocar no chão. Esse é o objetivo; você pode escolher diferentes... Ei!

A ASCENSÃO DE KYOSHI

A moça deu um passo atrás, e depois outro, e depois, antes que eles pudessem reagir, ela desceu a colina com a única relíquia centenária de Avatar em mãos. No meio da rua, virou-se como uma fugitiva experiente que despistava um perseguidor, e desapareceu no espaço entre duas casas.



Jianzhu fechou as pálpebras contra o sol. A luz veio através deles em manchas escarlates. Ele sentia o seu próprio pulso. A mente dele estava em outro lugar.

Em vez de Yokoya, ele estava no centro de uma vila sem nome no interior do Reino da Terra, recém-libertado por Xu Ping An e os Caipiras Amarelos. Neste devaneio, o fedor da carne podre ensopada pelas suas roupas e os gritos dos sobreviventes assombrava o vento. Ao lado dele, um mensageiro oficial que havia sido levado por um palanquim lia um pergaminho, passando minuto a minuto listando os títulos honoríficos do Rei da Terra e dizendo a Jianzhu que reforços do exército de Sua Majestade não viriam para ajudar.

Tentou se libertar da memória, mas o passado tinha-lhe posto garras afiadas. Agora ele se sentava em uma mesa de negociações feita de gelo puro, e do outro lado estava Tulok, Senhor dos Piratas da quinta nação. O corsário mais velho riu da ideia de que honraria a promessa do seu avô de deixar as costas meridionais do continente em paz. Suas convulsões salpicaram sangue e fleuma sobre os acordos elaborados pelo Avatar Yangchen em sua própria mão Santa, enquanto sua filha-Tenente assistia a seu lado, seu olhar sem alma encarando Jianzhu como se ele fosse uma presa.

MUNDO AVATAR

Nesse momento, e em muitos outros, ele deveria estar à direita do Avatar. A autoridade suprema que poderia dominar o mundo à sua vontade. Em vez disso, estava sozinho. Enfrentando grandes feras da terra e do Mar, suas mandíbulas se fechando, encolhendo o reino na escuridão.



Kelsang o puxou de volta para o presente com uma contusão nas costas.

— Qual é! — disse ele — Com essa cara, as pessoas pensariam que você... perdeu o artefato cultural mais importante da sua nação.

O bom humor do dominador de ar e a capacidade de enfrentar contratempos era normalmente um grande conforto para Jianzhu, mas neste momento ele queria dar um soco no seu amigo com o seu rosto barbado. Ele compôs suas próprias características.

— Temos de ir atrás dela — disse.

Kelsang comprimiu os lábios.

— Seria uma pena tirar a relíquia de uma criança que tem tão pouco. Ela pode ficar com ele. Vou voltar para o templo e enfrentar a ira de Dorje sozinho. Você não precisa se envolver.

Jianzhu não sabia o que os dominadores de ar consideravam como ira, mas não era esse o problema aqui.


— Você arruinaria o teste dos Nômades do Ar para fazer uma criança feliz? — perguntou, incrédulo.

A ASCENSÃO DE KYOSHI


— Ela encontrará o caminho de volta para onde pertence. —
Kelsang olhou em volta e parou.

Então seu sorriso desapareceu, como se esta pequena mancha de uma cidade fosse uma dura dose de realidade que só agora estava fazendo efeito.

— Eventualmente — suspirou — Talvez.



NOVE ANOS DEPOIS



PARA KYOSHI, estava muito claro — era uma situação hostil.

O silêncio era a chave para chegar ao outro lado. Esperar com total e completa passividade. *Jing* Neutro.

Kyoshi caminhava calmamente pelo caminho de terras em pousio, ignorando a grama alta que fazia cócegas em seus tornozelos e o suor em sua testa que ardia em seus olhos. Ela se manteve quieta e fingiu que as três pessoas que caíram ao lado dela como ladrões em um beco não eram uma ameaça.

— Então, como eu estava dizendo aos outros, minha *mãe* e meu *pai* acham que teremos que limpar os canais mais próximos no início deste ano — disse Aoma, dando ênfase em “mãe” e em “pai” intencionalmente, balançando o que faltava a Kyoshi na frente dela. Ela entortou suas mãos

na posição de Ponte Cheia (*Bik Kiu*) enquanto batia seus pés fortemente no chão. — Um dos terraços desmoronou na última tempestade.

Acima delas, flutuando alto fora de alcance, estava o último, precioso vaso de algas picantes que a vila inteira veria esse ano. Aquele que Kyoshi estava encarregada de entregar na mansão de Jianzhu. Aquele que Aoma dominou para fora das mãos de Kyoshi e agora estava prometendo soltar a qualquer segundo. O grande vaso de barro sacudiu para cima e para baixo, batendo a salmoura contra o selo de papel encerado.

Kyoshi tinha que sufocar um grito cada vez que a jarra ia contra os limites de Aoma. “*Sem barulho. Espere. Não lhes dê nada em que se apegar. Conversar vai apenas piorar.*”

— Ela não se importa. — disse Suzu — A preciosa garota servente não dá bola para assuntos agrícolas. Ela tem seu emprego confortável em uma casa chique. Ela é boa demais pra sujar as mãos.

— E também nem pisa em um barco — disse Jae. Em vez de elaborar mais a frase, ele cuspiu no chão, quase alcançando os calcanhares de Kyoshi.

Aoma nunca precisou de uma razão para atormentar Kyoshi, quanto aos outros, ressentimentos genuínos eram o suficiente. Era verdade que Kyoshi havia passado seus dias sob o teto de um poderoso sábio em vez de quebrando suas unhas contra pedras do campo. Ela certamente nunca arriscaria as águas agitadas do Estreito em busca de uma captura.

Mas o que Suzu e Jae negligenciaram é que cada parcela de terra arável próxima de um barco navegável nas docas pertencia a uma *família*. Mães e pais, tal como Aoma gostava tanto de dizer, que passaram seu ofício para suas filhas e filhos em uma linha ininterrupta, o que significava que não havia espaço para um forasteiro herdar qualquer meio de sobreviver. Se não

fosse por Kelsang e Jianzhu, Kyoshi teria passado fome nas ruas, bem na frente do nariz de todo mundo.

“Hipócritas”.

Kyoshi pressionou sua língua contra o céu de sua boca tão forte quanto ela pôde. Não seria hoje. Algum dia, talvez, mas não hoje.

— Deixem-na. — disse Aoma, mudando sua postura para a Ponte Cheia (*Fun Kin*) — Eu ouvi dizer que ser uma servente é um trabalho difícil. É por isso que estamos te ajudando com as entregas. Esse é o jeito correto, Kyoshi?

Para enfatizar, ela ameaçou arremessar o jarro através de uma lacuna estreita nos galhos de uma árvore saliente. Um lembrete de quem estava no comando.

Kyoshi estremeceu quando o recipiente mergulhou no chão antes de voltar para segurança. *“Só mais um pouco”*, ela pensou enquanto o caminho dava uma guinada na encosta. Mais alguns passos silenciosos e sem palavras até...

Ali. Eles finalmente haviam chegado. A propriedade do Avatar, em toda sua glória.



A mansão que o Mestre Jianzhu construira para abrigar a salvadora do mundo fora projetada à imagem de uma cidade em miniatura. Um grande muro quadrado cercava o terreno, com uma divisão central que separava os austeros campos de treinamento dos vibrantes bairros. Cada seção tinha a própria imponente portaria virada para o sul, todas maiores que a sala de reuniões de Yokoya. As enormes portas cravejadas de ferro do portão

residencial estavam abertas, oferecendo uma pequena visão da elaborada e reluzente topiaria que havia em seu interior. Um rebanho tranquilo de cães-cabra pastava cortando a grama uniformemente.

Elementos estrangeiros tinham sido cuidadosamente integrados no design do complexo, o que significava que foram esculpido dragões dourados perseguindo orcas-polares pelas bordas das paredes. O estilo de telhado do Reino da Terra era inteligentemente combinado com os princípios de numerologia dos Nômades do Ar. Corantes e tintas foram importados de todo o mundo, assegurando que todas as cores das quatro nações estariam igualmente disponíveis.

Quando Jianzhu comprara a terra, ele explicou para os mais velhos da vila que Yokoya era o local ideal para se estabelecer e ensinar o Avatar. Um lugar quieto, seguro, longe das terras dos foras da lei, profundo no Reino da Terra e perto o suficiente do Templo do Ar do Sul e da Tribo da Água do Sul. Os moradores da vila estavam suficientemente felizes em aceitar o ouro dele na época. Mas depois que a mansão foi construída, eles reclamaram que aquilo era uma monstruosidade, uma criatura alien que tinha espreitado do solo nativo durante a noite.

Para Kyoshi essa era a vista mais linda que ela poderia imaginar. Era uma casa.

Atrás dela, Suzu inspirou com desdém.

— Eu não sei o que nossos pais estavam pensando, vendendo aquelas terras para um Ganjinês.

Os lábios de Kyoshi se apertaram. Mestre Jianzhu de fato era da Tribo Gan Ji no norte, mas foi o jeito que ela falou isso

— Talvez eles soubessem que as terras eram tão inúteis e improdutivas quanto suas crianças. — Kyoshi murmurou sob sua respiração.

Os outros pararam de caminhar e olharam para ela.

Ops. Ela tinha falado alto demais, não tinha?

Suzu e Jae cerraram seus punhos. Ficou claro para eles, o que poderiam fazer enquanto Aoma tivesse Kyoshi nas mãos. Fazia anos que as crianças não conseguiam ficar a menos de um braço de distância dela, mas parece que hoje era uma ocasião especial, não é? Talvez alguns machucados, em memória dos velhos tempos.

Kyoshi se preparou para o primeiro golpe, ficando sobre os dedos dos pés na esperança de manter seu rosto longe da briga, para que a Tia Mui não notasse. Alguns socos e chutes e eles a deixariam em paz. Realmente, a culpa foi toda sua por deixar a máscara cair.

— O que vocês pensam que estão fazendo? — uma voz familiar rosnou.

Kyoshi fez uma careta e abriu os olhos.

A paz não era mais uma opção. Porque agora Rangi estava ali.



Rangi devia tê-los visto de longe e os perseguido sobre todo o gramado sem ser notada. Ou preparara uma emboscada para eles a noite toda. Ou caíra de uma árvore como um leopardo-palmado. Kyoshi não esperaria mais do que qualquer uma dessas proezas da Dominadora de Fogo treinada militarmente.

Jae e Suzu recuaram, tentando engolir sua intenção hostil como crianças que enchem a boca com doces roubados. Ocorreu a Kyoshi que essa poderia ser a primeira vez que eles viam alguém da Nação do Fogo tão de perto, ainda mais alguém tão intimidante quanto Rangí. Em sua armadura moldada cor de ônix e sangue seco, ela poderia ser um espírito vingativo que havia vindo livrar o campo de batalha dos vivos.

Aoma, impressionantemente, manteve sua postura.

— A guarda do Avatar. — disse, com um leve sorriso. — Eu achava que vocês não deveriam sair do lado dele. Você não está sendo desleixada? — Ela olhou de relance para a esquerda e direita — Ou ele está aqui em algum lugar?

Rangí olhou para Aoma como se ela fosse a imundície que a Dominadora de Fogo pisara ao longo de sua caminhada.

— Você não está autorizada a estar nessas terras — ela disse, com seu jeito irritado. Apontou para cima, para o jarro de algas. — Nem a colocar suas mãos em propriedade do Avatar. Ou abordar sua serventia doméstica, aliás.

Kyoshi notou que ela pessoalmente estava em terceiro nessa lista de considerações.

Aoma tentou continuar jogando.

— Esse contêiner é enorme — disse, dando de ombros para enfatizar sua, ainda em curso, façanha de dominação. — Seriam necessários dois homens adultos para levantar isso sem dominação de terra. Kyoshi nos pediu para ajudá-la a trazer para dentro da casa. Certo?

Ela lançou um sorriso radiante a Kyoshi. Um que dizia “*Se me dedurar, eu te mato*”. Kyoshi já havia visto essa expressão antes incontáveis

vezes quando ambas eram mais novas, sempre que um adulto infeliz esbarrava nas duas “brincando” pela cidade, Kyoshi toda machucada e Aoma com uma pedra na mão.

Mas hoje ela não estava brincando. Sua atuação normalmente impecável tinha um tom genuíno e melancólico. Kyoshi logo entendeu o que estava acontecendo.

Aoma realmente queria ajudá-la com sua entrega. Ela queria ser convidada para dentro da mansão e ver o Avatar de perto, como Kyoshi fazia todo dia. Ela estava com *ciúmes*.

Um sentimento parecido com pena se estabeleceu na garganta de Kyoshi. Embora não fosse forte o suficiente para impedir Rangi de fazer a coisa que queria.

A dominadora de fogo avançou. Sua fina mandíbula endureceu e seus olhos bronze-escuros dançaram com agressão. O ar ao seu redor ondulou como uma miragem viva, fazendo com que as mechas de seu cabelo que escapavam de sua franja flutuassem para cima com calor.

— Ponha a jarra no chão, vá embora e não volte — ela disse. — A não ser que queira saber como as cinzas dos seus olhos castanhos cheiram.

A expressão de Aoma se desfez. Ela esbarrou em um predador com muitas presas. E ao contrário dos adultos da vila, nenhuma quantidade de charme ou desorientação funcionaria com Rangi.

Mas isso não significava que um tiro de despedida estava fora de questão.

— É claro — ela disse — Eu achei que você não fosse pedir — com um arremesso de suas mãos, a jarra disparou para cima no ar, além das

copas das árvores. — É melhor você achar alguém que está *autorizado* a pegar aquilo. — ela correu caminho abaixo, com Suzu e Jae logo atrás.

— Sua pequena — Rangi fez menção de ir atrás deles, o punho reflexivamente armado para servir uma porção de dor flamejante, mas se segurou. A vingança de fogo teria que esperar.

Ela apertou suas mãos e olhou para o jarro que diminuía rapidamente. Aoma arremessara aquilo com muita, muita força. Ninguém poderia dizer que a garota não era talentosa.

Rangi deu uma cotovelada no lado de Kyoshi.

— Pegue. Use a dominação de terra e pegue aquilo.

— E-eu não consigo — respondeu Kyoshi, tremendo de desespero. Sua pobre carga pesada alcançou o ápice de seu voo. Tia Mui ficaria furiosa. Um desastre dessa magnitude seria levado ao Mestre Jianzhu. Seu pagamento seria cortado. Ou ela seria demitida de vez.

Rangi ainda não tinha desistido dela. — Como assim não consegue? Você consta como Dominadora de Terra nos registros! Pegue!

— Não é tão simples! Sim, Kyoshi era tecnicamente uma dominadora, mas Rangi não sabia sobre seu pequeno problema.

— Faça a coisa com as mãos como ela fez! — Rangi formou as garras duplas da Ponte Cheia como se o único componente faltando fosse um lembrete grosseiro de uma dominadora de outro elemento completamente diferente.

— *Cuidado* — Kyoshi gritou. Ela se jogou sobre Rangi, protegendo a pequena garota com seu corpo do míssil que despencava. Elas caíram no chão, entrelaçadas.

Não houve nenhum impacto. Nenhum caco mortal de cerâmica, ou explosão de líquido picante.

— Saia de cima de mim, sua imbecil! — Rangi resmungou. Ela bateu os punhos contra o abraço protetor de Kyoshi. Um pássaro batendo suas asas contra uma gaiola. Kyoshi ficou de joelhos e viu que o rosto dela e orelhas estavam tão vermelhos quanto sua armadura.

Ela ajudou Rangi a ficar de pé. A jarra flutuou próxima a elas, na altura da cintura, acima do solo. Sob o controle de Aoma, ela havia vacilado e tremido, seguindo seus padrões naturais de respiração e movimentos involuntários. Mas agora estava completamente imóvel no ar, como se tivesse sido colocada em um pedestal de ferro.

As pedras no caminho tremeram. Elas começaram a pular na frente dos pés de Kyoshi, controladas por um poder invisível que vinha de baixo, como se tivessem sido espalhadas por alguém batendo em um tambor. Iam em direções aparentemente aleatórias, pequenos soldados bêbados, até que eles vieram em uma formação que formou uma mensagem.

“De nada.”

Kyoshi ergueu a cabeça e apertou os olhos na direção da distante mansão. Havia apenas uma pessoa que ela conhecia que era capaz de fazer essa façanha. As pedras começaram sua dança de novo, transformando-se em palavras muito mais rápido dessa vez.

“Aqui é o Yun, a propósito. Você sabe, o Avatar Yun.”

Como se pudesse ter sido mais alguém. Kyoshi não conseguiu identificar de onde Yun a observava, mas podia imaginar o sorriso brincalhão e provocante em seu lindo rosto enquanto ele apresentava outro

ato surpreendente de dominação como se isso não fosse grande coisa, encantando as pedras em completa submissão.

Ela nunca ouvira sobre qualquer um que usava pedras para conversar legivelmente à distância. Yun tinha sorte por não ser um Nômade do Ar, ou então o teriam tatuado por inventar uma nova técnica.

“O que minbas três garupas favoritas estão fazendo hoje?”

Kyoshi gargalhou. Ok, talvez não tão legível.

“Parece divertido. Eu queria poder me juntar a vocês.”

— Ele sabe que não conseguimos responder, né? — perguntou Rangi.

“Bolinbos, por favor. De qualquer tipo, menos alho-poró.”

— Chega! — Rangi exclamou — Nós estamos distraindo ele do treino! E você está atrasada para o trabalho. — Ela varreu as pedras para longe com seus pés, menos preocupada com novos caminhos em chamas no mundo da dominação de terra e mais com manter o cronograma.

Kyoshi arrancou o jarro da plataforma invisível e seguiu Rangi de volta para a mansão, andando devagar na grama para não a ultrapassar. Como os deveres domésticos eram tudo que importava para a Dominadora de Fogo, esse seria o fim, e nada mais teria que ser dito. Ela teria que aguentar o silêncio de Rangi compactando-se dentro de sua estrutura esbelta.

Elas estavam no meio do caminho para o portão quando se tornou demais para suportar.

— Isso é ridículo! — disse Rangi sem se virar. O único jeito que ela conseguia demonstrar seu desgosto era não olhando para ela. — O jeito que eles pisavam em você. Você serve o Avatar! Tenha alguma dignidade!

Kyoshi sorriu.

— Eu estava tentando não deixar a situação escalar — murmurou.

— Você estava deixando elas te acertarem! E não se atreva a dizer que você estava fazendo *jing* neutro ou seja lá o que for essa besteira de dominação de terra!

Bem no meio da sugestão, Rangi passou de Guardiã do Avatar, pronta pra queimar os ossos de intrusos, para uma adolescente não muito mais velha que Kyoshi que facilmente explodia com seus amigos, uma espécie de mãe galinha furiosa.

— E falando da sua dominação de terra! Você foi derrotada por uma camponesa! Como você não dominou o básico até agora? Eu já vi crianças em Yu Dao dominarem rochas maiores do que aquele jarro!

Ela e Rangi *eram* amigas, apesar do que isso parecia ser. Lá atrás, quando a mansão estava em construção – quando Kyoshi estava aprendendo seus deveres dentro do esqueleto da mansão interminada – demorou semanas para que ela descobrisse que a menina imperiosa que agia como se ainda estivesse na polícia júnior do Exército do Fogo só gritava com quem ela deixava entrar em sua concha. Todo o resto era escória que não merecia o esforço.

— ...Então o curso mais eficiente seria surpreender a líder (Aoma, né?) sozinha em algum lugar e depois deixá-la tão confusa que isso iria mandar uma mensagem para os outros não te incomodarem mais. Você está me ouvindo?

A ASCENSÃO DE KYOSHI

Kyoshi havia perdido grande parte do plano de batalha. Ela estava distraída com o colarinho da armadura de Rangi, que tinha sido bagunçado na queda e precisava ser endireitado de modo a cobrir sua delicada nuca mais uma vez. Mas a resposta dela foi a mesma, independentemente disso.

— Por que recorrer à violência? — perguntou. Ela cutucou a Dominadora de Fogo gentilmente na parte de baixo de suas costas com o jarro. — Eu tenho fortes heróis como você para me proteger.

Rangi fez um barulho como se quisesse vomitar.



O GAROTO DE MAKAPU



YUN NÃO PODIA escutar o que elas estavam falando, mas era possível ler a linguagem corporal delas mesmo a essa distância. Julgando pela forma como Rangi fizera um gesto bruto no ar, ela estava irritada com Kyoshi. De novo.

Ele sorriu. As duas ficavam adoráveis juntas. Ele podia assisti-las o dia todo, mas não era possível. Yun rolou de costas e deslizou pelo telhado do muro exterior, usando a beira da sarjeta para aparar sua queda. Ele deixou o impacto transformar seu movimento em um salto, girando para a frente no ar, e caiu com seus pés no pátio de mármore. Cara a cara com Hei-Ran. Porcaria.

— Impressionante — disse a ex-diretora da Academia Real da Nação do Fogo para Meninas, com seus braços cruzados atrás das costas. — Quando os espíritos pedirem para que um palhaço de circo intervenha em seu nome, saberei que nosso tempo juntos serviu para alguma coisa.

Yun franziu o cenho. Sua professora pessoal de dominação do fogo tinha um jeitinho para encontrar seus momentos de orgulho e destruí-los.

— Eu terminei meus agachamentos quentes cedo — disse — Quinhentas repetições. Posições perfeitas, o treino completo.

— E mesmo assim você prefere perder seu tempo livre descansando no telhado ao invés de ir para o próximo exercício ou meditar até eu voltar. Não é surpresa que você não possa criar fogo ainda. Você pode treinar seu corpo o quanto quiser, mas sua mente continua fraca.

Ele percebeu que Hei-Ran nunca pisava nele assim quando a filha dela estava perto. É como se ela não quisesse diminuir a imagem do Avatar aos olhos adoradores de Rangi. A imagem dele tinha que ser cuidadosamente criada e mantida, como uma das árvores em miniatura que cobriam o jardim. Que os espíritos não o deixassem parecer humano nem por um segundo!

Yun fez a postura do Punho de Fogo. Ele se manteve parado para correções por mais que fosse desnecessário. Nem mesmo Hei-Ran podia achar falhas em sua posição de corpo, a postura da coluna, seu controle de respiração. A única coisa que faltava era o fogo.

Ela franziu o cenho para ele, interpretando sua perfeição como um desafio, mas deu sinal para começar mesmo assim. Enquanto ele socava o vento, ela andava lentamente ao redor dele em círculo. As sessões de Punho de Fogo também eram oportunidades para sermões.

— O que você faz quando ninguém o está guiando é o que determina quem você é — disse Hei-Ran. O ditado provavelmente estava escrito numa porta em algum lugar da Academia do Fogo. — Os resultados de seu treino são muito menos importantes do que sua atitude acerca de treinar.

Yun não achava que ela realmente acreditasse naquilo. Nem por um segundo. Ela simplesmente apontava partes dele que não seriam possíveis de examinar e ajustar para melhorar imediatamente. Se ele não pudesse dominar o fogo mesmo sob seus cuidados, então sua falha era pior do que a de qualquer dos seus alunos anteriores.

Seus socos ficaram mais rípidos, ao ponto em que as mangas de seu uniforme de treino de algodão estalavam como chicotes com cada movimento. Ele era um par de imagens em um pergaminho, dois pontos no tempo repetindo de novo e de novo. Punho esquerdo. Punho direito.

— Sua situação não é única — continuou Hei-Ran — A história é cheia de Avatares como você que tentaram se conformar com seus talentos. Você não é o único que queria pegar leve.

Yun escorregou. Algo muito raro para ser percebido.

Seu movimento o levou muito longe de seu centro de peso, e ele caiu de joelhos. O suor incomodava seus olhos, escorria para o canto de sua boca.

Pegar leve? *Pegar leve?*

Ela estava ignorando o fato de que ele passara noites acordado meditando sobre análises escolásticas das decisões políticas de Yangchen? Que ele memorizara exaustivamente os nomes de cada nobre do Reino da Terra, comandante da Nação do Fogo e chefe da Tribo da Água entre os

vivos e três gerações atrás? Os textos perdidos que ele usara para mapear os locais sagrados dos Nômades do Ar de forma que até mesmo Kelsang se surpreendera com alguns deles?

Isso era quem ele era quando ninguém estava olhando. Alguém que dedicava todo seu ser ao seu dever como Avatar. Yun queria compensar o tempo que ele desperdiçara sendo descoberto tão tarde. Ele queria mostrar gratidão a Jianzhu e ao mundo inteiro por lhe dar o maior presente que existia. Pegar leve era a última coisa em sua mente.

“Ela sabe disso”, ele pensou. Hei-Ran o estava alfinetando propositalmente ao chamá-lo de folgado. Mesmo assim, uma fúria incontrolável surgiu nele.

Os dedos de Yun mergulharam na superfície lisa do chão de mármore, moendo a pedra sob seu punho como se ela fosse feita de giz. Ele nunca atacaria um professor. A única forma que ele poderia resistir contra Hei-Ran era desapontando-a. Confirmar a acusação dela de que ele era uma criança rebelde.

Seu próximo soco produziu um cuspe de "fogo" rodopiante de dragão digno do Senhor do Fogo, cada disparo era encantador, projetando pó de pedra branca. Ele deixou-o dançar como fogo de verdade reagindo aos redemoinhos de vento, e depois deixou que a nuvem de partículas caísse no chão.

Para finalizar, deixar a performance completa, ele fez o sorrisinho que todo mundo dizia que lembrava o de Kuruk. Afinal, um palhaço precisa de sua maquiagem.

Hei-Ran se enrijeceu. Ela lançou um olhar como se estivesse prestes a dar um tapa em seu rosto. O disparo não foi nem um pouco perto dela, mas também não caiu muito longe.

MUNDO AVATAR

— Nos velhos tempos, mestres costumavam mutilar seus estudantes por conta de insubordinação — ela disse com voz rouca.

Yun não se permitiu recuar.

— Que maravilha os tempos modernos em que vivemos!

Uma única palma ecoou pelo ar. Os dois olharam na direção do som e encontraram Jianzhu, assistindo ao lado.

Yun apertou seus dentes forte o bastante para fazê-los chiar. Normalmente, ele podia sentir os passos de seu mentor por meio do solo e se recompor, mas hoje... Hoje todas as coisas estavam fora do comum.

Jianzhu acenou para Yun como se ele não tivesse acabado de encontrar o Avatar e sua mestre de dominação de fogo brigando.

— Venha — ele disse para seu tutelado — Vamos fazer um intervalo.



O campo de treinamento tinha alcovas nos muros para guardar armas, jarros de água e discos côncavos feitos de argila em pó que explodiriam inofensivamente ao impacto. Suprimentos suficientes para treinar um exército de dominadores. Jianzhu e Yun tomaram seu chá na maior área de armazenamento, cercada por bonecos de palha para treinamento.

O chão estava encardido de poeira. Enquanto Yun servia o chá, Jianzhu arrancou um galho que ficou preso num boneco de treino e o usou como marcador, desenhando uma versão simplificada de tabuleiro de Pai Sho no chão entre os dois.

Yun estava confuso. Os dois jogavam o jogo incessantemente quando estavam se conhecendo. Mas Pai Sho era proibido para ele há um longo tempo. Era uma distração de seu treinamento.

Jianzhu contemplou a grade vazia, sua longa face iluminando-se ao lembrar de jogadas passadas, linhas de ideias brilhantes e riscos desafiadores desdobrando-se nos azulejos. As marcas dos anos irradiavam de seus olhos. Os problemas que o deram pés de galinha e rugas severas ainda não haviam chegado na suave linha de sua boca.

— Eu tenho algumas notícias — ele disse — Nossos emissários nos contam que Tagaka concordou em assinar uma nova versão do tratado de seu tataravô.

Yun se animou. Seu mestre estava tentando conseguir uma solução diplomática com a rainha dos *daofei* do mar por anos.

— O que mudou, Sifu?

Jianzu gesticulou para ele.

— Você. Ela soube que nós finalmente encontramos o Avatar e que ele era um dos dominadores mais fortes de sua geração.

Yun sabia que isso era verdade. Para terra, pelo menos. Podia ser arrogância dele pensar isso, mas era difícil argumentar contra a evidência deixada por todo o solo.

— A marinha da Quinta Nação vai cessar os saques nas costas das Montanhas Xishaan, — disse Jianzhu. — Eles prometeram não erguer uma única vela de suas cores dentro do campo de visão do Templo do Ar do Leste.

— Em troca de quê?

— De acesso oficial à serralheria na Ilha Yesso, mesmo que eles estivessem desmatando ali ilegalmente pela maior parte da década. Os outros sábios estão chamando isso de uma vitória diplomática. Tanta coisa ganha, por tão pouco.

As folhas do chá de Yun perderam sua firmeza na superfície do líquido. Água era o último elemento que ele precisaria dominar. Ele sempre suspeitou que isso tomaria menos tempo do que com fogo.

— Exceto que não é uma vitória, não é? — perguntou, rolando a caneca entre seus dedos. — Ela está prometendo cessar suas operações em um setor, mas uma marinha de saqueadores não vai largar suas armas e pegar uma enxada da noite para o dia. Eles vão causar problema em outros oceanos, talvez tão longe quanto a Baía Camaleão ou as ilhas principais da Nação do Fogo. Só está levando a violência de um canto do mundo para o outro.

— O que você faria então? — disse Jianzhu. — Rejeitaria a oferta de Tagaka?

Yun levou um tempo encarando o tabuleiro vazio, especialmente as seções onde jogadores costumam pôr suas peças de bote. Ele estremeceu com as imagens que vinham à sua cabeça.

Contrário ao que muitos locais pensavam, Jianzhu não o mantinha trancado na propriedade como uma flor da lua que apodreceria com muita luz do sul. Nos intervalos de treinamento, eles costumavam viajar pelo mundo com Kelsang em seu bisão voador, Pengpeng, para conhecer pessoas importantes das Quatro Nações. O objetivo era se certificar que Yun tivesse uma educação cosmopolita, já que o ideal era que o Avatar também fosse um diplomata, nunca mostrando viés para um povo ou para

o outro. Ele aprendera muito ao lado deles, explorando grandes cidades e conversando com seus líderes. Se divertiu algumas vezes.

O último passeio não foi uma dessas vezes.

Quando Jianzhu lhe contara que eles teriam que pesquisar a extensão do dano infligido pelo maior saque pirata na costa sudeste do Reino da Terra em mais de um ano, Yun se enrijecera pelo sangue. Corpos entre ruínas latentes. Uma cena de devastação total.

Mas, enquanto eles voaram baixo sobre as praias nas costas de Pengpeng, buscando sobreviventes nos vilarejos às margens do mar, ele ficou surpreso ao ver as casas de troncos e as cabanas de palha intactas. Quase intocadas. Nenhum sinal dos nativos nas proximidades.

Eles tiveram que pousar e investigar algumas estruturas antes que as coisas fossem rearranjadas. Dentro das casas, eles encontraram lanças deixadas nas prateleiras. Mesas preparadas com comida que ainda não havia apodrecido. Redes de pesca na metade do conserto. Não tinha acontecido um massacre.

Para sua surpresa, os moradores do vilarejo haviam sido levados. Como se fossem gado. Animais roubados de um rebanho.

Nada mais fora tocado pelos corsários de Tagaka, exceto uma coletânea de itens comuns que Yun vira no último minuto. Eles roubaram os sinos. Os tambores e os gongos. As torres de vigilância que qualquer vilarejo teria sorte em ter foram totalmente esvaziadas.

Yun percebera que bronze fundido era extremamente valioso e quase insubstituível naquela parte do país. Assim como pelegos de qualidade para pele de tambor. Os piratas fizeram com que o sistema de vigia do vilarejo não pudesse ser reutilizado quando voltassem.

Aproximadamente mil pessoas estavam desaparecidas. Conduzir um saque nessa escala com tanta precisão não era somente um crime como uma mensagem. Tagaka era mais perigosa que seu pai, seu avô e qualquer outro pirata cruel sedento por sangue que cruzava o Mar Oriental.

Yun passara a maior parte da noite xingando Jianzhu depois que seu mentor calmamente explicou que o Rei da Terra provavelmente não faria nada para proteger seus súditos, não aqueles tão marginais. Que eles estavam basicamente sozinhos para lidar com o problema.

O vazio do tabuleiro de Pai Sho incomodou Yun tão alto quanto os sinos perdidos. Não era *se* eles retornassem, mas *quando*.

Ele abaixou o chá e deitou sobre suas mãos.

— Nós deveríamos aceitar a oferta dela e fingir que estamos felizes ao fazer isso. É nossa única chance de resgatar os cativos sobreviventes. Isso vai comprar tempo para que as áreas costeiras construam defesas. E, se Tagaka for forte o bastante para velejar noroeste, é possível que ela fique com excesso de confiança e compre uma briga com a Marinha do Fogo. Esse é um oponente cruel o bastante para destruí-la completamente.

Sua proposta saiu de seus lábios naturalmente, apesar do desconforto que ela criou em seu âmago. A ideia de manipular as nações que ele deveria manter em equilíbrio era assustadora, somente pelo quão fácil e efetivo isso seria. Ele esperou por uma censura.

Em vez disso, ele pegou Jianzhu sorrindo abertamente. Algo raro.

— Vê? — perguntou Jianzhu, gesticulando no tabuleiro de jogo. — Isso é o porquê de você estar destinado a ser um grande Avatar. Você tem a introspecção de pensar adiante, ver onde as pessoas são fracas e fortes. Você sabe quais linhas do futuro puxar. A situação com a Quinta Nação

não vai se resolver com uma dominação poderosa. Mas sim com uma estratégia, uma linha de jogos que minimiza o sofrimento que eles podem infligir. E você a descobriu. Você é tudo que Kuruk não era. E eu não poderia me orgulhar mais.

Isso era para ter sido um elogio genuíno. Kuruk tinha sido um gênio do maior calibre quando o assunto era Pai Sho. Em dominação também. Mas, segundo Jianzhu, quem conhecera melhor o Avatar da Água havia sido incapaz de traduzir seus talentos pessoais em liderança efetiva no palco do mundo. Ele desperdiçara seu tempo, procurando prazeres pelas Quatro Nações, e morreu cedo.

“Então acho que isso significa que eu serei triste e viverei para sempre”, pensou Yun. *“Maravilhoso.”*

Ele olhou através do pátio para onde Hei-Ran havia tomado seu posto, esperando que eles acabassem. A mulher era uma estátua. Cada pedaço de remorso que ele pegou dela ficou pior pelo fato de que parecia muito sua filha Rangì, com o mesmo rosto de boneca de porcelana, cabelo preto como nanquim e olhos tendendo mais ao bronze-escuro do que ao dourado mais comum na Nação do Fogo. Ter uma guarda-costas bonita com a idade próxima da sua como Rangì não valia nada quando sua imagem e semelhança dava uma surra nele regularmente.

— Hei-Ran acha que eu sou um pouco parecido com Kuruk — disse Yun.

— Você tem que ser mais compreensivo com ela — disse Jianzhu. — Ela se demitiu da sua posição do Exército do Fogo para ensinar Kuruk e depois saiu da Academia Real para ensinar você. Ela sacrificou muito mais do que qualquer um de nós pelo Avatar.

Ouvir que ele arruinou duas carreiras promissoras para a mesma mulher não o fez se sentir melhor.

— Isso é mais uma razão para ela me odiar.

Jianzhu levantou-se e gesticulou para que Yun fizesse o mesmo.

— Não, o problema dela é que ela te ama.

— Se isso fosse verdade então ela teria uma forma melhor de demonstrar.

Jianzu encolheu os ombros.

— Mães da Nação do Fogo. Ela te ama quase tanto quanto eu. Até mais, talvez.

Yun seguiu o mentor pelo centro da área de treinamento. A transição do clima agradável de dentro para o calor que estava lá fora foi dura.

— Você deve saber que você tem o amor de muitas pessoas — disse Jianzhu — Kelsang, os sábios visitantes, quase todo mundo que já te conheceu. Acredito que a própria terra ama você. Você se sente conectado a ela todo o tempo, como se ela falasse com você. Estou certo?

Ele estava, mesmo que Yun não entendesse onde ele queria chegar com isso. Sentir-se conectado com a terra era o primeiro e mais básico requisito para a dominação de terra.

Hei-Ran juntou-se a eles no pátio.

— Por outro lado, a dominação de fogo é a única das quatro dominações em que você não cria laços com os elementos nos seus

arredores; em vez disso, você o cria de dentro de si. Estou explicando isso corretamente, Diretora?

Hei-Ran assentiu, igualmente confusa pela forma com que eles discutiam o óbvio.

— Tire seus calçados — Jianzhu disse para Yun.

— Ahn? — Como muitos dominadores de terra, Yun nunca usava seus sapatos se pudesse, mas, para o treinamento em Dominação de Fogo, eles o forçaram a usar um par de sandálias aderentes.

— As condições de Tagaka são que quaisquer novos tratados sejam assinados sob sua decisão — disse Jianzhu. — Eu sei que eu disse que diplomacia era mais importante que dominação para essa missão, mas seria muito mais ideal se você tivesse alguma maestria sobre o fogo. No caso de os piratas precisarem de alguma mostra de poder. Tire seus calçados.

O sol bateu na cabeça de Yun. O som dos insetos crescia em suas orelhas, como um alarme. Ele nunca havia desobedecido Jianzhu antes, então arrancou as sandálias, tirou suas meias, e os jogou ao lado.

— Eu não entendo — disse — O que está acontecendo aqui?

Jianzhu inspecionou a área de treinamento.

— Como eu disse, a própria terra ama você, e você a ama. Esse amor, esse laço, pode ser o que estava o restringindo de dominar os elementos diferentes. Nós deveríamos tentar cortar essa ligação para que você não tenha nada em que se agarrar a não ser seu fogo interior. Nenhuma ajuda exterior.

Pela primeira vez em sua vida, Yun viu Hei-Ran hesitar.

— Jianzhu, — ela disse — você tem certeza de que isso é uma boa ideia?

— É *uma* ideia — respondeu Jianzhu. — Quer seja ela boa ou não, depende do resultado.

Um laço de gelo se formou no estômago de Yun enquanto sua mente fazia a conexão.

— Você vai queimar meus pés?

Jianzhu chacoalhou a cabeça.

— Nada tão cruel.

Ele pôs sua mão ao lado, palma para baixo, e depois a ergueu. Ao redor deles, do chão de mármore, ergueram-se pequenas pirâmides, cada uma com uma ponta afiada. O pátio estava coberto de buracos uniformes de parede a parede. Era como se alguém tivesse martelado buracos em um tabuleiro de Pai Sho e o virado ao contrário, espinhos para cima.


— Agora, vamos ver você repassar a posição do Sol Reunido — explicou Jianzhu. O jardim de armas os cercava em um anel pequeno — Vá lá, bem no meio, e nos mostre o que sabe.

Yun afastou algumas lágrimas. Ele olhou para Hei-Ran suplicantemente. Ela chacoalhou a cabeça e se virou.


— Você não pode estar falando sério. — ele disse.

Jianzhu estava calmo como uma nuvem.

— Você pode começar quando estiver pronto, Avatar.



TRABALHO HONESTO



CAMINHAR PELO PORTÃO da mansão era como entrar em um portal para o Mundo Espiritual. Ou assim Kyoshi imaginava, segundo as histórias contadas por Kelsang. Era como uma completa transição de um conjunto de regras para outro: de um lugar monótono e sem sentido - onde as únicas moedas que você poderia gastar eram suor e tempo, plantando suas sementes e atraindo seus anzóis na esperança de evitar a fome até próxima estação - para um universo místico - onde rituais e negociações poderiam torná-lo supremo em um único dia.

A passagem delas foi marcada pelo tom frio da sombra sob a parede de terra. Rangi acenou para os dois vigias, veteranos grisalhos do exército do Rei da Terra que endureceram o pescoço e se curvaram em deferência. Atraídos pelo melhor pagamento a serviço de Jianzhu, eles haviam mantido seus largos capacetes côncavos, mas os haviam pintado com os tons de

verde pessoais do sábio. Kyoshi sempre se perguntou se isso era ou não contra a lei.

No interior, o vasto jardim vibrava com a conversa. Sábios e dignitários de terras distantes iam e vinham para a propriedade, e muitos deles gostavam de conduzir seus negócios entre as cheirosas flores e árvores frutíferas. Um comerciante de Omashu vestido espalhafatosamente negociava com um comerciante oficial da Nação do Fogo sobre provisões de repolhos, ignorando as pétalas de flor-de-cerejeira em seu chá. Duas mulheres elegantes da Tribo da Água do Norte, de braços dados, caminhavam meditativas como em um labirinto sobre um campo de areia branca pura. No canto, um jovem rabugento com o cabelo levemente bagunçado mordida um pincel enquanto lutava contra um poema.

Qualquer um deles poderia ser - e provavelmente era - um dominador da mais alta ordem. Isso sempre arrepiava Kyoshi, ver muitos dominadores de elementos acumulados em apenas um lugar. Quando a propriedade estava cheia de visitantes, como hoje, o ar parecia vivo e poderoso. Às vezes, ele literalmente ficava assim, quando Kelsang estava por perto e de bom humor.

Tia Mui, a chefe da cozinha, apareceu de um dos corredores laterais e saltou sobre elas, parecendo uma ameixa rolando em uma colina esburacada. Ela usou seu momento para entregar um golpe duro nas costas de Kyoshi. Kyoshi gritou e segurou a jarra com mais força.

— Não carregue comida por onde os convidados possam ver! — Tia Mui sibilou — Use a entrada de serviço!

Ela apressou Kyoshi para descer os degraus de um túnel, alheia ao forte impacto que Kyoshi levou na testa contra a viga de suporte superior. Elas se arrastaram pelo corredor que ainda cheirava a serragem e barro

molhado através do gesso. Era mais perceptível aqui o quão novo e apressadamente construído o complexo realmente era.

A aspereza do corredor era outro dos muitos pequenos detalhes que faziam furos na ilusão que os que estavam sob o teto de Jianzhu tentavam sustentar, desde o hóspede mais exaltado até o funcionário mais humilde. A presença do Avatar foi uma bênção desconfortavelmente recente. Todo mundo estava vivendo em um ritmo acelerado.

— Você ficou muito tempo no sol, não ficou? — perguntou Tia Mui — Suas sardas ficaram mais escuras de novo. Por que você nunca usa aquele corretivo que eu te dei? Tem madrepérola esmagada de verdade nele.

O crânio de Kyoshi latejava.

— O que? E parecer um fantasma sem sangue?

— É melhor do que parecer que alguém polvilhou papoulas-estreladas nas bochechas!

As únicas coisas que Kyoshi odiava mais do que o lamaçal em sua pele eram os valores irritantemente invertidos que as pessoas mais velhas, como a Tia Mui, mantinham ao redor de si mesmas. Era outra contradição da aldeia, que você deveria ter uma vida honesta trabalhando sob o sol, mas nunca parecer que fazia isso. No jogo de padrões de beleza dos Yokoyanos, Kyoshi havia perdido aquela rodada em especial. Entre outras.

Elas subiram outro lance de escadas, Kyoshi lembrou de se abaixar desta vez, e passaram por um corredor em que a imensa quantidade de lenha necessária para abastecer os fogões era deixada para secar e dividir. Tia Mui desaprovou o machado que havia sido largado no bloco de corte pela última pessoa a usá-lo em vez de ser pendurado corretamente na parede, mas ela não era forte o suficiente para retirá-lo, e as mãos de Kyoshi estavam cheias.

Entraram na cozinha fumegante e cavernosa. O choque de painéis de metal e chamas rugindo poderia ter sido confundido com uma operação de cerco. Kyoshi colocou o jarro de decapagem na mesa limpa mais próxima e tomou o trecho necessário, seus braços balançando com a liberdade desconhecida. O jarro tinha ficado ligado a ela por tanto tempo que parecia que ela o estava dando a uma criança carente.

— Não se esqueça, você tem deveres hoje à noite.

Ela ficou surpresa ao ouvir a voz de Rangi. Não achava que a dominadora de fogo a seguiria tão fundo até as entranhas da casa.

Rangi olhou ao redor.

— Não desperdice muito tempo aqui. Você não é uma empregada assistente.

O pessoal da cozinha próxima, alguns que *eram* empregados assistentes, olharam para ela e franziram o cenho. Kyoshi estremeceu. Os cidadãos pensavam que ela era arrogante por viver na mansão, os outros servos achavam que ela era arrogante por ser próxima de Yun; e Rangi, com sua atitude elitista, só piorava a situação.

“*Não dá pra agradar ninguém*”, ela pensou, enquanto Rangi partia para o quartel.

Kyoshi viu uma figura estranha entre as legiões de cozinheiros vestidos de branco em sua estações. Um dominador de ar, com suas vestes laranjas enroladas até os ombros. Suas grandes mãos estavam cobertas de farinha, e ele havia colocado sua barba peluda na túnica para evitar que os pelos caíssem. Era como se a cozinha tivesse sido invadida por um ogro da montanha.

A ASCENSÃO DE KYOSHI

Kelsang deveria estar acima do solo, observando o Avatar. Ou pelo menos saudando um sábio visitante. Não cortando embalagens de bolachas entre os cozinheiros.

Ele olhou para cima e sorriu quando viu Kyoshi.

— Eu fui banido — disse ele, antecipando sua pergunta. — Jianzhu acha que minha presença faz Yun sonhar prematuramente com a dominação de ar, então, para me sentir útil, eu vim para cá.

Kyoshi caminhou até ele pelo espaço lotado e deu um beijo no rosto do monge.

— Deixe-me ajudar. — Ela lavou as mãos em uma pia próxima, pegou uma bola de massa e se jogou no trabalho com ele.

Na última década, Kelsang basicamente a havia criado. Ele usara a liberdade que tinha com o Templo do Ar do Sul para residir em Yokoya tanto quanto podia, a fim de cuidar de Kyoshi. Quando tinha que sair, ele a alojava em diferentes famílias, pedindo esmolas para mantê-la alimentada. Depois que Jianzhu trouxera o Avatar para Yokoya por segurança, Kelsang torceu o braço de seu velho amigo para contratar Kyoshi.

Ele fizera tudo isso, salvara a vida de uma criança estranha, por nenhuma outra razão a não ser que ela precisava de alguém. Em uma parte do Reino da Terra onde o amor era reservado apenas para as relações de sangue, o monge de uma terra estrangeira era a pessoa mais querida do mundo para Kyoshi.

Por isso ela sabia que o bom humor dele agora era completamente falso.

Rumores circulavam pela casa que a outrora lendária amizade entre os companheiros do Avatar Kuruk havia se deteriorado. Especialmente

entre Jianzhu e Kelsang. Nos anos desde a morte de Kuruk - se os rumores fossem reais - Jianzhu havia acumulado riquezas e influências impróprias para um sábio que deveria se dedicar unicamente a guiar a reencarnação de Kuruk. Mestres de dominação haviam vindo para a casa para mostrar reverência a ele, não ao Avatar. E decretos que normalmente eram feitos pelos Reis da Terra agora traziam o selo de Jianzhu. Kelsang desaprovava tais ações famintas por poder e estava em risco de ser completamente deixado de lado.

Kyoshi não entendia o contexto político, mas se preocupava com o crescente desentendimento entre os dois dominadores. Não poderia ser bom para o Avatar. Yun adorava Kelsang quase tanto quanto ela, mas, no final, era leal ao sábio da terra que o encontrou.

Distraída por seus pensamentos, ela não notou a bolinha de farinha voar da mesa e bater na testa dela. Pó branco inebriou sua visão. Ela olhou para Kelsang, que não estava tentando esconder o segundo tiro que girou sobre sua palma, em um miniredemoinho que ele invocou.

— Não fui eu — ele disse — Foi outro dominador de ar!

Kyoshi riu e pegou a bola de farinha no ar. Ela estourou entre seus dedos.

— Pare antes que a Tia Mui nos jogue para fora daqui!

— Então pare de parecer preocupada comigo! — disse ele, tendo lido a mente dela. — Não é tão ruim que eu tenha de fazer uma pausa nos negócios de Avatar. Vou passar mais tempo com você. Deveríamos sair de férias, nós dois, talvez para ver os locais sagrados dos Nômades do Ar.

Ela teria gostado muito disso. As chances de compartilhar a companhia de Kelsang ficaram ainda mais raras quando o Avatar e seus

A ASCENSÃO DE KYOSHI

professores mergulharam mais fundo na malha de assuntos do mundo. Mas, por mais humilde que seu próprio trabalho fosse em comparação a isso, ela ainda tinha a mesma obrigação de aparecer todos os dias.

— Não posso — disse Kyoshi — Eu tenho trabalho.

Haveria tempo o suficiente no futuro para viajar com Kelsang.

Ele revirou os olhos.

— Bah. Eu nunca vi alguém tão contrária à diversão desde o velho Abade “Sem Tortas-de-Fruta” Dorje. — Ele jogou outra bolha de farinha nela e dessa vez ela não conseguiu desviar do caminho.

— Eu sei como me divertir! — Kyoshi sussurrou, limpando seu nariz com as costas do seu pulso.

Da cabeceira das mesas de tábua de corte, a Tia Mui deu um assobio enrolado, interrompendo o debate.

— Hora da poesia! — anunciou.

Todos gemeram. Ela estava sempre tentando impor alta cultura a seus trabalhadores, ou pelo menos uma ideia de alta cultura.

— Lee! — ela chamou a atenção de um infeliz manipulador de wok. — Você começa.

O pobre cozinheiro tropeçou enquanto tentava compor no local ao passo que contava suas sílabas. “Uh... *o cli-ma es-tá bom / o sol bri-lha no céu / os pás-sa-ros can-tam...* Bom?”

Tia Mui fez uma cara como se tivesse bebido suco de limão puro.

MUNDO AVATAR

— Isso foi horrível! Onde está seu senso de equilíbrio? Simetria? Contraste?

Lee jogou as mãos no ar. Ele era pago para fritar coisas, não para performar no Anel Superior de Ba Sing Se.

— Alguém pode nos dar um verso decente?

Não havia voluntários.

KELSANG

Eu tenho bochechas maduras

Que chacoalham com a tormenta

Fico em chamas ao ver uma cama

E me assusto com a corneta

A sala explodiu em gargalhadas. Ele escolheu uma música famosa entre marinheiros e trabalhadores de campo, em que você improvisa palavras obscenas a partir da perspectiva do seu objeto de afeto não correspondido. Era um jogo para os outros pensarem sobre quem você estava cantando, e o ritmo simples tornava o trabalho manual mais agradável.

— Irmão Kelsang! — Tia Mui disse, escandalizada — Você deveria dar um exemplo!

Ele havia dado. Toda a equipe já estava picando, amassando e esfregando enquanto cantarolava a melodia estridente. Não havia problema em se comportar mal se um monge fizesse isso primeiro.

A ASCENSÃO DE KYOSHI

LEE

Eu tenbo nariz de cervo-alado

Como uma folha, eu me movo

Braços de pena, cintura pequena

E não ligo para o meu povo

— Mirai! — uma lavadora de louças gritou. — Ele tá caidinho pela filha do verdureiro!

A equipe gritou por cima dos protestos de Lee, achando que seria uma boa combinação. Às vezes, não importava para o público se eles haviam acertado ou não.

— Kyoshi é a próxima! — alguém gritou — Ela nunca está aqui, então vamos aproveitar ao máximo!

Kyoshi foi pega de surpresa. Normalmente ela não era incluída nas palhaçadas domésticas. Ela percebeu o olhar de Kelsang e viu o desafio brilhando ali. “*Diversão, hm? Prove.*”

Antes que ela pudesse se conter, o ritmo a lançou na música.

KYOSHI

Eu tenbo duas facas de bronze

Que atravessam seu coração

Pra perto trago, prometendo o pecado

MUNDO AVATAR

Como a mosca à luz do carvão

A cozinha uivou. Tia Mui fez uma careta de desaprovação.

— Continue, sua garota safada! — gritou Lee, feliz que a atenção havia saído dele.

Ela até conseguiu impressionar Kelsang, que olhou para ela com curiosidade, como se ele tivesse entendido quem ela estava descrevendo.

Kyoshi sabia que não era possível quando ela estava simplesmente jogando as primeiras palavras que vieram à sua cabeça. Ela bateu um pedaço de massa sobre a mesa na frente dela, criando sua própria percussão.

KYOSHI

Eu tenho cabelos como a noite

Que grudam nos lábios ao sorrir

Com os seus eu misturo e mudamos o rumo

Arrasando corações por aí

De alguma forma, a improvisação era fácil, embora ela nunca tivesse se considerado poeta. Ou uma mente suja, no caso. Era como se outra pessoa, alguém muito mais à vontade com seus próprios desejos, estivesse alimentando-a com as linhas certas para se expressar. E para sua surpresa, ela gostou de como as linhas deselegantes a faziam sentir. Sincera, e boba e crua.

A ASCENSÃO DE KYOSHI

KYOSHI

Pois meu caminhar é uma luz

Que pela noite vai te guiar

Te trago pra perto, meu amor é certo

Até nosso fim chegar


Kyoshi não teve tempo para refletir sobre a mudança escura que seus versos tomaram antes que uma dor súbita passasse por seu pulso.

Kelsang havia agarrado seu braço e estava olhando para ela, olhos selvagens e brancos. Seu aperto ficou mais e mais forte, esmagando sua carne, suas unhas tirando sangue tanto de sua pele quanto da dele.


— Você está me machucando! — Kyoshi choramingou.

A sala ficou em silêncio. Descrente. Kelsang soltou e se segurou na borda da mesa. Um mapa roxo estava gravado em seu pulso.

— Kyoshi — disse Kelsang, sua voz apertada e sem ar — Kyoshi, onde você aprendeu *AQUELA MÚSICA?*



REVELAÇÕES



APÓS LEVÁ-LA até uma sala vazia, Kelsang passou meia hora em lágrimas se desculpando por tê-la machucado. Disse que havia perdido controle.

— Oh — dissera Kyoshi em resposta à pior notícia que tinha ouvido em toda sua vida.

Ela passou os dedos pelo cabelo e pôs a cabeça para trás. A livraria onde estavam escondidos era mais alta do que longa, uma espécie de túnel lotado de rolos de pergaminhos dispostos pelas prateleiras sem muito cuidado. Raios de sol mostravam o tanto de poeira que flutuava pela sala. Ela precisava limpar esse lugar.

— Você está enganado — ela disse a Kelsang — Yun é o Avatar. Jianzhu o identificou há dois anos. Todo mundo sabe.

Kelsang não parecia mais feliz do que ela.

— Você não entende. Depois da morte de Kuruk, as tradições do Reino da Terra de localização do Avatar falharam. Imagine se, de repente, as estações se recusassem a mudar. Foi um caos. Após tantas falhas, os sábios, dominadores de terra, especialmente, sentiram-se abandonados pelos espíritos e pelos seus antepassados.

Kyoshi se apoiou e uma escada e segurou firme nos degraus.

— Acreditava-se que Kuruk tinha sido o último do ciclo, e que o mundo estava destinado a uma era de conflitos, a ser destruído por foras-da-lei e lordes de guerra. Até que Jianzhu rotulou Yun como o próximo Avatar. Mas a forma como isso ocorreu não teve qualquer precedente. Me diga... com vocês dois sendo próximos do jeito que são, Yun nunca te contou os detalhes?

Ela balançou a cabeça. Agora que Kelsang havia mencionado, era realmente estranho.

— Deve ser porque Jianzhu o proibiu. A história completa acabaria com toda a legitimidade dele. — o monge esfregou os olhos; estava terrivelmente empoeirado lá dentro — Estávamos em Makapu, inspecionando o vulcão. Honestamente, já tínhamos desistido de procurar pelo Avatar, como muitos outros. No último dia da nossa viagem, notamos uma multidão se formando numa praça no centro da cidade.

“Estavam todos reunidos ao redor de um garoto com um tabuleiro de Pai Sho. Yun. Ele ficava agitando turistas como nós, e fazia um bom dinheiro com isso. Para dar confiança aos oponentes, ele usava a estratégia

do “saco cego”. É quando seu oponente joga normalmente, escolhendo suas peças, mas você põe as suas num saco e as mistura aleatoriamente. Qualquer desenho que você fizer em cada rodada é o que você deve jogar. Uma desvantagem imensurável.

Kyoshi conseguia imaginar isso facilmente. Yun e sua lúbia extorquindo dinheiro da carteira dos outros. Uma enxurrada de gracejos e sorrisos radiantes. Ele poderia fazer alguém ir à falência e ainda deixar a pessoa feliz em tê-lo conhecido.

— O que muita gente não sabe, e que Yun também não sabia, é que o “saco cego” é um truque — Kelsang disse — Você tem que, estrategicamente, dispor as peças no próprio saco, para que assim você tenha a forma exata das combinações que você precisa. Mas Yun não estava trapaceando. Ele estava realmente desenhando de forma aleatória, e ganhando.

— Teríamos facilmente deixado isso passar como uma criança tendo um dia de sorte. Mas Jianzhu percebeu que ele estava desenhando e usando as estratégias favoritas de Kuruk, a cada rodada, até com o posicionamento exato das peças. Ele fazia isso jogo após jogo. Usava todos os macetes que Kuruk escondia de todos, menos de nós.

— Parece que Kuruk levava Pai Sho bem a sério — disse Kyoshi.

Kelsang bufou e soltou um espirro logo em seguida, mandando um pequeno tornado para as alturas.

— Era uma das poucas coisas que ele levava. E ele foi, sem dúvidas, um dos maiores jogadores da história. Dependendo das regras que estão sendo usadas, você tem seis peças. No tabuleiro tem cerca de duzentos pontos em que você pode colocá-las. Desenhá-las de forma aleatória e

executar perfeitamente uma forma de jogo que apenas Kuruk sabia— as chances seriam ínfimas!

Kyoshi não era muito interessada por Pai Sho, mas ela sabia que os mestres frequentemente falavam de estilos de jogadas tão individuais e reconhecíveis como uma assinatura.

— Depois do que Jianzhu passou com Xu Ping An e os Caipiras Amarelos, foi como se uma montanha tivesse sido tirada dos ombros dele — explicou Kelsang. — Qualquer dúvida que ele ainda pudesse ter desapareceu quando ele viu Yun dominar terra. De fato, o garoto move pedras como nenhum outro. Se identificássemos o Avatar apenas por um teste de precisão na dominação, ele seria, sem dúvidas, a reencarnação de Kuruk.

Kyoshi se lembrou da incrível dominação de terra feita por Yun naquela manhã. Para ela, apenas o Avatar poderia ter feito aquilo.

— Não entendo — ela disse — Tudo isso são provas. Yun é o Avatar. Por que você diria que eu- por que faria uma coisa dessa comigo!?

Sua angústia foi abafada pelas toneladas de papéis antigos que os cercavam.

— Podemos sair daqui? — perguntou Kelsang com os olhos vermelhos.



Eles caminharam em silêncio pelos corredores da mansão. A presença de Kelsang justificava a rota mais curta, onde as visitas mais importantes poderiam vê-los. Passaram por trabalhos de caligrafia pendurados pelas paredes que eram mais preciosos que barras de ouro e por

vasos de delicadeza tremenda que continham as flores do dia tiradas do jardim.

Kyoshi se sentia com uma ladra enquanto eles passavam por tantos tesouros, nada mais que uma intrusa que passaria despercebida pelos guardas e colocaria cada um dos inestimáveis itens dentro do seu saquinho. Até os quartos dos servos, que eram bem simples, pareciam ecoar “intrusa” de seus cantos escuros. Nem todos os funcionários podiam morar na mansão. E ela sabia que uma cama de verdade e uma porta de madeira que fechava bem era melhor do que muita coisa que outros servos tinham Reino da Terra afora.

Ela e Kelsang se estreitaram para entrar em seu quarto. Era apertado, os dois tendo a mesma altura, mas como pessoas altas eles tinham prática em se espremer um pouco para caber nos lugares. O lugar era pequeno, mas ainda era mais do que ela precisava. Além de algumas bugigangas de sua vida de rua, as únicas coisas que trouxera para viver na casa da Jianzhu foram uma mala pesada que deixava guardada num canto e, em cima dela, um diário com capa de couro que explicava o que havia lá dentro. Sua herança dos dias anteriores a Yokoya.

— Você ainda tem isso — observou Kelsang — Eu sei o quão valiosos eles são para você. Eu lembro de ter ido atrás de você até o ninho que você havia feito em volta da mala, embaixo da casa do ferreiro. Você segurava o livro tão apertado contra seu peito e não me deixava lê-lo de forma alguma. Parecia pronta para protegê-lo com sua própria vida.

Os sentimentos dela para com esses itens eram bem mais complicados do que ele poderia entender. Kyoshi nunca havia aberto o cadeado, pois, após um surto de ódio, jogou a chave ao mar. E algumas vezes, por pouco, não ateou fogo ao diário.

No fim do corredor, alguém se mexeu, fazendo as madeiras do teto se mexerem, então eles esperaram até que os passos se silenciassem. Kelsang se sentou na cama, forçando um pouco as madeiras no meio. Kyoshi apoiou-se em sua porta e firmou os pés no chão como se um exército inteiro estivesse tentando derrubá-la.

— Então você acha que eu sou o Avatar só por causa da musiquinha boba que eu inventei? — perguntou. De alguma forma ela havia tomado coragem para dizer isso em voz alta.

— Acho que você *pode* ser o Avatar por que você tirou do nada os exatos versos de um poema que Kuruk escreveu há muito tempo — explicou Kelsang.

Um poema. Um poema não era prova. Nada comparado ao que Yun fez.

Kelsang sabia que ela precisava de uma explicação melhor.

— O que estou prestes a lhe contar, você não deve contar a ninguém.

— Estou ouvindo.

— Isso foi há uns 20 anos. Kuruk ainda tinha suas companhias bem próximas, mas, sem muitos desafios, começamos a viver nossas vidas separadas. Jianzhu começou a trabalhar nos negócios da família. Hei-Ran começou a ensinar na Academia Real da Nação do Fogo e no mesmo ano casou-se com Junsik, pai da Rangi. Foi o mais feliz que já a vi. Quanto a mim, eu estava sob as graças do Abade Dorje, que ainda estava viva na época, me preparando para tomar conta do Templo do Ar do Sul.

Ficar sabendo dessa forma sobre o passado de dominadores tão importantes era uma mistura estranha de satisfação e de não-merecimento. Ela estava espiando informações para as quais provavelmente não era digna.

— E o que Kuruk estava fazendo?

— Sendo Kuruk. Viajando o mundo. Quebrando corações e acumulando vitórias. Mas um dia ele apareceu na minha porta, do nada, tremendo como um adolescente. Ele queria que eu lesse uma declaração de amor que ele havia composto em forma de poema.

Isso apenas enfraqueceu o argumento.

— Parece que você se lembra de cada detalhe específico — disse Kyoshi.

O monge franziu o cenho.

— Isso é por que ele ia dar o poema para a Hei-Ran.

Ah não. Ela já tinha ouvido histórias sobre a falta de noção do Avatar Kuruk, mas isso estava indo por caminhos muito mais longes.

— Eu... eu tive que intervir — disse Kelsang. Kyoshi estava em dúvida se ele estava arrependido ou orgulhoso dessa decisão. — Eu repreendi Kuruk por sua estupidez e egoísmo, por tentar arruinar o feliz relacionamento da sua amiga, e fiz ele destruir a declaração enquanto eu assistia. Desde esse dia não sei se fiz a coisa certa. De certa forma, Hei-Ran sempre amou Kuruk. Talvez tudo tivesse sido melhor se eles tivessem ficado juntos.

Kyoshi fez os cálculos na mente – e, realmente, se isso tivesse acontecido, Rangi não teria nascido.

— Você fez a coisa certa — ela disse, com mais veracidade do que pretendia mostrar.

— Nunca irei descobrir. Não muito tempo depois, Kuruk conheceu Ummi. A tragédia se desenrolou tão rápido que minha memória disso até enfraquece.

Ela não sabia quem era Ummi, e não tinha intenção de perguntar. As coisas já estavam complicadas o suficiente.

— Eu queria ter sido mais preciso — disse Kelsang — Mas se tem uma coisa que as últimas duas décadas me ensinaram, é que nada na vida é garantido. Eu não deveria falar sobre isso, mas Yun está tendo problemas com a dominação de fogo. Eu temo que Jianzhu esteja... se tornando mais extremo. Ele vem se esforçando tanto para criar a substituição perfeita para Kuruk que, sempre que há um contratempo, a resposta dele é cavar e insistir cada vez mais.

Kyoshi estava mais chocada com a revelação de que Yun não estava dominando fogo do que com tudo que ela tinha ouvido até agora. A imagem que ela tinha projetada era de um garoto que podia fazer o impossível. Sim, Yun era seu amigo, mas ela tinha a mesma fé no Avatar que todo mundo tinha. Dominar fogo deveria ser fácil para alguém tão inteligente e talentoso como ele.

Kelsang achou que tocou numa ferida dela.

— Kyoshi, Yun ainda possui argumentos melhores sobre ser o Avatar — o monge refletiu por um tempo, encaixando os pedaços na sua cabeça — Para ser honesto, não sei se estou tão irritado assim com essa nova complicação. Você tem méritos dignos do Avatar que você não reconheceria.

— Tipo? — perguntou Kyoshi ironicamente.

Ele pensou mais um pouco antes de escolher um para mencionar.

— Humildade altruísta.

— Não é verdade! Não sou mais... — Ela flagrou Kelsang prestes a rir dela e fez uma careta.

Ele se levantou e as madeiras da cama rangeram aliviadas.

— Me desculpe — disse — Eu talvez conseguisse responder esta pergunta anos atrás, se tivesse conhecido seus pais como conheci os das outras crianças da vila. Mais informações teriam feito toda a diferença.

Kyoshi entortou o nariz e deu um chute na mala com o calcanhar, liberando a explosão de raiva que tomou conta dela de repente. Kelsang sorriu gentilmente para ela.

— Eles estariam orgulhosos da filha deles independente de qualquer coisa — ele disse — Eu sei que eu estou.

Normalmente Kyoshi iria se sentir confortada por saber que Kelsang a enxergava com tanto afeto, assim como ela o enxergava. Mas, se ele saísse por aquela porta e contasse a Jianzhu o que tinha acontecido, poderia acabar com o pequeno mundinho que eles haviam construído para ambos. Kelsang não via isso? Ele não estava preocupado?

— Podemos manter isso em segredo? — perguntou Kyoshi — Apenas por um tempo, até eu me orientar um pouco? Não quero apressar nada. Talvez você se lembre do poema do Kuruk de uma forma diferente pela manhã. Ou o Yun talvez consiga dominar fogo. Qualquer coisa.

Kelsang não respondeu. Ele de repente se fixou na pequena prateleira de Kyoshi.

A ASCENSÃO DE KYOSHI

Havia um tassel dourado, algumas miçangas, uma moeda que ela tinha furtado de uma caixa de doações e se sentia culpada demais para gastar e com muito medo para devolver. Uma tartaruga de argila que ela não lembrava bem onde tinha conseguido, só que tinha sido um presente dele. Kelsang ficou muito tempo encarando aquelas coisas.

— Por favor — pediu Kyoshi.

Kelsang olhou de volta para ela e soltou um suspiro.

— Por um tempo, quem sabe — ele disse — Mas eventualmente teremos que contar a Jianzhu e aos outros. Qualquer que seja a verdade, temos que achá-la juntos.



Depois que ele saiu, Kyoshi se sentou. Ela ficou estática, sem emoção alguma. Sua cela de madeira era ótima para isso.

Isso era um pesadelo. Ao passo que ela não era uma importante dignatária política, também não era uma idiota. Sabia da confusão por trás do equilíbrio perfeito que Jianzhu e Yun haviam inventado, a montanha que tinham levantado no ar.

Dos cantos da mansão, ela havia espiado o choro emocionado e o sentimento de alívio de muitos sábios quando conheceram Yun. Depois de mais de uma década de dúvida, ela era um corpo sólido, uma mente afiada, uma promessa concreta, mesmo um pouco depois do tempo. O herdeiro do abençoado legado do Avatar Yangchen.

“Avatar Kyoshi” seria simplesmente uma sujeira jogada ao fogo.

MUNDO AVATAR

Seus olhos encontraram o diário em cima da mala. Seu pulso acelerou novamente. Eles a teriam abandonado se soubessem que ela teria, mesmo que minúsculo, algum valor?

Uma batida veio de fora. Seus deveres. Ela havia esquecido.

Deixou a conversa com Kelsang para trás e abriu a porta. Ela sabia por experiência própria que não havia problema que ela não conseguiria abstrair. Kelsang não tinha certeza, mas ela não precisava se preocupar. Ela deveria se preocupar era com o que Rangi iria falar sobre isso.

— Ei — disse Yun — Estava procurando você.



PROMESSAS



— **ISSO É MUITO MAIS DIFÍCIL** quando você está por perto, sabia? —
Kyoshi perguntou ao Avatar.

Ela e Yun estavam sentados no chão de uma das inúmeras salas de recepção. Todas as pinturas que não precisavam de uma estrutura já haviam sido dobradas e colocadas contra as paredes, e os vasos de planta foram colocados do lado de fora, para dar espaço às enormes pilhas de presentes que os convidados trouxeram ao Avatar.

Yun se deitou de costas, ocupando um significativo espaço vazio. Ele balançou preguiçosamente uma lâmina *jian* filigranada, forjada por encomenda, pelo ar, girando um pote imaginário de cabeça para baixo com ela.

— Eu não faço ideia de como usar isso — ele disse — Odeio espadas.

— Um garoto que não gosta de espadas? — Kyoshi suspirou, zombando-o — Coloque-a na pilha de armamentos, e quem sabe um dia pedimos à Rangi para ensiná-lo.

Na vila, havia diversas teorias sobre o que, exatamente, Kyoshi fazia na mansão. Devido ao seu status indesejado — órfã —, os filhos dos fazendeiros assumiam que ela executava os mais sujos e impuros serviços, lidando com detritos, carcaças e outras coisas nessa categoria. A verdade era relativamente diferente.

O que ela realmente fazia, sua função principal, era lidar com as coisas de Yun. Arrumar suas bagunças. O Avatar era tão relaxado que precisava de um servo seguindo-o por todo canto em período integral, ou o caos iria inundar o complexo inteiro. Pouco depois de a acolherem, o servo sênior descobriu a forte compulsão de Kyoshi por colocar as coisas em seu devido lugar, minimizar bagunças e manter a ordem. Então colocaram-na no serviço de contenção de riscos do Avatar.

Desta vez, a pilha em que estavam atolados não era culpa de Yun. Visitantes ricos constantemente banhavam-no em presentes, com esperanças de que tal adulação gerasse benefícios, ou simplesmente porque amavam-no. Por mais enorme que a casa fosse, não havia espaço suficiente para dar a cada item um espaço digno para dispô-los. Kyoshi, com certa frequência, tinha que classificar e guardar as heranças, antiguidades e obras de artes que pareciam estar cada vez mais luxuosas e numerosas.

— Ah, olha! — Ela exclamou, segurando um círculo envernizado definido em um padrão cruzado com pedras luminosas — Outro tabuleiro de Pai Sho.

Yun olhou para o item.

— Esse aí é bonito.

— Esse é, sem brincadeira, o seu quadragésimo quarto tabuleiro. Você não vai ficar com esse.

— Ugh, cruel.

Ela o ignorou. Ele podia ser o Avatar, mas quando se tratava de suas funções oficialmente atribuídas, ela reinava sobre ele.

E Kyoshi precisava disso de imediato. Ela precisava dessa normalidade para enterrar o que Kelsang dissera. Apesar de seus esforços, continuava a vir à tona a impressão de que estava traindo Yun, engolindo o que pertencia a ele.

Enquanto ele relaxava sobre seus cotovelos, Kyoshi notou que Yun não estava usando suas pantufas bordadas para ambientes internos.

— Essas botas são novas? — perguntou, apontando para os pés dele. O couro do qual elas eram feitas era num lindo tom suave de cinza, com pelos nas bordas como neve matutina.

“Provavelmente couro de filboto de foca-tartaruga”, ela pensou com repulsa.

Yun ficou tenso.

— Achei elas na pilha mais cedo.

— Elas não servem em você. Passe para cá.

— Acho melhor não — Ele deslizou para trás, mas se encontrou cercado por mais caixas.

Ela rastejou para ver a bota mais de perto.

— O que você...Você usou ataduras para preencher o espaço extra? É ridículo o quão maior que seus pés elas são! Tire-as! — Ela ficou de joelhos e agarrou o pé dele com ambas as mãos.

— *Kyoshi, por favor!*

Ela parou e olhou para o rosto dele. Estava cheio do mais puro pavor. E ele raramente elevava sua voz com ela.

Era a segunda vez naquele dia que uma pessoa importante para ela agia estranhamente. Ela se forçou a acreditar que os incidentes não eram relacionados. Ele tinha desenvolvido um gosto intenso por calçados. Ela tomaria uma nota disso.

Yun sentou-se e colocou suas mãos nos ombros de Kyoshi, atraindo-a com seus olhos verde-jade. Há muito tempo ela tinha ficado imune aos seus sorrisos galanteadores toda vez que ele queria tirar vantagem dela e seu beicinho de cachorrinho quando ele queria um favor, mas sua expressão de desejo sincero era uma arma que ele não usava com muita frequência. O modo que seus pensamentos problemáticos suavizavam os contornos incisivos do rosto dele era de partir o coração.

— Desembucha — ela disse — O que está te incomodando?

— Eu quero que venha em uma jornada comigo — ele susurrou — Preciso de você ao meu lado.

Kyoshi quase engasgou de surpresa. Ele estava oferecendo a degustação de um mundo que apenas poucas pessoas conseguiam experimentar. Ser um companheiro do Avatar, mesmo que por um momento, era uma honra para lá do que poderia entender.

Voando para o pôr-do-sol, aninhada a Yun, o vento em seus cabelos – se Aoma e os outros aldeões já tinham ciúmes dela antes, eles espumariam de inveja agora.

— Que tipo de viagem é essa? — Ela perguntou, inconscientemente abaixando seu tom ao volume dele. — Para onde iríamos?

— Para o Mar Oriental, perto do Polo Sul — ele respondeu — Vou assinar um novo tratado com Tagaka.

Bem, a fantasia foi boa enquanto durou. Kyoshi tirou as mãos dele de seus ombros e sentou-se apropriadamente sobre seus joelhos. O movimento parecia que tinha lhe ajudado a tirar o ardor de sua face.

— A Quinta Nação? — Perguntou Kyoshi — Você vai se sentar à mesa com a Quinta Nação? E você quer que eu vá com você? — O que ela iria fazer, rodeada por um bando de piratas sanguinários que era maior que a maioria das milícias provinciais do Reino da Terra? Limpar seus... cutelos?

— Eu sei o quanto você odeia bandidos — disse Yun — Achei que você gostaria de ver uma vitória sobre eles bem de perto. É apenas política, mas ainda assim...

Kyoshi estufou suas bochechas, frustrada.

— Yun, eu sou basicamente sua *babá*. — ela disse — Você precisa da Rangi para essa missão. Melhor ainda, você precisa é de toda a legião pessoal do Senhor do Fogo.

— A Rangi vai. Mas eu quero você também. Você não estará lá para lutar caso as coisas deem errado. — ele encarou seus próprios pés — Você apenas ficará por perto e me observará enquanto as coisas dão certo.

— Pelo amor de... *por quê?*

— Perspectiva. — ele disse — Eu preciso da sua perspectiva.

Ele tirou uma peça de Pai Sho que roubara do conjunto que ela pusera de lado e espremeu os olhos, enquanto olhava a peça contra a luz, como um joalheiro.

— É triste que eu queira uma pessoa normal lá? — perguntou — Alguém que ficaria assustado, e impressionado, e sobrecarregado como eu, e não outro monitor profissional do Avatar? Que depois eu queira que você me diga que sou tão bom quanto Yangchen ou Salai, sendo isso a verdade ou não? — ele riu amargamente — Eu sei que soa estúpido. Mas acho que eu preciso da presença de alguém que se importa mais comigo do que com a história. Eu quero que fique orgulhosa de mim, Yun, e não que fique satisfeita com minha performance como Avatar.

Kyoshi não tinha ideia do que fazer. Essa ideia soava estupidamente perigosa. Ela não era preparada para seguir o Avatar em política ou batalhas, não como os grandiosos companheiros do Avatar das gerações anteriores.

O estômago dela embrulhou, como se tivesse dado um nó em si mesmo, enquanto ela pensava no segredo entre ela e Kelsang. Eles não teriam o tempo necessário para resolver aquilo. O mundo precisava de um Avatar, senão...

— Será mais seguro do que parece — insistiu Yun — Estranhamente, a maioria das gangues *daofei* respeita tremendamente o Avatar. Não sei se devido às superstições em relação aos poderes espirituais do Avatar, ou se estão simplesmente intimidados por alguém que pode jogar todos os quatro elementos nas cabeças deles de uma vez só.

Ele tentou soar despreocupado, mas aparentava mais e mais aflito conforme o silêncio dela o deixava esperando.

Mas então, seria uma escolha assim tão terrível? Jianzhu nunca arriscaria a vida de Yun. E ela tinha dificuldade de acreditar que Yun arriscaria a dela. Realmente, a situação não era tão grandiosa ou complicada quanto ela fazia parecer. O serviço de Avatar e o destino do Reino da Terra

eram para outras pessoas e outros tempos. Naquele momento, o amigo de Kyoshi estava precisando dela. Ela tinha que estar lá por ele.

— Eu vou — ela disse — Alguém tem que limpar a bagunça que você faz.

Ele tremeu de alívio. Segurou os dedos dela e levou-os gentilmente para sua bochecha, aconchegando-se neles como se fossem gelo para uma febre.

— Obrigado.

Kyoshi enrubesceu até a ponta de seus pés. Ela se lembrou de que a tendência de estar perto dela e manter contato físico era apenas parte da personalidade dele. Ela já viu de relance e ouviu histórias contadas pelos empregados que confirmavam isso. Uma vez ele beijara a mão da princesa de Omashu por um segundo a mais que diziam os costumes e conseguiu um novo acordo comercial como resultado.

Depois de começar a trabalhar na casa, Kyoshi levou muito, muito tempo para se convencer de que não estava apaixonada por Yun. Momentos como aqueles ameaçavam fazer todo seu trabalho duro desaparecer. Ela se deixava mergulhar abaixo da superfície e se deleitar por um simples toque.

Yun relutantemente largou a mão dela.

— Três... — ele disse, inclinando sua orelha para o chão ladrilhado de cerâmica com um sorriso. — Dois... Um...

Rangi deslizou a porta com um clique cortante.

— Avatar — ela se curvou profunda e solenemente para Yun. Então virou-se para Kyoshi — Você quase não teve progresso algum! Olhe para essa bagunça!

— Estávamos esperando por você. — disse Yun — Decidimos queimar tudo. Pode começar por esses robes de seda horrendos ali no canto. Como seu Avatar, eu te ordeno que queime tudo. Agora.

Rangi revirou os olhos.

— Claro, e atear fogo na mansão inteira. — Ela sempre se esforçava para manter o decoro na frente de Yun, mas naquela ocasião tinha falhado. E isso geralmente acontecia nos momentos em que os três, as pessoas mais jovens no complexo, ficavam a sós.

— Exatamente — Yun se animou — Queime tudo. Reduza tudo a cinzas, de volta para a natureza. Alcançaremos um estado mental elevado de pureza.

— Você começaria a choramingar no momento em que tivesse que se banhar com água gelada. — disse Kyoshi.

— Tem uma solução para isso — Yun disse — Todos iriam ao rio, se despiriam, agarrariam o dominador de fogo mais próximo e — *pthah!*

Um travesseiro decorativo o acertou no rosto. Os olhos de Kyoshi arregalaram-se em descrença.

Rangi estava horrorizada com o que fizera. Ela atacara o Avatar. Encarava suas mãos como se estivessem cobertas de sangue. A eterna punição de um traidor esperava-a em sua próxima vida.

Yun desatou a rir.

Kyoshi foi a próxima, suas costelas tremeram até doerem. Rangi tentou não sucumbir, cobrindo sua boca, mas, apesar de seus melhores esforços, risinhos e bufadas escapavam por entre seus dedos. Um membro

A ASCENSÃO DE KYOSHI

mais velho dos empregados passou, olhando o trio pela porta, carrancudo, o que os fez rir ainda mais.



Kyoshi olhou para os belos e vulneráveis rostos de Yun e Rangi, livres do peso de suas responsabilidades, mesmo que por um momento. Seus amigos. Ela pensou o quão improvável era o fato de que ela os havia encontrado.

“Isso. É isso que eu tenho que proteger.”

Yun defendia o mundo, Rangi o defendia, mas até onde Kyoshi sabia, seu próprio solo sagrado estava marcado pelos limites em que seus amigos estavam. *“É isso que eu tenho que, acima de tudo, manter em segurança.”*

A súbita clareza de sua descoberta fez sua alegria evaporar. Ela manteve um sorriso forçado para que os outros não percebessem sua mudança de humor. Cerrou seu punho.

“E que os espíritos ajudem qualquer um que ouse tirar isso de mim.”



ICEBERG

O PESADELO DE KYOSHI cheirava a bisão molhado.

Estava chovendo, e fardos de carga embrulhados em panos salpicavam na lama ao seu redor como se tivessem caído de grandes alturas, parte da tempestade. Já não importava o que havia neles.

Um raio revelou figuras encapuzadas que pairavam sobre ela. Seus rostos estavam obscurecidos por máscaras de água corrente.

“Eu te odeio!”, gritou Kyoshi em sua mente, *“Vou te odiar até morrer. Eu nunca te perderei.”*

Duas mãos se entrelaçaram. Uma transação foi feita, uma que seria violada no instante em que mantê-la se tornasse uma inconveniência.

A ASCENSÃO DE KYOSHI



Algo úmido e sem vida a atingiu nas canelas, papéis lacrados em oleado.

—Kyoshi!

Ela acordou com um sobressalto e quase se inclinou para o lado da sela de Pengpeng. Segurou-se no apoio, a borda lixada pressionando seu intestino, e olhou para o azul agitado embaixo deles. Era um longo caminho até o oceano.

Não chovia em seu rosto, mas ela suave. Viu uma gota cair de seu queixo e mergulhar no nada antes que alguém a agarrasse pelos ombros e a puxasse de volta. Caiu em cima de Yun e Rangi, tirando o fôlego deles.

— Não nos assuste assim! — Yun gritou em seu ouvido.

— O que aconteceu? — perguntou Kelsang, tentando se mexer no assento do motorista sem perturbar as rédeas. Suas pernas apertavam o pescoço gigantesco de Pengpeng, tornando difícil para ele ver atrás de si mesmo.

— Nada, Mestre Kelsang — Rangi resmungou — A Kyoshi teve um pesadelo, só isso.

Kelsang parecia suspeitar de algo, mas continuou a voar em frente.

— Tudo bem, mas tenham cuidado, e nada de brigas. Não queremos que ninguém se magoe antes de chegarmos lá. Jianzhu colocaria a minha cabeça numa bandeja.

Ele deu a Kyoshi um olhar extra de preocupação. Havia sido pego de surpresa pela missão repentina de Yun, e ela concordando em

acompanhá-lo havia amplificado a tensão. A assinatura do tratado era importante demais para lançar dúvidas sobre a Avataridade de Yun agora. Até que isso estivesse acabado, Kelsang teria que ajudar a carregar o fardo de seu segredo, a sua mentira por omissão.

Abaixo deles, na superfície da água, seguia apenas um pouco atrás o navio que carregava o mestre de dominação de terra de Yun, assim como Hei-Ran e o pequeno contingente de guardas armados. Com ajuda da ocasional rajada de vento que Kelsang gerava com um giro de seus braços, a grande sucata mantinha o ritmo de Pengpeng, suas velas batidas ondulantes e cheias. O bisão de Kelsang estava seco e bem preparado para a ocasião, seu pêlo branco era fofo como uma nuvem sob sua sela mais que extravagante, mas a brisa salgada ainda carregava um toque de odor bestial.

“Deve ter sido isso que eu senti no meu sonho.” Fazia muito tempo desde que Kelsang a levara para passear, e o ambiente desconhecido sacudia sua mente adormecida. O animal titânico de seis patas abriu a boca e bocejou como se concordasse com ela.

E falando em se vestir, Jianzhu tinha dado a Kyoshi uma roupa que ia além do que poderia vestir, deixando-a chocada. Ela já achava que a blusa de seda verde-clara e as perneiras eram muito chiques, mas então os alfaiates trouxeram duas saias plissadas diferentes, uma jaqueta larga e uma faixa larga com uma costura tão requintada que deveria ter sido colocada na parede, em vez de amarrada na cintura.

Os outros empregados tiveram que ajudá-la a vestir a roupa. Ela não deixou de notar os olhares que eles trocaram por suas costas. Que Kyoshi havia abusado do favoritismo do mestre - de novo.

Mas, uma vez que as peças haviam sido montadas, elas se fundiram ao corpo dela como se tivesse nascido para usá-las. Cada camada deslizou

sobre a próxima com facilidade, concedendo-lhe mobilidade total. Não perguntou a ninguém de onde vieram as roupas que a vestiam tão bem, não querendo ouvir uma resposta arrogante como “*Oh, Jianzhu arrancou-as do cadáver de algum gigante caído que derrotou.*”

E a gravidade da tarefa que se aproximava se tornou clara quando ela terminou de se vestir. O interior da jaqueta estava forrado com cota de malha finamente tecida. Não espessa o suficiente para parar uma ponta de lança com o peso inteiro de uma pessoa por trás, mas forte o suficiente para absorver um dardo ou o corte de uma faca escondida. O peso dos elos de metal em seus ombros dizia para se preparar para problemas.

— Por que nós quatro estamos aqui em cima e não lá embaixo? — perguntou Kyoshi apontando para o barco, onde mais preparativos com certeza estavam sendo feitos.

— Eu insisti — respondeu Yun — O Sifu não ficou contente, mas eu disse que precisava de tempo sozinho.

— Para repassar o plano?

Yun olhou para o horizonte.

— Claro.

Ele andava estranho ultimamente. Mas, por outro lado, era um novo Avatar prestes a efetivar um decreto num dos cenários mais hostis imagináveis. Yun poderia ter todo o talento e os melhores professores do mundo, mas ele ainda estava mergulhando num abismo de cabeça.

— Seu mestre tem uma boa razão para sua relutância — disse Kelsang — No passado, era como uma tradição o Avatar viajar extensivamente com os seus amigos, sem a supervisão dos mais velhos. Mas Hei-Ran, Jianzhu e eu... Nós três não éramos as influências positivas para

Kuruk que deveríamos ser. Jianzhu vê esse período da nossa juventude como uma grande falha pessoal dele.

— Parece uma falha do Kuruk — murmurou Kyoshi.

— Não critique a vida passada de Yun — disse Rangi, batendo em seu ombro com uma mão estendida — Os avatares trilham caminhos de grande destino. Cada ação que tomam é significativa.

Eles passaram significativamente mais três horas maçantes e significativas no voo para o sul. Ficou mais frio, muito mais frio. Puxaram as parcas e se embrulharam em cobertores enquanto se debruçavam sobre os pinguins-lontra que se agitavam sobre pedaços cada vez maiores de gelo flutuante. O grito das aves antárticas podia ser ouvido ao vento.

— Chegamos — anunciou Kelsang. Ele fora o único que não havia colocado camadas extras; foi teorizado pela mansão que os dominadores de ar eram simplesmente imunes ao clima — Segurem-se para o pouso.

O alvo deles era um iceberg quase tão grande quanto Yokoya. O rochedo azul subia no ar tão alto quanto as colinas de sua aldeia terrestre. Uma pequena passarela plana cercava a formação, supostamente dando-lhes um lugar para montar o acampamento. A maior parte do lado oposto estava obscurecida pelo pico, mas, quando eles voaram mais baixo, Kyoshi vislumbrou tendas de feltro que pontilhavam a costa oposta. A delegação da Quinta Nação.

— Não vejo a frota deles — disse Rangi.

— Parte dos termos era que as condições da negociação fossem iguais — explicou Yun — Para ela, isso significava “sem navios de guerra”. Para nós, significava “sem chão”.

O compromisso não parecia justo. O imenso iceberg era um entre muitos que flutuavam em um oceano frio o suficiente para matar em minutos. Uma camada fina de neve cobria muito pouco cada superfície plana.

Kyoshi sabia que, embora a Tribo da Água do Sul tivesse deserdado há muito tempo toda a árvore genealógica de Tagaka, ela ainda vinha de uma linhagem de dominadores de água. Se houvesse um local para desafiar um Avatar da Terra, seria aqui.

Kelsang atracou Pengpeng na praia congelada e desceu primeiro. Então ajudou os demais a saírem do bisão, gerando uma pequena bolha de ar para amortecer suas quedas. O pequeno gesto despertou inquietação no coração de Kyoshi, um salto brincalhão como fazer piadas antes de um funeral.

Eles observaram a embarcação de Jianzhu entrar. Era muito grande e profunda para aportar, e não havia uma formação de porto natural no gelo, então a tripulação ancorou e se abaixou em lanchas longas, fazendo a última parte da jornada na embarcação menor. Um deles chegou à praia muito mais rápido que os outros.

Jianzhu saiu do barco principal, examinando o local de aterrissagem enquanto endireitava as peles, os olhos se estreitando e as narinas se alargando como se qualquer possível traição pudesse ter um cheiro ruim. Hei-Ran o seguiu, tratando a água com cuidado, enquanto ela estava toda vestida com sua armadura de batalha. A terceira pessoa no barco era menos familiar para Kyoshi.

— Sifu Amak — disse Yun, curvando-se para o homem.

Mestre Amak era uma presença estranha e sombria ao redor do complexo. Ostensivamente, ele era um dominador de água do Norte que

pacientemente esperava sua vez de ensinar o Avatar. Mas questões sobre seu passado produziram respostas inconsistentes. Ouvia-se fofoca em torno da equipe que o esguio e carrancudo membro da Tribo da Água passara os últimos dez anos longe de sua casa, a serviço de um príncipe menor em Ba Sing Se, e que subitamente passara da décima primeira linha de sucessão à quarta. A natureza silenciosa de Amak e a teia de cicatrizes ao redor de seus braços e pescoço pareciam um aviso para não perguntar mais.

E, no entanto, o Avatar tinha sessões regulares de treinamento com ele, embora Yun tivesse dito a Kyoshi que ele não conseguia dominar a água ainda e não era esperado. Ele emergia dos campos de prática, ensanguentado e bagunçado, mas com o sorriso resplandecente de novos conhecimentos.

— Ele é o meu professor favorito depois do Sifu — dissera Yun uma vez — Ele é o único que se importa mais com a função do que com a forma.

Devia ter havido estratégia no trabalho com a aparência de Amak. Em vez da túnica azul que ele usava na mansão, eles o vestiram com um conjunto de vestes de mangas largas, verde-escuras, no estilo do Reino da Terra, e um chapéu cônico que protegia seu rosto. Seu orgulhoso corte de cabelo de rabo de lobo tinha sido raspado, e ele havia tirado seus piercings de osso.

Amak pegou um pequeno frasco com um bocal embutido no topo. Ele inclinou a cabeça para trás e deixou o conteúdo líquido pingar diretamente em seus olhos.

— Extrato concentrado de aranha-cobra — sussurrou Yun a Kyoshi — É uma fórmula secreta e terrivelmente cara.

Amak notou Kyoshi olhando para ele e falou com ela pela primeira vez.

— Além da própria Tagaka, não deve haver dominadores de água de nenhum dos lados desta negociação — ele disse em uma voz tão aguda e musical que quase a desestabilizou — Então...

Ele pressionou um dedo enluvado nos lábios e piscou para ela. A íris de seu olho aberto mudou de azul pálido para um meio verde da cor das águas costeiras mais quentes.

Kyoshi tentou tirar a confusão de sua cabeça. Não pertencia àquele lugar, tão longe da terra, com pessoas perigosas que usavam disfarces como espíritos e tratavam situações de vida e morte como jogos a serem vencidos. Entrar no mundo do Avatar tinha sido emocionante quando dera os primeiros passos para dentro da mansão. Agora o menor passo errado poderia destruir o destino de centenas, talvez milhares. Depois que Yun lhe contara na noite anterior sobre os sequestros em massa ao longo da costa, ela não conseguiu dormir.

Mais barcos cheios de homens armados aportaram. Eles se alinhavam à esquerda e à direita, lanças prontas, as pontas de seus capacetes ondulando na brisa gelada. A intenção deve ter sido parecerem fortes e organizados em frente à Rainha Pirata.

— Ela se aproxima — anunciou Kelsang.

Tagaka escolheu uma entrada relativamente pouco dramática, aparecendo na beira do iceberg como um ponto distante ladeado por outros dois. Caminhou ao longo de um percurso que corria ao redor da encosta gelada como um desfiladeiro de montanha. Ela parecia não estar com pressa.

— Eu acho que todo mundo morrer de velhice contaria como alcançar a paz — murmurou Yun.

Eles tiveram tempo suficiente para relaxar e depois se endireitaram assim que Tagaka os alcançou. Kyoshi acalmou seu rosto o máximo possível e colocou o canto dos olhos sobre a Mancha Sangrenta do Mar Do Leste.

Ao contrário de sua reputação, a líder da Quinta Nação era uma mulher de meia-idade decididamente normal. Debaixo de sua roupa de pele lisa, ela tinha a constituição de um operário, e seus laços de cabelo representavam sua ascendência parcial da Tribo da Água. Kyoshi procurava por olhos ardendo de ódio ou com um desdém cruel que prometia torturas ilimitadas, mas Tagaka poderia facilmente ter passado por um dos desinteressados comerciantes do Sul que ocasionalmente visitavam Yokoya para descarregar restos de pele.

Exceto pela espada dela. Kyoshi tinha ouvido rumores sobre o *jian* verde-esmaltado amarrado à cintura de Tagaka em uma bainha cravejada de jades dignas de uma sepultura. A espada pertencera uma vez ao Almirante de Ba Sing Se, uma posição que agora estava desfeita e extinta por causa dela. Depois de seu lendário duelo com o último homem a manter o emprego, ela ficara com a lâmina. Era menos certo o que ela havia feito com o corpo.

Tagaka olhou para os vinte soldados em pé atrás deles e depois passou muito mais tempo olhando para Kyoshi, para cima e para baixo. Cada passo de seu olhar era como um borrifo de água gelada sobre as funções corporais de Kyoshi.

— Eu não percebi que era para trazermos tanto músculo — disse Tagaka a Jianzhu. Ela olhou para trás, para o par de guarda-costas

carregando apenas porretes de osso e depois novamente para Kyoshi — Aquela garota é um ninho de corvo ambulante.

Kyoshi podia sentir o descontentamento de Jianzhu pelo fato de ela ter chamado atenção. Ela sabia que ele e Yun lutaram por sua presença. Queria se encolher no nada, se esconder do olhar do adversário, mas isso só pioraria a situação. Em vez disso, tentou pegar emprestado o rosto que Rangi usava normalmente nos aldeões. Desdém frio e impenetrável.

Sua tentativa de parecer dura foi recebida com reações mistas. Um dos acompanhantes de Tagaka, um homem com um bigode grosso no estilo do Reino da Terra, franziu o cenho para ela e mexeu os pés. Mas a própria rainha pirata permaneceu impassível.

— Onde estão as minhas maneiras? — perguntou, dando a Yun um arco pontiagudo — É uma honra saudar o Avatar em carne e osso.

— Tagaka, Marquesa do Mar do Leste — disse Yun, usando seu título auto-denominado — Parabéns por sua vitória sobre os remanescentes dos Diabos Vermelho-Fosco.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Você sabia sobre isso?

— Yachey Hong e sua tripulação eram um bando de assassinos sádicos — disse Yun calmamente — Eles não tinham nem a sua sabedoria nem a sua... ambição. Você fez um grande favor ao mundo ao destruí-los.

— Ha! — ela bateu uma palma — Este estuda como Yangchen e bajula como Kuruk. Estou ansiosa por nossa batalha de perspicácia amanhã. Vamos para o meu acampamento? Você deve estar com fome e cansado.

“Amanhã?” Kyoshi pensou. *“Eles não iriam resolver isso rapidamente e sair? Eles iriam dormir ali, vulneráveis, durante a noite?”*

Aparentemente, esse tinha sido o plano o tempo todo.

— Sua hospitalidade é muito apreciada — disse Jianzhu — Venham todos.



Foi um jantar muito, muito estranho.

Tagaka havia montado um acampamento de luxo, sendo o centro uma tenda do tamanho de uma casa. O interior era forrado com tapetes pendurados e tapeçarias de cores inadequadas que tanto mantinham o frio de fora quanto serviam como marcadores de quantos navios de comércio ela havia saqueado. Lâmpadas de pedra cheias de gordura derretida forneciam uma abundância de luz.

Mesas baixas e almofadas estavam arrumadas à maneira de um grande banquete. Yun ocupava o lugar de honra, com Tagaka em sua frente. Ela não se importou que o resto da mesa fosse preenchido pelo círculo interno do Avatar. Os guardas uniformizados de Jianzhu entravam e saíam, trocando sarcasmo com a variedade de corsários da rainha pirata.

A Quinta Nação se descrevia como uma organização igualitária que desconsiderava as fronteiras entre os elementos. De acordo com a propaganda que às vezes deixavam para trás depois de uma invasão, nenhuma nação era superior e, sob o domínio de sua capitã iluminada, qualquer aventureiro ou curador podia se juntar a eles em harmonia, independentemente da origem.

Na realidade, a frota pirata mais bem-sucedida do mundo se revelaria composta quase que totalmente por marinheiros das Tribos da Água. E a comida refletia isso. Para Kyoshi, a maior parte da refeição tinha gosto de sangue, a salinidade mineral era demais para ela. Ela fez o que pôde para ser educada e observou Yun comer em perfeita sintonia com o costume da Tribo da Água.

Quando Yun abaixou outra bandeja de gordura crua com prazer, com Tagaka encorajando-o, Kyoshi quis sussurrar no ouvido de Rangi e perguntar se eles deveriam ter medo de veneno. Ou esperar que os convidados do jantar os apunhalassem pelas costas com os espetos de carne. Qualquer coisa que refletisse as hostilidades que deveriam estar borbulhando sob a superfície. Por que eles estavam sendo tão amigáveis?

O ápice foi quando começaram a montar os tabuleiros de Pai Sho para membros da tripulação de Tagaka que se achavam páreo para as famosas habilidades do jovem Avatar. Kyoshi cutucou Rangi e apontou com o queixo, abrindo os olhos para dar ênfase.

Rangi sabia exatamente o que ela estava perguntando. Enquanto a atenção de todos se concentrava em Yun jogando contra três oponentes de uma só vez, ela apontou com o dedo do pé para dois homens e duas mulheres que entraram silenciosamente na tenda depois que as pessoas terminaram de comer, para limpar os pratos.

Eram cidadãos do Reino da Terra. Em vez do tumulto descontraído dos piratas de roupas furtadas, eles usavam trajes simples de camponês. E, embora não estivessem acorrentados ou contidos, cumpriam seus deveres de forma curvilínea e desajeitada. Como pessoas temendo por suas vidas.

Os aldeões roubados. Yun e Rangi, sem dúvida, haviam-nos visto mais cedo. Kyoshi se amaldiçoou por tratá-los como invisíveis quando ela sabia como era passar despercebida entre as pessoas que ela servia. O tempo todo, Yun tinha posto um sorriso falso enquanto Tagaka exibia seus verdadeiros espólios de guerra na frente dele.

Rangi encontrou a mão trêmula de Kyoshi e a apertou rapidamente, enviando um calor reconfortante sobre sua pele. *“Seja forte.”*

Eles viram Yun demolir seus oponentes de três maneiras diferentes, simultaneamente. O primeiro ele derrubou; o segundo, forçou em uma situação sem vitória; e o terceiro, atraiu para uma armadilha tão diabólica que o infeliz pirata pensou que ele estava ganhando o tempo todo até os últimos cinco movimentos.

O público foi à loucura quando Yun terminou sua última vítima. As moedas tiniram quando as apostas correram entre as mãos, e os desafiantes receberam tapas e zombarias de seus camaradas.

Tagaka riu e tomou outra dose de vinho forte.

— Diga-me, Avatar. Está se divertindo?

— Estive em muitos lugares ao redor do mundo — disse Yun — E sua hospitalidade foi incomparável.

— Fico tão feliz — disse ela, procurando mais bebida — Eu estava convencida de que você estava planejando me matar antes que a noite terminasse.

A atmosfera do encontro passou de velocidade máxima a um ponto morto. Os homens de Tagaka pareciam tão surpresos quanto os de Jianzhu. A quietude em massa que percorreu a festa quase criou seu próprio som. A tensão dos músculos do pescoço. Cabelos em pé.

Kyoshi tentou olhar para o mestre Amak sem dar na cara. O durão dominador de água estava sentado longe do grupo principal, observando sobriamente Tagaka sobre a borda de sua taça de vinho não usada. O chão estava coberto de peles e tapetes, mas por baixo havia toda uma ilha de armas a sua disposição. Em vez de congelar, como todo mundo, Kyoshi podia ver seus ombros relaxando, soltando-se, preparando-se para uma súbita onda de violência.

Ela pensou que Jianzhu poderia dizer alguma coisa, assumir o lugar de Yun agora que a encenação estava fora do curso, mas ele não fez nada. Jianzhu calmamente assistiu Yun empilhar os azulejos Pai Sho entre os dedos, como se a única coisa que importasse fosse ter certeza que seu aluno mostraria boas maneiras limpando depois de um jogo terminado.

— Madame Tagaka — disse Yun — Se isso é sobre o tamanho do meu contingente, asseguro-lhe que não fiz por mal ou insulto. Os soldados que vieram comigo são apenas uma guarda de honra. Não queria trazê-los, mas estavam tão entusiasmados com a oportunidade de te ver fazer história com o Avatar.

— Eu não estou preocupada com um monte de lacaios com lanças, garoto — disse Tagaka. A voz dela tinha baixado. O tempo para elogios tinha acabado — Estou falando daqueles três.

Apontou os dedos formando um tridente. Não para Amak, nem para nenhum dos soldados blindados do Reino da Terra, mas para Jianzhu, Hei-Ran e Kelsang.

— Acho que não entendi — disse Yun — Certamente você sabe sobre meus mestres de dominação. Os famosos companheiros de Kuruk.

— Sim, eu os conheço. E sei o que significa quando o Coveiro da Passagem Zhulu escurece a minha tenda pessoalmente.

Agora Yun estava confuso de verdade. Seu sorriso fácil desapareceu e sua cabeça inclinou para o ombro. Kyoshi tinha ouvido falar de várias batalhas e locais associados ao nome de Jianzhu, e a Passagem Zhulu foi um dos muitos, não um destaque em uma longa lista. Ele foi um grande herói do Reino da Terra, afinal, um dos seus principais sábios.

— Você está se referindo à história de como meu estimado mentor enterrou piedosamente os corpos de aldeões que encontrou mortos pelos rebeldes, dando-lhes seu descanso final e dignidade? — perguntou Yun. As peças do jogo fizeram barulho na palma de sua mão.

Tagaka sacudiu a cabeça.

— Estou me referindo a cinco mil Caipiras Amarelos enterrados vivos, o resto aterrorizado em submissão. Toda a insurreição esmagada por um homem. Seu “estimado mentor” — ela se virou para Jianzhu — Estou curiosa. Os espíritos deles te assombram enquanto você dorme? Ou você os enterrou fundo o suficiente para que a terra abafasse seus gritos? — houve um ruído oco quando uma das peças do jogo escorregou do alcance de Yun e ricocheteou no tabuleiro. Ele nunca tinha ouvido falar nisso. Kyoshi nunca tinha ouvido falar nisso.

Agora que ela estava se referindo diretamente a ele, Jianzhu considerou apropriado falar.

— Com todo o respeito, temo que os rumores do interior do Reino da Terra tendem a se tornar mais selvagens quanto mais perto eles chegam do Polo Sul. Muitas histórias de minhas façanhas passadas são puros exageros até agora.

— *Com todo o respeito*, eu ganhei a minha posição por saber de fatos além do que você acha que um típico rústico de olhos azuis do sul deveria saber — Tagaka retrucou — Por exemplo, eu sei quem detém o recorde da

Academia Real pelas mortes mais “acidentais” durante Agni Kais, Madame Diretora.

Se Hei-Ran se ofendeu com a acusação, ela não demonstrou. Na verdade, Rangi era quem parecia prestes a pular em Tagaka e arrancar a cabeça da mulher para fora de seus ombros. Kyoshi instintivamente estendeu a mão e segurou a de Rangi para evitar problemas.

— E Mestre Kelsang — Tagaka continuou — Ouça, jovem Avatar. Alguma vez você já se perguntou por que minhas frotas ficaram confinadas no Mar do Leste, onde as colheitas são escassas, envolvidas em batalhas caras por território com outras tripulações? É somente por causa desse homem bem aqui.

Dos três mestres, apenas Kelsang parecia com medo do que Tagaka poderia revelar. Com medo e com vergonha. Kyoshi já queria defendê-lo de quaisquer acusações que a pirata pudesse fazer. Kelsang era dela mais do que de qualquer outra pessoa.

— Meu pai costumava chamá-lo de Tufão Vivo — disse Tagaka — Nós, do tipo criminoso, gostamos de apelidos teatrais, mas, neste caso, o nome estava correto. O vovô uma vez levou a família e uma frota de barcos à vela para o oeste, ao redor da ponta sul do Reino da Terra. A ameaça que eles apresentaram deve ter sido realmente grande, porque o Mestre Kelsang, na época um jovem no auge de seu poder, voou em seu bisão e lançou uma tempestade para levá-los de volta. Parece uma solução perfeita para uma ameaça naval sem derramamento de sangue, não é? Mas algum de vocês tirou um pedaço de madeira do tamanho de um *jian* da sua coxa? Ou foi atirado para o mar e depois tentou manter a cabeça acima de uma onda de 30 pés?

Tagaka bebeu no desconforto do dominador de ar e sorriu.

— Eu deveria te agradecer, Mestre Kelsang. Perdi vários tios nessa expedição. Você me salvou de uma batalha de sucessão horrível. Mas o medo de repetir a performance manteve a Quinta Nação e outras tripulações engarrafadas no Mar do Leste, toda a geração do meu pai foi aterrorizada por um único Nômade do Ar. Eles achavam que Kelsang os estava observando dos picos do Templo do Ar do Sul. Patrulhando os céus acima de suas cabeças.

Kyoshi olhou para Kelsang, que estava curvado em agonia. *“Você estava?”* ela pensou. *“Era pra lá que você ia entre as estadias em Yokoya? Você estava caçando piratas?”*

— Uma lição do seu mestre de dominação de ar — disse Tagaka a Yun — A ameaça mais efetiva é executada apenas uma vez. Então você pode imaginar a minha angústia quando vi você trazer isso... essa coleção de *açougueiros* para assinar nosso tratado de paz. Eu tive certeza de que significava que a violência estava no nosso futuro.

Yun cantarolou, fingindo estar perdido em pensamentos. A peça de Pai Sho com a qual ele tinha se atrapalhado agora estava dançando por seus dedos para frente e para trás, por toda a mão. Ele estava no controle novamente.

— Madame Tagaka — disse ele — Você não tem nada a temer dos meus mestres. E, se estamos dando credibilidade a reputações horríveis, acredito que teria motivos para preocupações iguais.

— Sim — disse Tagaka, olhando para baixo, com os dedos no punho de sua espada — Claro que sim.

A missão articulou-se ali no contato visual entre Yun e a indiscutível senhora do Mar do Leste. Tagaka poderia estar olhando para o Avatar, mas

Kyoshi só podia ver seu amigo, jovem e vulnerável e literalmente sem seu elemento.

O que quer que Tagaka estivesse procurando dentro da cabeça de Yun, ela encontrou. Ela recuou e sorriu.

— Sabe, traz má sorte realizar uma cerimônia importante com sangue em seu espírito — disse ela — Eu me purifiquei dos meus crimes passados com suor e gelo antes de você chegar, mas com a mancha de tanta morte ainda pairando sobre o seu lado, de repente sinto a necessidade de fazê-lo novamente antes de amanhã de manhã. Você pode ficar aqui o tempo que quiser.

Tagaka estalou os dedos e seus homens saíram da tenda, tão inquestionavelmente como se ela os tivesse dominado para fora. Os prisioneiros do Reino da Terra foram por último, abaixando as abas da saída sem sequer olhar para trás. O ato parecia um insulto planejado por Tagaka, projetado para dizer *“eles têm mais medo de mim do que esperança em você.”*

Jianzhu balançou as mãos.

— Você fez bem para-

— É verdade? — Yun exclamou.

Kyoshi nunca tinha ouvido Yun interromper seu mestre antes, e pela dobra em sua sobrancelha, Jianzhu também não. O sábio da terra suspirou de uma maneira que avisou aos outros para não falarem. Este assunto era entre ele e seu discípulo.

— O que é verdade?

— Cinco mil? Você enterrou cinco mil pessoas vivas?

— Isso é um exagero feito por uma criminosa.

— Então, qual é a verdade? — perguntou Yun — Foram apenas quinhentos? Cem? Qual é o número que o justifica?

Jianzhu riu silenciosamente, uma mudança hesitante de seu peito.

— A verdade? A verdade é que os Caipiras Amarelos eram uma escória da mais baixa ordem que achava que poderia saquear, matar e destruir sem punição. Eles não viam nada, nenhum futuro além das pontas de suas espadas. Eles acreditavam que poderiam ferir pessoas sem consequências. — Ele bateu com o dedo no centro do tabuleiro do Pai Sho — Eu levei *consequências* a eles. Porque é isso que a justiça é. Nada além das consequências apropriadas. Deixei claro que quaisquer horrores que eles infligissem voltariam para assombrá-los, nem mais nem menos. E adivinha? *Funcionou*. O restante dos *daofei* que escaparam se dispersaram no campo porque, finalmente, sabiam que haveria consequências se continuassem seguindo seu caminho de fora-da-lei.

Jianzhu olhou para a saída, na direção em que Tagaka tinha ido.

— Talvez a razão pela qual você nunca tenha ouvido falar sobre isso por meio de cidadãos decentes do Reino da Terra é porque eles veem da mesma maneira que eu. Uma criminosa como ela vê a justiça sendo feita e lamenta a falta de perdão, convenientemente esquecendo o que eles fizeram em primeiro lugar para merecer punição.

Yun parecia estar tendo dificuldade para respirar. Kyoshi queria ir para o lado dele, mas o feitiço de Jianzhu congelara o ar dentro da tenda, imobilizando-a.

— Yun — disse Kelsang — Você não entende os tempos daquela época. Nós fizemos o que tínhamos que fazer para salvar vidas e manter o equilíbrio. Tivemos que agir sem um Avatar.

Yun se estabilizou.

— Que sorte para todos vocês — disse, com um vazio inexpressivo em sua voz — Agora vocês podem passar o fardo de terminar tantas vidas para mim. Vou tentar seguir os exemplos que meus professores definiram.

— Basta! — Jianzhu rugiu — Você se permitiu ser abalado pelas acusações infundadas de uma pirata! Saiam, todos. Eu preciso falar com o Avatar a sós.

Rangi foi quem saiu mais rápido. Hei-Ran a observou ir embora. Talvez fosse porque elas usavam a mesma expressão de lábios fechados para esconder suas emoções, mas Kyoshi poderia dizer que ela queria seguir a filha. Em vez disso, Hei-Ran saiu rigidamente pelo lado oposto da tenda.

Quando Kyoshi olhou para trás, Kelsang havia desaparecido. Apenas o farfalhar de uma bainha laranja sob uma cortina traía o caminho pelo qual ele tinha ido. Ela se curvou rapidamente a Jianzhu e Yun, evitando contato visual, e correu atrás do dominador de ar.

Ela encontrou Kelsang a uma dúzia de passos de distância, sozinho, sentado em um banco que presumivelmente fora abandonado por um dos guardas de Tagaka. As pernas tinham afundado na neve sob seu peso. Ele tremia, mas não de frio.

— Sabe, depois que Kuruk morreu, eu pensei que o meu fracasso em colocá-lo no caminho certo havia sido meu último e maior erro — ele disse baixinho para o chão gelado em frente a seus dedos — Acabou que eu não terminei de me desgraçar.

Kyoshi sabia, em um sentido acadêmico, que Nômades do Ar viam toda vida como sagrada. Eles eram os maiores pacíficos que não consideravam ninguém como inimigo, nenhum criminoso impossibilitado

de perdão e redenção. Mas certamente circunstâncias excepcionais permitiam que essas crenças fossem suspensas. Certamente Kelsang poderia ser perdoado por salvar cidades inteiras ao longo das costas dos mares ocidentais.

A tensão em sua voz dizia o contrário.

— Eu nunca te disse o quanto fui rebaixado no Templo do Ar do Sul como resultado daquele dia — Kelsang tentou forçar um sorriso através de sua dor, mas escapou de seu controle, transformando-se em uma confusão fraturada e lacrimosa — Eu violei minhas crenças como um dominador de ar. Desapontei meus professores. Desapontei todo o meu povo.

Kyoshi ficou subitamente furiosa em seu nome, embora ela não soubesse com quem. Com o mundo inteiro, talvez, por permitir que sua escuridão infectasse um homem tão bom e o fizesse odiar a si mesmo. Ela jogou os braços ao redor de Kelsang e o abraçou o mais forte que pôde.

— Você nunca *me* decepcionou — ela disse em um latido áspero — Está me ouvindo? Nunca.

Kelsang aguentou sua tentativa de esmagar suas escápulas com a força do puro afeto e se balançou ligeiramente em seus braços, acariciando suas mãos entrelaçadas. Kyoshi só o soltou quando o som de um prato quebrando perfurou a quietude da noite.

Seus olhares se dirigiram para o acidente. Ele veio da tenda. Yun e Jianzhu ainda estavam lá dentro.

Kelsang se levantou, seus próprios problemas esquecidos. Parecia preocupado.

A ASCENSÃO DE KYOSHI

— É melhor você voltar para o acampamento — disse para Kyoshi. O som abafado da discussão ficou mais alto através das paredes de feltro.

— Eles estão bem?

— Vou verificar. Mas por favor, vá. Agora. — Kelsang correu para a tenda e se abaixou através da cortina. Ela pôde ouvir a comoção cessar assim que ele entrou de novo, mas o silêncio era mais sinistro do que o barulho.

Kyoshi ficou parada ali, imaginando o que fazer, antes de decidir que ela deveria obedecer Kelsang. Ela não queria ouvir Yun e Jianzhu.



Enquanto ela fugia, o luar lançava sombras longas e cintilantes, fazendo Kyoshi se sentir como uma manipuladora de fantoches em um palco branco vazio. Sua saída apressada a levou muito longe na direção errada, e ela se viu nos arredores do campo de piratas, perto do penhasco de gelo.

Ela bateu contra a parede congelada, tentando se achatar fora de vista. A tripulação de Tagaka estava no meio de se retirar, chutando neve sobre as fogueiras e fechando suas tendas por dentro. Eles tinham soldados a postos em intervalos regulares olhando em direções diferentes. Kyoshi não tinha ideia de como ela chegara tão perto sem ser notada.

Ela fugiu o mais silenciosamente que pôde pelo caminho que viera, virando a esquina, e chocou-se com o sentinela desaparecido. Era um dos dois piratas que acompanharam Tagaka para cumprimentá-los. O homem com o bigode. Ele olhou para o rosto dela como se estivesse tentando obter a melhor visão de suas narinas.

— Diga — ele disse, uma nuvem de fumaça de álcool saindo de sua boca — Eu te conheço?

Ela balançou a cabeça e tentou continuar, mas ele esticou o braço para fora, bloqueando seu caminho enquanto se inclinava contra o gelo.

— É só que você parece muito familiar — insistiu o sentinela, com um olhar malicioso.

Kyoshi estremeceu. Havia sempre um certo tipo de homem que achava que suas dimensões particulares a tornavam um bem público, uma coisa estranha que eles eram livres para ficar boquiabertos, impacientes ou piores. Muitas vezes eles assumiam que ela deveria estar grata pela atenção. Que *eles* eram especiais e poderosos para dar-lhe atenção.

— Eu costumava ser um marinheiro — disse o homem, entrando em um delírio de auto absorção bêbada — Fiz negócios com um grupo chamado “Sociedade... Alguma Coisa Voadora” Algo assim... A líder era uma mulher que se parecia muito com você. Rosto bonito, assim como o seu. Pernas... quase tão longas. Ela poderia ter sido sua irmã. Você já esteve na Baía Camaleão, docinho? Ficou sob o teto da Madame Qiji?

O homem puxou a rolha de uma cabaça e tomou mais alguns goles de vinho

— Eu fiquei muito mal por essa menina — continuou, limpando a boca na manga — Ela tinha as mais fascinantes tatuagens de serpente ao redor de seus braços, mas nunca me deixou ver até onde elas iam. E você, querida? Tem tinta no seu corpo que você quer me mostraaaaar?

Kyoshi pegou-o pelo pescoço com uma mão e o bateu na borda do penhasco.

Os pés dele balançaram-se do chão. Ela apertou até ver seus olhos se arregalarem em direções diferentes.

— Você está enganado — disse ela sem levantar a voz — Está me ouvindo? Você está enganado, e nunca me viu, ou qualquer outra pessoa que se parecesse comigo antes. Diga-me isso.

Ela deixou que ele tivesse ar suficiente para falar.

— Você é louca — eu vou matar — aaagh!

Kyoshi pressionou-o com mais força na parede. O gelo partiu-se atrás de seu crânio.

— Isso não foi o que eu te perguntei — seus dedos sufocaram o grito dele, impedindo-o de alertar os outros.

— Eu cometi um erro! — ele engasgou — Eu estava errado!

Ela o deixou cair no chão. A parte de trás do casaco dele se rasgou no gelo. Ele se inclinou para o lado, tentando forçar o ar de volta aos pulmões.

Kyoshi observou-o se contorcer aos pés dela. Depois de repensar, ela arrancou a cabaça cheia de vinho de seu pescoço, cortando o fio, e derramou o conteúdo até que estivesse vazio. O líquido espirrou no rosto do homem e ele se encolheu.

— Vou guardar isso pra caso você mude de ideia — disse ela, agitando o recipiente vazio — Ouvi falar dos métodos disciplinares da Tagaka, e acho que ela não aprovaria beber durante a guarda.

O homem gemeu e cobriu a cabeça com os braços.



Kyoshi desabou de barriga para baixo na frente de sua tenda. Sua testa estava no gelo. Era gostoso, refrescante. O encontro consumira sua energia, deixando-a incapaz de dar os últimos passos para sua cama. Tão perto e tão longe.

Ela não sabia o que tinha dado nela. O que ela fez foi tão estúpido que confundiu sua mente. Se isso chegasse a Jianzhu de alguma forma...

Uma luz brilhante apareceu sobre a cabeça dela. Ela torceu o pescoço para cima para ver Rangi segurando uma tocha feita com a mão. Uma pequena chama dançava acima de seus longos dedos.

Rangi olhou para ela e depois para o recipiente de bebida ainda na mão. Ela cheirou o ar da noite.

— Kyoshi, você esteve bebendo?

Parecia mais fácil mentir.

— Sim?

Com grande dificuldade, Rangi a arrastou para dentro pelos braços. Era mais quente na tenda, a diferença entre uma noite de inverno e uma tarde na primavera. Kyoshi podia sentir a rigidez deixando seus membros, a cabeça perdendo o eco pesado que parecia ter antes.

Rangi arrancou pedaços da roupa de batalha como se ela estivesse desmontando uma carroça quebrada.

— Você não pode dormir com essa roupa. Especialmente com a armadura.

Ela tirou seu próprio equipamento como se estivesse apenas usando um fino algodão que expunha seus braços e pernas. Sua figura simples contradizia a solidez de seus músculos. Kyoshi se pegou boquiaberta, nunca tinha visto sua amiga sem uniforme antes. Era difícil para ela compreender que as partes espetadas não eram uma parte natural do corpo de Rangi.

— Você não deveria estar dormindo com Yun? — perguntou Kyoshi. A cabeça de Rangi virou tão rápido que quase quebrou seu próprio pescoço — Você sabe o que quero dizer.

A vermelhidão desapareceu dos ouvidos de Rangi tão rapidamente quanto veio.

— O Avatar e o Mestre Jianzhu estão revisando a estratégia. Mestre Amak só dorme em intervalos de dez minutos ao longo do dia, então ele e os guardiões mais experientes ficarão de vigia. A ordem é que todos os outros estejam bem descansados para amanhã.

Elas se ajeitaram debaixo das peles. Kyoshi já sabia que ela não seria capaz de dormir como tinha dito. Sua antiga vida na rua, em conjunto com o seu lugar privilegiado na mansão hoje em dia, indicava que, provavelmente, ela nunca havia tido uma colega de quarto. Ela estava ciente dos pequenos movimentos de Rangi bem ao lado dela, o ar a subir e a sair do peito da dominadora de fogo.

— Acho que eles não fizeram nada de errado — disse Kyoshi enquanto olhava para a parte de baixo de sua tenda.

Rangi não respondeu.

— Eu ouvi da tia Mui sobre o que Xu e os Caipiras fizeram com homens, mulheres e crianças desarmados. Se metade disso é verdade, então Jianzhu pegou leve com eles. Mereciam pior.

O luar entrava pelas costuras da tenda, fazendo com que as estrelas saíssem de buracos.

Ela deveria ter parado por aí, mas a certeza de Kyoshi a impulsionou além do ponto em que era seguro se aventurar.

— E acidentes são acidentes. Tenho certeza que sua mãe nunca quis prejudicar ninguém.

Duas mãos fortes agarraram as lapelas de seu manto. Rangi a puxou para seu lado, de modo que elas estavam de frente uma para a outra.

— Kyoshi — ela disse com voz rouca, seus olhos ardendo de dó — Um desses oponentes era a prima dela. Uma candidata rival à diretoria — Rangi deu-lhe uma sacudida forte — Não um pirata, ou um fora-da-lei. *A prima dela*. A escola limpou sua honra, mas os rumores me seguiram lá por anos. As pessoas sussurrando nos cantos que minha mãe era- era uma assassina.

Ela cuspiu a palavra como se fosse a maldição mais vil que se pudesse imaginar. Dada a profissão de Rangi como guarda-costas, provavelmente era. Ela enterrou o rosto no peito de Kyoshi, apertando-a com força, como se quisesse limpar a memória.

Kyoshi queria dar um soco em si mesma por ser tão descuidada. Ela cautelosamente colocou um braço sobre o ombro de Rangi. A dominadora de fogo aninhou-se e relaxou, embora ela ainda fizesse uma série de pequenas inspirações pelo nariz. Kyoshi não sabia se era seu jeito de chorar ou se acalmar com um exercício de respiração.

Rangi se mexeu, pressionando mais perto do corpo de Kyoshi, esfregando o macio buquê de seu cabelo contra os lábios da amiga. O contato surpreendente parecia uma transgressão, o erro de uma garota

A ASCENSÃO DE KYOSHI

exausta e sonolenta. As famílias mais nobres da Nação do Fogo, como a da qual Rangi descendia, nunca deixariam que alguém tocasse seus cabelos assim.

O leve aroma floral que encheu os pulmões de Kyoshi fez sua cabeça nadar e seu pulso acelerar. Kyoshi continuou imóvel como se fosse o chamado de sua vida, sem vontade de fazer qualquer movimento que pudesse perturbar o sono intermitente de sua amiga.

Finalmente Rangi caiu em um sono profundo, irradiando calor como um pouco de carvão incandescente na lareira. Kyoshi percebeu que confortá-la durante toda a noite era uma honra e uma tortura que ela não teria trocado por nada no mundo.

Kyoshi fechou os olhos. Ela fez o possível para ignorar a dor de seu braço perdendo a circulação e seu coração caindo em uma pilha de laços.



Eles sobreviveram à noite. Não houve ataque furtivo, nenhum caos repentino fora da tenda, como ela temia.

Kyoshi provavelmente não havia dormido mais de uma hora ou duas, mas ela nunca tinha se sentido mais alerta e nervosa em sua vida. Quando almoçaram em seu próprio acampamento na base do iceberg, ela recusou o chá queimado. Seus dentes já estavam batendo juntos.

Ela procurou sinais de problemas entre Yun e Jianzhu, Rangi e Hei-Ran, mas não conseguiu encontrar nenhum. Nunca entendera como eles conseguiram ferir um ao outro e depois perdoar um ao outro tão rapidamente. Os erros significam algo, mesmo que tenham sido infligidos por sua família. Especialmente se fosse família.

Kelsang ficou perto dela durante os preparativos. Mas sua presença só criou mais turbulência em seu coração. A qualquer momento iriam subir aquela colina e ver Yun assinar um tratado apoiado pelo poder investido no Avatar.

“Não sou eu”, Kyoshi pensou, “Kelsang admitiu que era apenas uma possibilidade. Uma possibilidade não é a mesma coisa que a verdade.”

Jianzhu sinalizou que era hora de ir e falou algumas palavras, mas Kyoshi não as ouviu.

“Ele está tirando conclusões precipitadas porque Jianzhu o deixou de lado. Ele quer ser uma parte maior da vida do Avatar. A vida de qualquer Avatar. E eu sou a coisa mais próxima de uma filha que ele tem.”

Ela tinha que admitir que a linha de raciocínio era um pouco egoísta da parte dela. Mas muito menos do que, digamos, *ser o Avatar*. Fazia sentido. Kelsang era humano, propenso a erros. O pensamento a confortou por todo o caminho até o topo do iceberg.

O pico se transformou em um planalto natural grande o suficiente para conter os principais membros de ambas as delegações. Para o lado de Yun, isso significava Jianzhu, Hei-Ran, Kelsang, Rangi, Amak e - apesar da insensatez que isso implicava - Kyoshi. Tagaka novamente se dignou a vir com apenas um par de acompanhantes. O homem de bigode não fazia parte de sua guarda desta vez, felizmente. Mas um dos reféns do Reino da Terra, uma jovem que tinha a aparência bronzeada de uma esposa de pescador, acompanhou os piratas. Ela carregava silenciosamente uma bagagem em seus ombros e olhava para o chão como se seu passado e futuro estivessem escritos nele.

Os dois lados se encararam sobre a superfície plana. Eles eram altos o suficiente para ignorar os pequenos icebergs que se aproximavam de sua montanha congelada.

— Eu imaginei que usaríamos o cenário tradicional para esses assuntos — disse Tagaka — Então, por favor, tenha paciência comigo por um momento.

A rainha pirata colocou os pés na neve e deu um grito.

Seus braços se moviam fluidamente na forma de dominação de água, mas nada aconteceu.

— Espere — ela disse.

Ela tentou novamente, agitando seus membros com mais velocidade e mais esforço. Um círculo ergueu-se do gelo, do tamanho de uma mesa. Foi muito lento.

Kyoshi pensou ter ouvido um escárnio vindo do Mestre Amak, mas poderia ter sido o rangido de dois pequenos pedaços de gelo brotando em lados opostos da mesa. Tagaka lutou poderosamente até que fossem altos o suficiente para se sentar.

— Você vai ter que me perdoar — disse ela, sem fôlego — Eu não sou exatamente a dominadora que meu pai e meu avô foram.

A mulher do Reino da Terra abriu sua mochila e rapidamente colocou um pano sobre a mesa e almofadas nos assentos. Com movimentos rápidos e delicados, ela montou uma pedra de tinta, duas escovas e um minúsculo jarro de água.

O estômago de Kyoshi se agitou enquanto ela observava a mulher meticulosamente moer um bastão de tinta contra a pedra. Ela estava usando

o método Pianhai, uma configuração de caligrafia cerimonial que exigia muito treinamento formal e que os plebeus normalmente nunca aprenderiam. Kyoshi só sabia o que era por sua proximidade com Yun. “*Tagaka a torturou para aprender o processo?*”, ela pensou, “*Ou ela a roubou de uma escola literária em uma das cidades maiores?*”

Depois de ter feito tinta suficiente, a mulher recuou sem dizer uma palavra. Tagaka e Yun se sentaram, cada um espalhando um pergaminho sobre a mesa de gelo que continha os termos escritos que haviam sido acordados até agora. Eles gastaram uma quantidade de tempo exaustiva verificando se as cópias combinavam, se o fraseado era educado o suficiente. Tanto Yun quanto a rainha pirata tinham um olho para pequenos detalhes, e nenhum deles queria perder a primeira batalha.

— Eu me oponho à sua descrição de si mesma como Guardiã Aquática do Polo Sul — disse Yun durante uma das trocas mais acaloradas.

— Por quê? — perguntou Tagaka — É verdade. Meus navios de guerra são uma proteção. Eu sou a única força que mantém uma marinha hostil de navegar até as margens da Tribo da Água do Sul.

— A Tribo da Água do Sul te odeia — disse Yun, bastante franco.

— Sim, bem, a política é complicada — disse Tagaka — Vou editar isso para o “Guardiã Auto-designado do Polo Sul”. Não abandonei o meu povo, mesmo que ele tenha virado as costas para mim.

E assim continuou. Depois que os guardas de Tagaka haviam começado a bocejar abertamente, eles se inclinaram para trás dos pergaminhos.

— Tudo parece estar em ordem — disse Yun — Se não se importar, gostaria de avançar imediatamente para o próximo estágio. Alterações verbais.

Tagaka sorriu.

— As coisas divertidas de verdade.

— Sobre a questão dos reféns da costa sul da Província Zeizhou, como pode ser razoavelmente definido através da proximidade de Tu Zin, retirados de suas casas em algum momento entre o Equinócio de Primavera e o Solstício de Verão... — começou Yun. Ele fez uma pausa.

Kyoshi sabia que isso seria difícil para ele. Rangi havia explicado o básico de como as pessoas eram tipicamente resgatadas. Na melhor das hipóteses, Yun poderia libertar metade dos cativos sacrificando o resto, deixando Tagaka manter o respeito e a vantagem. Ele teve que pensar em suas vidas em termos clínicos. Uma porcentagem maior seria melhor. Seu único objetivo. Ele seria um salvador para alguns e condenaria o resto.

— Eu os quero de volta — disse Yun — Todos eles.

— *Avatar!* — Jianzhu se precipitou. O dominador de terra estava furioso. Isso obviamente não era o que eles tinham conversado antes.

Yun levantou a mão, mostrando as costas para o seu mestre. Kyoshi poderia jurar que Yun estava se divertindo agora

— Eu quero cada homem, mulher e criança de volta — disse Yun — Se você os vendeu para outras tripulações piratas, quero sua ajuda dedicada para encontrá-los. Se algum deles tiver morrido sob seus cuidados, quero seus restos para que suas famílias possam dar a eles um enterro apropriado. Podemos falar sobre a compensação que você pagará depois.

Os mestres, com exceção de Kelsang, pareciam descontentes. Para eles, essas eram as ações de uma criança petulante que não entendia como o mundo funcionava.

Mas Kyoshi nunca amara tanto seu Avatar. Era isso que Yun queria que ela visse quando ele implorou para ir junto. Sua amiga, defendendo o que estava certo. Seu coração estava pronto para explodir.

Tagaka se recostou em seu banquinho de gelo.

— Claro.

Yun piscou, seu momento de glória e desafio havia saído de dentro dele prematuramente.

— Você concorda?

— Eu concordo — disse Tagaka — Você pode ter todos os prisioneiros de volta. Eles estão livres. Cada um deles.

Um soluço soou no ar. Era a mulher do Reino da Terra. Sua determinação estoica se quebrou, e ela desabou de joelhos, chorando alto e abertamente. Nem Tagaka nem seus homens a repreenderam.

Yun não olhou para a mulher, com medo de que ele arruinasse sua salvação com um movimento errado. Ele esperou que Tagaka fizesse uma exigência em troca. Ele não ia aumentar o preço em seu nome.

— Os prisioneiros são inúteis para mim — ela explicou. Olhou para o mar, para os pequenos icebergs que os cercavam. Apesar de sua paciência anterior, ela parecia incrivelmente entediada de repente — De mil pessoas ou mais, nenhuma era um carpinteiro aceitável. Já devia saber. Eu precisava ir atrás de pessoas que vivem entre árvores altas, não entre troncos.

Yun franziu a testa.

— Você quer... carpinteiros? — ele perguntou cautelosamente.

Ela olhou para ele, como se estivesse surpreendida por ele ainda estar lá.

— Garoto, deixe-me te ensinar um pequeno fato sobre o comércio de piratas. A nossa energia é medida em embarcações. Precisamos de madeira e de artesãos que saibam trabalhar com elas. Construir uma marinha adequada é um esforço geracional. Meus primos pacíficos do Polo Sul têm alguns cortadores de vela de herança, mas têm que se contentar com canoas de pele de foca. Eles nunca criarão uma frota de guerra grande e de longo alcance porque simplesmente não têm as árvores — Tagaka se virou e se debruçou sobre a mesa — Então, sim — disse, fixando-o com o olhar — Quero carpinteiros *e árvores* e um porto próprio para atracar para aumentar o tamanho de minhas forças. E eu sei exatamente onde conseguir essas coisas.

— *Yokoya!* — Yun gritou, uma percepção e um alerta para os outros, em uma única palavra.

Tagaka levantou a mão e fez um pequeno movimento com os dedos. Kyoshi ouviu um rangido molhado e um gorgolejo de surpresa. Ela procurou a fonte do estranho barulho.

Era o Mestre Amak. Ele estava curvado para trás sobre uma estalagmite de gelo, a ponta ensanguentada brotando de seu peito como um caule hediondo de grãos. Ele olhou para ela, espantado, e caiu para o lado.

— Agora, — disse Tagaka — acha que não reconheço parentes disfarçados?



Os momentos pareciam se acumular lentamente uns nos outros como uma torre de pedras brutas, cada evento em sequência se acumulando cada vez mais alto sem argamassa para mantê-los juntos. Uma estrutura que era instável, terrível, se dirigia para um colapso total e iminente.

O movimento repentino das duas escoltas de Tagaka atraiu a atenção de todos. Mas os dois homens apenas agarraram a mulher do Reino da Terra pelos braços e saltaram de volta pela encosta da forma como eles vieram, esquivando-se da rajada de fogo que Rangi conseguiu soltar. Eles eram a distração.

Pares de mãos explodiram da superfície do gelo, agarrando-se aos tornozelos de todos ao lado de Yun. Dominadores de água estiveram à espreita abaixo deles o tempo todo. Rangi, Jianzhu e Hei-Ran foram arrastados sob o gelo como se tivessem caído na crosta de um lago congelado durante o derretimento da primavera.

Os braços de Kyoshi dispararam e ela conseguiu se segurar com o peito na superfície. Seu quase-sequestrador não fez o túnel grande o suficiente. Kelsang saltou no ar, evitando as garras de seu assaltante subterrâneo com os reflexos de dominador de ar, e desdobrou as asas de seu planador.

Tagaka puxou seu *jian* e o colocou no pescoço de Yun. Mas o Avatar não recuou. Quase rápido demais para Kyoshi ver, ele bateu com o punho na única fonte de terra perto deles, o bloco de tinta de pedra. Ele se quebrou em fragmentos e se reformou como uma luva em torno de sua mão. Ele pegou a lâmina de Tagaka quando ela fez contato com sua pele.

Kyoshi bateu forte com a bota e sentiu-se mal. O pé dela ficou preso quando o dominador, cujo rosto ela quebrara, recolocou a água,

aprisionando sua metade inferior. Acima do gelo, Kyoshi tinha a visão perfeita do Avatar e da rainha pirata presa em um nó mortal.

Ambos pareciam felizes que a charada havia acabado. Um fio de sangue de Yun pingou na borda da lâmina.

— Outra coisa que você deve saber — disse Tagaka enquanto trocava sorrisos com Yun, seus músculos tremendo com o esforço — Eu realmente não sou a dominadora de água que meu pai era.

Com a mão livre, ela fez uma série de movimentos tão fluidos e complexos que Kyoshi pensou que seus dedos haviam se estendido até o dobro de seu comprimento. Uma série de rachaduras ecoando em torno deles.

Houve um rugido de gelo e neve correndo para o mar. Os pequenos icebergs se dividiram e partiram, revelando espaços ociosos maciços no interior. Quando os pedaços de gelo se separaram ao comando de Tagaka, as proas dos navios de guerra da Quinta Nação começaram a sair, como os bicos de pássaros monstruosos que saíam de suas cascas de ovos.

Yun perdeu o equilíbrio com a visão e caiu no chão de costas. Tagaka rapidamente cobriu-o no gelo, tomando o cuidado de cobrir a mão enluvada de pedra.

— O que é isso? — ele gritou para ela.

Ela limpou o sangue da espada com a dobra do cotovelo e a colocou de volta na bainha.

— Um plano de reserva? Um avanço a caminho de Yokoya? Uma chance de me mostrar? Eu tenho fingido ser um fraca por tanto tempo, não resisti a um pouco de exagero.

Dominadores de água a bordo dos navios já estavam acalmando as ondas causadas pelas avalanches de gelo e impulsionando seus navios para frente. Outros membros da tripulação subiram entre os mastros como insetos, desdobrando as velas. Eles foram apontados para o oeste, em direção à casa, onde iriam se dirigir para territórios frescos do Reino da Terra como uma faca em uma barriga desprotegida.

— Pare os navios! — Yun gritou para o céu — Eu não! Os navios!
— Foi tudo o que conseguiu sair antes de Tagaka cobrir a cabeça completamente de gelo.

Kyoshi não sabia com quem ele estava falando no início, pensou que em seu desespero ele estava implorando a um espírito. Mas uma baixa onda de ar lembrou a ela que alguém ainda estava livre. Kelsang parou em seu planador e foi em direção ao navio principal.

— Hoje não, monge — disse Tagaka. Ela atacou com os braços, e um *spray* de gelo com gotículas não maiores do que agulhas de costura voou na direção de Kelsang.

Foi um ataque diabolicamente brilhante. O dominador de ar poderia facilmente ter evitado mísseis maiores, mas os projéteis de Tagaka eram uma tempestade envolvente. As delicadas asas de seu planador se desintegraram e ele mergulhou em direção ao mar.

Não houve tempo para entrar em pânico por Kelsang. Tagaka levitou o pedaço de gelo em que Yun estava enterrado, atirou-o para o lado do iceberg em direção a seu acampamento e saltou atrás dele.

Kyoshi cerrou os dentes e empurrou o gelo o mais forte que pôde. Seus ombros se esticaram contra suas vestes, ambos ameaçando rasgar. O gelo agarrou-lhe as pernas e cedeu, mas não antes de rasgar as partes de sua

pele que não estavam cobertas por suas saias. Ela se levantou e tropeçou atrás de Tagaka.

Ela teve sorte que a prisão de Yun havia esculpido um caminho suave. Sem isso, ela teria, sem dúvida, batido a cabeça, caindo sobre as protuberâncias do gelo. Kyoshi conseguiu deslizar até o acampamento de piratas, suas feridas deixando um rastro sangrento na encosta atrás dela.

Os homens de Tagaka estavam ocupados carregando seu acampamento e eles mesmos em barcos. Um cortador elegante, uma das heranças da Tribo da Água que ela mencionara, esperava por eles na costa do iceberg. Apenas alguns dos outros piratas notaram Kyoshi. Eles começaram a pegar armas, mas Tagaka os dispensou. Fazer as malas era mais uma prioridade do que lidar com ela.

— Devolva-o — suspirou Kyoshi.

Tagaka colocou uma bota no gelo que cobria Yun e se apoiou sobre o joelho.

— O colosso fala — disse, sorrindo.

— Devolva-o. *Agora.* — Ela pretendia soar brava e desenfreada, mas parecia tão lamentável e desesperada quanto se sentia por dentro. Ela não tinha certeza se Yun podia respirar lá.

— Eu vi o que precisava ver nos olhos do garoto. Ele vale mais como refém do que como um Avatar, confie em mim. — ela empurrou Yun para o lado com o pé, e a bile subiu na garganta de Kyoshi com o gesto de desrespeito — Mas você, por outro lado... Você é um enigma. Eu sei que você não é uma lutadora agora, isso é óbvio. Mas gosto do teu potencial. Não consigo decidir se te devo matar agora, por segurança, ou mantê-la comigo.

Ela se aproximou.

— Kyoshi, não? Como você gostaria de provar a verdadeira liberdade? Ir aonde quiser e pegar o que precisar? Confie em mim, é uma vida melhor do que qualquer existência que você tenha em terra.

Kyoshi sabia sua resposta. Era a mesma que ela teria dado como uma criança faminta de sete anos de idade.

— Eu nunca me tornaria uma *daofei*. — respondeu, tentando o máximo possível transformar a palavra em uma maldição — Fingindo ser uma líder e uma pessoa importante quando você não é nada além de uma traficante de escravos assassina. Você é a forma mais baixa de vida que eu conheço.

Tagaka franziu o cenho e puxou sua espada. O metal assobiou contra a bainha. Ela queria que Kyoshi sentisse a morte fria deslizando entre suas costelas, em vez de ser apagada rapidamente pela água.

Kyoshi se manteve firme.

— Me dê o Avatar — ela repetiu — Ou eu vou acabar com você como a besta que você é.

Tagaka abriu os braços, dizendo-lhe para olhar ao redor deles no campo de gelo em que estavam.

— Com o quê, menininha do Reino da Terra? — ela perguntou — Com o quê?

Foi uma boa pergunta. Uma que Kyoshi sabia que ela não poderia ter respondido a si mesma. Mas, de repente, ela foi dominada pela sensação esmagadora de que agora, em seu momento de desesperada necessidade, sua voz não estaria sozinha.

Suas mãos se sentiram guiadas. Ela não entendeu totalmente, nem estava completamente no controle. Mas ela confiava.

Kyoshi abraçou seu estômago, encheu seus pulmões e bateu os pés na postura da Ponte Cheia (*Bik Kiu*). Ecos de poder ondularam de seu movimento, centenas de repetições de si mesma batendo no gelo. Ela estava de alguma forma liderando e sendo liderada por um exército de dominadores.

Uma coluna pedra cinza do fundo do mar explodiu da superfície do oceano. Ela pegou o casco do cortador de Tagaka e virou o navio para o lado, arrancando tábuas de madeira da moldura tão facilmente quanto papel de uma pipa.

Uma onda de água deslocada varreu o iceberg, derrubando piratas e quebrando caixas em lascas. Num impulso de autopreservação, Tagaka levantou reflexivamente uma parede de gelo na altura da cintura, represando e desviando a onda. Mas a barreira protegia Kyoshi também, dando-lhe tempo para atacar novamente. Ela saltou direto no ar e aterrissou com os punhos no gelo.

Mais longe, o mar ferveu. Gritos vieram dos navios de guerra, enquanto mais penhascos de basalto subiam em seu caminho. As proas das embarcações que não podiam girar no tempo estalaram como galhos. O gemido de madeira quebrando contra a rocha encheu o ar, tão medonho quanto um coro de animais feridos.

Kyoshi caiu de joelhos, ofegante.. Ela pretendia continuar, aproximar a terra o suficiente para se defender, mas o esforço imediatamente a enfraqueceu ao ponto de mal levantar a cabeça.

Tagaka se virou. Seu rosto, tão controlado nos últimos dois dias, agitou-se em todas as direções.

— O que, em nome dos espíritos...? — ela sussurrou enquanto virava seu *jian* para lançar uma facada para baixo. A velocidade com que Tagaka se moveu para matá-la deixou claro que ela estaria bem vivendo sem uma resposta.

— Kyoshi! Continue abaixada!

Kyoshi instintivamente obedeceu a voz de Rangi e se manteve no chão. Ela ouviu e sentiu o calor de uma explosão de fogo sobre ela, derrubando Tagaka.

Com um poderoso rugido, Pengpeng furou o iceberg, Rangi e Hei-Ran disparando chamas para a esquerda e a direita das costas do bisão, dispersando os piratas enquanto eles tentavam se reagrupar. Jianzhu segurou as rédeas de Pengpeng com a habilidade de um dominador de ar, girando-as para mandar lufadas de ar perfeitamente apontadas com sua cauda, que expulsaram nuvens de flechas e lanças arremessadas. Kyoshi não tinha ideia de como eles tinham escapado do gelo, mas, se três pessoas tinham o poder e a capacidade de conseguir isso, eram eles.

A luta não havia acabado. Parte da frota de Tagaka ultrapassara os obstáculos de Kyoshi. E dos navios que afundavam nas proximidades, alguns dominadores de água se recusaram a entrar em pânico como seus companheiros. Eles mergulhavam na água, gerando ondas de alta velocidade que os levavam para Tagaka. Sua guarda de elite, vindo para resgatá-la.

Rangi e Hei-Ran pularam e atacaram a rainha pirata com uma chama que ela foi forçada a bloquear com jatos de água. O rosto de Rangi estava coberto de sangue e sua mãe tinha apenas um braço bom, mas elas lutaram em perfeita sincronia, deixando Tagaka sem oportunidades para montar uma ofensa.

— Vamos lidar com os dominadores de água! — Hei-Ran gritou por cima do ombro — Parem os navios!

Jianzhu deu uma olhada nos monólitos de pedra que Kyoshi tinha levantado do fundo do mar, e depois para ela. No calor da batalha, ele escolheu fazer uma pausa. Ele olhou duro para Kyoshi, quase como se estivesse fazendo somas em sua cabeça.

— Jianzhu! — Hei-Ran gritou.

Ele saiu de sua névoa e levou Pengpeng de volta. Eles voaram em direção à formação de pedra mais próxima. Sem aviso, Jianzhu soltou as rédeas e pulou do bisão no ar.

Kyoshi pensou que ele tinha enlouquecido. Ele provou que ela estava errada.

Ela nunca tinha visto Jianzhu dominar a terra antes, só tinha ouvido Yun e a equipe descreverem seu estilo pessoal como "diferente". Incomum. *“Mais como uma dança do leão no Ano Novo”,* A Tia Mui dissera uma vez, gabando-se, com um sorriso de sonho na cara. *“Estável em baixo e selvagem em cima.”*

Ele não tinha sido capaz de dominar no iceberg, mas agora Kyoshi havia fornecido a ele todo o elemento de que precisava. Quando Jianzhu caiu, painéis de pedra desceram do penhasco e voaram para encontrá-lo. Eles se organizaram em uma construção maníaca e arquitetônica, com a luz do dia aparecendo através das aberturas triangulares, uma rampa íngreme na qual ele pousou sem perder seu ímpeto.

Ele correu para os navios que escaparam, em uma direção à qual ele não tinha espaço para ir. Mas, enquanto corria, seus braços se enrolaram e giraram em torno dele como se tivessem mentes próprias. Ele sacudiu os

punhos usando torções minúsculas de sua cintura, e incontáveis lascas de pedra se prenderam em uma ponte sob seus pés. Jianzhu não se descontrolou uma única vez enquanto viajava no ar, suspenso por sua construção aérea de pedra.

Explosões de fogo e trombas d'água subiram dos dominadores que controlavam os navios. Jianzhu saltou de forma ágil e deslizou sobre eles. Os que visavam à própria pedra causaram surpreendentemente poucos danos, já que a estrutura era composta de suportes caóticos e redundantes.

Ele correu à frente do navio principal, cruzando seu caminho com a ponte. Quando Kyoshi achou que ele havia ido longe demais, que havia ficado sem pedra e reduzido seu apoio além do que poderia segurar, ele saltou para a segurança, aterrissando em cima de um bloco de gelo próximo.

A estrutura precária e antinatural começou a desmoronar, sem a inclinação de Jianzhu para mantê-la. Primeiro, as peças individuais começaram a descamar. Pedacos de pedras caindo bombardearam o navio principal de cima, fazendo com que os membros da tripulação tivessem que se proteger enquanto o deque de madeira era perfurado como couro diante de um furador.

Mas o sofrimento deles tinha só começado. A base da ponte simplesmente se soltou, trazendo toda a linha de pedra para baixo da proa. A popa do navio foi alavancada para fora da linha d'água, expondo o leme e a quilha de mexilhões.

O resto do esquadrão não teve tempo de virar. Um seguidor se afastou do desastre. Conseguiu evitar quebrar seu casco, mas a mudança de direção fez com que a embarcação se inclinasse bruscamente para o lado. A ponta de seu aparelhamento pegou os destroços, e então o navio foi

A ASCENSÃO DE KYOSHI

decapitado de seus mastros e velas, os pilares de madeira se quebraram, um brinquedo de criança quebrando em seus pontos mais fracos.

O último navio de guerra que restava na retaguarda poderia ter escapado, assumindo uma façanha deslumbrante de heroica marinharia. Em vez disso, sabiamente decidiu jogar a âncora e desistir. Se o poder de Tagaka estivesse em sua frota, os companheiros do Avatar o destruíram. Agora, eles só tinham que viver o tempo suficiente para reivindicar sua vitória.

— Você fez bem, garota — disse um homem com uma voz rouca e um sotaque como o do Mestre Amak — Eles vão contar histórias sobre isso por um longo tempo.

Kyoshi se virou, com medo de um pirata ter caído sobre ela, mas não havia ninguém lá. O movimento a deixou tonta. Muito tonta. Ela caiu de joelhos, um longo e prolongado processo, e se deixou cair no gelo.



A FRATURA



ESTAVA QUENTE. Tão quente que, quando Kyoshi acordou na enfermaria da mansão, pensou que fosse Rangi sentada na cadeira ao lado da cama. Ela esperava que fosse

Mas era Jianzhu.

Kyoshi apertou seus cobertores fortemente e então percebeu que estava sendo boba. Jianzhu era seu chefe e seu benfeitor. Ele havia dado a Kelsang o dinheiro para cuidar dela. E, embora ela nunca tivesse diminuído a distância desafogada que havia entre eles, não havia razão para se sentir desconfortável perto do sábio da terra.

Foi o que disse a si mesma.

Sua garganta estava seca. Jianzhu já estava com uma cabaça de água pronta, então a entregou. Ela tentou beber com muito cuidado, mas derramou em seus lençóis, fazendo-o rir.

— Eu sempre tive a impressão de que você estava escondendo algo de mim — disse ele.

Ela quase se engasgou.

— Eu me lembro do dia em que você e Kelsang me contaram sobre seu problema com o domínio da terra — disse Jianzhu, com um sorriso de canto de rosto — Você disse que não conseguia dominar coisas pequenas. Que só conseguia mover pedras grandes de formatos normais. Como uma pessoa cujos dedos fossem grossos e desajeitados demais para pegar um grão de areia.

Era verdade. A maioria das escolas de dominação de terra não sabia como lidar com uma fraqueza como a de Kyoshi. Os alunos começavam a dominar as pedras menores e, à medida que sua força e técnica cresciam, eles passavam para pedras maiores e mais pesadas.

Apesar dos protestos de Kelsang, Kyoshi havia decidido há muito tempo que não se daria ao trabalho de treinar formalmente a dominação. Não parecia um problema que valesse a pena resolver naquela época. A dominação de terra era em grande parte inútil dentro de casa, especialmente sem precisão.

— Você não me disse que o inverso se aplicava — disse Jianzhu — Que você podia mover montanhas. E você estava a duzentos passos de distância do fundo do oceano! Nem eu consigo alcançar a terra a essa distância. Ou através da água.

A cabaça vazia tremeu quando Kyoshi a colocou na mesa de cabeceira.

— Juro que eu não sabia — disse ela — Nunca achei que pudesse fazer o que fiz, mas Yun estava em perigo e eu parei de pensar e então eu... Onde está Yun? Ele está bem? Onde está Kelsang?

— Não precisa se preocupar com eles — ele se inclinou para frente na cadeira, com os cotovelos nos joelhos, os dedos juntos. As roupas dele tapavam as articulações de uma forma que o fazia parecer magro e cansado. Ele ficou olhando para o chão em silêncio durante um tempo desconfortavelmente longo.

— O Reino da Terra — disse Jianzhu — está uma confusão, não acha? — Kyoshi ficou mais surpresa com seu tom do que com sua mudança de assunto aleatória.

Ele nunca tinha relaxado tanto perto dela. Ela nem imaginava que ele falasse desse jeito tão informal com Yun.

— Quer dizer, olhe pra nós —, disse ele — Temos mais de um rei. Os dialetos do Norte e do Sul são tão diferentes que estão começando a se tornar línguas separadas. Os aldeões de Yokoya vestem tanto azul quanto verde, e o povo de Si Wong mal compartilha quaisquer costumes com o resto do continente.

Kyoshi tinha ouvido Kelsang expressar admiração pela diversidade do Reino da terra em várias ocasiões. Mas talvez estivesse falando da perspectiva de um visitante. Jianzhu fez com que o Reino da Terra soasse como vários pedaços de carne que estavam costurados fechando uma ferida.

— Você sabia que a palavra *daofei* realmente não existe nas outras nações? — ele perguntou — Do outro lado do mar, eles são chamados de

criminosos. Eles têm objetivos mesquinhos, nunca alcançando muito além do enriquecimento pessoal. Mas aqui no Reino da Terra, os *daofei* encontram um nível de sucesso que sobe às cabeças deles e os fazem acreditar que são uma sociedade separada, com direito a seus próprios códigos e tradições. Eles podem tomar controle sobre o território e ter uma amostra do que é governar. Alguns deles se transformam em fanáticos espirituais, acreditando que seus saques e pilhagens estão a serviço de uma causa superior.

Jianzhu suspirou.

— É tudo porque Ba Sing Se não é uma autoridade realmente eficaz — Jianzhu continuou — O poder do Rei da Terra aumenta e diminui. Nunca chega até o fim do continente como deveria. Sabe o que está mantendo o Reino da Terra unido neste momento, no lugar dele?

Ela sabia a resposta, mas balançou a cabeça negativamente.

— Eu. — Ele não parecia orgulhoso em dizê-lo — Sou eu quem está impedindo que essa nossa nação grande e decrépita se desmanche em pó. Porque estivemos sem um Avatar há tanto tempo, que o dever recaiu sobre mim. E como eu também não tenho poder de governar como alguém de sangue nobre, tenho que trabalhar apenas criando laços de lealdade pessoal.

Ele a encarou com olhos tristes.

— Cada governador e magistrado local daqui até ao Templo do Ar do Norte me deve uma. Eu lhes dou grãos em tempos de fome; ajudo-os a recolher os impostos que pagam os salários da polícia. Ajudo-os a lidar com rebeldes.

— Meu alcance tem que se estender além do Reino da Terra também — explicou Jianzhu — Eu conheço cada dominador que poderia

devidamente se chamar de professor dos elementos em cada uma das quatro nações e quem são seus alunos mais promissores. Eu financiei escolas de dominação, torneios organizados e disputas entre estilos antes de terminarem em sangue. Qualquer mestre do mundo responderia à minha convocação.

Ela não duvidava. Ele não era um homem que se gabava. Mais de uma vez em casa ela ouviu a expressão de que a palavra de Jianzhu, sua amizade, valia mais do que o ouro dos Beifong.

Qualquer outra pessoa teria se explodido de felicidade enquanto olhava para o poder que exercia. Jianzhu simplesmente parecia cansado.

— Você não teria como saber nada disso — disse ele — Com exceção do desastre no iceberg, você nunca esteve fora do abrigo de Yokoya.

Kyoshi engoliu a vontade de lhe dizer que isso não era verdade, que ainda se lembrava dos breves vislumbres que tinha visto do mundo, há muito tempo. Mas isso significava falar dos pais dela, abrindo uma caixa completamente diferente de víboras. Só a ideia de expor essa parte dela a Jianzhu fez seu pulso acelerar.

Ele captou sua angústia e estreitou os olhos.

— Como você pode ver, Kyoshi, sem lealdade pessoal, tudo se desmorona!

Ele fez um movimento brusco de dominação em direção ao teto como se fosse para derrubá-lo em suas cabeças. Kyoshi hesitou antes de se lembrar de que o quarto era feito de madeira. Um fio de poeira vazou pelas vigas do telhado e ficou suspenso no ar, como uma nuvem acima deles.

— Considerando o que te contei — continuou — Tem alguma coisa que você queira me dizer? Sobre o que fez no gelo?

Havia alguma coisa que ela quisesse dizer ao homem que a havia tirado das ruas? Que havia uma possibilidade de ele ter cometido um erro que poderia destruir tudo aquilo pelo que ele havia trabalhado, e que a sua própria existência poderia significar um caos incalculável para a nação deles?

Não. Ela e Kelsang teriam que esperar. Encontrar provas de que ela não era o Avatar, dar a Yun o tempo que ele precisava para provar a si mesmo de forma conclusiva.

— Desculpa — disse ela — Eu realmente não estava ciente dos meus próprios limites. Entrei em pânico e me joguei o mais forte que pude. Rangi me disse que muitas vezes ela domina o fogo quando está zangada; talvez tenha sido algo assim.

Jianzhu sorriu novamente, com a expressão se calcificando em seu rosto. Ele bateu com as mãos nos joelhos e se colocou em pé.

— Sabe, — disse ele — Eu lutei contra *daofei* como Tagaka ao longo de todo o continente por tanto tempo que a única coisa que aprendi é que eles não são o verdadeiro problema. São um sintoma do que acontece quando as pessoas pensam que podem desafiar a autoridade do Avatar. Quando acham que o Avatar não tem legitimidade — ele olhou para Kyoshi — Estou feliz que há pelo menos mais uma poderosa dominadora de terra que pode lutar ao meu lado. Apesar do que disse antes, eu sou apenas uma medida paliativa. Um substituto. A responsabilidade em manter o Reino da Terra estável e em equilíbrio com as outras nações, por direito, pertence ao Avatar.

A pressão incansável de suas declarações tornou-se tão grande que Kyoshi instintivamente tentou mudar o peso para outra pessoa.

— Devia ter sido o Kuruk a lidar com os *daofei*. Não?

Jianzhu concordou.

— Se Kuruk estivesse vivo hoje, estaria no auge dos seus poderes. Eu me culpo pela morte dele. Suas más escolhas foram culpa minha.

— Como assim?

— Porque a pessoa que tem a maior responsabilidade para com o mundo, depois do Avatar, é aquela que influencia a maneira como o Avatar pensa. Ensinei Dominação de Terra ao Kuruk, mas não lhe ensinei sabedoria. Creio que o mundo ainda está pagando pelo meu erro em relação a isso.

Jianzhu parou pela porta quando saiu.

— Yun está no fim do corredor. Kelsang à frente dele. Mas você deveria descansar mais. Eu odiaria te ver mal.



Kyoshi esperou até que ele fosse embora, tempo suficiente para ele sair da enfermaria completamente. Então, ela saiu da cama. Correu pelo corredor, sacudindo o chão de tábuas e, após um momento frenético de hesitação, entrou no quarto do Avatar primeiro.

Yun estava sentado numa cadeira ao lado de uma banheira de cobre com a manga direita enrolada até o ombro. O braço dele repousava na água fervente. Rangi estava atrás dele, encostada no parapeito da janela, olhando para o canto mais distante.

— Continuo dizendo aos curandeiros que não tenho queimaduras de frio — disse Yun — Isso deve ter assustado eles — ele levantou a mão

gotejante. Ainda estava manchada com tinta preta, dando-lhe uma aparência pálida e necrótica. Yun pegou um bule de água quente do chão e derramou-o cuidadosamente no banho para manter a temperatura. Ele enfiou a mão debaixo da superfície e a girou.

O primeiro instinto de Kyoshi foi correr até eles e abraçá-los alegremente, para agradecer aos espíritos por estarem vivos. Ver um pouco dessa felicidade refletida de volta em seus olhos. Os três tinham chegado em casa, seguros, juntos.

Mas as mentes de Yun e Rangi pareciam ainda estar flutuando em algum lugar no Oceano Antártico. Vazias e distraídas.

— O que aconteceu? — Kyoshi perguntou — Estão todos bem? Kelsang está muito ferido?

Yun fez sinal de silêncio com a mão seca.

— O Mestre Kelsang está dormindo, então temos que falar baixo.

Como se ela fosse o maior prejuízo para a saúde da Kelsang neste momento.

— Tudo bem — resmungou — Agora vão me dizer o que aconteceu?

— Perdemos muitos guardas — disse Yun, seu rosto mudando com a dor — Os dominadores de água escondidos por Tagaka lançaram uma avalanche sobre eles. Rangi e Hei-Ran conseguiram salvar alguns queimando através do iceberg depois que ele afinou.

Rangi não se moveu à menção de seu nome. Ela se recusou a levantar a cabeça, quanto mais a falar.

— Elas me libertaram e, entre nós, conseguimos derrubar Tagaka — Yun continuou — Perder seus navios e ver sua líder derrotada foi demais para o resto das forças da Quinta Nação, e eles fugiram. Você tinha que ter visto. Piratas agarrados aos destroços enquanto os dominadores de água os empurravam. A perda de dignidade deve ter doído mais do que as rochas que caíram.

— O que aconteceu com Tagaka? — perguntou Kyoshi.

— Ela está na cela de uma caravana do Reino da Terra em direção à capital, onde será levada para as prisões no Lago Laogai — respondeu Yun — Eu não sei o que eles vão fazer quanto ao lago, já que ela consegue dominar a água daquele jeito, mas eu tenho que assumir que pelo menos alguém na administração do Rei da Terra tem um plano. Enquanto isso, a Quinta Nação deixou de existir.

Ao perceber seu olhar confuso, Yun esboçou exatamente o mesmo sorriso forçado que seu mestre fizera alguns minutos antes.

— Seus navios foram danificados sem ter como consertar —, explicou — A própria Tagaka disse: seu poder está em sua frota. Depois do que você fez, será quase impossível para os seus sucessores a reconstruírem. Eles já não representam mais uma ameaça para o Reino da Terra.

Kyoshi supôs que isso fosse verdade, e que ficaria feliz em ouvir isso. Mas a vitória soou oca.

— E os prisioneiros?

— Jianzhu pegou um dos tenentes e o interrogou sobre a localização deles — respondeu Yun — A Hei-Ran mexeu alguns pauzinhos - quer dizer, foi mais como um tronco inteiro - e agora a Marinha de Fogo está montando uma operação de resgate em um ato de boa vontade. Será a primeira vez

que lhes será permitido voar com cores militares no Mar do Leste desde o reinado do vigésimo segundo Rei da Terra.

Ele estava dando a ela algumas respostas, nada mais que isso. Nada de emocionante que a fizesse roer as unhas. Ele não a queria lá como uma confidente? Alguém que ficaria admirado com os seus sucessos?

— Yun, você conseguiu! — disse ela, esperando lembrá-lo. Em seu desespero, ela pegou emprestada uma fala da voz imaginária que falara com ela no gelo — As pessoas vão falar sobre isso durante séculos! Avatar Yun, que salvou aldeias inteiras! Avatar Yun, que enfrentou a Rainha Pirata do Oceano do Sul! Foi o Avatar Yun que...

— Kyoshi, pare! — gritou Rangi — Chega!

— Parar o quê? — Kyoshi exclamou, sentindo-se quase doente de frustração.

— Pare de fingir que está tudo igual — disse Rangi — Sabemos o que você e o Kelsang estavam escondendo de nós!



O chão se abriu aos pés de Kyoshi. O solo firme se tornou líquido. Ficou grata quando Rangi marchou até ela e apontou o dedo em seu peito. Deu-lhe um ponto para se estabilizar.

— Como você pôde esconder isso de nós? — A dominadora de fogo gritou na cara dela — Foi engraçado para você? Nos fazer de idiotas? Saber que há uma chance de que todas as nossas vidas sejam uma grande mentira?

Kyoshi não conseguia pensar. Estava enfraquecida.

— Eu não... Não foi ...

O dedo de Rangi começou a aquecer e sair fumaça.

— Qual era o seu objetivo? Estava tentando desacreditizar o Yun? Jianzhu, talvez? Você tem algum desejo secreto distorcido de ver o mundo desmoronar?

A queimadura atingiu a pele dela. Ela não se afastou. Talvez ela merecesse aquilo, um buraco no peito.

— Me responda! — gritou Rangi — Me responda, sua... Sua...

Kyoshi fechou os olhos, espremeu suas lágrimas, e se preparou para o golpe. Não houve nenhum. Rangi recuou, espantada, cobrindo sua boca com as mãos, percebendo o que estava fazendo, e então passou por Kyoshi e saiu pela porta.

A sala balançou para frente e para trás, ameaçando derrubar Kyoshi. Yun se levantou, movendo-se pelo chão com facilidade. Ele chegou mais perto, seus lábios se separaram ligeiramente. Ela pensou que ele ia sussurrar algo tranquilizador em seu ouvido.

E então, ele se afastou. Deslizou para a direita, criando um espaço vazio entre eles, tão impenetrável quanto aço.



Ela tinha mais uma parada para fazer.

Kelsang estava à sua espera, sentado na cama. Havia uma tigela de sopa de algas na cabeceira e um remédio para a perda de sangue. Sua pele estava mais pálida do que os curativos enfaixados em seu torso. Até o azul de suas flechas parecia desvanecido.

— Nós te acordamos. — Kyoshi ficou surpresa com o quão dura sua voz estava. Ela deveria estar aliviada por ele não estar morto, e em vez disso, estava mais furiosa ainda — Você precisa descansar.

— Me desculpe — disse ele — Tive que contar a eles.

— Teve?

— O que eu disse sobre Yun ter a maior chance de ser o Avatar não é mais verdade. Não depois do que o que você fez no iceberg. — Kelsang passou a mão por cima da cabeça raspada, sentindo seu cabelo fantasma — Você dormiu por quase três dias, Kyoshi. Pensei que seu espírito tinha deixado o corpo. Não tinha mais como fingir.

Algo delicado dentro dela explodiu ao ouvir "fingir". As pessoas mais próximas a ela estavam de repente chamando os anos que passaram juntos de falsos, imaginários. Um prelúdio inventado para uma realidade diferente e mais importante.

— Você quer dizer que *voce* não podia esperar mais para fazer sua jogada! — ela exclamou, incapaz de controlar sua bile — Você queria ensinar um Avatar que dependesse de você mais do que do Jianzhu, e você perdeu sua chance com Yun. É isso que eu sou pra você. Uma segunda chance.

Kelsang desviou o olhar e se encostou na almofada.

— O tempo em que qualquer um de nós poderia ter o que queríamos se foi há anos.



MEDIDAS DESESPERADAS



SE ELA PRECISAVA de provas de que as coisas estavam diferentes agora, a comida era o suficiente.

Em dias que Kyoshi tinha tempo para tomar café, ela normalmente se servia de uma tigela de *jook* da panela compartilhada que fervia na cozinha, acompanhada de quaisquer restos secos da mesa do andar de cima que a Tia Mui tivesse julgado adequado salvar da noite anterior. Hoje, outra serviçal a surpreendera do lado de fora de sua porta, levando-a para uma das salas de jantar reservadas para convidados.

A sala em que ela ficou sozinha era tão grande e espaçosa que beber seu chá fazia eco. Sobre a grande mesa de jacarandá, havia uma diversidade tão grande de pratos cozidos, salgados e fritos que ela pensou que não podiam ser somente para uma pessoa, deviam estar errados

Não estavam. Sem saber qual das crianças sob seu teto era o Avatar, parecia que Jianzhu havia decretado que Kyoshi seria alimentada como uma nobre até que ele descobrisse. Ela tentou aceitar sua generosidade, mas uma pequena mordida de cada prato artisticamente montado era tudo que ela aguentava comer com seu arroz. Inclusive, notou com desgosto que a alga temperada em conserva que ela mesma havia trazido para a casa agora estava ajeitada sobre um pires esmaltado.

Sua serviçal voltou para a sala.

— A senhora terminou? — ela perguntou, com a cabeça curvada.

— Rin, eu fui na sua festa de aniversário. — disse Kyoshi — Eu te dei esse pente que você está usando.

A garota encolheu os ombros.

— Você não tem mais que aparecer para trabalhar. O Mestre Jianzhu quer você no campo de treinamento em uma hora.

— Mas o que eu devo fazer até lá?

— O que a senhora desejar.

Kyoshi saiu desconcertada da sala, como se ela tivesse levado um golpe na cabeça. *Lazer?* Que tipo de animal era aquele?

Ela não queria que ninguém a visse pela casa. “*Oh, aqui está Kyoshi, observando as flores. Lá vai ela, refletir sobre a nova caligrafia dos Templos de Ar.*” A ideia de estar sendo exibida a horrorizou. Na ausência de uma opção melhor, correu para a biblioteca, onde havia falado com Kelsang, e trancou a porta atrás de si. Ela se escondeu lá, sozinha com seu medo, até a hora marcada chegar.



A extensão plana de pedra do campo de treinamento era tão desconhecida para Kyoshi quanto a caldeira de um vulcão da Nação do Fogo. Seus deveres nunca a haviam levado até ali. Jianzhu esperava por ela no meio do pátio como um espantalho monitorando uma plantação.

— Não se preocupe mais com isso. — ele disse enquanto ela se curvava como uma serviçal — Venha comigo.

Ele a conduziu para um dos quartos ao lado, um closet cujo conteúdo havia sido esvaziado. Bonecos de palha e discos de Dominação de Terra haviam sido jogados sem cuidado do lado de fora, irritando seu senso de organização. No interior, Hei-Ran esperava por eles.

— Kyoshi. — ela disse com um sorriso caloroso — Obrigada por nos animar. Eu sei que os últimos dias foram difíceis.

Kyoshi sentiu como se o constrangimento nunca fosse passar. Apesar de sua amizade com Rangi, ela e a diretora eram mais distantes do que ela e Jianzhu. Hei-Ran estava agindo mais amigavelmente do que ela esperava. Mas ela olhou para baixo e notou que a mulher havia andado sobre a poeira do chão, deixando trilhas. Rangi costumava fazer isso quando estava triste.

— Eu vou ajudar de qualquer forma que eu puder. — Kyoshi disse com sua garganta ficando seca de repente. Suas amígdalas grudaram na parte de trás de sua língua, fazendo com que suas palavras ficassem presas em sua boca.

A ASCENSÃO DE KYOSHI

— Me desculpem, fui eu que fiz isso. — Hei-Ran explicou, com uma risada gentil — Eu sequei o ar da sala para um exercício. Por favor, sente-se.

Havia duas almofadas de seda no chão, emprestadas da sala de meditação. Kyoshi ficou horrorizada com tanta elegância jogada no chão, mas tomou uma posição em frente a Hei-Ran de qualquer maneira. Ela estava bem ciente de Jianzhu em pé atrás dela, observando como uma ave de rapina.

— Realizamos esse teste em recém-nascidos da Nação do Fogo para vermos se eles conseguem dominar fogo — explicou Hei-Ran — Precisamos saber cedo sobre nossas crianças, ou elas podem incendiar toda a vizinhança.

Foi uma piada, mas deixou Kyoshi mais nervosa.

— O que eu tenho que fazer?

— Muito pouco. — Hei-Ran mexeu em uma bolsa e tirou o que parecia ser uma bolinha de estopa — Isso é casca de bétula desfiada e algodão misturado com óleos especiais. — Ela afofou o material com os dedos até ele ficar parecido com uma nuvem — Você só precisa respirar e sentir seu calor interior. Se a estopa acender, você é uma dominadora de fogo.

“E, portanto, o Avatar.”

— Você tem certeza de que isso vai funcionar?

Hei-Ran levantou uma sobrancelha.

— Recém-nascidos, Kyoshi. É essencialmente impossível um dominador de fogo não dar sinal nenhum com esse teste. Agora silêncio. Eu preciso chegar um pouco mais perto de você.

Ela segurou a estopa sob o nariz de Kyoshi como se ela estivesse tentando revivê-la com sais aromáticos.

— Relaxe e respire Kyoshi. Não ponha esforço nisso. Seu fogo natural, sua fonte de vida, é suficiente. Respire.

Kyoshi tentou fazer como ela disse. Ela podia sentir os fios de algodão fazer cócegas em seus lábios. Ela respirou fundo, de novo e de novo.

— Eu vou ajudar você. — disse Hei-Ran após dois minutos sem resultado. O ar ao redor deles ficou mais quente, muito mais quente. Gotas de suor escorreram pelo rosto de Kyoshi, secando antes de chegarem ao queixo. Ela estava com muita sede de novo.

— Só uma pequena faísca... — agora Hei-Ran soava como se estivesse implorando — Eu fiz a maior parte do trabalho. Solte. Um pequeno empurrão. É tudo que estou pedindo. Só uma ajudinha.

Kyoshi tentou por mais dez minutos antes de desmoronar, tossindo seco.

Hei-Ran amassou a estopa em seu punho. Uma nuvem de fumaça saiu por entre seus dedos.

— Crianças e bebês levam no máximo alguns segundos sob estas condições. — ela disse para Jianzhu. Sua voz era ilegível.

Kyoshi olhou para os dois mestres.

— Eu não entendo. — ela disse — Yun não passou por esse teste?

Jianzhu não respondeu. Ele se virou e saiu do quarto, batendo o punho no rodapé. Os discos de Dominação de Terra empilhados ao lado da porta explodiram em poeira.



Alguém vira Kyoshi saindo e entrando em seu esconderijo na biblioteca secundária e a delatara. Não havia outro jeito de Yun encontrá-la, agachada ao lado de uma caixa de remédios com mais de uma centena de pequenas gavetas, cada uma delas esculpida com o nome de uma erva ou tintura diferente.

Yun sentou-se no chão em frente a ela, inclinando suas costas contra a parede. Ele examinou os rótulos ao lado de sua cabeça.

— Parece que muitas dessas são curas para calvície. — ele comentou

Apesar de seu estado, Kyoshi riu de leve.

Yun puxou uma mecha de seu próprio cabelo castanho, talvez pensando no dia em que ele teria que se juntar aos Nômades do Ar do Templo do Sul ou do Templo do Norte para treinar a Dominação de Ar. Eles não o forçariam a raspar o cabelo, mas ela sabia que ele gostava de honrar as tradições das outras pessoas. Ele ficaria bonito da mesma forma.

“Mas até aí, talvez ele nunca tenha a chance”, pensou Kyoshi, miseravelmente. Talvez a oportunidade fosse roubada dele, por alguém que morava em sua casa, sob o disfarce de amigo.

Ele pareceu perceber sua onda de ódio por si mesma.

— Kyoshi, sinto muito — ele disse — Eu sei que você nunca quis que isso acontecesse.

— Rangi não pensa assim — dizer isso alto a fez se sentir ingrata pelas desculpas. Ela podia contar com a natureza fácil e a incapacidade de Yun de guardar rancor. Mas se Rangi realmente acreditava que Kyoshi tinha errado, então não havia esperança.

Estava claro. Kyoshi precisava de ambos para se sentir inteira. Ela queria que seu par de amigos voltasse ao seu lugar original, antes que o terremoto tivesse derrubado tudo da prateleira. Esse estado de não-saber em que estavam presos era um plano de castigo espiritual, separando-os de suas vidas antigas como uma camada de gelo sobre um lago.

— Rangi vai entender eventualmente — disse Yun — Ela é uma pessoa de fé, sabe? Uma crente de verdade. É difícil para a alguém como ela lidar com incerteza. Você tem que ser um pouco paciente com ela.

Ele percebeu como estava agindo e contorceu os lábios.

— O que foi? — perguntou Kyoshi.

— Nada, eu só estava agindo como o Sifu por um segundo. — O sorriso desapareceu de seu rosto. Yun colocou a parte de trás da cabeça contra a parede ao pensar em Jianzhu — É com ele que estou realmente preocupado.

Aquilo parecia invertido. O aluno preocupado com o mal-estar do professor.

— Eu não percebi isso quando conheci o Sifu, mas determinar por quem e como o Avatar deveria ser treinado é um negócio cruel — ele continuou — Você acha que os mestres do mundo são esses velhos e velhas benevolentes e altruístas. Mas acontece que alguns deles simplesmente querem usar o poder e a reputação do Avatar para lucrar.

Jianzhu havia lhe dito algo semelhante na enfermaria, que quem ensina o Avatar tem uma enorme influência sobre o mundo. Kyoshi lamentou o que ela dissera a Kelsang no dia anterior. Ele poderia ter seus motivos para querer que ela fosse um Avatar, mas o ganho material certamente não era um deles.

— É especialmente ruim no Reino da Terra. — continuou Yun — Chamamos os anciões proeminentes de "sábios", mas eles não são verdadeiros líderes espirituais, como na Nação do Fogo. Eles estão mais próximos de funcionários poderosos, com toda a política que fazem. — Ele levantou as mãos, comparando a limpa com a manchada de tinta durante a batalha com Tagaka. A cor ainda não tinha desaparecido de sua pele — Mas, em parte, é por isso que o Sifu e eu trabalhamos tanto. Quanto mais benevolentes formos nas Quatro Nações, menos chance de outro sábio tentar me tirar dele. Eu não acho que eu poderia lidar com um mestre diferente. Eles nunca seriam tão sábios ou tão dedicados quanto o Sifu.

Kyoshi olhou para suas mãos escuras e se perguntou se ela poderia segurá-lo e esfregar a tinta de sua pele.

— O que aconteceria com o trabalho que você tem feito se... se... — ela não conseguia terminar em voz alta.. "*Se não fosse você? Se fosse eu?*"

Yun respirou fundo, agoniado.

— Eu acho que quase todos os tratados e acordos de paz que Sifu e eu intermediamos se tornariam nulos e sem efeito. Eu fiz muitos julgamentos não escritos também. Se as pessoas descobrissem que não foi o Avatar que presidiu a disputa, mas apenas algum moleque de rua de Makapu, eles nunca respeitariam os acordos.

"*Ab, ótimo*", Kyoshi pensou. Ela poderia ser responsável pela quebra da lei e da ordem pelo mundo e pela separação de Yun do seu professor.

Essa era a pior perspectiva de todas. Desde que ela o conheceu, Yun se recusara a falar sobre suas relações de sangue. Mas a maneira reverente como ele olhava para Jianzhu, apesar de quaisquer discussões ou ataques de disciplina severa, deixava muito claro: ele não tinha mais ninguém. Jianzhu era seu mentor e sua família.

Kyoshi sabia o que era se afundar sozinha no escuro, agarrando-se a bordas que estavam muito longe, sem uma mãe ou pai para estender a mão e puxar você para a segurança. A dor de não ter valor para ninguém, nada para trocar por comida ou calor ou um abraço carinhoso. Talvez fosse por isso que ela e Yun se davam bem tão bem.

Onde eles se diferenciavam, porém, era há quanto tempo se afundavam em tristeza. Yun cheirou o ar e seu olhar vagou até pousar em uma tigela de porcelana descansando em cima do baú. Estava cheio de pétalas de flores secas e aparas de cedro.

— Aqueles são... *lírios-de-fogo*? — perguntou. Um sorriso amplo de reconhecimento cresceu em seu rosto.

Kyoshi corou como uma beterraba vermelha.

— Pare com isso. — ela pediu.

— Isso mesmo. O ministro de turismo da Ilha Ember trouxe alguns quando ele nos visitou duas semanas atrás. Eu não consigo acreditar que você simplesmente rasga as flores quando elas secam. Eu achei que nada era desperdiçado nessa casa.

— Pare com isso! — Kyoshi exclamou. Mas era muito difícil impedir que os cantos de seus lábios se curvassem para cima.

— Parar com isso? — Ele perguntou, apreciando a reação dela — Eu só estou comentando sobre uma fragrância que eu particularmente comecei a gostar.

Essa era uma piada interna que só os dois compartilhavam. Rangi não sabia. Ela não estava lá na sala de presentes oito meses atrás, enquanto Kyoshi organizava uma grande quantidade de lírios enviados por um almirante da Marinha do Fogo, um dos amigos de Hei-Ran.

Yun passara a tarde vendo Kyoshi trabalhar. Mesmo sabendo que era errado, ela permitiu que ele deitasse no chão e descansasse a cabeça no colo dela enquanto ela arrancava folhas deformadas e aparava caules no comprimento certo. Se alguém pegasse os dois assim, haveria um escândalo do qual nem o Avatar se recuperaria.

Naquele dia, ela ficara encantada pelas feições de Yun cheias de pétalas de flores que ela havia acidentalmente espalhado por seu rosto, que quase se debruçara e o beijara. E ele sabia disso. Porque ele quase a alcançou e a beijou.

Eles nunca falaram sobre isso, o impulso compartilhado que quase derrubou ambos de suas carruagens. Era muito... Bem, *cada um tinha seus deveres*, era um bom jeito de se colocar isso. Aquele momento não se encaixava em qualquer uma de suas responsabilidades.

Mas desde então, sempre que os dois estavam na presença de lírios-de-fogo, os olhos de Yun se dirigiam para as flores repetidamente até Kyoshi notar. Ela tentaria, sem sucesso, manter uma expressão séria, enquanto o calor coloria seu pescoço, e ele suspiraria como se lamentasse o que poderia ter acontecido.

Hoje não foi diferente. Com um rubor melancólico em suas próprias bochechas, Yun olhou para ela até que suas defesas quebrassem e ela soltou uma pequena risada pelo nariz.

— Aqui está aquele sorriso bonito! — Yun pressionou os calcanhares no chão, deslizou contra a parede e endireitou sua camisa amarrotada — Kyoshi, confie em mim quando eu digo isso: se acontecer de não ser eu, eu vou ficar contente de ser você.

Ele poderia ser a única pessoa no mundo que pensaria assim. Kyoshi deveria se maravilhar com a tolerância dele. Seus medos eram infundados — Yun ainda poderia olhar para ela e ver uma amiga e não uma usurpadora. Ela deveria ter acreditado mais nele.

— Estamos atrasados — anunciou Yun — Era para eu te encontrar e levar para o Sifu. Ele disse que tem algo divertido planejado para nós essa tarde.

— Eu não posso — ela disse, por força do hábito — Eu tenho trabalho.

Ele ergueu as sobrancelhas para ela.

— Sem ofensa Kyoshi, mas eu acho que você foi praticamente demitida. Agora levanta seu traseiro de possível Avatar e vamos. Vamos viajar.



○ ESPÍRITO ○



- **MESTRE KELSANG** vai precisar de mais alguns dias até se recuperar totalmente. — Jianzhu disse por cima dos ombros — Então, nesse meio tempo, nós iremos realizar um exercício espiritual para, quem sabe, conseguir esclarecer um pouco toda essa nossa situação. Pensem nisso como uma pequena excursão “só para dominadores de terra”.

Ele ajustou Pengpeng no curso correto, e agora a brisa balançava os tufo de pelo do bisão em um novo sentido. O grupo consistia na combinação inusitada de Jianzhu, Yun e Kyoshi. Eles haviam pego o bisão de Kelsang emprestado, deixando Rangí e Hei-Ran para trás. Não parecia haver nada de errado no fato de três cidadãos do Reino da Terra ligados por sua nacionalidade comum saírem em excursão. Mas Kyoshi não estava muito confiante sobre isso. Sem Rangí ou Hei-Ran por perto, a impressão

que tinha era de que eles estavam fugindo em segredo para fazer algo proibido.

Ela olhou o terreno abaixo. Se não estivesse enganada, estavam sobrevoando algum lugar próximo às Montanhas Xishaan, que se estendiam pela costa sudeste do continente. As mesmas montanhas que, erroneamente, o Rei da Terra considerava uma barreira suficiente para conter ameaças marítimas, como a dos piratas do Mar do Leste.

Kyoshi ainda não se sentia totalmente à vontade para se dirigir a Jianzhu de um modo mais informal, então recaiu sobre Yun a tarefa de perguntar qual o objetivo da viagem.

— Sifu, — ele chamou com cautela; uma ideia ia lhe ocorrendo na cabeça. — a razão de estarmos indo para um lugar assim tão remoto é porque vamos tentar invocar o Estado Avatar?

— Não seja ridículo! — zombou o mestre.

— O que é esse Estado Avatar? — Kyoshi sussurrou a Yun, mas os ouvidos afiados de Jianzhu interceptaram a pergunta.

— É uma ferramenta, — disse — um mecanismo de defesa. Um estado elevadíssimo que dá ao atual Avatar acesso às habilidades e sabedoria de todas as suas vidas passadas. Ele permite que se evoque uma imensa quantidade de energia cósmica e que proezas de dominação quase impossíveis sejam realizadas.

Parecia ser algo bastante categórico. Por que então o receio de tentarem algo assim, depois de todos os fracassos que já haviam tido na busca pelo Avatar?

— Mas, se a pessoa não conseguir manter um domínio consciente sobre todo esse poder, — Jianzhu continuou — então pode perder o

controle e causar estragos enormes. Ela se transformaria em uma espécie de desastre humano-natural pela ação dos elementos. Lembro que, na primeira vez em que Kuruk tentou entrar em Estado Avatar, fomos a uma pequena ilha deserta, para que ninguém se machucasse.

— E o que aconteceu? — Yun perguntou.

— Bom, quando seus olhos pararam de brilhar, e depois que ele desceu flutuando a uns seis metros do chão numa esfera de água, basicamente não havia mais uma ilha no lugar. Eu e os outros nos salvamos por muito pouco. Então não. Não vamos induzir o Estado Avatar. Me apavoro só de imaginar o que aconteceria se um Avatar da Terra começasse a arremessar rochas por todos os lados sem controle.

Eles estavam descendo agora. No lado oeste da cordilheira viam-se vários acampamentos de mineração vazios. Trechos de terra marrom invadiam a linha das árvores, alterando a paisagem natural. Kyoshi procurou por sinais que atestassem uma recuperação da floresta, mas as cicatrizes eram permanentes. A relva silvestre formava uma espécie de cordão firme ao redor das áreas invadidas pelos mineradores.

Jianzhu pousou Pengpeng no meio de uma aldeia cercada por um muro de barro precário. Quem quer que tenha dominado a terra para erguer aquilo tinha sido tão desleixado que seu estado parecia proposital, como se fosse um lembrete aos habitantes de que aquela morada era apenas provisória. Kyoshi ficou surpresa ao ver que o muro não cedeu quando desceram do bisão.

— Esse lugar possui uma concentração importante de energia espiritual ligada à Terra. — afirmou Jianzhu.

Yun enfiou o dedo do pé no solo, a fim de examinar os arredores do lugar.

— Parece mais um terreno baldio.

— E é também. Viemos aqui para comungar com um espírito que foi despertado de seu sono pela devastação na floresta. Vamos ver se algum de vocês pode ajudá-lo a aliviar seu sofrimento.

— Mas falar com os espíritos não é garantia de nada. — Yun se adiantou. — Eu já li sobre Avatares passados que tinham problemas com isso. E, depois, há pessoas normais que se comunicam com os espíritos sem muitas dificuldades, como o Mestre Kelsang, por exemplo.

— Eu não estou dizendo que esse é um método perfeito. — Jianzhu retrucou. — Se fosse, já teria usado em você há muito tempo.

Yun franziu o cenho e preferiu não fazer mais perguntas. Kyoshi ficou aliviada ao ver que ele ao menos compartilhava de sua apreensão. A cidade abandonada era apavorante. Se assemelhava à carcaça de algo que um dia já teve vida.

Por outro lado, saber que tudo se resolveria logo lhe trazia alguma tranquilidade, afinal, ela nunca havia tido contato com algo espiritual. Na sua opinião, “espiritual” se restringia apenas a reconhecer a ação de forças que não podemos ver e compreender que não temos completo controle sobre todos os aspectos de nossas vidas. Todos aqueles rituais com incenso ou cestos de frutas deixados em templos sagrados eram apenas gestos que iam nessa direção. Nada mais, ou nada menos do que isso.

As histórias que ouvia sobre estranhos animais translúcidos ou plantas falantes podiam até ser verdade, mas não para ela. O Avatar era a ponte entre o Mundo Material e o Mundo Espiritual, e qualquer teste que Jianzhu tivesse em mente resolveria a questão. Yun iria brilhar com a energia cósmica, ou qualquer coisa do tipo, e ela permaneceria ali, inerte, incapaz de ouvir os sons que só o Avatar podia escutar.

Depois de deixar um pouco de aveia seca para Pengpeng mascar, eles subiram a encosta da montanha por uma pequena trilha que se estendia ao lado de um canal com eclusas. Era um caminho íngreme, e logo ocorreu a Yun que havia um jeito mais fácil de fazer a subida.

— O senhor sabe que eu poderia simplesmente nos içar com-

— Não — Jianzhu interrompeu.

Depois de algum tempo de escalada, um grande pátio cravado na montanha se revelou para eles. Era maior do que toda a vila abaixo, e fora construído com muito mais zelo. O terreno estava perfeitamente nivelado, e algumas marcas no solo indicavam que, em outros tempos, algum equipamento muito pesado havia ficado ali.

— Sentem-se no centro — orientou Jianzhu.

Kyoshi sentiu o mesmo arrepio na nuca que sentira quando pisara no iceberg de Tagaka. Isso não fazia o menor sentido, já que estava agora rodeada por seu elemento original.

— Vamos lá. — Yun disse a ela. — Vamos acabar logo com isso.

O garoto parecia ter mais clareza sobre o que iria acontecer ali, e ela o seguiu até o centro do terraço.

— Não estamos no solstício, mas o sol logo irá se pôr — Jianzhu explicou — E é no crepúsculo que há uma maior atividade espiritual. Então eu vou guiá-los em uma meditação. Yun, ajude a Kyoshi caso ela precise.

Kyoshi nunca havia meditado antes. Ela não sabia, por exemplo, qual perna deveria colocar por cima da outra, ou como as mãos deveriam ficar. Tinha que juntar os punhos, ou eram os polegares que tocavam os indicadores?

— Você tem que... é basicamente isso mesmo. — Yun disse a ela depois que se sentaram — Mantenha seu cóccix um pouco mais para dentro e não curve os ombros.

Ele tinha se sentado de frente para ela, posicionando-se não muito longe. Se estivessem em outra situação, ela estenderia o braço e lhe daria um cutucão.

Jianzhu armou um pequeno braseiro no meio deles e pôs ali uma vara de incenso.

— Alguma ajudinha aqui para acender isso com dominação de fogo?

Os dois o encararam sem expressão.

— Bom, não custa nada tentar, não é? — ele então riscou um precioso fósforo de enxofre e dirigiu-se até a beira do terraço, posicionando-se imóvel, como o ponteiro de um relógio solar. O ar assumiu um aroma adocicado, com tons de alguma erva medicinal.

— Vocês dois, fechem os olhos e não abram. — Jianzhu ordenou. — Liberem suas energias. Deixem quem fluam dos seus corpos. Nossa intenção é fazer com que o espírito “prove um pouco dela”. Então ele saberá que é seguro vir até nós.

Kyoshi não tinha ideia de como controlar sua energia, mas, se Jianzhu a havia orientado a abandonar a noção de que era preciso se conter, e que parasse de negar o espaço que ela de fato ocupava, e que se permitisse crescer ao seu tamanho real...

A sensação era *deslumbrante*.

Quando soltou o ar de seus pulmões, parecia não ter mais fim. Era como se viesse de um reservatório que não se esgotava de dentro dela. Seu

senso de equilíbrio a abandonou por um momento, a terra a puxava por todos os lados, e ela vacilou com a própria inércia do seu corpo. Suas pálpebras cobriam apenas o vazio.

Um barulho áspero ecoou da montanha. Lembrava o ruído produzido pelo atrito de pedras de moagem.

— Não abram os olhos. — Jianzhu falou com delicadeza — Apenas escutem os sons ao redor, sintam os aromas, apreciem tudo naturalmente e depois deixem que sigam seu fluxo. Sem abrir os olhos.

A brisa soprava um pouco mais forte agora, dispersando a fumaça do incenso. No momento em que o vento parecia se acalmar, Kyoshi imaginou ter sentido o cheiro de algo úmido, como de algum fungo. O curioso é que a sensação que lhe consumia não era de repulsa, mas sim de algo... familiar.

“Familiar para quem?”, pensou e riu silenciosamente, ao passo que o incenso voltava a perfumar o ar.

— Sabe o que seria engraçado? — perguntou ela — Se não fosse... você sabe... nenhum de nós dois.

— Kyoshi — Yun chamou. Sua voz soou arrastada. — Eu preciso te dizer... algo muito importante... Eu e você...

Ela tentou dizer algo também, mas teve medo de ser repreendida. Só então notou que o Mestre ainda não os tinha mandado se calar, e isso era estranho, afinal, Jianzhu era o verdadeiro “Senhor Cale-a-Boca”. Teria acontecido alguma coisa? Ela tinha de checar se estava tudo bem. Era seu dever como membro da mansão de Yokoya. Então desobedeceu a orientação e espiou.

Yun meditava tranquilamente. Teria mesmo falado com ela ou aquilo fora apenas produto da sua imaginação? Tentou olhar na direção de Jianzhu, mas voltou-se para o lado errado, dando para a montanha.

Ali, um buraco havia sido aberto na rocha, um túnel completamente escuro. Em suas profundezas, um grande olho brilhante a observava.



Seu grito ficou preso na garganta. Ela tentou se mover, mas os músculos não respondiam aos comandos. Era como se suas articulações tivessem se rompido. Como se nada mais estivesse ligado.

O olho que flutuava na montanha media aproximadamente o mesmo que uma roda de carroça, e possuía uma tonalidade medonha que beirava o verde. Atrás dele, um emaranhado de veias pulsantes agarrava-o com firmeza, dando-lhe uma aparência de fúria. Parecia que, a qualquer momento, a esfera se romperia sob a pressão que ela mesma fazia.

O ser virou-se para olhá-la melhor. A luta inútil de Kyoshi contra seu próprio corpo chamou sua atenção.

“*Yun!*”, sua mente clamou, mas o garoto não se movia. Ele agora respirava devagar e com certa dificuldade. Já Jianzhu não parecia se incomodar muito com o espírito horripilante que estava diante deles.

— Chefe Vagalume. — saudou.

Então, uma voz suave e cordial veio da montanha, ampliada pelo eco produzido pelas paredes do túnel:

— Arquiteto! Há quanto tempo! — o olho se lançou para o meio dos três — O que você me trouxe desta vez?

— Uma pergunta.

O espírito soltou um suspiro, na verdade era mais um zumbido baixo e nauseante que Kyoshi sentiu em seus ossos.

— Aquele tagarela convencido do Koh. Por causa dele agora todo humano acha que pode se dirigir aos espíritos mais antigos e sábios e exigir de nós alguma resposta. Pensei que você tivesse mais respeito, Arquiteto.

— Desculpe, mas esta não é uma dúvida trivial — Jianzhu falou com firmeza — Uma dessas crianças é o Avatar, e preciso que você me diga qual.

O espírito riu, e foi possível sentir a terra estremecer.

— Incrível! O mundo físico deve estar mesmo em péssimas condições. Você sabe que precisarei do sangue deles, não é?

Kyoshi tentou se mexer novamente, mas o que quer que Jianzhu tivesse usado para drogá-los fez com que seu esforço se resumisse a pequenos espasmos e seus gritos, meros soluços. Naquele instante os olhos de Yun se abriram um pouco.

— Sei sim — Jianzhu respondeu. — Eu li os diários do Kuruk. Tantas vidas passadas do Avatar já cruzaram seu caminho que resolvi recorrer ao julgamento infalível de um grande espírito ancestral como você.

Um tapete de musgo irrompeu do túnel e começou a se espalhar pelo terraço. Tinha o mesmo tom verde bolorento do espírito-olho e alcançou Kyoshi e Yun por meio de tentáculos. As vinhas se avolumavam sobre eles como as sombras de dedos projetados em uma cortina. Do chão de pedra vinha um barulho de algo sendo arrastado. Era a fricção de coisas pequeninas misturadas a toda aquela confusão úmida de raízes e folhas — o musgo estava repleto de dentes humanos.

Kyoshi estava tão apavorada que desejou morrer ali mesmo. Seu coração, seus pulmões e seu estômago se converteram em verdadeiros instrumentos de tortura, se abocanhando e se debatendo dentro de si como animais selvagens. Queria abraçar o vazio. Caminhar para o fim. Qualquer coisa que encerrasse todo esse terror. No instante em que o musgo tocou seu joelho, Yun abriu os olhos.

Reunindo todas as forças que conseguiu encontrar, Yun se jogou contra Kyoshi e empurrou a amiga para longe, ficando entre ela e o espírito. Ele não conseguiu conter um soluço de surpresa quando o musgo se lançou por debaixo de suas roupas, e o atingiu. Logo em seguida, uma mancha avermelhada brotou no dorso de sua camisa.

Kyoshi estava agora ao lado do braseiro de incenso. Mesmo achando que seria pouco comparado ao que Yun acabara de fazer, decidiu agir. Ela gritou (e todo o seu corpo a acompanhou dessa vez), então, chutou o vasinho de bronze a seus pés. As brasas incandescentes caíram sobre o tapete de musgo e logo se apagaram. Os lugares atingidos pelas cinzas se contraíram e o espírito sibilou de raiva.

Yun lutava o quanto podia ao lado dela.

— É impressionante que ainda consiga se mexer — Jianzhu disse atônito.

— Treinamento contra veneno. — Yun cuspiu através das mandíbulas cerradas — Com o Mestre Amak, se lembra? Ou já se esqueceu de todos os exercícios sádicos que você me fez passar?

Eles não perceberam o musgo voltando a crescer para uma nova investida. Com um movimento brusco, ele se agarrou em volta do tornozelo de Kyoshi e puxou-a de vez. A fileira de dentes presa às vinhas rasgou sua pele, e o sangue formou manchas medonhas no muco vivo a seus pés.

Yun a viu se contorcer de dor e agarrou sua mão para tentar desvencilhá-la do espírito. O esforço do jovem era tão grande que Kyoshi sentia como se os próprios ossos de suas mãos estivessem se tocando. Mas as vinhas não cediam. Prenderam-se rapidamente a ela, sentindo-a e saboreando sua ferida.

— É essa aqui. — o espírito falou — A garota. Ela é o Avatar.



Kyoshi e Yun estavam se olhando diretamente quando aconteceu. Quando ela viu o espírito de Yun se esfacelar dentro dele.

Ele estivera mentindo para ela com seu corpo, seu sorriso, suas palavras, durante esse tempo todo. Ele achava que era o Avatar. Tinha uma convicção sincera disso. Nunca considerara a possibilidade de que talvez não fosse ele. Cada gesto de bondade e afeto que vinha demonstrando a Kyoshi desde o ocorrido no iceberg não era realmente um sinal de receptividade ou de que cogitasse que ela tinha alguma chance, mas sim uma ferramenta. Peças de uma armadura que construía tão desesperadamente a fim de não se comprometer.

E aquela armadura havia falhado. Peça por peça, Kyoshi viu a armadura ruir e transformar aquele Yun que sempre conheceu, o garoto Avatar, em nada. O manto que o cobria foi finalmente tirado dele, e sob o pano se revelava um completo vazio.

Ele a soltou.

Jianzhu voou sobre eles imediatamente. Em um movimento preciso de dominação, ele criou uma mureta de pedra que cortou os tentáculos do

musgo e, com suas próprias mãos, arrastou Kyoshi para longe do perigo. Mas somente ela.

O Mestre a deitou no chão e voltou-se novamente para a cena às suas costas. Mas já era tarde. O musgo se ergueu e formou uma barreira entre eles e Yun, comportando-se como uma serpente que guarda sua presa. O olho no túnel se enchia de ódio.

— Vocês me invocaram, pediram que lhes concedesse uma dádiva e agora querem tomar o que me é de direito? — seu bramido quase triturou os ossos nos ouvidos de Kyoshi.

“Yun!”, ela tentou gritar, “Corra! Lute! Salve-se! Todo esse lance de Avatar... isso nunca significou nada!”.

Jianzhu assumiu uma posição de dominação, movendo os pés cautelosamente, do mesmo modo que um espadachim se movimenta devagar com sua arma.

— Eu não posso arriscar que você lance sua vingança sobre a reencarnação de Kuruk, Chefe Vagalume. Você já conseguiu seu sangue. O preço foi pago.

— Eu o estou aumentando.

Ao invés de atacar Jianzhu e Kyoshi, as vinhas se enrolaram em Yun do pescoço ao quadril. O garoto estava pálido como um vaso de cerâmica e não conseguia mover o corpo. Todo o receio que Kyoshi tinha em tirar dele o que mais amava evaporou imediatamente. Nesse instante, a única coisa que restava de Yun também estava sendo levada.

“Não!”, Kyoshi soluçou, “Por favor, não!”.

A ASCENSÃO DE KYOSHI

O espírito puxou, e Yun foi tragado para dentro do túnel, sumindo sob a densa escuridão do lugar. Quando Jianzhu ergueu o punho para selar a abertura, Kyoshi encontrou sua voz novamente.

O grito convertido em puro fogo.



As chamas saíram de sua boca em uma única explosão e com a intensidade de um dragão em fúria. Se espalharam pelo terraço, reduzindo a lama remanescente em puro carvão escuro e craquelado. Todavia, o túnel já havia se fechado e o fogo irradiou impotente contra a encosta da montanha, até se apagar por completo.

Kyoshi estava de pé, mal conseguindo enxergar através das pálpebras encharcadas, e, no interior de sua boca, brotaram bolhas. Com algum esforço, conseguiu distinguir o contorno de Jianzhu se aproximando em sua frente.

— Eu sinto muito. — ele disse — Bem, tudo isso poderia ter sido evitado se você...

Ela se lançou contra ele, e ambos caíram da beira do terraço.

A descida dessa vez tinha sido pior que aquela no iceberg. Os dois se desvencilharam quando ela bateu seu ombro em uma raiz de árvore seca. Foi despencando freneticamente até parar no sopé da encosta.

Ignorando a dor, procurou por Jianzhu, mas não o encontrou ali em meio à rala vegetação da base da montanha. De repente, um barulho de rochas se movendo a fez olhar para cima.

O mestre de dominação de terra descia calmamente por um lance de degraus que ele mesmo criava. Enquanto um dominador mais ortodoxo simplesmente ergueria uma plataforma sólida do chão, Jianzhu reunia placas de pedra e as dispunha à vontade debaixo dos pés. Era a mesma técnica que utilizara para chegar até os navios de Tagaka no iceberg. O efeito que imprimia era de que a própria terra estava se curvando para ele, como se estivesse prostrando-se diante do seu imenso poder.

Kyoshi notou uma enorme rocha atrás dele, grande o suficiente para que pudesse erguer. Fincou então os pés no chão buscando mais apoio e, com um movimento, puxou a pedra na direção deles, sem se importar com o fato de que ela também poderia ser atingida.

Jianzhu sequer incomodou-se em virar a cabeça. Lançando um braço para trás, fez com que o rochedo do tamanho de um cômodo se partisse ao meio. Ainda sob o efeito da inércia, os dois pedaços de pedra continuaram sua trajetória, agora em direção a Kyoshi. Por muito pouco não acertaram a garota, que foi incapaz de conter um soluço de espanto quando ouviu o estrondo às suas costas.

O homem olhava para ela daquele mesmo modo contemplativo que tantas vezes lançara a Yun.

— Terei que te ensinar bem mais do que só arremessar pedras gigantes. — disse.

Kyoshi tentou então a única tática que ainda conhecia: quebrar a base do oponente. Voltou sua atenção aos degraus que Jianzhu materializava e resolveu arrancá-los junto com um grande pedaço da encosta.

Mas, mesmo prendendo-se com toda força ao solo e abrindo mão de todo tipo de golpe contra a montanha, tudo que conseguiu produzir foi

um mero esguicho de poeira. Os degraus mal se mexeram. Tentou de novo e de novo, sem sucesso.

Jianzhu assumia posturas de dominação mais firmes agora, movendo os braços ao mesmo tempo que ela. Logo Kyoshi compreendeu o porquê: ele estava estudando seus gestos, neutralizando cada movimento que tentava. Sentiu-se como uma mera garotinha tentando abrir uma porta segurada por um adulto.

Jianzhu parou de frente para ela e ergueu uma pequena plataforma no solo para que seus olhos e os de Kyoshi ficassem no mesmo nível. Não fosse a poeira em suas roupas, qualquer um diria que, pela compostura com que se apresentava, o homem acabara de sair de uma reunião. Ela tinha passado muito longe de atingi-lo.

— Kyoshi. — disse com a voz carregada de uma cordialidade que a deixou com náuseas — Você é o Avatar. Não consegue entender o que significa isso? A responsabilidade que agora possui?

Ele alisou os cabelos e lançou uma expressão de descontentamento, como a de alguém que lamenta o tipo de planta que escolheu para o jardim.

— Kyoshi, eu não sou um tolo, tampouco você. Não vamos fingir que um dia você irá realmente me perdoar pelo que aconteceu aqui. Eu só peço que você coloque na balança essa nossa perda e o futuro do mundo. Não deixe que o sacrifício do Yun tenha sido em vão. Abraçe o seu destino e me deixe guiá-la.

O sacrifício de *Yun*?

Nossa perda?

Ela cravou os dentes nos lábios com tanta força que novas feridas se somaram àquelas produzidas pelo fogo. Até então, Kyoshi achava que

conhecia o significado do ódio. Manifestava-se como um grande sentimento de vazio dentro dela, uma dor surda que foi acalentando enquanto tropeçava pelos becos de Yokoya, atordoada pela fome e por tantas outras mazelas. Esse ódio sempre foi voltado contra sua própria carne e sangue. Mas agora entendia tudo. O ódio genuíno era algo afiado e certo. Era como uma balança que exigia o equilíbrio perfeito das coisas. No caso dela, em um dos pratos ficava Yun e, até onde sabia, sua única *responsabilidade* nessa vida era fazer o contrapeso.

Ela jurou a si mesma que, de um jeito ou de outro, teria de ver a expressão de Jianzhu quando *realmente* perdesse tudo aquilo que amava. Investiu então contra ele com um Punho de Fogo, movimento do qual não sabia coisa alguma. Contudo, o que quer que houvesse de dominação de fogo dentro dela parecia ter se esgotado. O golpe veio apenas como um soco comum, parando a poucos centímetros do rosto dele.

Vê-la assim, tão desesperada por machucá-lo, fez cair completamente a máscara de serenidade que Jianzhu mantinha. Seu rosto se converteu em uma carranca horrenda, e ele cerrou os punhos. No mesmo instante, dois pequenos discos de pedra atingiram os pulsos de Kyoshi.

Tudo aconteceu tão rápido que ela não teve tempo de se esquivar. As pedras se moldaram ao redor de suas mãos formando um conjunto de grossas algemas. Eram tão confortáveis quanto talas médicas e tão resistentes quanto o ferro.

Os anéis de rocha ergueram-se no ar, arrastando-a consigo. Seus ombros estalaram dolorosamente com o peso do próprio corpo, e ela se contorceu feito um inseto preso a uma armadilha viscosa, movendo os pés furiosamente sem o amparo do chão.

Jianzhu a manteve assim por um tempo, tal qual uma carcaça exposta na vitrine de um açougue, até arremessá-la para baixo. As algemas de pedra se fundiram ao solo e Kyoshi, agora de joelhos, continuava a lutar inutilmente. Não bastasse isso, ele a forçou a prestar um *kowtow* completo — a postura que um aluno faz como sinal de submissão ao seu mestre.

— Se você soubesse o essencial da dominação de terra, conseguiria escapar sem qualquer dificuldade — ele disse — Já fomos negligentes demais, Kyoshi. Você se tornou fraca.

À medida que tentava resistir, suas mãos afundavam no chão cada vez mais. Não havia como negar que ele tinha razão. Era fraca, fraca demais para conseguir revidar. A distância que separava a capacidade de ambos era simplesmente intransponível.

— Ah! Tanto tempo perdido! — Jianzhu continuou — Eu poderia ter te ensinado muito antes, não tivesse me distraído com aquele impostorzinho.

Aquelas palavras a acertaram como um soco no estômago. Era simplesmente incompreensível. Não conseguiu mais segurar as lágrimas em seus olhos e as deixou rolar pelo rosto.

— Como pode dizer uma coisa dessas? — gritou — Ele tinha uma adoração por você, e você o usou!

— Acha que eu o *usei*? — ele retrucou, sua voz ficando assustadoramente mais baixa. — Acha que lucrei com ele de alguma forma? Vou ensinar sua primeira lição, a mesma que dei a Yun.

Ele bateu o pé, e uma camada de terra compacta se prendeu na boca de Kyoshi. Uma espécie de mordança sem aberturas para que ela pudesse

respirar. Ali começou a se sufocar em seu próprio elemento, seus pulmões se enchendo de areia.

Em um gesto largo, Jianzhu lançou um dos braços para trás.

— Lá fora existe toda uma nação abarrotada de pessoas corruptas e incompetentes que irão tentar usar o poder do Avatar para seus próprios interesses. Verdadeiros idiotas que se autodenominam “sábios”, quando, na verdade, o que importa no Reino da Terra é ter os contatos certos e pagar o ouro suficiente para que lhe preguem esse título na testa.

A visão de Kyoshi começava a abandoná-la. Os dedos de seus pés abriam sulcos no solo na tentativa de empurrar o corpo de volta para cima. A dor latejava em sua cabeça, ameaçando romper seu crânio.

— Sem a minha influência você não passaria de uma mascate de favores. Andaria por aí carregando seus julgamentos e consumindo a autoridade do Avatar com pequenos benefícios e esmolas. — Jianzhu disse sem se importar de ela estar perdendo a consciência diante de seus olhos. — Acabaria se tornando uma atração de festa, só um dominador que arremessa água, respira fogo e cospe conselhos inúteis. Uma garota que pinta os muros de uma casa com cores bonitinhas para esconder suas fundações podres.

Em condições tão precárias, Kyoshi mal pôde notar Jianzhu abaixando-se ao seu lado para lhe falar ao ouvido.

— Toda minha dedicação até hoje foi para garantir que o próximo Avatar não fosse usado dessa maneira. — sussurrou — Então, apesar de todas as suas tentativas inúteis de me ferir, eu irei dedicar minha vida a *você*, Kyoshi.

De repente, Jianzhu arrancou a mordança de terra e o ar entrou com tanto ímpeto nos pulmões da garota que pareciam facas abrindo seu peito. Ela caiu de bruços. Suas mãos também livres, mas inúteis debaixo dela.

Ficou ali por vários minutos, amaldiçoando cada solução patético que lhe escapava ao tentar ficar de pé. Mas finalmente conseguiu se levantar, e bem a tempo de ver Jianzhu ir recuando para longe dela, preocupado com algo no céu. Uma ventania repentina cobriu-os de poeira e folhas secas.

Kelsang pousou com seu planador na encosta e deslizou sobre os pés o restante do caminho. Embora se sentisse aliviada ao vê-lo, Kyoshi sabia que o Mestre não deveria ter vindo. A coloração vermelha em suas ataduras indicava que suas feridas tinham voltado a abrir. Viajar assim tão longe, e sem o auxílio de seu bisão, era uma tarefa penosa até para um nômade completamente saudável.

— Como nos encontrou? — Jianzhu logo perguntou.

O monge fechou o planador. Tentou, na verdade, pois os danos causados pelo incidente no iceberg foram reparados de forma muito apressada. As asas do objeto não se dobravam completamente sob o bastão, e tufos de cola brotavam das costuras. Buscava apoio nele para manter-se de pé, não tirando os olhos de Jianzhu sequer um minuto.

— O mapa estava aberto em sua mesa.

— Eu pensei que tivesse trancado meu escritório.

— E trancou.

O que restava de compostura em Jianzhu perdeu-se de vez.

— Sério, Kel? — berrou. — A sua consideração por mim anda assim tão baixa, a ponto de você surtar quando soube que tinha levado o Avatar

em uma viagem sozinho e depois invadir o meu quarto? Quer dizer que eu não posso mais confiar nas pessoas mais próximas de mim, é isso?!

Kyoshi queria correr de encontro a Kelsang, esconder-se sob suas túnicas e chorar copiosamente como uma criança. Mas o medo calou sua garganta e congelou seus pés. Sentia que o menor dos gestos poderia desencadear situações catastróficas, como uma faísca lançada sobre a pólvora.

Mas não precisou dizer nada. Ao ver sua forma trêmula prostrada ali no chão, Kelsang franziu o cenho e colocou-se entre Jianzhu e a garota. Em seguida, ergueu o bastão na direção do velho amigo. Agora parecia muito mais uma arma do que uma muleta.

— Ninguém na mansão sabia me dizer aonde vocês tinham ido. Nem Rangi ou Hei-Ran. Então você não acha que eu tinha motivos para me preocupar? Onde está Yun?

— Kelsang — Jianzhu começou, apontando na direção de Kyoshi para que ele pudesse observar a situação toda — aquela garota é o *Avatar*! Eu a vi dominar o fogo com meus próprios olhos! Seu palpite estava correto, amigo. Depois de todos esses anos, finalmente encontramos o Avatar!

Kelsang mancou, seu corpo ainda processando a revelação. Contudo, se Jianzhu achava que poderia distrair o monge em seu benefício, estava enganado.

— Onde está Yun? — repetiu.

— Morto. — Jianzhu disse, desistindo do seu truque — Tentamos comungar com um espírito, mas a coisa toda degradingou e ele foi levado. Sinto muito.

— Não! — Kyoshi gritou. Não podia deixar aquilo passar. Não podia deixá-lo distorcer o que tinha acontecido. — Você... você nos *serviu* àquele espírito! Você atirou o Yun para ele como um pedaço de carne! Você o matou!

— Tem razão em ficar chateada, Kyoshi. — Jianzhu disse suavemente. — Eu fiquei tão envolvido no fato de ter encontrado o Avatar que acabei perdendo o meu pupilo. Sou o responsável pela morte do Yun, e nunca irei me perdoar por esse acidente.

Não havia resquício algum de tristeza em suas palavras. Seria óbvio demais se resolvesse se lamentar agora, por isso manteve o semblante que todos conheciam tão bem: o do professor estoico e franco. Tudo isso era apenas um jogo para ele, tendo Kelsang como peça central.

Kyoshi foi tomada por um novo acesso de pânico. Se o monge acreditasse no amigo — o adulto, o homem de boa reputação —, o crime de Jianzhu seria enterrado junto com Yun para sempre.

Mas a verdade era que não precisava se preocupar.

— Kyoshi, — Kelsang chamou, sem parar de apontar seu bastão para Jianzhu — fique atrás de mim.

O dominador de terra revirou os olhos. Seu teatro tinha fracassado.

— Eu não sei o que está acontecendo aqui, — Kelsang continuou — mas vou levar a Kyoshi comigo.

Ele cambaleou, ainda fraco pelos ferimentos. A garota o segurou pelos ombros e tentou mantê-lo de pé. O único meio que tinham de se sustentar era apoiar-se um no outro.

— Olha só para vocês dois. — Jianzhu disse — Irão voltar comigo, é isso que vão fazer. Não estão em condições de argumentar.

Com sua mão apoiada nas costas dela, Kelsang sentiu Kyoshi estremecer. Sentiu seu medo. Então, ignorando toda a dor, ergueu-se por completo em um tom de ameaça.

— Você nunca mais terá contato algum com a Kyoshi pelo resto de sua vida! — exclamou — Já não é mais capaz de servir ao Avatar.

Aquilo acertou Jianzhu como uma flecha.

— E para onde vocês vão? — berrou enlouquecido — *Onde?* Para os Templos do Ar? Os abades irão devolvê-los para mim antes mesmo de vocês terminarem a história. Por acaso já se esqueceu o quanto você caiu em desgraça entre eles, Kelsang? Pensei que Tagaka tivesse refrescado sua memória.

Kelsang ficou tenso como uma estátua. As fibras de seu bastão rangiam com a força que ele aplicava agora.

— Eu conheço todos nas quatro nações que poderiam estender a mão a vocês! — Jianzhu continuou — Bastaria uma mensagem minha e qualquer homem da lei, qualquer sábio ou oficial, viajaria longas distâncias para caçá-los em meu nome! *Ser o Avatar não irá protegê-la de mim!*

— Kyoshi, corra! — Kelsang gritou empurrando-a para longe e, no mesmo instante, lançou-se contra Jianzhu. Com um movimento do bastão, ele criou uma forte ventania, que foi de encontro à terra erguida pelo outro homem.

Mas a verdade era que não estavam lutando a mesma luta. A intenção de Kelsang era empurrar seu amigo para longe, trazê-lo de volta à sanidade e dominá-lo pacificamente, causando o menor dano possível,

A ASCENSÃO DE KYOSHI

como feito na tradição dos Nômades do Ar. Já Jianzhu havia moldado uma lâmina de rocha com pouco mais de dois centímetros, mas afiada e forte o suficiente para cortar o vento e atingir seu oponente onde estivesse exposto e vulnerável.



Um jorro de sangue irrompeu de um dos lados do pescoço de Kelsang. Vinha de um pequeno corte do tamanho de um dedo. Tão limpo e preciso que parecia ter sido feito por um médico.

A expressão de tristeza que se estampou no rosto de Jianzhu quando viu seu amigo cair era mais genuína e intensa que aquela lançada a Yun.

Kelsang tombou no chão, sua cabeça pendendo sem vida sobre a terra batida.



Essas foram as últimas imagens que Kyoshi viu antes de um forte brilho branco irradiar por detrás de seus olhos e tomar todo o seu corpo.



A HERANÇA



UMA VEZ, quando ela tinha cerca de dez anos, um viajante vendedor de fogos de artifício passou por Yokoya. Os anciãos da vila, numa decisão não muito usual, pagaram-no para realizar um show de fogos para celebrar o fim da primeira colheita. Famílias lotaram o centro e assistiram às brilhantes explosões no céu da noite.

Kyoshi não viu a apresentação. Ela estava deitada no chão da oficina de alguém, tremendo de febre.

Na manhã seguinte, o calor no crânio forçou-a a acordar ao amanhecer. Ela cambaleou pela cidade, procurando por ar fresco, e achou o campo em que o vendedor organizara os explosivos da noite anterior. O chão estava todo queimado e cheio de buracos, completamente acabado,

A ASCENSÃO DE KYOSHI

mas por nenhum elemento natural. Estava coberto com uma camada de cinzas e pedaços de rochas. Uma água escura e lenta escorria em arroyos. O vento cheirava a ovos podres e urina.

Ela se lembrava agora de ter ficado morrendo de medo de ser culpada pela destruição. Ela havia corrido, mas não antes de apagar as pegadas que tinha deixado pelo caminho.



Quando a visão de Kyoshi voltou, ela pensou que tivesse sido levada de volta àquele cenário surreal e violado. As árvores atrás dela tinham sido arrancadas pelas raízes, criando aglomerados de terra. Era como se uma mão gigante tivesse tentado arrancar as montanhas num surto de vergonha e medo. Rachaduras profundas haviam perfurado as rochas como jarras. Os topos dos montes haviam sido empurrados, os vestígios dos desmoronamentos caindo dos seus cumes.

Kyoshi tinha uma vaga noção de que ela estava num local muito alto. E ela não via Kelsang em lugar algum. Ela tinha apagado a existência dele.

Houve um uivo semelhante ao de um animal. Tinha vindo dela.

Kyoshi caiu no chão e deitou-se, com o rosto molhado de lágrimas. Ela pressionou a cabeça contra o chão. Seu choro inútil ecoou de volta em seu rosto. Seus dedos se fecharam ao redor da poeira acumulada, ressentidos pelo que ela tinha perdido.

A culpa era dela. A culpa era dela. Ela afastou Kelsang quando deveria tê-lo ouvido, deixou que a covardia comandasse seus pensamentos e ações. E agora a fonte de luz de sua vida tinha se apagado.

Ela não tinha mais nada. Nem mesmo ar nos pulmões. O soluço incontrolável que fazia todo o seu corpo tremer não a deixava respirar. Ela sentia como se estivesse se afogando, um destino que ela aceitaria de braços abertos. Uma punição justa para uma garota indesejada que havia desperdiçado sua segunda chance: Kelsang, um pai milagroso e amável que aparecera do nada. E ela o respondeu com morte e ruína.

Um tremor distante. Os destroços ao redor de um ponto estavam afundando, partindo-se. Alguém havia se escondido sob a terra e conseguido escapar dos destroços que ela causou no Estado Avatar. Agora ele estava voltando à superfície, pronto para recuperar sua propriedade.

Kyoshi tentou se apoiar nos pés num pânico cego e selvagem. Ela tentou correr na direção da qual haviam vindo, tropeçando por paisagens das quais ela torcia para se lembrar. As ruínas das vilas de mineração eram tão parecidas com suas formas normais que, por um segundo, ela achou que estava presa num *loop* temporal. Mas, assim que suas pernas começaram a desistir, ela encontrou Pengpeng esperando exatamente onde eles a haviam deixado.

O bisão cheirou Kyoshi antes de pousar com suas quatro patas dianteiras, fazendo o chão tremer. Kyoshi entendeu. Talvez Pengpeng tivesse sentido sua conexão espiritual com Kelsang dissipar, ou talvez Kyoshi estava com o cheiro do sangue dele.

— Ele se foi! — ela exclamou — Ele se foi e não vai voltar! Temos que ir, agora!

Pengpeng se aquietou, embora não parecesse nem um pouco menos triste. Ela deixou Kyoshi montar em suas costas, usando seus pelos como degraus, e voou pelos céus na direção de casa, sem precisar ser pedida.

“*Yokoya*”, Kyoshi se corrigiu. “*Não para casa. Para casa nunca mais. Yokoya.*”

Ela ficou sentada no fundo, na parte dos passageiros. Estava receosa em guiar as rédeas de Pengpeng no lugar de Kelsang, e o bisão não precisava ser guiado na viagem de volta. Do alto do céu, ela podia ver nuvens escuras carregadas de chuva se aproximando pela direção oposta. Se elas voassem rápido o suficiente, chegariam a Yokoya antes da tempestade alcançá-las.

— Vai rápido, por favor! — ela gritou, esperando que Pengpeng pudesse entender seu desespero. Elas haviam conseguido despistar Jianzhu nas montanhas, mas a presença dele parecia está-las acompanhando de perto. Como se ele conseguisse alcançar o ombro dela apenas esticando o braço.



No mesmo ano em que ela tinha ficado doente durante os fogos, Kelsang havia retornado à vila. Ele parecia desconfiado quando o fazendeiro jurou que Kyoshi tinha sido bem cuidada com o dinheiro que ele havia deixado. Acabou prometendo a Kyoshi que nunca mais iria deixá-la sozinha por um longo tempo.

Mas Kyoshi já havia esquecido de qualquer noite que ela passara doente sem medicação. Ela agora estava mais preocupada com a febre de corridas de pipa que tomara conta das crianças da vila. Por semanas, dragões e gaivotas feitos de papéis coloridos e brilhantes tinham-na hipnotizado lá do céu, dançando com o vento. Sem surpresa, ela não tinha materiais nem ninguém para ajudá-la a fazer a sua.

Kelsang notou que ela não parava de olhar para as pipas no céu enquanto eles comiam na parte de fora. Ele sussurrou uma ideia em seu ouvido.

Juntos, eles juntaram cordas o suficiente para que ele pudesse amarrar uma na sua cintura. Naquela tarde ele saiu voando em seu planador enquanto Kyoshi segurava a outra ponta da corda de lá de baixo. Eles riam tão alto que podiam ouvir um ao outro mesmo com a grande distância entre eles. Para ela, ele era a melhor, maior, mais rápida pipa do mundo.



Ela havia se enganado sobre o clima. As primeiras gotas de chuva começaram a cair em sua bochecha, fazendo-a acordar de sua soneca de exaustão. Ela e Pengpeng ainda tinham um longo caminho pela frente quando a tempestade começou a aumentar e rapidamente cobriu o céu. Porém, conseguiram chegar a Yokoya a tempo de evitar os raios que já se formava pelo céu.

Elas chegaram à mansão. Kyoshi desceu de Pengpeng perto dos estábulos e caiu com os pés na lama. Ela caminhou pela chuva forte até a casa. Os funcionários e convidados já estavam recolhidos em seus aposentos.

O caminho lhe deu tempo para pensar. E ela concluiu que todas as decisões a partir de agora seriam fáceis. Uma inevitabilidade que ela seguiria em direção à escuridão.

A única pessoa que poderia fazê-la vacilar estava esperando por ela na entrada de funcionários. Rangi parecia ter ficado plantada naquele lugar o dia inteiro.

A ASCENSÃO DE KYOSHI

— Kyoshi, onde você ‘tava? — Rangi perguntou, fazendo uma careta por ter sido deixada esperando sozinha no escuro por tanto tempo — O que houve? Cadê os outros?

Kyoshi contou tudo. Sobre o poderoso e terrível espírito que havia identificado Kyoshi como o Avatar. Sobre a forma como Jianzhu tinha oferecido Yun como sacrifício e assassinado Kelsang quando ele viera resgatá-los. Ela até falou sobre como ela tinha entrado no estado Avatar.

Rangi tropeçou para trás e bateu a cabeça numa pilastra.

— Quê? — ela disse, baixo — Mas como que—Quê!?

— Foi o que aconteceu. — disse Kyoshi. Ela deixou pingar um pouco de água da chuva no chão, cada gota um segundo precioso perdido — Tenho que ir. Não posso ficar aqui.

— Só pode ser um mal-entendido. Deve ter uma explicação. Você disse que tinha um espírito? Ele deve ter pregado peças na sua mente... Já aconteceu isso antes. Ou talvez você só esteja confusa. Mestre Jianzhu não... Ele não... — Rangi murmurou, nervosa, enquanto passava a mão pelos cabelos.

Kyoshi viu que Rangi estava tentando enganar a si mesma criando uma realidade diferente. A mesma armadilha em que ela havia caído no dia em que Kelsang contara que ela poderia ser o Avatar.

— Temos que ir a fundo nisso — Rangi disse — Quando Jianzhu voltar, vamos fazê-lo se explicar. Descobriremos o que realmente aconteceu com Yun e o Mestre Kelsang.

— RANGI! ELES ESTÃO MORTOS! EU TENHO QUE IR!

Durante a viagem de volta, Kyoshi apenas pensava nos destroços de sua vida que ficaram enterrados naquela montanha. Ela tinha esquecido que havia mais um pedaço, e o silêncio mortal de Rangi a fez perceber que esse também tinha se perdido. Kyoshi passou por ela sem dizer nada e foi para o seu quarto.



Era fácil pôr suas roupas em uma bolsa. Ela não tinha quase nenhuma. Iria deixar tudo de sua prateleira para trás, mas pensar em Kelsang a fez pegar a tartaruga de argila e jogá-la no saco.

Por alguma razão, Jianzhu a deixara guardá-la em seu quarto. O pensamento de pegar e usar um presente dele fez seu estômago apertar. Mas ela iria precisar disso no lugar para onde estava indo. Um amuleto protetor.

Ela pegou a tartaruga e a colocou dentro do saco. O diário de couro foi colocado logo em cima. Estava muito agradecida por nunca ter dado ouvidos à vontade de destruir o caderno. No passado, poderia ter sido uma evidência incriminatória, mas agora seria seu plano de guerra.



Os cantos da mala rangiam enquanto ela passava pelos caminhos de portas de madeira polidas. Ela supôs que ninguém a pararia, pois estavam todos com medo. Via sombras de roupas desaparecendo pelos cantos, sussurros amedrontados por trás das portas pelas quais ela passava.

Os guardas, lembrou-se, haviam sido dizimados no iceberg. E sempre houvera uma espécie de suspeita na forma como os outros funcionários a olhavam. Agora, seu comportamento monstruoso havia

transformado isso em medo. Ela parecia um fantasma do pântano pingando com a água da chuva. Só pensava nos horrores que seu rosto deveria estar refletindo.

Cada bifurcação dos corredores trazia uma dor crua e cortante em seu coração, como se flechas estivessem atravessando seu corpo.

O caminho para o quarto de Yun, que ele nunca a deixara limpar, afobado por sua privacidade. O caminho para o pequeno canto a que Kelsang ia meditar quando o clima não estava tão bom. O gramado em que eles três tinham espalhado sementes de melancia e corrido quando a Tia Mui gritou com eles por causa da bagunça.

Ela nunca passaria por esses caminhos novamente. Ela nunca mais iria chegar e ver os rostos sorridentes de Yun e Kelsang no final da escada.

Por conta da arquitetura, Kyoshi pegou o caminho mais longo, pela serralheria. O machado ainda estava lá, enfiado no bloco de corte. . Kyoshi pôs a alça da bolsa entre os dentes e pegou a ferramenta com a mão livre. O bloco inteiro veio junto, mas ela o tirou usando a parede como apoio.

Ela continuou andando.



Do lado de fora, a chuva estava duas vezes mais forte. Os intervalos entre os raios e os trovões eram ínfimos. Ela soltou a bolsa e empurrou o pesado baú de madeira que estava em sua frente. Ele deslizou um pouco na lama antes de parar.

Aquele baú havia sido o principal foco de sua raiva nos últimos anos. Ter sido abandonada em Yokoya pelas pessoas que a deixaram em uma vida

de fome, desespero e sem amor por tantos anos até Kelsang entrar em sua vida.

Seus pais teriam que ficar em segundo plano agora. Ela tinha que focar em alguém novo.

Outro raio iluminou o lado em que o cadeado da mala estava. Ela levantou o machado com as duas mãos e desceu com toda a sua força no lado mais fraco.

O cadeado apenas se mexeu um pouco e a mala afundou um pouco na lama. Ela bateu de novo, de novo e de novo.

Os trovões e a chuva bloquearam todos os seus sentidos, deixando-a apenas com uma vibração dolorosa do cabo do machado em suas mãos. Ela bateu de novo e sentiu algo quebrando.

Não só o cadeado havia quebrado, mas também o canto do baú onde ele estava. Mas estava aberto. Kyoshi pôs o machado de lado e abriu a tampa entortada.



Dentro do baú, havia dois leques de guerra metálicos. Eram dourados, com detalhes em bronze. As armas estavam envoltas em uma moldura de madeira que as mantinham protegidas de fortes impactos como o que acabara de acontecer.

Um tipo de cocar feito do mesmo material estava entre eles. Complementava os leques, formando uma miniatura deles na parte da testa.

Por último, uma bolsa de couro que ela sabia que continha maquiagem. Muita maquiagem.

A ASCENSÃO DE KYOSHI

Ela colocou cada item de volta em seu lugar. O cocar e os leques eram bem mais robustos do que aparentavam — eram para serem usados em combate, afinal. Eles e a bolsa foram para a sacola. A mala não tinha mais serviço e seria deixada na lama.

Com isso, Kyoshi havia acabado. Ela percebeu novamente o quão exausta ela estava. O quanto ela havia colocado à mostra e o quanto havia perdido, como na noite escura dos fogos de artifício. Ela havia se agarrado num tesouro que poderia ter a forma de um lar e uma família, apenas para descobrir que seu toque o havia dissolvido. Enxugou os olhos com o braço e correu em volta da mansão, escorregando e caindo na chuva pelo menos duas vezes, até chegar nos estábulos.

Havia uma surpresa esperando por ela.

Rangi estava ocupada arrumando sacos de dormir, tendas e suprimentos na sela de Pengpeng.

— Já sei! — ela gritou por cima da chuva, apontando para alguns sacos de grãos à prova d'água — Você não pegou nenhuma comida, pegou?



Ela se abaixou, pegou Kyoshi pela mão e a puxou para cima de Pengpeng. Em seguida, pulou no assento do guia e pegou as rédeas.

— Temos que voar mais baixo e na direção sudeste para nos livrarmos da tempestade.

Kyoshi engoliu em seco.

— Por que está fazendo isso?

— Eu não tenho ideia do que está acontecendo, — Rangi disse por cima do ombro. Ela enxugou água da chuva da testa. Seu rosto parecia pronto para o combate — mas não vou deixar você ir embora desse jeito e morrer nessa tempestade. Você não duraria uma hora sem ajuda.

Kyoshi fez um sinal com a cabeça, acometida por um sentimento bobo pela gratidão a Rangi. *Por* Rangi. Ela pediu aos espíritos que isso não fosse um truque final e cruel na forma de sua amiga sentada bem à sua frente. Ela manteve uma certa distância para aquela preciosa visão não se dissipar.

A dominadora de fogo estalou as rédeas de Pengpeng com autoridade.

— Vamos, garota! — Rangi gritou.



A DECISÃO



O NASCER DO SOL após a tempestade não tinha ideia do que Kyoshi havia passado. Ele brilhava com seus tons quentes de laranja através das nuvens como um grito alto de um amigo que dizia que tudo iria dar certo. Abaixo, as ondas fluíam perfeitamente sob a brisa, fazendo parecer que elas estavam voando sobre a pele escamosa de um peixe gigante.

Lutar contra o tempo ao longo da noite as tinha destruído, mental e fisicamente. A rota de voo de Pengpeng estava começando a divagar. Mas os raios e os ventos não eram mais um perigo. Era um momento tão bom quanto qualquer outro para abordar as outras notícias horríveis.

Rangi esfregou as olheiras sob seus olhos.

— Você é o Avatar. — disse. Ela abriu os dedos e olhou para as costas da mão, checando se estava intoxicada. Ou sonhando — Depois de tudo, era você. Você realmente não fazia ideia até agora?

Kyoshi sacudiu as mãos.

— Eu não sei o que deu errado com a busca quando nós éramos crianças, mas, pelo que Kelsang me disse, parece que foi uma bagunça. Ninguém sabia. Nem mesmo... — era difícil falar seu nome em voz alta — Nem mesmo Jianzhu.

— Eu nunca ouvi falar sobre isso ter acontecido antes — Rangi fechou e abriu seus punhos para se certificar de que ainda funcionavam — Pelo menos não na história da Nação do Fogo. Quando os Sábios do Fogo anunciam o Avatar, é um negócio certo.

Kyoshi lutou contra a vontade de revirar os olhos. Claro, na Nação do Fogo as caravanas chegavam na hora, e a identidade da pessoa mais importante no mundo nunca estava em dúvida.

— E depois há um festival. — continuou Rangi, perdida em pensamentos — De acordo com a tradição, há uma comemoração maior do que o Dia do Sol Gêmeo. Nós comemos comidas especiais como macarrão em espiral. As aulas são canceladas. Você sabe como é raro um dia de aula ser cancelado na Nação do Fogo?

— Rangi, o que isso tem a ver com qualquer coisa?

A dominadora de fogo esticou os cotovelos para trás, decidida.

— Meu ponto é que há maneiras de se definir isso — ela disse — Se você é o Avatar, você precisa das coisas do Avatar. Nós precisamos encontrar mestres que saibam o que eles estão fazendo para reconhecer sua legitimidade e te guiar direito.

Rangi saltou sobre a borda da sela no pescoço de Pengpeng e assumiu as rédeas. O bisão mergulhou mais baixo sobre as águas cintilantes. Logo à frente, um pequeno penhasco se projetava da superfície, um dedo de pedra cutucando a superfície do oceano. Ele era muito íngreme para ser usado como doca pelos navios, mas também havia superfícies niveladas perto do topo, cobertas de um suave musgo verde.

— Eu vou deixar você bem aqui, onde você pode acampar segura. — disse Rangi — Há um protocolo caso o grupo seja atacado e eu tenha que fugir com o Avatar. Aquelas bolsas estão pré-embaladas; tudo que você precisa para uma semana está nelas. Assim que eu retornar da vila e com a situação resolvida, eu vou trazer alguém que possa ajudar.

— *Não!*

Ela não poderia ir atrás de outro mestre, especialmente alguém que ela não conhecia bem. Qualquer dominador de terra em uma posição de ajudá-la provavelmente fazia parte da rede de Jianzhu. Quando pensava no passado na casa, Kyoshi se lembrava de ter visto provas do alcance dele todos os dias. Os presentes, as visitas cerimoniais e as cartas ditadas simbolizavam o fluxo de poder e controle do Reino da Terra. E, desde que ela se entendia por gente, tudo era repassado para Jianzhu.

Kyoshi correu até Rangi e tomou as rédeas de sua mão. Pengpeng desviou para o lado e rosnou em reclamação.

— Pare com isso! — Rangi gritou.

— Rangi, por favor, você só está me mandando de volta para as mãos dele! — Kyoshi quase mordeu sua língua ao lembrar-se do horror que Jianzhu liberou das profundezas montanhosas e sua total indiferença enquanto o fazia. Rangi não poderia saber da extensão do seu medo. Kyoshi

estava certa de que o homem não tinha mostrado esse lado dele para ninguém além dela e de Yun.

Rangi lutou contra ela pelas rédeas.

— Solte isso! Você está sendo ridícula!

— *Rangi, como seu Avatar, eu te ordeno.*

A dominadora de fogo recuou como se tivesse sido atingida por um chicote. As ordens não eram uma das piadas de Yun. Foi uma exploração do juramento de Rangi de proteger e obedecer ao Avatar. Um ataque à sua honra.

Rangi assoprou um longo fio de cabelo preto para longe de seu rosto. Não foi muito longe, o final ficou grudado na boca dela.

— Acho que vou ter que me acostumar com você dizendo isso.

Havia uma agonizante distância em sua voz, e Kyoshi desprezava isso. Ela não queria uma guarda-costas pessoal obedecendo a suas ordens. Ela queria sua Rangi, que a repreendia sem hesitar e nunca olhava para trás.

Elas passaram um longo tempo em silêncio, apenas ouvindo a brisa passar.

— Yun se foi. — Rangi finalmente disse — Ele realmente se foi. — sua voz parecia fina, puxada pela passagem do vento, como as notas de uma flauta. Ela soava oca por dentro.

Kyoshi não tinha nenhum conforto para dar a ela. Ambas haviam passado a vida ao redor dos deveres. Kyoshi por sobrevivência, Rangi por glória e orgulho. Mas Yun adentrara na concha de ambas. Seu amigo havia sido tirado delas e, no que dizia respeito a Kyoshi, havia um único caminho

à sua frente que ela poderia seguir como resposta, iluminado pelos fogos limpos e brilhantes do ódio.

— Eu não estou pronta para enfrentar Jianzhu ainda. — disse Kyoshi — Eu ainda não estou nem próxima de ser forte o suficiente. Eu preciso encontrar mestres dominadores que não estejam dentro do bolso dele.

De fato, isso era o mais importante. Ela precisava de professores que eram completos desconhecidos de Jianzhu. Se ele suspeitasse que ela estava treinando, ele procuraria por ela em escolas de todas as Quatro Nações.

E ela tinha que esconder que era o Avatar. Essa notícia se espalharia tão rápido que seria como um farol para Jianzhu, permitindo que ele estivesse perto dela antes que estivesse preparada. Ela não tinha uma boa ideia de como conseguiria instrução para dominar todos os quatro elementos sem entregar o jogo, mas ela faria isso funcionar de alguma forma.

A ideia soava louca em sua cabeça. E era louca. E, mesmo assim, Kyoshi sabia que ainda teria que sair desse penhasco sem hesitação. Ela enfiaria as duas mãos dentro da boca de um dragão se isso significasse a menor chance de ela devolver tudo que Jianzhu devia a Yun.

Rangi passou as mãos por seu rosto.

— Ótimo. Mestres de dominação. Onde você quer procurar primeiro? Você está falando como se tivesse um plano, então vamos ouvi-lo.

— Você não virá comigo — disse Kyoshi — Eu tenho que fazer isso sozinha.

A dominadora de fogo lançou-lhe um olhar cheio de desprezo que poderia ter sido o início de um Agni Kai. Kyoshi temia que isso pudesse acontecer. A poderosa fé de Rangi, sua necessidade de cumprir seu dever, iria girar em espiral sem um lugar para pousar, exceto nela.

Ela tinha que permanecer forte. Kyoshi já perdera tanto e ela não arriscaria perder sua única lembrança conectada a esse mundo por uma questão tola.

— Você não virá comigo. — repetiu ela — Como seu Avatar, eu ordeno que fique para trás. Rangi, estou falando sério.

Ela queria soar brava, mas o efeito foi arruinado pela esmagadora maré de alívio que sentiu ao ter sua ordem rejeitada por Rangi. Uma serva estritamente profissional do Avatar não poderia desobedecer a suas ordens, mas sua companhia podia.

— Eu não tenho ideia de quanto tempo essa jornada vai levar. — disse Kyoshi — E tem segredos sobre mim que eu não te contei.

— *Oh, não, Kyoshi está guardando segredos de mim!* — Rangi gemeu uma oitava mais baixo que o normal — Acho que vou ficar bem com o que quer que seja sua pequena revelação, já que a última coisa que você jogou em mim foi a informação **MAIS IMPORTANTE DO PLANETA**.

O penhasco as ignorava, um espectador silencioso que não pretendia fazer parte da conversa. A última marca de razão em um oceano de incerteza. Desse ponto em diante, não havia nada além de problemas pela frente.

Mas, finalmente, Kyoshi tinha sua amiga de volta.

— Nós precisamos descansar, ou vamos perder a eficácia — declarou Rangi, aninhando-se sob o canto de uma lona que se soltou — Se

você tiver algum destino em mente, então, vou ficar com o primeiro turno de sono. Você me deve essa.

— Rangi. — Kyoshi tentou uma última vez rosnar em ameaça. Em vez disso, o nome saiu como um agradecimento aos espíritos por essa benção ardente de uma garota. Foi uma tentativa fútil de tentar mascarar como Kyoshi se sentia em relação a Rangi.

— Aonde você for, eu vou. — a dominadora de fogo rolou para o lado e bocejou — Além disso, só temos um bisão, cabeça de pedra. Não podemos mais nos separar.



Apesar do enorme cansaço, Rangi apenas cochilou intermitentemente, tremendo, embora não estivesse mais frio. Observando-a à distância, Kyoshi teve uma resposta sobre pequenas respirações entrecortadas que ela ouvira por tanto tempo na tenda em que as duas compartilharam no iceberg. Era assim que Rangi chorava em seu sono. De vez em quando, ela enterrava o rosto nos ombros para secar suas lágrimas.

Com os olhos uma na outra, era fácil ser corajosa. *“Talvez essa seja a única forma de passarmos por isso”*, pensou Kyoshi. *“Só preciso nunca desviar o olhar.”*

Ela encarou a água até que o reflexo do sol se tornou forte demais, e então pegou sua bolsa de pertences. Procurando dentro dela, encontrou a tartaruga. Ela era feita de terra. E pequena. Ela poderia usar isso para praticar.

“Pequeno”, ela pensou, enquanto a embalava com as duas mãos. *“Preciso. Silencioso. Pequeno.”*

Ela pressionou os lábios em concentração. Era como dobrar a ponta do seu dedo mindinho enquanto balançava a orelha oposta. Ela precisava do esforço de todo seu corpo para manter seu foco estreito o suficiente.

Havia um outro motivo pelo qual ela não queria procurar um mestre dominador famoso com uma grande reputação e sabedoria de sobra. Tal professor nunca a ensinaria a matar Jianzhu a sangue frio. Sua fome de aprender a dominar todos os quatro elementos não tinha nada a ver com tornar-se um Avatar completo. Fogo, Ar e Água eram apenas mais armas que ela poderia carregar para atingir um único alvo.

E ela tinha que agilizar suas habilidades de dominação de terra também.

“Pequeno. Preciso.”

A tartaruga flutuou para cima, tremendo no ar.

Não era estável do jeito que a dominação de terra deveria ser, era mais como um pião em seus últimos giros. Mas ela estava dominando. O menor pedaço de terra que ela já dominara.

Uma pequena vitória. Esse era apenas o começo de seu caminho. Ela precisaria de muito mais prática para ver Jianzhu quebrado em pedaços diante de seus pés, levar o mundo dele para longe, do jeito que ele havia levado o dela, para fazê-lo sofrer o máximo possível antes que ela acabasse com sua miserável vida inútil... Houve um estalo agudo.

Inúmeras rachaduras apareceram na tartaruga. As partes menores, a pequena cauda e as pernas atarracadas, desmoronaram primeiro. A cabeça caiu e saltou sobre a borda da sela. Ela tentou segurar o resto e pegou apenas poeira. A argila em pó escorregou entre os dedos e foi tomada pela brisa.

Sua única lembrança de Kelsang voou para longe com o vento.



ADAPTAÇÃO



JIANZHU ABRIU AS PORTAS de sua casa e a encontrou em um caos estático e silencioso.

Os servos alinharam-se em fileiras na esquerda e na direita, assim que o mestre entrou, formando um corredor de reverências em seu caminho. Aquilo era formal demais, uma prática que ele dispensara há muito tempo.

Ele não se preocupou em limpar os pés ao entrar, deixando uma trilha de sujeira e pedregulhos em seu caminho. Uma dor atingiu seu peito quando passou pela porta batida do escritório, um testamento da grande força e convicção pessoal de seu amigo dominador de ar.

Ele não tinha tempo para remoer o que aconteceu com Kelsang. Foi direto para o quarto do Avatar nos aposentos dos funcionários, seguindo o

caminho danificado que levava ao estábulo vazio do bisão, e depois voltou para onde seus funcionários aguardavam, encolhidos.

— Alguém pode me dizer o que aconteceu aqui? — perguntou em um tom admiravelmente neutro, dadas as circunstâncias.

Em vez de responder, eles encolheram ainda mais os ombros, tremendo. Quem quer que fosse falar primeiro, levaria a culpa.

“*Eles temem a mim*”, ele pensou. “*a ponto de não conseguirem fazer seu trabalho devidamente*”. Ele amaldiçoou o fato de a garota não ter nenhum supervisor oficial observando-a e apontou para sua cozinheira-chefe, Mui. Ele vira o Avatar fazendo favores para a mulher na cozinha.

— Onde está a Kyoshi? — perguntou, estalando os dedos.

Mui ficou vermelha.

— Eu não sei. Eu sinto muito, Mestre. Nenhum de nós já tinha visto ela agir daquele jeito antes. Ela... ela tinha uma arma. Quando conseguimos encontrar um guarda, ela já tinha ido embora.

— Alguns dos convidados a viu partir?

Mui chacoalhou a cabeça.

— A maioria deles estava com pressa para sair e evitar a tempestade, os outros ficaram em seus quartos ou na sala de estar.

Ele supôs que uma cozinheira de meia-idade fosse incapaz de impedir a fuga de uma adolescente armada que podia quebrar uma montanha sempre que lembrasse que podia. Jianzhu liberou os funcionários sem outra palavra. Era melhor tê-los incertos, temendo a próxima ordem.

Ele andou pelos corredores da casa até chegar a uma pequena galeria de arte, olhando para os quadros, mas não os vendo. Foi ali que Hei-Ran, voltando de uma reunião marítima com a Marinha do Fogo, o encontrou

Ela franziu o cenho para sua aparência, sempre disciplinadora.

— Você parece ter sido cuspidor por uma toupeira-texugo.

Era melhor arrancar rápido as bandagens. Ele contou a versão da história que ela precisava ouvir. Kyoshi tendo se revelado o verdadeiro Avatar. O desaparecimento de Yun e Kelsang, causado por um espírito traiçoeiro. O Avatar tendo guardado rancor dele por isso.

Ela lhe deu um tapa no rosto. O que foi a melhor resposta que ele poderia esperar.

— Como você pode ficar aí assim? — ela sibilou, seus olhos de bronze escurecendo com a raiva — Como você pode só ficar parado aí?

Jianzhu mexeu a mandíbula, certificando-se de que não estava quebrada.

— Você preferiria que eu sentasse?

Uma pessoa menos controlada que Hei-Ran teria sido tentada a gritar sua incredulidade para os céus, revelando o segredo. *“Você tinha o Avatar errado? Você introduziu um garoto como salvador do mundo e depois o deixou morrer? Você deixou o Avatar real fugir para sabe-se lá onde? Nosso mais velho e próximo amigo está morto por sua causa?”*

Ele estava grato pela personalidade de ferro de Hei-Ran. Ela pensou aquelas coisas em vez de dizê-las, fumegando estrategicamente.

— Como você não está perdendo a cabeça com isso? — ela sussurrou — Toda a sua credibilidade? O que você vai fazer?

— Eu não sei.

Ele se inclinou contra a parede da galeria, tão surpreso com sua própria resposta quanto ela. Entre os companheiros de Kuruk, ele costumava ser o planejador. Normalmente, Jianzhu tinha todas as contingências, cada encruzilhada mapeada até o final lógico. Ele achou a mudança de ritmo bastante libertadora.

Hei-Ran não conseguia acreditar que ele estava flutuando dessa forma. Ela pôs os lábios para trás, sobre os dentes.

— Nós podemos diminuir os danos se a pegarmos de volta, rápido — ela disse — Ela não pode ter ido longe sozinha... Ela é uma empregada, pelo amor dos deuses! Eu vou mandar Rangi atrás dela. As duas são amigas, ela deve saber para onde a Kyoshi fugiu.

Hei-Ran encontrou a corda de convocação mais próxima e deu um puxão. Os suaves cabos amarelos corriam por toda a casa, segurados por polias dentro de certas paredes. Os sinos nas outras extremidades avisavam aos funcionários onde a ajuda era necessária.

Dado que seus empregados o estavam evitando como a uma peste, levou um ou dois minutos até que alguém respondesse. Rin ou Lin ou qualquer coisa assim. A menina estava sem fôlego e veio mancando como se tivesse batido o dedão do pé na pressa de chegar.

— Rin, por favor, busque minha filha — pediu Hei-Ran, gentilmente — Diga a ela que é muito importante.

— Eu sinto muito! — a garota gritou. Ela estava tentando tanto não demonstrar medo nas palavras que ela errou o volume. — A Srta. Rangi desapareceu! Um dos cavaleiros disse que a viu deixar a mansão com Kyoshi na noite passada!

— Rin, por favor, — Hei-Ran disse com um calor diferente dessa vez — saia da minha vista imediatamente. — Hei-Ran disse com um calor diferente dessa vez.

A garota se curvou e saiu, de olhos abaixados, os pés batendo num padrão quase tão alto e acelerado quanto o batimento cardíaco dela. Jianzhu esperou até que ela desaparecesse na esquina.

— Antes que você me acerte de novo, — ele disse para Hei-Ran — eu acredito que o quer que a Rangi faça é culpa sua, não minha.

Seu rosto se contorceu como se ela estivesse vivendo mil vidas ali mesmo, na maioria das quais ela derreteria os globos oculares dele usando seu crânio como um caldeirão.

— Isso é bom — Jianzhu continuou — Sua filha vai mantê-la segura enquanto procuramos por elas.

— Enquanto procuramos por elas? — Hei-Ran sussurrou ríspidamente — *Minha filha* é uma guerreira de elite treinada em fuga e evasão! Nós já podemos esquecer a possibilidade de uma perseguição fácil!

Ela se debateu no lugar, a onda de más notícias atingindo-a, mexendo com seu equilíbrio. Quando parou, seu rosto estava alinhado com uma profunda tristeza.

— Jianzhu, Kelsang está morto — ela disse — Nosso amigo está morto. E, em vez de estarmos de luto por ele, estamos aqui, planejando como manteremos controle sobre o Avatar. O que aconteceu conosco? O que nos tornamos?

— Nós envelhecemos e nos tornamos responsáveis, é isso. — respondeu Jianzhu — Kelsang fez a mesma promessa a Kuruk que nós

fizemos. Nós podemos honrar as memórias dos dois, continuando no nosso próprio caminho.

Ele percebeu que sua energia de sempre estava voltando, seu flerte com o desamparo chegou ao fim. Havia muitos futuros a se considerar antes. Os níveis individuais de catástrofe eram esmagadores. Mas, na verdade, ele só precisava se concentrar em uma solução. A peça que era fundamental para todos os cenários.

— Nós vamos recuperar o Avatar — disse — Encontrá-las por nossa conta seria o ideal, obviamente, mas tudo bem se ela aparecer na porta de outro sábio para procurar refúgio. Eu vou descobrir e responder rápido o suficiente para impedir que a notícia se propague.

Ele não estava preocupado sobre o Avatar se escondendo em outras nações, ainda. Suas redes estendiam-se para além da diplomacia do Rei da Terra. Se algo acontecesse, seus contatos estrangeiros deveriam informá-lo rapidamente e com mais discrição, esperando evitar um acidente internacional.

— E se ela se envolver com um dos aliados do Hui? — perguntou Hei-Ran.

Jianzhu fez uma careta à menção do nome do camareiro.

— Suponho que sempre há um risco. Mas estou bastante certo de que ela não deve saber quem ele é ou quais mestres ele tem em seus ganchos. Nem eu sei quem está do lado dele ainda — Jianzhu afastou-se da parede — Minha reputação vai certamente levar um golpe inevitável assim que revelarmos a identidade dela para o mundo, mas isso não vai importar no final. Desde que a garota esteja de volta aqui quando fizermos isso, sob meu teto, seguindo minhas ordens, tudo dará certo. Eu tenho capital para queimar no Reino da Terra. Hora de colocá-lo em bom uso.

A contragosto, Hei-Ran apreciou o retorno de seu amigo voltar a seu estado normal.

— Não parece que a garota quer estar aqui.

— Vamos nos preocupar com isso mais tarde. Além disso, ela ainda é uma criança. Ela vai aprender o que é melhor para seus interesses.

Ele tirou o pó de si mesmo, a primeira tentativa de limpar-se da sujeira da cidade mineira até agora. O plano moldou-se em sua cabeça, como barro sob a orientação de uma ferramenta invisível.

— Eu preciso que você escreva uma carta para mim.

Hei-Ran olhou para pelo canto do olho.

— Eu sei, eu sei — ele disse — Você não é minha secretária, mas a mensagem precisa de um carimbo da Nação do Fogo.

— Tudo bem. Pra quem é?

— Professor Shaw, Chefe de Zoologia na Universidade de Ba Sing Se. Diga para ele que você está interessada em pegar emprestadas algumas espécies que ele trouxe da última expedição. Você quer exibi-las na Nação do Fogo, porque eles são muito adoráveis e fofos, como parte de uma turnê de boas intenções entre nossos países.

Jianzhu olhou para a arte atrás dele, uma pintura das Luzes do Norte em um pergaminho por um artista-mestre da Tribo da Água. Ele segurou a larga estrutura com as mãos estendidas e arrancou-a de suas amarras.

— Envie-lhe isso também, para bajulá-lo. Vale mais do que ele ganha em um ano.


MUNDO AVATAR

Hei-Ran parecia ligeiramente enojada pela forma como ele fazia uso de suborno, mas essa era uma peculiaridade cultural do Reino da Terra com a qual as pessoas das outras três nações tinham dificuldade em se acostumar.


— De quais animais fofos e adoráveis nós estamos falando? — ela perguntou.

Jianzhu torceu os lábios e suspirou.

— Os *shírshus*.



A INTRODUÇÃO



KYOSHI LUTOU PARA ABRIR a pequena caixa de metal. Tinha aberto o trinco visível, sim, mas não importava o quanto agarrava e torcia o recipiente, o fundo falso que escondia o verdadeiro conteúdo não cedia.

— Você não pode forçá-lo — disse uma voz gentil — Se usar muita força, pode quebrar. A mercadoria espalharia por todo o lado. Não vai querer deixar um rastro para trás, não é?

Kyoshi olhou para cima do chão para ver uma mulher alta e bonita, com sardas espalhadas pelo topo de suas bochechas e tatuagens de serpentes correndo por seus braços. Ao lado dela estava um homem robusto e forte, com a cara coberta de maquiagem vermelha e branca. As riscas escarlates se uniam em um padrão selvagem e animalesco, mas sua expressão por baixo era quente e alegre.

A caixa de metal de repente ficou quente, chamuscando sua pele, e ela a derrubou. Tentou gritar e encontrou seus dentes soltos e nadando em sua boca. O homem pintado limpou seu rosto, e, nas riscas entre as cores, seu rosto tinha se transformado em Jianzhu.

Kyoshi avançou com raiva, mas não conseguiu chegar perto. A mulher achou seu desamparo divertido e piscou para ela com um olho verde brilhante. Seu globo ocular inchou e inchou, crescendo tanto que saiu da cavidade e continuou se expandindo até passar para o outro olho e, em seguida, todo seu rosto e, em seguida, os quatro cantos do mundo. Kyoshi se agitou aterrorizada dentro da escuridão cavernosa de sua pupila, tentando alcançar um chão sólido.

“Nunca te deixaremos”, sussurrou Jianzhu. “Sempre nos terá, à distância, atrás de você, mesmo ao seu lado, te observando. Nós dois sempre estaremos lá por você,”

No auge de seu pânico, uma mão agarrou Kyoshi pelo ombro. O calor e a solidez lhe disseram para não vacilar, para não se preocupar. Ela se sentou lentamente e pestanejou à luz do dia.

— Acorda — disse Rangi — Estamos aqui.



Rangi insistira em fazer uma única vitória aérea sobre a Baía Camaleão antes de aterrissar. Ela se inclinou para o lado com Pengpeng, contornando a cidade portuária em ruínas com a determinação de uma vespa-urubu, como se cada beco cheio de lixo e telhado irregular fosse vitalmente importante. Kyoshi deixou Rangi tomar seu tempo. Precisava de um momento para ter a certeza de que tinha saído completamente das profundezas de seu pesadelo.

Depois de se recompor, ela se juntou à busca. Para Kyoshi, a massa de edifícios era indistinguível, uma crosta curva em volta da baía que devia ter sido arrancada há muito tempo. Só havia um local em que ela estava interessada, o que correspondia à descrição em seu diário.

— Ali! — Ela apontou para uma das poucas estruturas que se erguiam acima de uma única história. O telhado amarelo destacava-se entre seus vizinhos verdes como uma folha doente — Aquela deve ser a casa de chá da Madame Qiji. Elas pararam, refazendo sua rota pelo céu. Não havia lugar para pousar Pengpeng dentro dos limites da cidade, e um bisão voador sem um dominador de ar era certamente um dos primeiros sinais que Jianzhu ordenaria que sua rede procurasse. A varredura de reconhecimento em si tinha riscos.

O pequeno bosque que encontraram nos arredores parecia uma dose de sorte. Talvez suas reservas de boa sorte fossem drenadas pelo simples fato de poderem esconder Pengpeng entre as árvores.

— Nós voltaremos, garota — Kyoshi disse a ela, acariciando seu nariz. Pengpeng encostou seu rosto gentilmente no dela, dizendo que era melhor que elas voltassem mesmo.

Kyoshi e Rangi partiram a pé. A pressão do solo firme contra as solas foi uma sensação bem-vinda depois de tanto voar. Como seguiram um caminho de terra no porto da Baía Camaleão, elas foram presenteadas com uma visão do nível do solo da cidade em toda a sua glória.

Foi uma visão miserável.

Nos últimos nove anos, Kyoshi nunca havia visto a planície aberta sendo desperdiçada sem alguma tentativa de cultivar alimentos. Mas os campos empoeirados e compactos pelos quais passaram deixaram claro que não valia a pena tentar. O chão aqui era seco, impenetrável.

O porto sustentava a vida, no sentido mais simples. Elas encontraram uma rua de favelas, “puxadinhos” de madeira e tendas comidas por traças. Os habitantes as encaravam com olhares sem vida, não se incomodando a sair de suas posições confortáveis. Os poucos que se levantaram, com medo de que elas pudessem ser hostis, estavam curvados pela desnutrição e pela doença.

— As pessoas não deveriam viver assim — disse Rangi.

Kyoshi sentiu seus tendões se juntando.

— Eles podem e eles vivem — ela respondeu, tão casualmente quanto podia.

— Não é isso que quero dizer. — Rangi esfregou o próprio cotovelo, considerando os prós e contras do que ela estava prestes a dizer — Eu sei sobre o tempo que você passou em Yokoya por conta própria, antes de Jian... antes do Mestre Kelsang ter te acolhido. Mesmo que você tenha tentado esconder isso de mim.

Kyoshi hesitou, mas se recompôs e seguiu em frente. Elas não podiam parar por ali simplesmente porque sua amiga queria abrir o coração a respeito de uma das mais antigas e profundas cicatrizes que atravessavam sua alma.

— Tia Mui me contou — Rangi insistiu — Kyoshi, você nunca deveria ter passado por essa experiência. Só de pensar nos outros aldeões ignorando você quando você precisava deles me deixa doente. É por isso que eu sempre empurrei você para revidar.

Kyoshi riu amargamente. Há muito tempo ela culpava outras pessoas por aquilo e não os Yokoyanos.

— O que eu deveria fazer, atirar uma montanha neles? Bater em crianças que dão a metade do meu tamanho? Qualquer coisa que fizesse seria completamente desproporcional. — Ela balançou a cabeça, querendo mudar de assunto — De qualquer forma, a Nação do Fogo é tão perfeita que a prosperidade é compartilhada com todos os cidadãos?

— Não — disse Rangi. Seus lábios se apertaram para o lado — Mas talvez um dia possa ser.

Eles entraram na cidade propriamente dita, com as bordas marcadas por uma mudança nos casebres de tijolo e barro, alguns deles feitos em terra e outros postos à mão. As ruas se contorciam e se inclinavam como se tivessem sido abertas por animais, em vez de seguir as necessidades humanas. Se não fosse pelo marco da casa de chá acima da linha do teto, Kyoshi teria se perdido depois de alguns passos.

Os mercadores que fecharam as lojas para a noite o fizeram com vigor, cobrindo as fachadas com tantas fechaduras e barras de ferro que ela se perguntou como alguns deles arcariam com a despesa. Um certo número de cães-veados, escondidos atrás de muros e cercas, começou a latir enquanto elas passavam.

Ninguém as incomodou. Felizmente. Chegar à casa de chá era como passar por um campo de armadilhas. A casa de chá era uma ilha no plano aleatório da cidade, cercada pela avenida mais ampla do espaço aberto que eles tinham visto até aquele momento. Era como se alguém tivesse reivindicado agressivamente a praça pública e colocado o prédio de madeira no centro.

A luz cintilava pelas janelas de papel. Elas pisaram na varanda grande e rangente, aproximando-se cautelosamente. Havia um velho esparramado na entrada, envolto em cobertores de lona, bloqueando a entrada delas. Seus

roncos altos faziam com que sua barba branca se agitasse como teias de aranha na brisa.

Kyoshi estava se perguntando se deveria cutucá-lo gentilmente ou tentar pular sobre ele quando ele acordou com um sobressalto, resmungando com o impacto que seu ombro fez com o batente da porta. O homem piscou para ela e franziu a testa.

— Quem é você? — murmurou.

Ela reparou que as mãos dele tremiam como se fossem saltar de seu casulo. De fome, sem dúvida. Ela não tinha pensado o suficiente em dinheiro enquanto fugia da mansão, mas havia algumas moedas nos bolsos que havia costurado em seu vestido há muito tempo. Tirou as moedas e colocou-as no alpendre à frente dele. Se as instruções em seu diário estivessem corretas, Rangi e ela não precisariam de dinheiro quando estivessem lá dentro.

— Vai comer alguma coisa, vovô — disse ela.

O velho sorriu com rugas que arranhavam seu rosto. Mas sua expressão feliz se transformou em choque quando Rangi acrescentou uma peça de prata à pilha.

Kyoshi olhou para ela.

— O quê? — perguntou Rangi — Não estávamos falando desse tipo de coisa?



O interior da casa de chá estava terminado parcialmente.

O nível do solo fora dedicado a servir comida e bebida. Mesas para visitantes haviam sido dispostas sobre uma camada de palha e areia. Mas, onde deveria ter um segundo andar com quartos para hóspedes durante a noite e viajantes cansados, não havia chão. Portas flutuavam nas paredes a três metros do chão sem meios de alcançá-las. Sem mezanino, sem escadas.

O punhado de figuras encapuzadas sentadas nos cantos não parecia achar isso incomum. Nem olharam para cima quando Kyoshi e Rangi entraram. Quando muito, se inclinaram mais em suas xícaras de chá, tentando permanecer imperceptíveis.

Kyoshi e Rangi sentaram-se no meio. Perto delas havia uma mesa de Pai Sho requintada e fortemente construída, de longe o objeto mais bonito da sala. Ficava sobre quatro pernas robustas, cercadas por almofadas de piso sujas, uma joia aninhada nas pétalas de uma flor murcha.

Estavam no lugar certo. E nas cadeiras certas. Deveria ser apenas uma questão de tempo antes que alguém aparecesse e dissesse a frase pela qual estavam esperando.

Para Kyoshi, foi uma eternidade. A mesa do Pai Sho era um lembrete agonizante de Yun. E ela não precisou de ajuda visual para sentir a amarga ferida de perder Kelsang. Aquela dor era uma trilha sangrenta que levava de volta a Yokoya. Nunca desapareceria.

Rangi chutou sua cadeira. Um homem foi até elas. Um jovem, na verdade. Um menino. Cada passo que ele dava ao centro mais iluminado da sala regredia a sua idade. Suas mangas estavam amarradas com finos fios de couro e ele usava um turbante no estilo das tribos de Si Wong. Ele se soltava ao redor de seu rosto e pescoço, enquadrando sua fúria mal contida. Kyoshi podia sentir Rangi se preparando para o pior, reunindo e armazenando a violência para liberá-la se as coisas dessem errado.

— O que querem beber? — perguntou o rapaz por entre os dentes.

Aqui estava. O momento da verdade. Se as instruções no diário estivessem erradas, seu único caminho avançado seria interrompido no primeiro passo.

— Jasmim colhida no outono, perfumada ao meio-dia e mergulhada em fervura — respondeu Kyoshi. Tal combinação não existia. Ou, se existisse, teria um gosto de desastre líquido.

A resposta saiu da boca do garoto como se precisasse ser arrastada por rinocerontes-de-komodo, mas era a resposta que estava procurando.

— Temos todas as flores de cor conhecidas pelo homem e pelo espírito.

— Vermelho e branco será suficiente — respondeu ela.

Ele claramente estava torcendo por qualquer resposta que não fosse aquela.

— Lao Ge! — o menino gritou de repente em direção à porta — Você deveria vigiar, seu inútil pedaço de esterco!

O velho que estava deitado na varanda se inclinou para o lado de dentro. De repente, parecia muito menos enfermo do que quando se conheceram.

— Eu *estava* de guarda, mas então aquelas duas jovens adoráveis me deram dinheiro suficiente para comprar uma bebida ou dez — disse ele, com um sorriso grande e cheio de dentes — Devem ter passado por mim enquanto eu saía para a loja de vinhos. Que trapaceiras, aquelas duas — Ele virou uma garrafa de licor nos lábios e bebeu profundamente, sua manga

esfarrapada caindo pelo braço para revelar feixes de músculos sob a pele fina.

O rapaz pôs a palma da mão sobre um de seus olhos. Foi para a cozinha, murmurando palavras para o velho no caminho. Kyoshi poderia simpatizar com ele.

Rangi encostou-se à mesa. Apesar de sua pose estar relaxada, seus olhos flutuavam ao redor da sala, avaliando os ocupantes, incluindo, e especialmente, Lao Ge, que estava ocupado encontrando o fundo de sua segunda garrafa de bebida.

— Sabe, — ela sussurrou a Kyoshi — você me disse que íamos a um esconderijo *daofei*; você me disse que iria ter acesso a ajuda através do código de *daofei*; aqui estamos. Eu ouvi você falar e ainda não posso acreditar que isso está acontecendo.

— Ainda não é tarde demais para você sair daqui e salvar sua honra — disse Kyoshi.

— Não é a *minha* honra que me preocupa.

Antes que pudessem aprofundar o assunto, o menino voltou com uma bandeja de xícaras fumegantes. Ele colocou uma na frente de Kyoshi, de Rangi e depois dele mesmo, sentando-se em frente a elas. Estava muito mais calmo agora. Pode ter tido menos a ver com o chá do que com o apoio que lentamente entrou atrás dele.

Um homem enorme, de trinta e poucos anos, tão alto quanto Kelsang e ainda mais robusto, apagou a luz que vinha da cozinha. Ele tinha um rosto liso e bem barbeado sobre um corpo que ameaçava romper as vestes caras, tendo suas roupas escolhidas pelo tamanho e não pela aparência. Kyoshi viu os olhos de Rangi se lançarem aos pés do homem,

em vez de suas juntas marcadas por cicatrizes ou do abdômen saliente, e percebeu o porquê. Por maior que fosse, ele não tinha feito o soalho ranger.

Uma das portas suspensas na parede acima do solo se abriu. Uma jovem saiu da sala, sem se importar com a queda que a esperava.

Ela estava vestida com uma túnica do Reino da Terra, mas com uma saia de pele por cima das calças. Kyoshi tinha visto peles como aquela usadas pelos visitantes dos polos. A indicação mais forte da herança da Tribo Da Água da mulher eram seus olhos perfurantes e azuis-safira que nenhuma quantidade da fórmula de uma aranha-cobra poderia esconder.

Ela caiu no chão com os dedos dos pés apontados como uma bailarina. Kyoshi poderia jurar que ela tinha caído mais devagar do que o normal, uma descida de penas. Era a única maneira de explicar como ela fazia a viagem do segundo andar até a mesa sem quebrar o passo ou os ossos do pé. Ela ficou atrás do outro ombro do menino, suas feições lupinas ilegíveis enquanto avaliava Kyoshi e Rangi.

“*Eu não estou com medo*”, Kyoshi disse a si mesma, ficando surpresa por ser verdade. Ela tinha lutado contra a Senhora do Mar do Leste. Uma única gangue *daofei* de rua não iria intimidá-la.

O garoto do chapéu do deserto segurava seus dedos.

— Vocês vêm aqui, completas estranhas, sem aviso prévio — disse ele.

— Eu tenho o direito — disse Kyoshi — Eu dei as senhas. Você é obrigado a dar ajuda a mim e à minha parceira, pelos juramentos de sangue que você fez. Para que você não sofra os castigos de muitas facas.

— “Tá vendo? Esse é o problema. — O rapaz voltou para a cadeira — Você está usando essas palavras grandes e antigas como se tivesse alguma

ideia de como isso deveria funcionar. Ri de um código velho que não ouvimos há anos, como se estivesse se exibindo para nós. Faz isso como se estivesse lendo um manual de instruções.

Kyoshi engoliu seco. O rapaz reparou e sorriu.

Ele inclinou a cabeça a Rangi.

— Junto com o fato de que a beldade aqui praticamente grita “pirralha do exército”, isso me faz pensar que vocês duas são pessoas da lei.

— Nós não somos — Kyoshi interveio, xingando mentalmente pelo quanto isso estava indo mal — Não somos disciplinadoras!

Havia três homens espalhados pela casa de chá que não faziam parte de seu pequeno confronto. Todos eles apressadamente jogaram moedas e bateram na porta, os olhos arregalados de medo.

O garoto colocou um objeto pequeno e duro na mesa com um clique. Kyoshi pensou que era uma peça de Pai Sho de primeira, mas ele retirou a mão para revelar uma pedra alongada, lisa e polida suavemente por um rio ou um moedor.

— Eu sou muito bom em detectar um intruso — disse o menino — E acho que esta é a sua história. Seu pai lhe pagou uma comissão de oficial de um governador corrupto, e a primeira coisa que você decidiu fazer foi brincar de detetive e bater à nossa porta. — Ele apontou para Rangi — Ela foi designada para cuidar de você, mas não fez um bom trabalho, porque você está aqui agora e vai morrer. A causa será registrada como estupidez terminal aguda.

Kyoshi quase conseguia ouvir o processo de pensamento de Rangi, contando os membros das três pessoas em frente deles, calculando a sequência de danos que ela infligiria.

— Estou te dizendo, não somos pessoas da lei.

O garoto bateu com força na parte de baixo da mesa, derrubando as xícaras de chá e derramando o líquido sobre a superfície.

Kyoshi agiu antes de pensar. Mas, em retrospecto, foi mais para parar Rangi do que qualquer outra coisa. Ela também deu um pontapé para cima. Toda a fundação da casa de chá, o pedaço de terra onde foi construída, saltou cerca de meio centímetro.

O rapaz quase caiu da cadeira. Os seus dois guarda-costas balançaram. Os olhares chocados nos seus rostos diziam que isso não acontecia muitas vezes, não com a estabilidade do grande homem e o equilíbrio impecável da menina da Tribo Da Água.

Kyoshi falou mais alto que os gemidos de reassentamento de madeira e a poeira flutuando nas nuvens ao redor deles.

— Tem razão — disse ela — O meu lugar não é aqui.

Eles não partiram imediatamente para cima dela, decidindo que ela precisava ser atacada com cautela. Isso lhe deu tempo para falar.

— A verdade é que eu desprezo *daofei* — Kyoshi continuou — Odeio a sua espécie. Estar na sua presença me deixa enjoada. Vocês são piores que animais.

— Uh, Kyoshi? — Rangi chamou quando o grandalhão e a mulher entraram em melhores posições de luta — Não sei onde quer chegar com isso.

O rapaz permaneceu onde estava. Kyoshi poderia dizer que ele queria ser corajoso. Ela também.

A ASCENSÃO DE KYOSHI

— Mas isso não importa agora — disse Kyoshi, olhando através da camada endurecida de raiva em seus olhos — Você vai me dar tudo o que eu pedir, porque está obrigado pelo seu código de fora-da-lei. Vai fazer o que eu disser por causa das suas tradições idiotas, ridículas e inventadas.

O sangue dela cantava em seus ouvidos. Sua mão foi para o cinto. O homem e a mulher certamente interpretariam isso como o sinal para atacar. Ela estava ciente de Rangì deixando seu assento.

Kyoshi só impediu um completo desastre porque foi mais rápida. Bateu um dos leques de guerra na mesa, com as partes de trás abertas para revelar a folha de ouro. A dominadora de água e o grandalhão pararam. O garoto aparentava ter sido atingido no peito e tido o coração arrancado.

— Espíritos celestes! — Lao Ge disse — É o leque da Jesa!

A súbita aparição do velho na mesa assustou os dois lados igualmente. Ele conseguiu se espremer entre Rangì e Kyoshi sem que elas percebessem, e se inclinou para dentro, examinando alegremente os detalhes da arma.

O garoto saltou de seu lugar.

— Onde arranjou isso? — ele gritou.

— Eu *herdei* — Kyoshi disse, seu pulso acelerado — dos meus pais.

A menina da Tribo da Água olhou para ela com admiração.

— Você é a filha da Jesa? — perguntou — Jesa e Hark eram seus pais?

Kyoshi não sabia por que ela estava focando mais em fatos simples do que na perspectiva de uma briga há alguns minutos.

— Isso mesmo — disse ela. Parecia que sua boca se tornara seu estômago, pesado e azedo — Meus pais fundaram esse grupo. Eles são seus chefes.

— O nosso bebê voltou para casa! — exclamou Lao Ge — Isso pede uma bebida! — Ele recuou para poder ter espaço para derramar uma terceira garrafa em sua garganta.

O menino ainda estava com raiva, mas agora com um sabor diferente.

— Nós precisamos nos reunir por um minuto. — Ele pegou sua pedra da mesa e apontou acusadoramente para Kyoshi — Entretanto, sugiro que esclareça a sua história, porque tem muitas explicações a dar.

— Sim — concordou Rangi — Ela tem.



Lao Ge empoleirou-se numa mesa ao lado de seus recipientes de bebida, como um estranho pássaro arrumando objetos brilhantes em seu ninho. O resto da gangue voltou para a cozinha sem ele. Dado que eles pareciam tratá-lo como mobília de fundo, Kyoshi só podia fazer o mesmo. Ela se virou para Rangi e encontrou a dominadora de fogo dando-lhe um olhar crítico.

— O quê? — disse Kyoshi — Aconteceu exatamente como eu disse que aconteceria. Entramos. Este é o primeiro passo para ter acesso a esse mundo.

Rangi permaneceu impassível.

— Eu te contei tudo antes de pousarmos — disse Kyoshi — A verdade sobre os meus pais serem contrabandistas *daofei* que me abandonaram em Yokoya. Rangi, você veio aqui comigo sabendo disso.

As palavras saíram dela em uma cachoeira agitada. Seu joelho estava balançando rapidamente para cima e para baixo. O movimento não escapou à atenção de Rangi.

— Por mais bizarro que seja eu dizer isso, a sua história familiar secreta não é o problema — disse Rangi — Você não acha que tocou nesse assunto um pouco... agressivamente?

Isso era novidade para Kyoshi, vindo de sua amiga “queime primeiro e pergunte depois”.

— É o tipo de comportamento que essas pessoas respeitam — explicou Kyoshi — Tagaka sabia que éramos calmas e racionais e olha o que ela tentou fazer com a gente.

Os dentes de Rangi estalaram.

— Você não se viu lá atrás. Era como se você estivesse implorando para que eles atacassem você. Existe uma diferença entre coragem e desejo de morrer.

Ela estendeu a mão e a apertou na perna de Kyoshi para acalmar o tremor.

— Não estamos no nosso elemento — disse Rangi — Você pode ter as chaves para certas portas, mas essa não é a nossa casa. Você tem que ter mais cuidado.

“E se eu recuar de alguns *daofei*, não tenho chance de enfrentar *Jianzhu*.”, pensou Kyoshi, depois disse:

— Eu sinto muito, ok?

Essa discussão não ia se resolver tão cedo, e a gangue estava voltando. A última coisa que elas precisavam era mostrar uma fraqueza frente aos criminosos que eles estavam tentando coagir.

Rangi deixou a situação de lado, vendo valor nessa união. O garoto Si Wong, a garota da Tribo da Água e o homem grande se colocaram na frente de Kyoshi com grande formalidade. Ela costumava ficar assim para receber convidados importantes, sempre na parte de trás do grupo devido à sua altura.

O homem fez um gesto com a palma da mão aberta para baixo e a outra mão se fechou em punho. Era diferente de qualquer outra saudação que Kyoshi havia testemunhado e fez parecer que seu lado direito estava esmagando a esquerda por tentar roubar comida de uma mesa.

— Wong Pardalquitos Voador — ele se apresentou, curvando-se ligeiramente. Se ele parecia envergonhado por ter um apelido tão delicado, ele não mostrou.

A ágil dominadora de água deu um passo à frente e fez a mesma pose, embora de uma maneira desleixada para que todos soubessem que ela achava o conceito de nomes profissionais bobos.

— Kirima — disse ela — Só Kirima.

— Lek Bala — o menino exclamou com grande orgulho. Ele rearranjou as alças atrás das orelhas para um estilo interno mais digno — Embora alguns me chamem de Lek Esmagador de Crânios, ou Lek Assobio da Morte.

Kyoshi certificou-se de não espelhar os rostos que Wong e Kirima fizeram nas costas de Lek, ou o menino certamente se sentiria insultado.

— Kyoshi — disse ela — Essa é minha parceira, Rangi.

Rangi deu uma pequena gargalhada de desaprovação que Kyoshi interpretou como “*Então vamos dar nossos nomes verdadeiros agora?*”.

— Como você chegou até nós hoje à noite? — perguntou Kirima — Comece o mais longe que puder.

“*Tão longe, é?*”, pensou Kyoshi, então disse:

— Não me lembro muito de quando era pequena. — Embora suas pernas tivessem se acomodado, a parte da frente de seu pescoço agora doía de tensão — Só que meus pais e eu nunca ficamos em um lugar por muito tempo e eles nunca me disseram aonde iríamos. Você poderia dizer que eu cresci no “Reino da Terra”.

— Isso teria sido antes de qualquer um de vocês entrar para o grupo — disse Lao Ge para os outros — Jesa e Hark desaceleraram consideravelmente por vários anos e quase não conseguiam nenhum trabalho. Nunca me disseram por que deixaram de reunir a velha tripulação durante tanto tempo. Eu pensei que talvez eles tivessem desistido do jogo.

A memória do velho ajudou Kyoshi a encaixar as peças em um quebra-cabeça completo. O resultado foi mais feio do que ela imaginou.

— Bem, eles devem ter desejado voltar, porque me abandonaram em uma vila agrícola quando eu tinha cinco ou seis anos — disse ela — Não sei exatamente quando foi. Eu nunca mais os vi depois disso.

“*Ou os perdoei*”, pensou.

— Não pode ser — disse Lek — Jesa e Hark nunca fariam isso com a família. Eles eram os chefes mais leais que alguém poderia pedir. Você deve estar enganada.

Kyoshi se perguntou como seria pegá-lo, como ela fez com o pirata, e sacudi-lo até ele ver manchas. Kirima interveio antes que ela pudesse explorar a ideia.

— Você está dizendo à própria filha o que aconteceu com ela? — a dominadora de água bateu em Lek — Cale a boca e deixe-a terminar.

— Não há muito mais a dizer — disse Kyoshi — Quase morri de negligência naquela aldeia antes de ser acolhida pela casa de um homem rico e poderoso. Um sábio. As únicas posses que eu tinha em meu nome eram o equipamento da minha mãe e seu diário, que tinha informações sobre os costumes da família dos meus pais, obrigações que eu poderia cobrar. Foi um manual de instruções. Como você disse. —Ela olhou para Rangi — Mantive o passado dos meus pais em segredo da aldeia o tempo todo. Dada a forma como fui tratada como uma estranha, acho que não teria sido bom se os habitantes da cidade soubessem que eu também era filha de criminosos.

Rangi apertou seu maxilar. Kyoshi poderia dizer que ela estava pensando sobre as possibilidades, como o relacionamento delas poderia ter sido diferente se ela soubesse que Kyoshi era uma criança contaminada desde o início. Será que ela teria olhado e a ajudado mesmo assim? Ou ela a teria condenado ao monte de lixo como ela fez com Aoma, Jae e os outros?

— E num belo dia você decidiu sair e vir aqui? — perguntou Lek. Ele ainda estava incrédulo, como se uma sequência de eventos que começaram com os pais de Kyoshi sendo tudo menos perfeitos não pudesse existir.

— Eu não simplesmente decidi — Kyoshi rosou, voltando sua atenção para ele — O homem em cuja casa eu morava decidi por mim quando ele assassinou duas pessoas que eram importantes para mim. Jurei

pelos espíritos que giraram esse mundo em seu eixo que eu faria ele pagar por isso. É por isso que estou aqui. — Ela bateu o punho na mesa para dar ênfase — Ele é poderoso e influente demais para ser derrubado pela lei. Então eu preciso do lado oposto da moeda. Eu preciso dos recursos dos meus pais. Se eles puderem me dar um único presente nesta vida, então que seja uma vingança por aqueles que eu perdi.

O rosto dela estava vermelho. Kyoshi se sentia prestes a explodir. Ela não sabia o que faria se outra porta na parede se abrisse e a mãe e o pai dela saíssem. Teria sido tão volátil e inexperiente quanto seu encontro com o espírito das cavernas.

Lek solenemente tirou as faixas de seu cabelo e as torceu entre as mãos. Seu cabelo era arenoso e cortado por baixo

— Você veio até aqui para encontrar Jesa e Hark — disse ele em um murmúrio pesaroso — Kyoshi, sinto muito. Eu não sei como dizer isso a você, mas... mas...

O alívio veio como uma monção. Ela não precisava conhecê-los. Ela não precisava descobrir que tipo de pessoa era quando o passado se desenterrasse e tomasse forma sólida.

— O quê? Eles estão mortos ou algo assim? — Kyoshi perguntou, acenando com a mão para ele de forma petulante — Eu não me importo.

Mentira. Se eles tivessem aparecido na frente dela, ela teria fugido gritando daquela sala.

A dor de Lek foi substituída por indignação, como se ela fosse uma convidada do funeral que ele pegara roubando as ofertas do altar.

— Estamos falando da sua mãe e do seu pai! Eles foram levados por uma febre há três anos!

Ela achou tão fácil ser cruel agora que sabia com certeza que eles não poderiam se defender.

— Uau. Eu acho que tem algumas coisas que você não consegue superar, hein?

Seus olhos se arregalaram para fora de sua cabeça.

— Como você pode ser tão cruel? Ninguém nas Quatro Nações desrespeita seus próprios pais!

--- Eles me deixaram para trás porque eu ocupava muito espaço de carga — retrucou Kyoshi — Então eu diria que é uma tradição familiar.

Ela fechou o leque com a intenção de pontuar sua frase de um modo intimidador. Em vez disso, os braços se desalinham e a folha se dobrou da maneira errada, arruinando o efeito. Precisaria aprender a usá-lo corretamente em algum momento.

— Eu não estou aqui para confrontar meus pais ou seus fantasmas — disse Kyoshi. A energia nervosa bruta que percorria seus ossos diminuía — Estou aqui para buscar o que me é devido por laços de sangue. — contou em seus dedos — Quero ter acesso a esconderijos nas cidades maiores, onde posso ficar escondida por completo. Eu quero introduções com o resto da rede, começando com os dominadores mais fortes. E, acima de tudo, quero treinamento. Treinando até que eu seja forte o suficiente para derrubar meu inimigo pessoalmente.

Um silêncio caiu sobre o grupo.

Kirima engasgou-se. Kyoshi pensou que talvez tivesse caído saliva no buraco errado, mas então a dominadora de água começou a rir.

A ASCENSÃO DE KYOSHI

— Outras cidades! — ela gargalhou — Deixe-me adivinhar. Seu diário mencionou bases secretas em Ba Sing Se, Omashu? Gaoling, talvez? Cheios de uma irmandade de bandidos que honram os costumes antigos?

— Eu vou soprar minha trombeta — disse Wong — Tenho certeza de que eles virão correndo!

Kyoshi franziu a testa.

— O que é tão engraçado?

Kirima abriu os braços.

— Essa é a nossa única base de operações. Essa é a rede. Nós. Qualquer assistência que você ache que possa exigir pessoalmente fora da lei acaba aqui, dentro dessas paredes.



Kyoshi se lembrava do mais cansada que já esteve em sua vida. Não foi muito tempo depois que ela foi deixada em Yokoya, quando ainda via o diário e o baú como seus direitos de primogenitura e não como provas incriminatórias que seus pais queriam abandonar ao lado dela.

Foi afugentada de todas as portas, forçada a arrastar o baú pesado com ela. Era muito para uma criança carregar naquela época, mesmo uma tão grande quanto ela. Com o passar do dia, a exaustão se infiltrara em suas unhas e dentes. Seus pensamentos ficaram cinzas. Não havia espaço em seu corpo para a fome e a sede. Tudo foi entregue à fadiga.

Kyoshi sentiu os mesmos fragmentos de cansaço ameaçando desfazê-la agora. Entraram em suas articulações como pregos, acenando-lhe para desistir. Olhando para o *daofei* diante dela, ela via claramente agora. Eles

não eram a vanguarda de algum exército de sombra que ela poderia usar para marchar sobre Jianzhu. Eles eram pessoas abatidas e caçadas. Como ela.

— Já passamos por tempos difíceis — disse Wong. Ela sabia que ele não falava muito, então, quando ele o fazia, era provavelmente verdade e ao ponto — A repressão ao contrabando no Reino da Terra tem sido muito severa nos últimos anos. Fomos isolados de gangues noutras cidades sem muitas notícias ou empregos para falar.

— Seu diário deve ter pelo menos uma década de idade, com partes que vão mais longe — disse Lek — Naquele tempo, grupos como o nosso tinham influência real. — Ele olhou para as suas mãos como um rei deposto, ansiando pelo controle do seu cetro — Tínhamos territórios. Os governadores pediam-nos permissão para fazer negócios.

— Lek, você devia ter três anos de idade durante o nosso auge — disse Kirima — Nós nem sequer tínhamos te pego.

Ele a atacou furiosamente.

— Isso significa que o resto de vocês devia estar mais chateado do que eu!

— Nós entendemos — Rangi interrompeu — É doloroso saber o que devia ter sido.

Kyoshi detectou uma faísca de satisfação em sua voz por conta da forma como as coisas tinham acabado. O buraco não tinha sido mais profundo do que uma casa de chá em ruínas e alguns bumbos. No que dizia respeito à preocupação de Rangi, elas ainda podiam se libertar.

— Kyoshi, nós tentamos — disse ela — Você fez o que podia. Mas isso não é o que procurávamos. — Ela olhou para as portas do quarto e

para o posicionamento incomum — Nós poderíamos ficar aqui durante a noite, talvez, mas não seria mais seguro do que acampar. Devíamos voltar para Pengpeng e voar para o próximo...

Lek bateu as mãos na mesa.

— *Voar?* — Sua voz quebrou com excitação — Vocês voaram até aqui?

O resto do grupo se animou.

— Vocês estão me dizendo que têm um bisão voador? — perguntou Kirima, com um brilho interessado nos olhos.

Rangi amaldiçoou seu deslize.

— Por quê? — disse Kyoshi — Que diferença faria?

— Porque agora você tem algo que queremos — disse Kirima enquanto Lek batia nas paredes — Ser filha de Jesa e Hark significa que somos obrigados a te manter a salvo do perigo. Isso não significa que seguiremos suas ordens ou ajudaremos você em alguma busca pessoal por vingança. Se você quer esse nível de compromisso, então nos faça uma oferta.

— Não — Rangi retrucou — Esqueça. Não vamos lhe dar nosso bisão. Não vamos lhe dar nada disso.

— Fica calma, Coque-Alto — disse Kirima — Estou apenas sugerindo uma parceria. Precisamos sair dessa cidade seca para onde as perspectivas são melhores. Kyoshi quer treinamento. Nós deveríamos viajar juntos por um tempo. É sua melhor chance de encontrar professores de má reputação.

Ao ouvi-la, Kyoshi de repente percebeu que tinha cometido um erro crítico. Ela mostrara sua dominação de terra. Embora precisasse muito de melhorias em seu elemento nativo, não havia uma maneira direta de obter treinamento nos outros sem revelar que ela era o Avatar.

Rangi ainda se opunha à ideia.

— Não viemos aqui para reviver uma operação de contrabando fracassada — disse ela à Kyoshi — Só estaríamos assumindo mais riscos do que precisamos.

— Em primeiro lugar, a *nossa* operação era excelente! — Lek disse, cheio de raiva — E, em segundo, vocês duas são a bagagem aqui. Vocês não durariam um dia andando em nossos círculos sem um guia. Para começo de conversa, nós quase matamos vocês.

Rangi estreitou os olhos.

— Essa é sua impressão do que aconteceu? — Ela parecia perfeitamente disposta a testar a teoria dele.

Kyoshi enterrou o rosto nas mãos enquanto discutiam. Ideias que tinham sido tão claras em sua mente antes estavam se tornando pisoteadas e enlameadas. O seu caminho singular estava cheio de confusão e de falsas voltas.

Lao Ge interrompeu seu lamento ao bater uma garrafa vazia na mesa. Ele tinha sido esquecido até agora, e seu sorriso se dobrou sobre si mesmo como se estivesse explodindo com o melhor segredo do mundo.

— Eu sei que é uma decisão difícil, minha querida menina — disse ele, inclinando a orelha em direção à porta — Mas não demore muito. A polícia está chegando.



FUGA



O SOM DE BOTAS marchantes atingindo a estrada preencheu o ar.

— Seu velho estúpido! — gritou Lek — Nunca mais o colocarei na vigia novamente!

— Finalmente — disse Lao Ge. Ele piscou para Kyoshi.

Oficiais usando verde-militar entraram apressadamente na casa de chá. Eles se espalharam pelos lados para que seus números fossem acomodados, alcançando os cantos. Cerca de vinte, usando armaduras acolchoadas com uma única espada *dao* nas costas.

Na ponta de sua formação, ainda com roupas simples, mas agora usando na cabeça a mesma faixa adornada com o emblema prefetural da lei, encontravam-se os três homens que estiveram na casa de chá mais cedo.

— Me lembre de novo quem é bom em identificar disfarces, Lek? — rosnou Kirima.

Em um momento de pânico, Kyoshi pensou que os oficiais teriam vindo por ela em nome de Jianzhu, mas não podia ser. Mesmo que ele tivesse enviado mensageiros imediatamente, eles ainda não superariam um bisão.

“*Não*”, ela pensou com uma careta no rosto. Eles estavam aqui pela garota que entrou em um esconderijo ilegal e começou a dar ordens com códigos ilegais. Ela se incriminara publicamente, como uma tola.

— Em nome do Governador Deng, você está presa! — disse o capitão. Em vez de uma espada, ele apontou o cassetete cerimonial com o selo do Rei da Terra para eles, mas, de qualquer maneira, parecia pesado o bastante para quebrar alguns ossos — *Abaixem as armas!*

Deng. O nome trouxe mais terror ao coração de Kyoshi do que um leão-alce-dentes-de-sabre. O robusto Governador Deng de nariz avermelhado era uma visita frequente na casa de Jianzhu e um de seus aliados mais próximos. Kyoshi lançou um olhar para Rangi. O balançar de cabeça preocupado da dominadora confirmou seu temor. Se fossem pegas aqui, nesta noite, toda a operação estaria acabada. Elas estariam de volta às garras de Jianzhu antes mesmo de seu café da manhã esfriar.

O capitão não apreciou o contato visual entre ela e Rangi.

— *Eu disse: abaixem as armas!* — ele gritou, ouriçado para uma briga.

Os *daofei* olharam confusos para suas próprias mãos. Kyoshi percebeu que, a menos que o homem se sentisse particularmente ameaçado pelas garrafas de Lao Ge, a única pessoa armada era ela. O brilhante leque de

guerra ainda estava nas suas mãos, e seu par preso no cinto. Ela se levantou para ter espaço para puxar o outro leque.

O capitão deu um passo para trás, estupefato. Ele interpretou o desdobramento à sua altura total como um ato hostil. Ele não era o primeiro.

— Levem eles! — ele gritou para seus homens.

Havia muitos deles. Aglomerada nos escuros confins da casa de chá, a polícia parecia ter números maiores que os de saqueadores de Tagaka. Cinco dos oficiais fizeram uma barreira para Kyoshi, o alvo óbvio.

Eles foram nocauteados por uma rajada de fogo. Kyoshi olhou para Rangi novamente. Ela estava com seu pulso estendido, sua pele esfumaçando. Sua expressão era de chateação, porém, impenitente. Se elas iriam seguir com isso, então iriam até o final. Rangi não fazia coisas pela metade.

Inspirado por sua firmeza, Wong ergueu Lao Ge e jogou o corpo bêbado no capitão como se fosse um boneco de pano. O guincho de guerreiro que Lao Ge deu enquanto voava pelos ares era o único sinal de concordância com tal ato. Eles já deviam ter feito isso antes. O elemento surpresa funcionava fortemente a seu favor enquanto os braços rijos de Lao Ge prendiam o pescoço do capitão e suas pernas se entrelaçavam ao redor da cintura do subordinado, formando uma rede humana.

Outra rajada de Rangi passou crepitando pela orelha de Kyoshi. Ela não sabia mais o que estava acontecendo. Homens a cercavam com suas espadas sacadas. Ela pegou o objeto mais pesado e próximo dela - um tabuleiro de Pai Sho - com uma de suas pernas e balançou-o no ar em forma de arco.

Os policiais foram derrubados como trigo pela pancada de madeira densa. Aqueles que tentaram bloquear os golpes ferozes com as espadas tiveram-nas entortadas e prensadas contra seus torsos por causarem problemas.

Novos oficiais entraram às pressas pela porta apenas para escorregarem numa camada de gelo que Kirima proporcionou usando nada além do vinho que restou da reserva de Lao Ge. Kyoshi pulou surpresa pela torção minimalista e reservada de seus pulsos e dedos. Por um momento pareceu que a própria Tagaka da Quinta Nação estava lutando ao seu lado.

— Garota! — chamou Lao Ge, enfiando espadas dentro das bainhas em todo lugar que seus dedos ossudos podiam alcançar — Empurra a mesa!

Ela não possuía a mesma experiência prévia em batalhas com ele como Wong, mas Kyoshi entendeu a ideia. Ela elevou seu pé e, em seguida, bateu-o no chão.

A casa de chá pulou no ar de novo, dessa vez com os fundos mais inclinados. Lao Ge e vários policiais caíram pela porta. Os outros foram derrubados inclinados, tropeçando na palha e no vinho congelado.

Os novos compatriotas de Kyoshi conseguiram se manter de pé, visto que já conheciam esse truque antes.

— Saiam pelo outro lado! — gritou Lek.

— E Lao Ge? — ela não planejou derrubá-lo junto com os inimigos.

— Ele consegue se virar! Movam-se!

Ela jogou o tabuleiro de Pai Sho nos oficiais mais próximos e seguiu os outros pela cozinha. Estava vazia, era apenas um pequeno cômodo com um fogão de argila queimado pela tentativa de Lek de fazer chá. Outra porta

continuava o caminho, e então eles estavam no quarteirão atrás da construção.

A passagem foi disfarçada, pintada por cima sem uma moldura, e não possuía janelas, portanto, era o lado da casa menos vigiado por policiais. Apenas dois estavam a postos ali. Kyoshi ouviu um barulho de *zíp-zíp* e ambos foram ao chão antes mesmo de poderem sacar as espadas.

Lek guardou algo de volta no bolso.

— Onde está sua carona?

— Na parte sudoeste da cidade. — Rangi respondeu. O que era bom, porque Kyoshi havia perdido toda sua compostura e não fazia ideia — Se todos me seguirem, posso levá-los lá.

Houve um ruído seco de argila se rompendo vindo de cima. Uma fileira inteira de telhas foi arrancada do telhado e veio desmoronando em seus calcanhares enquanto eles corriam. Alcançar Pengpeng significava ter que correr pelos limites do bairro procurando uma passagem nos diversos becos que se ramificavam em diferentes direções como as nervuras de uma folha.

Kyoshi viu de relance o motivo pelo qual eles não foram perseguidos por mais policiais. Lao Ge estava emaranhado com um pelotão inteiro na entrada principal. Eles golpeavam vorazmente o ar que ele ocupava, mas atingiam o vazio todas as vezes. Ele dobrava e girava seu corpo como se o vinho ainda enevoasse sua cabeça, desviando e virando, seus movimentos aparentemente projetados para provocar ou frustrar os policiais. Kyoshi viu o homem se inclinar em ângulos impossíveis, praticamente paralelos ao chão, e percebeu que ele estava sutilmente fazendo suportes debaixo de seu tórax com dominação de terra, mudando seu centro gravitacional para confundir os oponentes.

— Não podemos deixá-lo! — ela gritou para os outros.

Aparentemente podiam, porque ninguém mais pensou duas vezes em Lao Ge antes de deixá-lo.

— Essa aqui! — disse Rangi, direcionando-se para a escuridão por uma passagem. Contudo, antes que alguém tivesse a chance de segui-la, uma grossa parede de pedra surgiu do chão, atingindo a altura dos telhados vizinhos e fechando a saída. A força policial trouxera os próprios dominadores de terra.

Lek continuou correndo atrás dela como se não houvesse um obstáculo em seu caminho. Kyoshi achou que seu cérebro seria jorrado para fora pelo impacto na parede. E então ele fez uma das coisas mais incríveis que ela vira:

Ele subiu pelo ar.

Lek correu cada vez mais alto pela escada invisível. Foi só quando ele ultrapassou a altura de seus olhos que ela viu como. As mais finas colunas de terra que ela já havia visto alguém fazer saíam do chão a cada passo que ele dava, antecipando onde o pé dele pousaria. Elas providenciavam um suporte momentâneo e se desfaziam em poeira imediatamente após seu peso ser retirado. Seu caminho crescente não deixava rastro algum.

Kyoshi havia assistido crianças pela vila brincando de dominar o solo em que se encontravam de pé, elevando-o ao ar junto consigo. Isso era, às vezes, um teste de coragem, quem conseguia fazer o pilar mais alto, ou um jogo de coordenação, alternando entre os jogadores como uma gangorra. Era, porém, sempre altamente destrutivo para o solo, deixando irregulares marcas do que havia ocorrido ali. E os jogadores precisavam manter-se parados, senão cairiam de suas plataformas.

Lek não tinha nenhuma dessas preocupações. Ele flutuava, leve, livre do puxamento da terra. Ele pisou no topo da parede e, então, em um telhado antes de desaparecer.

Tal proeza não era limitada a dominadores de terra. Kirima abriu um pequeno recipiente em sua cintura e filetes de água jorraram adiante, acumulando-se abaixo de seus pés. Ela subiu no nada como Lek havia feito, mas sua escada era poderosa, finos jatos que proviam a mesma resistência que a terra. Se sincronia fosse difícil para ela, ou se a água fosse menos estável, ela compensava com suprema graça.

Wong olhou para Kyoshi como se quisesse checar o que ela estava pensando. “*Não é possível*”, era o que ela estava pensando.

Ele deu de ombros pelo seu ceticismo e seguiu seus colegas em direção ao céu, usando terra e poeira como Lek, como se não fosse grande coisa. A visão do homem gigante desafiando todas as noções de gravidade fez seu queixo cair. Parecia menos com uma dominação e mais como uma balela espiritual, um falcão invisível levantando o peso de Wong acima dos telhados. Kyoshi assistiu a ele e Kirima correrem sobre calhas e peitoris e os espaços vazios nos vãos dos becos com igual tranquilidade.

O show inteiro havia acontecido em segundos. Foram acrobacias incríveis. E altamente infelizes.

Porque ninguém havia considerado que Kyoshi não sabia fazer isso. Ela claramente, com toda certeza, não sabia fazer isso.

— Segura ela! — um policial gritou atrás dela. Uma segunda placa de pedra foi atirada à sua direita.

E então, pela esquerda. Ela correu para a avenida remanescente mais próxima e saiu da praça antes que fosse completamente bloqueada. Ela

imediatamente soube que fora um erro. A passagem divergia agudamente da direção à qual os outros se dirigiram. As bifurcações na rua estreita não possuíam marcação e cada conjectura subsequente apenas a deixava mais perdida. As casas se aproximavam cada vez mais enquanto ela corria, prometendo asfixiá-la pelas guelras como um peixe em uma rede.

Uma lufada de fogo foi lançada no céu a escurecer. E então outra, saindo ligeiramente à direita da primeira. Rangi estava sinalizando para onde ir. Kyoshi sentiu seu coração acelerar por sua amiga. Era isso ou um ataque histérico por ter corrido por tanto tempo em velocidade máxima.

Ela seguiu a próxima dobra em direção ao fogo, mas os policiais também. Na verdade, eles usaram o conhecimento que possuíam do arranjo da cidade para conseguirem ter uma vantagem, entrando repentinamente em seu campo de visão, mais perto dela. Ela não podia retornar. E, logo a frente, um beco sem saída se aproximava. A ala fora fechada com tijolos.

— Sem saída, menina! — urrou um policial com uma capacidade pulmonar admirável.

“*Suba*”, ela pensou para si mesma. Faça aquilo como eles fizeram. Sua voz auto-repressora soava muito como a de Rangi na sua cabeça.

“*Deve ser mais fácil se eu for rápido, certo?*”. Ela disparou em direção à parede, rezando para que ela pudesse canalizar seu Avatar interior para aprender uma habilidade que havia visto apenas uma vez. A tentativa apressada de dominar os suportes necessários sem destruir a cidade inteira resultou apenas em míseras protuberâncias de terra aparecendo diante dela. Elas colapsaram sob seu peso, desequilibrando-a. Ela caiu descontroladamente para a frente, batendo o rosto primeiro. Ela não conseguiu cruzar seus braços à sua frente antes de sofrer o impacto.

Kyoshi fechou os olhos enquanto colidia contra a parede. Houve uma batida terrível, uma explosão de tijolos quebrando e argamassa destrocada. Quando ela os abriu novamente estava do outro lado, ainda correndo.

Ela havia atravessado direto sem sentir nada. Ela deve ter dominado como um reflexo, movendo-se e envolvendo-se em seu próprio poder como uma capa. Uma olhada de relance para trás mostrou um buraco do tamanho de Kyoshi na parede e guardas surpresos tentando decidir se passavam por ele ou pelo telhado.

Em sua distração, colidiu com o canto de uma casa. O medo de ossos quebrados fez com que ela forçasse a passagem pela estrutura de argila no instante em que ela sentiu a dor do impacto em seu ombro. A casa continuou de pé, mas uma porção foi arrancada como um pedaço de um pão de forma.

À sua frente, os espaços entre as lojas mercantes fechadas eram tão estreitos que mesmo uma pessoa menor que ela teria que parar e depois ir passando de lado. Rangi mandou outra sinalização. A única maneira de chegar ali era voando como um pássaro. Kyoshi fez um pedido de desculpas ao cosmos pelo dano que ela estava para causar e disparou em direção ao emaranhado de construções. Se ela não podia ser uma criatura graciosa, seria, então, um aríete.

Ela passou pela primeira parede arrebatando-a como se fosse papel de arroz. Do lado de dentro, ela cruzou a casa em poucos passos e irrompeu na porção adjacente, fabricando uma passagem pelo amontoado de armazéns. Cada seção que ela passava proporcionava vislumbres de diferentes mercadorias. Mercadorias secas, mercadorias molhadas, armas, marfim que era certamente ilegal, chapéus chiques. Ela estava feliz de arruinar apenas artigos do inventário e não estar machucando ocupantes vivos com detritos voadores.

Ela sentiu seu rosto apertado e ponderou se havia se machucado, aberto uma ferida na pele. Mas não, determinou ela. Ela estava sorrindo, travada em uma expressão louca, exultando distraidamente seu próprio poder e destruição. Quando o percebeu, ela rapidamente voltou sua mandíbula para uma carranca sombria e atravessou a próxima parede.

Uma sensação não familiar a fez se agitar após atingir a última parede. Era liberdade. Acima dela, nos telhados, a gangue toda surgia com destreza de superfície em superfície, apoiando-se em seus elementos quando necessário.

— Vejo que você fez seu próprio atalho! — gritou Kirima. A água que a sustentava brilhava lindamente à luz da lua, fazendo com que ela parecesse com uma fada lunar.

Kyoshi checou atrás de si para ver se alguém seguiu a trilha de pura devastação que ela havia deixado pela cidade.

— Onde está Rangi?

— Ainda na liderança. Você arrumou uma companheira e tanto.

Outra labareda de luz que lembrava um foguete irrompeu o céu noturno. Rangi havia se juntado aos *daofei* no nível deles. Ela corria tão ágil quanto eles pelas telhas e, quando havia um espaço grande demais para pular sobre ele naturalmente, ela utilizava jatos de fogo saídos de seus pés, traçando arcos propulsivos pelo céu.

A visão fez a respiração de Kyoshi parar justamente quando ela precisava dela fluindo. Rangi estava tão linda, iluminada pela lua e o fogo, que doía. Ela era força e habilidade e determinação envolvendo um coração inabalável.

Kyoshi sempre admirara Rangi. Mas agora ela sentia como se estivesse olhando a amiga por um painel de vidro recém-limpo. Algum espírito forte e amoroso descera dos céus e contornara a dominadora de fogo com pinceladas de cor e vibração.

Havia uma aflição no peito de Kyoshi que não era relacionada à velocidade em que corria, notas de ansiedade e medo tocavam em um mesmo acorde. Ela afugentou o sentimento, sem querer confrontar seu significado naquele momento. Em todo caso, essa era uma péssima hora para se distrair.

Logo exauriram o abastecimento de casas que pudessem pular sobre. Eles alcançaram os casebres nos limites da cidade, causando mais confusão aos residentes que viram Kyoshi e Rangi irem para dentro da cidade para passar a noite e agora corriam por suas vidas indo na direção oposta levando outras três pessoas.

Lek correu para o bosque sem ser mandado, talvez entendendo que existiam poucos lugares nos quais era possível esconder um bisão de dez toneladas. Kyoshi alcançou o bosque a tempo de pegar o garoto enquanto Pengpeng rugia e o fazia recuar, atingindo-o com lufadas.

— Calma, garota! — ela tossiu, seus pulmões queimando pela corrida e inalação de poeira das construções — Eles estão conosco.

Andar pelo céu devia ser uma técnica altamente eficiente, porque ninguém parecia tão cansado quanto ela. Rangi montou no pescoço de Pengpeng e desfez as rédeas do pito da sela. Os *daofei* escalaram as costas do bisão, segurando-se em seu pelo com uma estranha familiaridade. Uma vez que todos estavam acomodados, Rangi guiou Pengpeng para cima das copas das árvores.

Lek estava extasiado.

— Um bisão! — ele gritava, batucando no assento da sela — Um bisão de verdade!

— Se acalme! — disse Rangi — Não é como se você não pudesse vê-los perto de qualquer Templo do Ar.

— Ele só está animado porque nós costumávamos ter um próprio — disse Wong — Um camaradinho fofo chamado Longyan.

Apesar da necessidade de se mover rapidamente, Rangi parou, deixando Pengpeng se mexer em círculos gentis e lentos.

— Espera, como? — ela perguntou — Apenas Nômades do Ar podem domar bisões. Os animais não ouvirão estranhos caso sejam roubados.

— Não roubamos Longyan — explicou Kirima — Ele era o bisão da Jesa.

Rangi apertou os olhos, confusa, e virou-se para Kyoshi.

— Mas Jesa não era... a *sua* mãe?

Kyoshi estremeceu. Ela encontrou uma saída dessa conversa desconfortável, embora fosse temporária. No chão abaixo deles, acenando com as mãos, estava Lao Ge. Ele havia conseguido escapar das dúzias de homens que o soterraram e chegara no esconderijo antes de todos.

Os *daofei* não pareciam nem um pouco surpresos em vê-lo. Rangi fez Pengpeng baixar a altura do voo e Wong se inclinou, segurando a mão de Lao Ge e trazendo-o para a sela, novamente com facilidade pela prática.

— Achei que finalmente estaríamos livres do seu fedor! — gritou Lek.

— Não tão fácil assim — disse Lao Ge — Alguém mais está com sede? Eu gostaria...

— Cala a boca — cortou Rangi. Ela fixou Kyoshi em sua visão de novo — Isso significa o que eu acho que significa? Sobre sua mãe?

Ela parecia magoada por outro segredo mantido dela. Mas Kyoshi tinha sincera e honestamente esquecido de tocar no assunto. Não fora relevante até esse momento.

— Sim — disse Kyoshi, acanhada — Minha mãe era uma dominadora do ar. Eu sou metade Nômade do Ar.

Ela se sentia terrivelmente culpada. Ela forçou Rangi a absorver muita coisa no último dia. Descobrir que Kyoshi não era a garota puramente do Reino da Terra que Rangi presumiu ser durante todo esse tempo era outro peso leve adicionado à pilha.

Mas ouvir que uma criminoso desprezível e chefe de quadrilha era uma Nômade do Ar teria sido o bastante para chocar e confundir todos. As pessoas ao redor do mundo encaravam Dominadores de Ar como seres iluminados e exemplares que eram livres de preocupações mundanas. Eles pertenciam à uma cultura benigna, pacífica e monástica tão espiritualmente pura que todos os membros possuíam a capacidade de dominar seu elemento.

Rangi parecia uma criança que acabara de ouvir que os doces escondidos em seu travesseiro foram deixados pelos pais e não pelo Espírito da Grande Colheita. Kirima e Wong detectaram a estranheza entre elas e permaneceram em silêncio. Já Lek não foi tão observador.

— Por que essas caras tão azedas? — disse ele, dando um tapa nas costas de Rangi e Kyoshi — Finalmente temos um bisão de novo! Nossos

melhores dias estão à nossa frente! — Ele ergueu seus punhos, socando o ar, e deixou escapar um grito de felicidade — A Companhia Ópera Voadora está de volta!



Eles acamparam pelas margens de uma enseada seca, escondidos pela virtude de estarem bem longe, no meio do nada. Mesmo que os oficiais da Baía Camaleão soubessem a direção para a qual eles tinham ido, demoraria, no mínimo, um dia de viagem a cavalo-avestruz para alcançá-los. Eles nem se importaram em esconder o fogo aceso por Rangi para eles. Ele queimava, maior do que precisavam, crepitando e estalando pelo combustível fora de época. Eles haviam comido o resto de suas comidas secas.

Kirima e Wong adormeceram primeiro, sem perguntar sobre turnos. Lek caminhou para a enseada sem água, recolhendo algumas pedras polidas que capturavam sua atenção antes de ir se preparar para dormir.

Rangi estava guardando rancor pelos péssimos acontecimentos do dia — quase ser presa pela polícia local, os *daofei* se insinuando para dentro de seu acampamento, as revelações sobre a ascendência de Kyoshi — então ambas se engajaram em uma silenciosa e fútil batalha de gênios para ver quem seria a próxima a dormir. Kyoshi tinha a liderança, sabendo que provavelmente um pesadelo a aguardava. Ela garantiu que Rangi estivesse realmente dormindo antes de colocar o cobertor bom, que elas mantiveram escondido dos outros, sobre os ombros da dominadora de fogo.

Kyoshi caminhou pela enseada, oscilando em cima das pedras do tamanho de paralelepípedos que outrora encontravam-se mergulhadas, até que achou Lao Ge sentado sob uma árvore retorcida. Metade de suas raízes haviam sido banhadas em algumas enchentes tempos atrás, enquanto o

resto se mantinha firme na margem. Os esforços da árvore eram em vão. Ela estava morrendo.

Os olhos de Lao Ge estavam fechados em meditação.

— Você é bem barulhenta — disse ele.

Ela franziu o cenho. Praticou pisar com leveza por anos quando era uma servente para se mover como um sussurro e não distrair os visitantes.

— Quis dizer que seu espírito é barulhento — disse o velho — Ele vibra o ar. Às vezes ele grita. Como agora – seu corpo pode estar bem aí, mas seu espírito está me agarrando pelos ombros e uivando na minha cara. Se você fosse ao Mundo Espiritual nessas condições, criaria um tufão do tamanho de Ba Sing Se.

— Eu sei quem você é — disse Kyoshi — Levei algum tempo para descobrir, mas depois de te ver lutar contra tantos homens ao mesmo tempo, tudo ficou claro.

Ele abriu um olho. Kyoshi tinha a teoria de que pessoas que gostavam de meditar praticavam esse gesto para aparentarem serem bem-humoradas e sábias.

— Você é Tieguaí, o Imortal — afirmou ela.

— Ahn? — perguntou Lao Ge, agora completamente interessado — Eu suponho que exista uma descrição minha no diário da Jesa? Cabelos longos e brancos, ótimo dançarino, devastadoramente bonito?

— Não tinha tantos detalhes. Dizia que você era uma lenda do submundo, os rumores diziam que possuía duzentos anos de idade, mas eram apenas histórias.

— Claro. Eu sou um homem, afinal, não um espírito.

— Eu sei que é você por uma outra descrição — disse Kyoshi — “*Tieguai luta com uma muleta.*” Eu estava procurando alguém com uma muleta de madeira ou uma perna ruim. E então eu vi você se apoiando em sua dominação de terra enquanto lutava com os oficiais na praça.

Lao Ge suspirou, como se tivesse pena dela por ter somado dois mais dois. Ele colocou as mãos nos joelhos e se levantou. Ele desceu pela rede de raízes nas pontas dos pés até que estivesse cara-a-cara com Kyoshi.

— Por que alguém como você procuraria pelo Tieguai Imortal? — ele perguntou, não mais um velho, mas sim um monstro com cabeça humana fazendo um enigma em troca de uma passagem segura. — Afinal, sua mãe nunca procurou, ela me chamava de Lao Ge.

A raiz na qual ele se encontrava de pé não deveria ser capaz de suportar o peso de um pássaro, quem dirá de um humano. Kyoshi engoliu em seco. Ela tinha a sensação de estar rolando morro abaixo, suas orelhas internas se revirando como o mar turbulento. Uma inabilidade de voltar atrás.

— Porque ela tinha medo de você — revelou Kyoshi — Ela não sabia disso quando você se juntou ao grupo, mas suas suspeitas de que você era Tieguai, o Assassino, cresceram ao longo do tempo. Tieguai, que matou o quadragésimo Rei da Terra. Ela descobriu que você estava usando a gangue dela como uma cortina de fumaça, um disfarce, para viajar de lugar a lugar eliminando alvos por seus próprios motivos. Ela estava assustada demais para te confrontar.

Os registros feitos por sua mãe eram completamente destemidos quando descrevia trabalhos perigosos com contrabandos, roubos e conflitos com milícias locais. Eram devaneios de alguém que trilhava a vida de um *daofei*. Mas o diário também continha narrações frequentes de superstições

criminais, nada menos do que as histórias disseminadas a respeito de uma sombra que rondava pelo Reino da Terra, tirando vidas tanto inferiorizadas quanto exaltadas em acordo com um esquema desconhecido.

A contrabandista Jesa juntara as peças. Todas as vezes em que o bobo velho de sua gangue se esgueirava sozinho para longe, uma morte acontecia nas proximidades. Algumas vezes sendo algum nobre proeminente que deveria estar seguro atrás de paredes grossas e numerosos guardas.

Lao Ge – o nome havia grudado com força – abaixou a cabeça e sussurrou uma reza rápida pelos mortos.

— Aquela mulher sempre foi muito observadora. Estou surpreso que não percebi ela me descobrindo. Então o que será que a filha dela quer? Me levar à justiça?

— Não — disse Kyoshi — Quero que me ensine como matar alguém.

Se Lao Ge se surpreendeu com sua resposta, não demonstrou.

— Acerte a cabeça deles bem forte com uma pedra.

— Não — repetiu Kyoshi — Dominação e assassinato não são a mesma coisa.

A imagem percorreu sua mente, o jeito como Jianzhu tão casualmente realizou atos indizíveis, primeiro a Yun e depois a Kelsang. Tão fácil quanto respirar.

Isso precisava ser fácil para ela. Ela não podia se permitir ter um bloqueio mental, nenhuma hesitação quando se tratasse de tirar a vida dele. Ela precisava estar preparada em todos os sentidos da próxima vez que visse Jianzhu.

Uma brisa da noite acariciou sua pele.

— Você deveria ir dormir, garota — disse Lao Ge — Porque você já aprendeu a primeira lição.

— Então isso significa que continuaremos depois, — ela decidiu testar as águas — Sifu?

— Quando e se eu considerar que é a hora certa.

Ela se curvou e o deixou com suas meditações, retirando-se tanto por desconfiança quanto por respeito. Seu caminhar era instável e ameaçava virar seus tornozelos. Pouco antes que ela se virasse, Lao Ge começou a falar novamente.

— Eu apreciaria se você não contasse para os outros sobre minhas aventuras independentes — ele disse — Eu não desejo complicar as coisas para nosso pequeno e alegre bando.

A relação entre Lao Ge e os outros *daofei* não era problema dela. Mas se essa for a única alavanca que ela poderia ter para fazer com que ele a ensinasse, ela a usaria.

— Eu nem sonharia com isso, Sifu.

Lao Ge sorriu gentilmente. Aquilo a lembrou do sorriso de Jianzhu, porém, mais genuíno. Ele alcançava seus olhos. Ele não tinha necessidade alguma de esconder dela quem realmente era.

— E, em retorno, guardarei o *seu* segredo — respondeu ele — Kyoshi.



O ACORDO



KYOSHI NÃO DORMIU BEM, inquieta a noite inteira pelo que o velho havia lhe dito. *O segredo dela*. Primeiro Tagaka e agora Lao Ge. Se todo idoso pudesse olhar em seus olhos e deduzir que ela tinha um poder incomum, ou era o Avatar, então ela estaria com problemas. Os únicos dominadores que ela conseguiria como professores seriam crianças, como Lek.

Um dedo do pé em suas costelas a fez acordar. Ela arranhou a dura superfície abaixo de seu corpo, terra envolvendo seus dedos, em vez de seus lençóis. Ela se encontrou com saudades de sua cama.

— Levanta — disse Rangi. O sol ainda não havia nascido, e a fogueira ainda tinha poucas brasas que cintilavam em vermelho. Lao Ge não estava em lugar nenhum, e os outros estavam absortos num concurso de roncós. A luz acinzentada daquele momento antes do alvorecer fez com que a

empoeirada margem do rio parecesse ter sido tratada com detergente, cheia de cor e vitalidade.

Kyoshi levantou-se cambaleante. Por ela ter se mexido durante a noite, o cobertor bom a descobrira e caíra no chão.

— Q-Quê?

Rangi empurrou-a ao longo da margem, na direção oposta à que tomara na noite anterior.

— Você queria treinamento? Bem, você terá treinamento. Começando hoje. Agora.

Elas andaram, Kyoshi sentido-se como uma prisioneira enquanto Rangi a instigava com certa frequência por não estar se mexendo suficientemente rápido. Elas tomaram uma certa distância do acampamento, mas muito menos do que Kyoshi esperava que fossem se afastar quando Rangi a mandou parar.

Um conjunto de montes com grama as protegia da vista dos outros, mas os pequenos morros não eram muito altos.

— Vamos ver sua Posição do Cavalo — disse Rangi — Você não vai ter um passe livre no básico que dominação de terra tem em comum com a dominação de fogo.

— Vamos dominar o fogo? Aqui?

Qualquer um que quisesse procura-las certamente checaria aquele lugar. E elas deixaram Pengpeng junto aos criminosos que a cobiçavam.

— Estamos revisando o básico, não fazendo chamás — explicou Rangi — Eu duvido que você precise de instruções diferenciadas, de alto-

nível nesse momento. Por acaso você consegue manter uma postura de dominação por mais de dez minutos?

— *Dez* minutos!?! — Kyoshi ouvira que cinco minutos era uma meta admirável, uma que nunca alcançaria.

Havia um esboço de um sorriso triunfante nos lábios de Rangi.

— Posição do Cavalo. Agora. Não repito nada aos meus alunos.



Depois de três minutos daquilo, Kyoshi entendeu o motivo para tudo isso. Punição. A queimação em suas coxas e costas, a dor em seus joelhos, era vingança por não ter contado tudo a Rangi.

— Olha, desculpa — ela disse.

Rangi pousou seu cotovelo em sua outra mão e examinou suas unhas.

— Você só será permitida a falar quando seus quadris estiverem paralelos.

Kyoshi xingou e reajustou seus ossos. Isso tinha que ser um exercício feito para pessoas baixas.

— Eu devia ter te falado que minha mãe era uma dominadora de ar. Eu não achei que era relevante.

Rangi aparentava estar satisfeita com o pedido de desculpas. Ou com o tanto de dor que estava causando em Kyoshi.

— Isso *é* relevante! — ela disse — Nômades do Ar não são criminosos! Isso é como descobrir que você tinha uma segunda cabeça escondida embaixo de seus robes esse tempo todo.

Talvez satisfazer a curiosidade de Rangi a tirasse da posição do cavalo mais cedo.

— Minha mãe era uma freira nascida no Templo do Ar do Leste — Kyoshi disse — Eu não sei muito sobre a vida dela fora que ela se tornou mestre bem jovem e era bem conceituada.

Falar se provou ser uma boa distração do ácido comendo seus músculos

— Então, em uma jornada pelo Reino da Terra, ela encontrou meu pai em uma cidadezinha em algum lugar. *Ele* era o *daofei*. Um dominador de terra e um pequeno ladrão.

— Ugh, já consigo até ver onde isso vai parar — disse Rangi.

— Sim. Ele a envolveu em um esquema, e ela se apaixonou por ele e pela vida de crimes. Ela deve ter nascido na existência errada como uma Nômade do Ar, pois ela tatuou serpentes por cima das setas e mergulhou no mundo do crime com todo o seu ser, procurando por mais “aventura”.

Rangi balançou a cabeça em negação, ainda sem superar o fato de uma dominadora de ar ter se tornado um tipo de malfeitora.

— É só que isso é tão... bizarro.

— Você ouviu os outros falando sobre ela. Ela se tornou uma figura relativamente grande entre os *daofei*, mais do que meu pai. Mas sua dominação sofreu uma corrupção espiritual. Ou algo assim, de acordo com os registros dela. Deixando-se absorver por preocupações mundanas, incluindo a ganância, seu poder diminuiu. Então ela o compensou.

— Com um par de leques! — Rangi exclamou, estalando os dedos com o mistério resolvido — Pela minha vida, eu não conseguia descobrir

por que você tinha leques como uma dominadora de terra. Eu não perguntei porque achei que seria um assunto muito delicado.

— E é. — A dor abrasadora em suas pernas foi substituída por uma agonia mais controlável e entorpecente — Por que acha que nunca contei a Kelsang? “*Oh, por acaso, sou uma das maiores desgraças recentes para a sua cultura?*” Quando eu já estava velha o suficiente para considerar trazer isso à tona, não tinha mais sentido. Eu tinha meu trabalho. Eu já tinha te conhecido.

— Cinco minutos — Rangi anunciou — Nada mal.

Kyoshi empurrou a dor para o fundo de sua mente.

— Acho que consigo continuar.

Rangi deu uma volta ao redor dela, conferindo sua postura de todos os ângulos.

— É irritante. Uma mestra em dominação do ar abandonando sua espiritualidade por um criminoso. Sem ofensas.

— Não se preocupe. Também não me cai muito bem.

Rangi cutucou-a na parte de baixo de suas costas.

— Me prometa que nunca irá jogar sua vida fora por causa de um *garoto* — ela pediu, sua voz revestida em desdém.

Kyoshi riu.

— Não vou. Além do mais, quem poderia ser digno...

Todo o peso do que estava dizendo a fez parar no meio da frase, como um portão pesado. Seu interior queimava com repugnância de suas próprias fraquezas.

Ela se deixou rir. Ela percebeu que tinha dito o nome de Kelsang em voz alta sem amaldiçoar Jianzhu no mesmo fôlego. E o pior de tudo, ela esquecera de Yun. Não importava quão longo era o lapso de tempo. Deixá-lo ir, mesmo que por um segundo, era imperdoável.

Rangi também sabia disso. Seu rosto desmoronou, e ela virou para o outro lado. Kyoshi se lembrou do que Lao Ge disse sobre seu espírito fazer muito barulho. Vendo Rangi imóvel em angústia na sua frente acabou com a aula. Ambas mantinham tormentas dentro de si.

Kyoshi tinha que se tornar mais forte, em corpo e alma. Momentos de felicidade eram provas úteis, líquido testando as rachaduras em uma jarra. Quanto menos ocorressem, maior era a chance de ela estar no caminho correto para vingança.

Ainda estava de postura baixa. Lembrou-se do punho de fogo ineficaz que lançou no rosto de Jianzhu. Talvez, se tivesse aceitado sua habilidade de dominação de fogo anteriormente, ela teria acabado com ele naquele exato momento.

— Me deixa tentar produzir chamas — pediu Kyoshi.

Rangi olhou para cima e franziu as sobrancelhas.

O retorno da dedicação de Kyoshi para sua causa a fazia se sentir quente e amarga por dentro, como vapor em uma chaleira ligada. Tinha certeza de que se ela extravasasse esse sentimento, conseguiria dominar fogo.

— Punhos de Fogo — ela disse — Acho que consigo fazê-los com uma chama de verdade agora. Sinto que vai funcionar.

— Não. — respondeu Rangi.

— Não? — Kyoshi ficou surpresa com tamanha assertividade. A dominação de fogo parecia tão real, tão próxima — O que quis dizer com não?

— Eu quis dizer não. Agora você está tensa como um tatu-leão enrolado. Vai gerar o tipo errado de chama e desenvolver hábitos ruins. Veja.

Rangi deu um passo para o lado. Sem aviso, desceu em posição e socou o ar, fazendo suas mangas fazerem barulho com a força de seu movimento. Kyoshi pode ver os nós das mãos dela fumegarem como a ponta de um incenso.

— Você precisa trabalhar relaxamento e coordenação mental primeiro — Rangi explicou — As primeiras lições de dominação de fogo são todas sobre como suprimir a chama e mantê-la controlada. Para um principiante, fazer chamas aparecerem significa fracasso.

Kyoshi zombou dela internamente. Não gerar uma chama foi a causa de seus problemas desde o início.

— Então me deixa tentar o que você fez. — Ela plantou seu pé, imitando o movimento de Rangi e cerrando seus punhos.

— Kyoshi, *não*.

Ela imaginou o rosto de Jianzhu, respirou fundo e golpeou.

Sua única experiência cuspidando fogo havia afrouxado algo, deixando mais fácil para sua respiração espiralar para fora de seus pulmões e entrar em combustão. Muito fácil. Energia corria por seus braços para explodir em seus dedos, isso fez com que seus nervos acendessem com sinais, era como se ela tivesse pegado um pedaço de carvão ainda vermelho, diretamente do forno.

Em vez do brilho nítido que Rangi produziu, o calor que saiu do punho de Kyoshi era errático, alternante, como se tivesse colocado um pouco de água no óleo fervente. Continuou por muito tempo e causou muita dor. Kyoshi caiu de costas e tentou apontar para um lugar onde não haveria nenhum alvo. Um pequeno jato contorcido de fumaça subiu por entre seus dedos como um arrote.

Kyoshi sentou-se. Rangi assistiu à patética nuvem de vapor subir pelo ar. Então lançou a Kyoshi um olhar tão duro que podia nivelar ferro.

Lek salvou-as de uma conversa difícil. Ele subiu a colina ao lado delas e seguiu o caminho da fumaça com seu dedo.

— Que tipo de dominação de fogo defeituosa foi essa? — ele perguntou com um risinho. A pergunta era direcionada a Rangi, já que ele não vira a fonte.

Rangi cruzou os braços.

— Eu tive um colapso de disciplina momentâneo — ela disse, ainda encarando Kyoshi — Não vai acontecer de novo. Não se, um dia, eu quiser dominar fogo decentemente.

Lek deu ombros.

— Relaxa, eu só ‘tava perguntando. Se as duas tiverem acabado de se despedaçar, o café da manhã está pronto.



O café da manhã era algum tipo de roedor, caçado, eviscerado, com a pele retirada, e queimado a ponto de ficar irreconhecível. Kyoshi e Rangi comeram com mordidas grandes e raivosas, enquanto sentavam-se ao redor

da fogueira reacendida pelos *daofei*, ambas tentando mostrar uma à outra o quão aborrecidas estavam roendo a comida agressivamente.

Lek esqueceu sua porção enquanto as assistia impressionado.

— Eu não achei que uma princesa do exército e uma serviçal de uma mansão chique aceitariam comer rato-elefante.

— Treinamento de sobrevivência na academia — Rangi disse, quebrando um osso com os dedos para ter acesso ao tutano — Aprendemos a aceitar qualquer comida que pudéssemos achar na natureza.

— Eu costumava comer lixo — disse Kyoshi.

Isso atraiu olhares do grupo.

— Achei que Jesa e Hark tivessem te deixado numa aldeia agrícola — comentou Kirima.

— Isso não quer dizer que os fazendeiros dividiam a comida comigo. — Kyoshi esforçou-se para tirar uma fibra filiforme de carne que estava presa em seus dentes com a língua — Eles podiam não saber que eu era filha de criminosos, mas eu ainda era uma forasteira lá. Me tratavam como se eu fosse imunda. E então eu tinha que fazer coisas do tipo para sobreviver, sabe. Profecia autorrealizável.

— É por isso que eu não suporto cumpridores da lei, o tipo de gente que acha que são o “sal da terra” — disse Wong — Essa atitude mais-santo-que-você. A hipocrisia — ele limpou as mãos em uma folha — De alguma forma, eles *merecem* ser nocauteados e roubados regularmente.

Ele notou Kyoshi encarando-o.

— Que foi? — ele perguntou — Eu pratico o que prego.

— Você deve ter odiado eles profundamente — Kirima tentou voltar ao assunto.

— Os aldeões? Não muito — Kyoshi percebeu que o que dissera era verdadeiro — Não tanto quanto odiei as pessoas que me deixaram lá com eles.

Lek jogou os restos de sua refeição no fogo e saiu, fumegando silenciosamente. Ele desapareceu atrás do outro lado de Pengpeng, o único membro do bando que parecia deixá-lo feliz.

— Certo, qual é o problema dele? — Kyoshi vociferou — Toda vez que digo um fato ou uma opinião sobre meus pais, ele surta.

— É porque ele os idolatrava — explicou Kirima — Nós o achamos em uma cidade fora do Oasis das Palmeiras Enevoadas. Ele tinha acabado de perder o irmão, o último membro de sua família. Hark e Jesa o acolheram por alguns dias, e ele se provou útil em um serviço, então ensinaram-no mais e mais sobre o tráfico até que ele cresceu como um seguidor do código criminoso mais comprometido do que qualquer um de nós. Ele venerava o chão que eles pisavam.

Kirima provavelmente tinha a intenção de acalmar a fera dentro de Kyoshi, no entanto, ela acabou atíçando-a, como se tivesse passado sangue fresco em seu nariz.

— Oh, perdão — Kyoshi disse, a ironia, que não usou durante toda sua vida até então, transbordando — Lembrarei de ser mais legal com o garoto que meus pais decidiram criar no meu lugar.

Kirima fez um gesto com seus polegares para mostrar o quão pouco se importava com o assunto.

— E você? — ela perguntou para Rangi — O que uma jovem e brilhante nobre que nem você está fazendo com uma plebeia da Terra?

A mera lembrança de seu dever fez com que Rangi corrigisse a postura.

— Eu tenho a honra de seguir e proteger Kyoshi...

— Não! — Kirima a interrompeu, arrependendo-se de ter perguntado — Vou te interromper aí. A última vez que ouvi um dominador de fogo falar sobre “honra” minhas orelhas quase apodreceram meu crânio. Tive que chutá-lo da minha cama com ambos os pés.

Ela e Wong levantaram-se. Os dois *daofei* mais velhos não sentiram a necessidade de também compartilhar suas histórias de vida. Wong apontou dois dedos para a fogueira e afundou-a a alguns metros do chão antes de cobri-la. Seu tamanho incitava sua destreza em dominação de terra. Na verdade, ela confirmara na noite anterior que todos os membros da gangue de seus pais tinham graça de sobra. Exatamente a qualidade que lhe faltava.

— Precisamos conversar — Kyoshi disse, levantando-se também — Na noite passada fomos interrompidos antes que eu concordasse com qualquer coisa.

— Oh, por favor, sério? — exclamou Kirima — Depois de tudo que passamos juntos você quer pegar seu bisão e nos largar no meio do nada?

— Nós dividimos uma refeição! — exclamou Wong, aparentando estar genuinamente magoado — Nós demos uma surra em homens da lei juntos!

— Minhas demandas não mudaram — Kyoshi disse — Eu quero treinamento de dominação, e os únicos dominadores por perto são vocês. *Vocês* me ensinarão. Pessoalmente.

— Pra quê você está me colocando nessa, garota da Terra? — Kirima perguntou — Você quer aprender formas de dominação de água para relaxar e melhorar sua circulação?

Kyoshi havia preparado uma resposta durante a noite para esse propósito.

— “Conhecimento pode ser adquirido de toda nação” — ela disse, citando algo que Kelsang já havia lhe dito — Se aprender sobre outros elementos pode me fazer mais forte, então é isso que vou fazer.

— Desesperada por vingança nesse nível, hein? — comentou Kirima — Quem é esse homem poderoso que te prejudicou? Você nunca disse o nome dele.

— Isso é porque vocês não precisam saber.

Kyoshi não queria falar sobre Jianzhu. Ele era muito renomado por todo o Reino da Terra. Sentia o mesmo sobre sua identidade como o Avatar. Informação sobre a conexão entre eles poderia se espalhar, dando a ele rastros para caçá-la antes que ela estivesse preparada para lutar com ele.

Toda vantagem iria contar naquela batalha. Kyoshi lembrou-se do modo como a gangue de seus pais voou sobre os telhados na noite anterior, desimpedidos. Eles praticamente alcançaram a mesma altura que Jianzhu chegara com suas pontes de pedra.

— Eu quero aprender a correr pelo céu — ela disse — Assim como vocês fizeram na cidade.

— Levantar poeira? — perguntou Wong. Sua expressão geralmente impassível tomou certa seriedade.

— Essa técnica é a assinatura do nosso grupo. — Kirima disse — Mesmo que para mim seja ‘levantar neblina’. E é algo que você não vai conseguir de graça.

A atmosfera tinha mudado. Anteriormente os *daofei* estavam tratando as demandas de Kyoshi como interessantes, um latido de um filhotinho tentando parecer ameaçador. Essa foi a primeira vez que eles estavam realmente cautelosos e com a guarda levantada, como se eles fossem ser enganados nesse acordo.

Rangi reparou a hesitação deles.

— Vocês estão agindo muito seriamente por uma técnica que eu plagiei depois de ver apenas uma vez. — ela comentou.

Kirima fixou seu olhar nela, encarando-a.

— Outros grupos provavelmente teriam te matado por isso — ela disse, sem demonstrar nenhum sinal de que estava de brincadeira — Você não dura muito no nosso mundo se deixar todo mundo ver suas vantagens. Sobrevivemos na base de segredos — ela virou-se para Kyoshi — Se te ensinarmos, significa que você está dentro. De verdade, por toda sua vida. Teria que jurar nossos votos e seguir nossos códigos. Nos olhos de todos que seguem as leis, você seria *daofei*.

“*Eu seria que nem a Tagaka*”, Kyoshi pensou. “*Eu seria que nem meus pais*”. Ela acalmou a repulsa dentro de si e concordou com a cabeça.

— Eu entendo.

— Kyoshi, pense no que está fazendo! — Rangi gritou.

— Pela primeira vez, Coque-Alto está certa — disse Wong — Você não pode levar esses votos levianamente. Isso significa nos aceitar como

seus irmão e irmãs. — Ele levantou as sobrancelhas, mostrando o branco de seus olhos — Desde que nos encontramos, você vem nos olhando como se fosse melhor que a gente. Será que sua honra consegue levar esse golpe, ser associada com um povo tão *imundo*?

O homenzarrão era mais incisivo do que aparentava. Kyoshi sabia como era ser a pessoa que recebia o desdém.

A resposta dela era sim. Até onde ela sabia, sua honra pessoal e reputação não tinham valor algum. Trocá-los por mais poder era uma escolha fácil. Ela o faria. Por Kelsang e Yun.

Ela podia praticamente sentir a decepção de Rangi vibrando pelo chão.

— Quais são esses juramentos? — perguntou Kyoshi.



De acordo com Kirima, a cerimônia de admissão e juramento deveria ser feita em um grande salão, com o iniciado em pé abaixo de um arco de espadas e lanças. Eles teriam que improvisar. Kyoshi tomou um lugar na margem do rio enquanto Wong ficou em pé atrás dela e segurou um canivete acima de sua cabeça.

Kirima fez com que Kyoshi fizesse a mesma saudação estranha que a gangue usara na noite anterior na casa de chá. A mão esquerda aberta representava o povo “de bem”, a comunidade cumpridora das leis, enquanto o punho direito martelando a outra representava os seguidores do código dos criminosos. Só para o caso de Kyoshi se esquecer de que estava se juntando a forças obscuras.

Rangi espreitava o que acontecia pelos arredores, fazendo questão de estar no campo de visão de todos e mostrando-lhes o quão brava e desapontada ela estava o tempo inteiro. Kirima ignorou-a enquanto conduzia a cerimônia. De acordo com a dominadora de água, geralmente cinquenta e quatro juramentos tinham de ser feitos, recitados da memória do novo membro da gangue. Ela decidira facilitar as coisas para Kyoshi deixando apenas os três mais importantes.

— Ó espíritos, — Kirima exclamou — uma pessoa perdida vem até nós, à procura do abraço da família. Mas como saberemos se seu coração é verdadeiro? Como saberemos se ela seguirá o Código?

— Eu devo jurar esses votos — respondeu Kyoshi — Eu juro defender meus irmãos e irmãs e obedecer aos comandos dos mais velhos. Seus parentes serão meus parentes, seu sangue, o meu sangue. Se eu falhar no cumprimento desse voto, que eu seja cortada até a morte por diversas facas.

As palavras eram fáceis de se dizer. Não lhe causavam nenhuma ponta de conflito em seu espírito. Yun e Kelsang tinham sido sua força vital. Ela devia tê-los defendido com todas as fibras de seu ser. Eles provavelmente teriam sobrevivido, caso ela tivesse abraçado seu poder com mais plenitude.

— Em seguida, — Kyoshi continuou — eu juro não seguir nenhum governante ou soberano e não ser devota a nenhuma lei. Se eu me tornar lacaia de qualquer coroa ou país, que eu seja partida por raios.

Como uma boa cidadã do Reino da Terra, essa fala a deixou um pouco mais nervosa. Yun sempre dizia que o Avatar tinha que agir independentemente das Quatro Nações. Mas desprezar lei e ordem totalmente parecia uma ação extrema para finalidades extremas. Será que os

pais dela andavam pela rua tentando alardear cada estatuto e tradição que eles conseguiam pensar?

— Pare de divagar — Kirima sibilou.

Kyoshi tossiu e arrumou sua postura.

— Por último, eu juro nunca fazer uma vida honesta como a daqueles que seguem as leis. Nunca aceitarei um salário lícito e nunca trabalharei para nenhum homem de acordo com a lei. Se eu aceitar moeda por meus trabalhos, que eu seja fatiada em pedacinhos por diversas facas.

Ela não via a diferença entre a primeira e a terceira punições. E o último juramento era provavelmente o mais conflitante com seu ser. Em Yokoya, um emprego estável foi a única barreira entre ela e a morte.

“Eu não sou mais essa pessoa”, Kyoshi se lembrou. “Aquela garota se foi e não vai voltar nunca mais”.

Com seu terceiro voto, ela havia terminado.

— Eu não vejo nenhuma estranha à minha frente, mas uma irmã — Kirima disse — Os espíritos são testemunhas. Deixe que nossa família prospere nos dias que ainda hão de vir. — Ela saudou Kyoshi e deu um passo para trás.

Algo pesou nas clavículas de Kyoshi, ela entrou em pânico momentaneamente, temendo um ataque pelas costas. A sensação era muito similar à pedra que Jianzhu havia usado para prender seus pulsos. Mas era apenas Wong dando-lhe uma batidinha no ombro parabenizando-a.

— Bem-vinda ao outro lado — ele disse, sem um sorriso no rosto. Ele passou por ela como se tivessem acabado de reorganizar móveis e juntou-se a Kirima na caminhada difícil até o acampamento.

Kyoshi piscou.

— É isso? O que acontece agora?

— O que acontece é que vamos sair desse lugar no seu bisão — Kirima respondeu, sem olhar para Kyoshi — O mais rápido possível.

Eles a deixaram sozinha com Rangi. Em vez de dar uma bronca em Kyoshi, a dominadora de fogo deu-lhe uma encolhida de ombros que dizia “*Você colhe o que semeia*”.

Kirima e Wong já estavam limpando os restos do acampamento quando elas os alcançaram. O homenzarrão tomou um cuidado especial para cobrir as pegadas do grupo, varrendo terra por cima dos sinais que provavam que estiveram ali com pequenos movimentos de dominação de terra.

— O acordo era para aulas — disse Kyoshi.

— E você as terá, assim que conseguirmos roubar algo — respondeu Kirima. Ela checou o nível de água em seu cantil e fez uma careta — Mesmo bebezinhos que procuram vingança precisam de comida e dinheiro para sobreviver. Caso não tenha notado, não temos nenhum dos dois. Não vou comer rato-elefante por dois dias seguidos.

Kyoshi puxou seus lábios sobre seus dentes em frustração. Eles pregaram tanto a seriedade dos votos que ela achou que eles começariam a tratá-la como uma igual depois que ela fizesse os juramentos. No entanto, eles estavam tratando-a como Lek.

Ela tinha que estabelecer uma posição melhor na hierarquia ou isso iria continuar para sempre. Enquanto Wong se abaixava para pegar um cobertor, ela pisou no tecido, prendendo-o no chão.

Ele levantou-se e deu a Kyoshi uma encarada que provavelmente começara inúmeras brigas no passado. Kyoshi cruzou os braços e seu olhar alcançou o dele. Ele não era mais perigoso que Tagaka ou Jianzhu.

Depois de oferecer morte apenas com o poder de sua mente, Wong quebrou o silêncio.

— Continue sendo malcriada e eu nunca te ensinarei como usar seus leques — ele disse.

Kyoshi iria retrucar por instinto, mas a implicação a fez parar e recuar. Ela pegou um de seus leques.

— Você... sabe como se usa isso?

Até então, eles eram um enigma. Rangi tinha dado uma olhada nas armas anteriormente, testara seu equilíbrio, e concluíra que ela não conseguiria ensinar muito a Kyoshi sobre eles, ao menos nada além de usá-los como porretes curtos e pesados enquanto estavam fechados.

— Não são parte do currículo da Academia — ela dissera, encolhendo os ombros — Talvez você consiga levá-los escondidos a lugares em que não se pode levar uma espada.

Wong arrancou o leque da mão de Kyoshi e abriu-o com um movimento rápido. Jogou o instrumento no ar, e ele girou perfeitamente em volta de seu pino de eixo, a lâmina tracejando círculos enquanto voava. Ele deu uma pirueta e pegou o leque de costas antes de levantá-lo até seu rosto de forma provocante.

— *“A peônia perde a beleza para o luar”* — ele cantou em uma voz profunda, bela e vibrante, usando a superfície do leque para refletir e ampliar o som — *“Humilhada por uma pureza que brilha / Eu salto e pego suas pétalas / e lamento pelo que jamais direi”*.

Ele impulsionou o leque em volta de si em uma série de movimentos esvoaçantes, a lâmina abria e fechava rapidamente como a batida de asas de insetos. Era uma hábil performance de dança. Mas Kyoshi sabia que também poderia ser uma sequência de ataques, evasão defensiva, evasão e retaliação contra múltiplos oponentes.

Com um floreio, Wong terminou sua performance em uma tradicional pose heroica, uma base baixa com seus braços bem abertos, sua cabeça intencionalmente tremulando de um lado para o outro com o restante da energia de seus movimentos. Era uma demonstração de poesia clássica, mais antiga que a velha-guarda. Tia Mui teria desmaiado em deleite.

Kyoshi aplaudiu, a única forma apropriada de se responder a uma amostra de habilidade tão maravilhosa.

— De onde isso veio? — ela perguntou.

— Hark. Temos uma linhagem pelo lado de seu pai que volta até uma das Escolas Reais de Teatro em Ba Sing Se — explicou Kirima — E nos mantemos suficientemente afiados em performance para ter um disfarce plausível nas cidades que visitamos. Somos a Companhia *Ópera* Voadora, afinal.

Ela levantou sua perna por trás de seu corpo, acima de sua cabeça, e continuou até que ela completou uma estrela para frente, sem usar as mãos, um movimento que dançarinos de elite guardavam para o ápice de suas performances. Kirima parecia que podia ter feito suas compras no mercado andando daquele modo.

Kyoshi estava atônita. Aquilo explicava como seus pés eram tão leves e ágeis. Artistas do Teatro Real eram conhecidos por serem algumas das pessoas mais fisicamente hábeis no Reino da Terra, capazes de imitar dezenas de estilos marciais durante as performances e realizar acrobacias

perigosas sem se machucar. Aquilo a fez sentir-se melhor em relação ao acordo que tinham feito. Ela poderia conseguir algum valor extra dessa barganha.

Wong fechou o leque e entregou-o para Kyoshi.

— Vou te ensinar a usar isso — ele disse — Por um quinto da sua cota em qualquer trabalho futuro que faremos.

— Fechado — Kyoshi disse rapidamente. Ela não sabia o que era cota, mas ela pagaria quase qualquer preço para entender melhor suas armas.

Rangi e Kirima bateram a palma de suas mãos contra suas testas, mas por razões diferentes.

— Você poderia ter conseguido até metade — Kirima disse a Wong.

A cabeça de Lek apareceu ao lado de Pengpeng.

— Vocês querem vir logo ou vão ficar aí se coçando o dia inteiro? — ele perguntou.

— Ei, Lek, adivinha quem é o mais novo membro da gangue? — comentou Kirima — Oficial e tudo.

As sobrancelhas de Lek espremeram sua testa em frustração.

— Você não pode estar falando sério! — ele gritou. Acenou seu braço para Kyoshi como se ela fosse um vaso falso que eles trouxeram para casa — Ela não liga para o Código! Ela é uma fraude! Ela é mais quadrada que o buraco em uma moeda do Reino da Terra!

— E ela tem um bisão! — Kyoshi explodiu — Então, a não ser que goste de andar, eu sugiro que você lide com o fato de que sou parte da sua estúpida família de foras-da-lei.

Se Kirima ou Wong se sentiram ofendidos em relação ao retrocesso de atitude em relação aos *daofei*, eles não demonstraram.

— Eu *nunca* vou te chamar de parente — Lek cuspiu. Ele voltou para fazer os ajustes finais nas rédeas de Pengpeng. Ele tinha colocado a cela no bisão gigante sozinho, em um tempo impressionante também. Nem Kyoshi nem Rangi conseguiram achar uma falha no trabalho que ele fizera enquanto montavam em Pengpeng.

Lek se sentiu ofendido pela avaliação.

— Eu sei o que estou fazendo — ele disse — Eu provavelmente tenho mais prática que vocês duas.

— Se estamos sendo perfeitamente honestos, toda nossa reputação foi construída no bisão da Jesa. — disse Kirima — Podemos ter até lábia, mas Longyan fez todo o trabalho. Contrabandear é bem mais fácil quando se pode voar sobre postos de controle.

Ela e Wong terminaram de colocar a carga e subiram nas costas de Pengpeng. Rangi marcou seu território no lugar do motorista, desafiando Lek a contestá-la por isso. Ele compensou seu rebaixamento na hierarquia puxando um mapa de seu bolso. Líderes *de verdade* navegavam e planejavam.

— Vamos para um ponto de encontro nas montanhas nos arredores de Ba Sing Se — ele disse, marcando o papel com seu dedo — Teremos as últimas notícias dos outros grupos e encontraremos serviços fáceis para podermos relaxar.

Rangi levantou voo. O sol de fim da manhã ainda não estava tão opressor. E, com o trabalho de preparação sendo feito por mãos extras, o alçar voo calmo de Pengpeng no ar quase pareceu relaxante.

— Como vocês duas conseguiram um bisão? — A pergunta repentina de Lek estava manchada com suspeita e ciúmes — Nenhuma das duas foi criada como Nômade do Ar. E essa garota nunca deixaria vocês voarem nela se ela já não as conhecesse por um bom tempo. Vocês a roubaram de um amigo dominador de ar?

Em sua cabeça, Kyoshi agradeceu Lek silenciosamente por lembrá-la de seu dever. Era ali onde ela deveria estar. Na lama, pintada em ódio por si mesma e seus inimigos, não voando no vento com Kelsang.

— É. — Kyoshi disse — Roubei.

Rangi a encarou com preocupação, não entendendo o porquê da mentira. Lek sacudiu a cabeça com nojo.

— Separando um monge de seu bisão? — ele comentou — Isso é frio. Se bem que eu deveria esperar um comportamento tão baixo de alguém que não respeita os próprios pais.

Kyoshi não disse nada e desviou o olhar para onde o horizonte se transformava em formações recortadas contra o céu. O sentimento vazio era bom. A absolvía de escolha, deixava-a pensar que era um mero hospedeiro, um agente do equilíbrio.

Mas sua tranquilidade se quebrou quando ela notou que algo estava faltando.

— Espera — ela disse, virando-se na cela — Onde está Lao Ge?



OBRIGAÇÕES



- **SEMPRE IMAGINEI QUE EU** seria desfeito por uma festa chique —
resmungou Jianzhu.

Ele e Hei-Ran estavam na biblioteca principal, cercados pela coleção de mapas. As melhores e comicamente piores representações do mundo conhecido estavam postas em paredes, atrás de painéis de cristal sem falhas. Páginas ásperas e pesadamente usadas de livros de cartas náuticas pendiam ao lado de mapas de pano manchado da cor de chá queimado. Jianzhu gostava daquela sala. Retratava o avanço do entendimento humano.

Hei-Ran insistira que eles se encontrassem duas vezes ao dia desde o incidente, independentemente de não ter havido nenhuma atualização. Naquela tarde, eles tiveram uma atualização.

Ela terminou de ler o convite estampado com a insígnia do javali-voador e jogou na mesa.

— *“A Família Beifong deseja realizar uma celebração para o Avatar, comemorando sua vitória sobre os piratas do Mar do Leste, em frente aos sábios reunidos do Reino da Terra”*. Jianzhu, isso é um desastre maior do que aquela “vitória”. Eu pensei que Lu Beifong tivesse concordado em não se meter nos assuntos do Avatar.

— Ele concordou. É o Hui quem está por trás disso — Jianzhu rolou o abridor de cartas entre seus dedos abertos, ansiando por um implemento mais afiado e algo para colocá-lo — Ele esteve nesse jogo durante todo o ano passado, sussurrando no ouvido de Lu que o Avatar não deveria ser treinado por alguém de origens humildes — Ele pôs a faca de metal sem ponta para baixo — Hui talvez tenha um ponto. Olhe só como Kuruk acabou.

— Nós éramos crianças naquela época, assim como Kuruk — disse Hei-Ran — Não era nossa responsabilidade criá-lo.

— Hui ainda usa isso como um golpe contra nós — disse Jianzhu — Shaw respondeu sobre os shírshus?

— Não. E mesmo se tivesse, não haveria tempo suficiente antes dessa festa.

Uma coisa que Hei-Ran compartilhava com Jianzhu era desdém por futilidades. Ela estalou seus dedos.

— Nós poderíamos dizer que o Avatar está doente — ela sugeriu.

— Nós poderíamos, mas então eu pareceria um péssimo guardião que não sabe manter a criança mais importante do mundo saudável. Hui enviaria médicos, herboristas e curadores espirituais, todos eles insistindo para ver o

Avatar pessoalmente para tratamento. Toda vez que mandarmos seus agentes embora, isso vai soar mais suspeito entre os outros sábios. Não, a verdade vai vazar. — Jianzhu inclinou as costas em sua cadeira — É só uma questão de quanto tempo conseguimos atrasar isso.

A mente militar de Hei-Ran estava começando a se adaptar.

— Então nós precisamos consolidar suas alianças. Descubra quais sábios ficarão ao seu lado depois que esse desastre vier à tona. Isso vai acabar com a sua facção contra a dele, e, nesse momento, não sabemos quais são os números.

Jianzhu sorriu com uma possibilidade pendendo em sua cabeça, esperando para ser puxada. Ele sempre poderia contar com seus amigos para semear ideias. Essas reuniões forçadas haviam valido a pena.

— Nós precisamos fazer alguma assim — ele disse, batendo as pontas dos dedos juntas — Como está seu guarda-roupa esses dias?

Hei-Ran lançou-lhe um olhar que dizia que ele deveria estar feliz que ela não tinha o abridor de cartas em sua mão.

— Eu só quero ter certeza de que você tem um bom vestido pronto... — ele disse inocentemente — Nós temos uma festa chique para ir.



Sem Pengpeng, eles fizeram a viagem para Gaoling ao modo antigo. Lentamente. Em uma grande caravana. Com muitos presentes em um reboque.

Durante o tempo que passaram naquela situação, Jianzhu apresentara uma nova política que ele teria que promulgar. Dominadores de terra, a

maior elite do Reino, precisavam ocupar cada centímetro das ruas. Nenhum custo seria alto o suficiente se isso significasse que ninguém nunca mais teria que sofrer outra viagem sobre caminhos acidentados com os crânios saltando e os dentes rangendo.

Ele saiu de sua prisão ambulante e apertou os olhos para a brilhante glória da mansão dos Beifong. Se ele tinha aprendido alguma coisa enquanto estava construindo sua própria estadia em Yokoya, era que casas de pessoas ricas são todas essencialmente as mesmas. Muros para manter os cidadãos da cidade longe. Um jardim tão grande quanto possível para exibir a humildade diante da natureza. Um bairro residencial onde essa humildade era jogada em seus ouvidos, de preferência com o máximo de incrustações de ouro e prata.

O Mordomo Hui saudou-os à frente de uma coluna de lacaios. O burocrata baixo e corpulento protegia-se com um guarda-sol.

— Mestre Jianzhu — disse ele, levantando o guarda-sol para revelar um rosto parecido com um tijolo grisalho. Jianzhu sempre se surpreendia em como parecia que o homem tinha passado seus últimos dias quebrando rochas com uma picareta quando o objeto mais pesado que ele já levantara fora o selo de marfim de seu mestre — Como foi sua jornada?

“Desnecessária e irritante, como você.”, Jianzhu pensou, mas, ao falar, mudou sua resposta:

— Muito prazerosa, Mordomo Hui, muito prazerosa, de fato. É sempre um deleite servir nossa magnífica nação tão de perto.

A próxima carruagem da fileira parou, cavalos-avestruz trotaram até sentir que o peso atrás deles diminuísse. Hui abriu a porta ele mesmo, provavelmente para que ele fosse o primeiro a pegar na mão da convidada.

— Diretora — ele disse, provendo ajuda desnecessária para Hei-Ran — Você parece radiante. Eu poderia jurar que você saiu das páginas do melhor poema de romance de Yuan Zhen.

Ele ergueu o guarda-sol como se o sol fosse ser mortal para a pele dela. Não é como se o calor e a luz do céu fossem a fonte de seus poderes, ou algo assim.

Hei-Ran mal disfarçou seu estremecer com a primeira visão que teve ao sair da carruagem.

— Ex-diretora — ela corrigiu.

— Ah, mas educadores merecem o máximo de respeito por toda a vida — disse Hui, suas palavras e sorriso revestidos em óleo — Foi no que sempre acreditei.

Jianzhu sentiu-se horrível por sua amiga naquela situação. Ser uma viúva rica, bonita e bem relacionada atraía certa raça de pretendentes dos lugares mais inesperados. Homens como Hui poderiam interpretar o desprezo mais hostil como parte de uma dança de cortejo em curso, recusando-se a considerar que ela não queria nada com eles.

— E quando Mestre Kelsang vai se juntar a nós? — perguntou Hui, seus dedos demorando-se em Hei-Ran antes de ela os afastar. — Eu notei que o Avatar Yun não está com você. Eu presumo que eles chegarão em breve, certo?

Os olhos do mordomo dispararam para os rostos deles, checando o canto de seus lábios, a dilatação de suas pupilas por contrações involuntárias. Jianzhu sabia que Hui jogava o jogo dos detalhes. Indução. Ele transformava pequenas sugestões em amplas generalizações que ele derramava nos ouvidos de Lu Beifong e dos outros sábios. Agora mesmo,

o Avatar escolher viajar com Kelsang era obviamente o sinal de uma pequena rachadura, uma fenda entre Yun e Jianzhu. Não era isso?

Jianzhu voltou a pensar em como ele ameaçara o Avatar verdadeiro no dia em que tudo se despedaçou. A rede lançada pelo seu poder e influência sobre o Reino da Terra era real, mas isso requeria esforço constante e exaustivo para se manter. E aqui estava a última geração de parasitas, capturando-o na sua maior vulnerabilidade.

— Eles estão juntos, sim — disse Jianzhu. Ele notou a forma como Hei-Ran vacilou ao lado dele. Hui viu isso também. Com um sorriso, o mordomo os encaminhou para a sala de recepção.

O interior da propriedade Beifong sofria de uma doença rara chamada monotonia induzida pela riqueza. Estava coberta do chão ao teto com a mesma tinta enjoadada verde-acinzentada que, em certo momento, fora o tom mais caro do Reino da Terra. Isso significava que eles queriam mostrar o quão rica a família era, mas, ultimamente, o único efeito que tinha causado era fazer Jianzhu sentir que estava sendo digerido na boca de um carneiro.

Na garganta do salão com colunas havia um estrado de dois lugares onde, por muitas gerações, o líder do clã Beifong e sua cômpute mantinham a corte. Nos dias de hoje, apenas um dos lados permanecia ocupado. Lu Beifong, o antigo mestre de Jianzhu, estava sentado no trono de grandes dimensões, suas vestes cor de poeira formando uma tenda em volta do topo de sua cabeça enrugada.

Ele poderia parecer uma múmia unida por fios de seda e rancor, mas sua mente estava agressiva como sempre.

— Diretora, é maravilhoso ver você, como sempre! — ele gritou, reconhecendo Hei-Ran tão rápido quanto possível, depois, virou-se para Jianzhu — O que é isso sobre um empréstimo da Tribo da Água?

Ele não perguntou sobre o Avatar. Nada como uma transação de negócios para fazer o velho corvo-lagarto cantar. Jianzhu quase esqueceu sobre o pedido que ele tinha feito a Beifong sobre a batalha com os piratas. O trabalho não parou simplesmente porque a identidade do Avatar estava em dúvida. Ele se curvou profundamente antes de responder.

— Sifu, eu fiz o pedido porque o encontro com Tagaka trouxe um problema de equilíbrio para as quatro nações — ele explicou — A Tribo da Água do Sul poderia usar sua assistência no desenvolvimento de uma marinha legítima. A presença de Tagaka estava sufocando qualquer movimento naquela direção. Com navios de águas profundas com alcance de longa distância, eles poderiam prosperar comercialmente e se proteger de seus vizinhos, mais como os seus primos do Norte. O empréstimo deveria ser para a construção de muitos navios.

— Nós somos os vizinhos, Mestre Jianzhu — disse Hui, materializando-se ao lado de Lu — Por que nós deveríamos dar a eles qualquer posição de força relativa ao Reino da Terra? Eles podem tentar reivindicar as contestadas Ilhas Chuje com tal frota!

Uma raiva familiar arrepiou os pelos do pescoço de Jianzhu. Hui não tinha participação real nesse assunto, nem mesmo ganância pessoal. Não havia razão para ele querer que a Tribo da Água do Sul permanecesse pobre e pouco desenvolvida e vulnerável.

Ele simplesmente se opunha pelo prazer de se opor. Em algum momento, Hui decidira fazer seu nome pelo uso de Jianzhu como escada e espantalho, e qualquer outra analogia aplicável. Era fácil para Hui ganhar poder político e fama derrubando o trabalho de Jianzhu em vez de fazer o seu.

Não importa o quão lógicas e benéficas fossem as ações de Jianzhu, Hui iria rebaixá-las. Ele pressionava para romper tratados que levaram anos de desenvolvimento, esfregando-os como desnecessários quando na verdade ele não entendia o quanto eles trabalharam naquilo, e não se importava. Ele alimentara rivalidades mesquinhas que ele precisava, brincando com a paz que Jianzhu conquistara. Se Hui estivesse por perto durante o auge das atrocidades dos Caipiras Amarelos, ele teria insistido em tratar o louco Xu Ping An como um herói popular.

Eram em horas como aquelas que Jianzhu se via sentindo falta da influência da esposa de Lu, Lady Wumei. Ela tinha sido uma mulher inteligente e animada, amada em todo o reino, e uma fonte de sabedoria nos ouvidos de Lu. Depois de sua morte, o homem tornara-se alguém mais obstinado, e a destrutividade ousada de Hui acelerou.

— Eu tenho falado com os caciques do sul e eles estão animados com a perspectiva — disse Jianzhu — Eles estão propondo um pacto de defesa mútua.

— Essa é uma boa ideia, Mestre Jianzhu — disse Hei-Ran, adicionando uma perspectiva de fora — Atualmente, o grupo mais apto a projetar força sobre o Mar do Leste é ironicamente a Marinha do Fogo. Estou certa de que o Reino da Terra e a Tribo da Água do Norte gostariam de comandar suas próprias águas.

Lu não parecia convencido. Jianzhu não queria que essa oportunidade escapasse.

— Se isso é sobre as Ilhas Chuje, elas são inúteis — ele disse — Elas não servem nenhum propósito estratégico além de inchar o orgulho nacional...

Ele percebeu seu erro ao dizer isso. Não era como se ele cometesse erros.

— Mestre Jianzhu! — Hui exclamou com um falso choque — Certamente não há assunto de maior importância do que o orgulho e o amor que temos por nosso país! O Rei da Terra tem estado irritado com essas ilhas desde sua coroação. Certamente você não está questionando o julgamento de Sua Majestade!

Jianzhu não teria gostado de nada mais além de cercar o Rei da Terra e Hui em um desses atóis desolados e ver qual idiota comia o outro primeiro. Antes que ele pudesse responder, Lu acenou com a mão.

— Já chega — ele disse, ficando em pé. Foi quase imperceptível, dada sua corcunda. — Eu ficarei do lado do mordomo. Não haverá empréstimo nem marinha da Tribo da Água enquanto eu não ouvir um argumento convincente do Avatar em pessoa. Eu notei que o garoto está atrasado. Ele pode me encontrar na sala de jantar com os outros convidados quando ele chegar.

Lu saiu da sala de recepção, o único barulho sendo seus chinelos contra o chão. Jianzhu não podia acreditar.

Simple assim, o futuro mudara para pior. A Tribo da Água do Sul permaneceria empobrecida e superada pelo resto do mundo porque Hui queria ganhar um debate em uma festa. Os estúpidos caprichos presunçosos de um homem indigno deixaram impressões digitais sobre a história que provavelmente não seriam apagadas.

“O Avatar poderia ter feito a diferença”, Jianzhu lembrou a si mesmo. O pensamento o atingiu como um dardo.

— Mestre Jianzhu, eu peço perdão por fazer um contra-argumento — disse Hui — Mas, como você sabe, é meu dever para com Mestre Beifong me certificar de que ambos os lados estão sendo considerados em qualquer decisão importante.

“Ambos os lados” era uma arma retórica usada por hipócritas e ignorantes. No que dizia respeito a Jianzhu, Hui não era melhor que um *daofei*, ardentemente queimando campos de cereais porque gostava de ver a fumaça subir no horizonte.

“Eu poderia mostrar a você o que eu faço aos daofei.”, Jianzhu pensou.

— Mordomo, está tudo bem — ele disse — Eu sempre aprecio sua voz em assuntos importantes. — Ele hesitou, acrescentando um pouco de incerteza à sua linguagem corporal, o tremor de um homem que escondia a tensão de um grande fardo — De fato, eu preciso de sua sabedoria mais do que nunca agora. Podemos nos juntar à diretora para uma conversa particular?”



O lado bom da súbita confissão foi ver Hui quase desmaiar de surpresa. O homem agarrou a mesa em seu escritório em busca de apoio e derrubou uma garrafa de tinta. O líquido preto escorria da manga do mordomo como sangue de uma ferida.

— VOCÊ PERDEU O AVATAR?! — ele gritou.

Jianzhu não estava preocupado em ser ouvido.

Ele sabia só de olhar para os muros que Hui havia construído seu estúdio pessoal simples e sem adornos com isolamento acústico. Era uma sala segura de segredos para um homem que traficasse neles.

O elemento mais perigoso que ali estava era Hei-Ran. Jianzhu não contara a ela que falaria para Hui, porque ela nunca iria concordar com isso. Ele arriscou afastá-la nesse exato momento.

— É como eu expliquei — ele disse — Yun e eu tivemos uma discussão sobre o progresso de sua dominação. Mais que uma discussão, na verdade. Eu disse coisas para ele que eu nunca deveria ter dito. Perdi o controle e ele fugiu com a ajuda de Kelsang. Em um bisão, os dois poderiam ter ido a qualquer lugar do mundo.

O rosto de Hei-Ran estava notavelmente parado, mas o ligeiro aumento de temperatura no quarto traiu suas emoções. Isso aumentou o efeito do estratagema de Jianzhu.

Hui ainda estava chocado, mas as rodas em seu cérebro estavam começando a girar, seu peito arfando mais para um efeito dramático do que por uma falta de ar.

— Eu pensei que o monge era o equivalente a um eremita decorativo vivendo em sua propriedade — ele disse, não sendo um ator bom o suficiente para manter longe o escárnio de desdém.

“Ele era um companheiro de Kuruk e meu amigo, seu pequeno sapo”, pensou Jianzhu, mas disse:

— Ele era, ou assim eu pensava. Eu não percebi o que ele estava tramando, esperando pelo momento certo. Nossa relação tinha sofrido nos últimos anos, mas eu nunca imaginei que chegaria a essa extensão — Jianzhu deu um soco no ar, deixando suas frustrações reais brilharem — É Yun que eu deveria ter entendido melhor. Eu não sei se o dano pode ser reparado.

— Isso pode ser ruim — Hui disse, esperando com o coração inteiro que isso fosse algo realmente ruim — Crianças são voláteis nessa idade.

— Ele... Ele jurou sobre seu manto de Avatar que nunca me teria como seu Mestre de novo. — Jianzhu correu seu indicador e seu polegar sobre seus olhos — Mordomo Hui, eu estou implorando por sua assistência aqui. A estabilidade da nossa nação é primordial. Se sair a notícia de que Yun fugiu, será um caos!

A rachadura que Hui esperava era do tamanho do abismo da Grande Divisão. Ele não estava preparado para alcançar tanto ouro.

— Mestre Jianzhu, aqui estão muitos sábios proeminentes do Reino da Terra, incluindo nosso benfeitor, que espera pelo Avatar no grande salão — ele disse, empurrando as mãos na parede.

Jianzhu colocou uma máscara que ele nunca usara antes. Desamparo. Ele deixou seu silêncio responder por ele.

Hui se recompôs, querendo refletir o novo estado de coisas. Ele era o homem no comando agora. Ele endireitou o colarinho e bateu os calcanhares juntos. Infelizmente para mordomo, ele também havia esquecido a tinta na manga, arruinando o efeito de arrumação.

— Mestre Jianzhu, não há necessidade de se preocupar — ele disse — Eu vou lidar com isso.



No final, Hui disse a Lu Beifong e aos sábios reunidos a frase exata que Jianzhu usara em sua própria casa. Yun sentiu que estava negligenciando seus estudos espirituais. Depois de muita súplica, Jianzhu lhe dera permissão para viajar sozinho com Kelsang numa jornada nômade de autodescoberta,

evitando destinos óbvios como os Templos do Ar ou o Oásis do Norte. Yun tinha estado nesses lugares. Ele precisava crescer ao longo de seu próprio caminho, livre das expectativas.

Isso significa ficar sem contato com o Avatar por um tempo. O mundo teria que se dar bem sem aviso prévio.

Jianzhu poderia ter dito isso ele mesmo, mas, vindo de Hui, a história parecia ser mais efetiva. Era um segredo aberto entre os convidados da festa que o mordomo estava travando uma guerra política contra ele. A única coisa em que eles se alinhariam eram fatos básicos e incontroversos. Como o Avatar saindo de férias.

O resto da visita foi gasto em trivialidades. Jianzhu resistiu ao severo aborrecimento e desaprovação de Lu Beifong, perguntando-se quantos anos mais ele aguentaria rastejar diante de seu antigo Sifu. O velho parecia que não iria chutar o balde enquanto seus devedores não o pagassem, e quase todo o Reino da Terra fazia empréstimos da Casa do Javali Voador.

Hei-Ran tinha os olhos vazios no canto da sala enquanto os homens incitavam seus pensamentos sobre um novo casamento, em uma linguagem que eles achavam ser sutil e lisonjeira. Alguns deles, após ouvir sua rejeição, imediatamente começavam a questionar sobre sua filha. Jianzhu nunca entendeu como ela resistia à tentação de criar buracos chamuscados no teto uma vez que seu elemento estava sempre disponível.

Eles saíram quando a festa tornou-se insuportável, entrando em uma única carruagem para jornada de volta. Os admiradores de Hei-Ran poderiam ter interpretado isso de certa maneira. Mas os dois simplesmente precisavam conversar.

— Eu sei que você está brava comigo — disse Jianzhu. Ele caiu de volta em seu assento.

— Pelo que? — Hei-Ran rebateu — O fato de você ter revelado seu maior segredo para o seu pior inimigo? Por você estar empilhando mentiras sobre mentiras por nenhum motivo aparente? Por que você não contou a Hui a desculpa que ele deu para a multidão?

— Porque a vulnerabilidade é igual à verdade. A única afirmação minha que Hui consideraria era a que me deixava exposto. Agora minha história passa pela grande maioria do Reino da Terra. Eu tenho apenas um único oponente para me preocupar.

Ela não parecia muito confiante na tática dele. Dominadores de fogo pensavam em termos de *jing* positivo, sempre ficando na ofensiva.

— Está ficando um pouco difícil seguir o vento saindo da sua boca nesse momento. — ela comentou.

— Imagine o quão difícil é para mim. “Toda guerra é baseada em decepções” — ele disse — Essa não é uma frase da Nação do Fogo?

Hei-Ran de repente puxou o grampo de cabelo de seu estilo apertado e arremessou contra a parede da carruagem. Ele caiu no chão, os ganchos dobrados.

Pela primeira vez naquele dia, Jianzhu estava realmente alarmado. Para um nativo da Nação do Fogo desamarrar seu cabelo, seu coque, dessa forma, significava que ela sentia como se tivesse perdido sua honra. Ele estava esperando pacientemente ela falar.

— Jianzhu, eu empurrei aquele menino para o ponto de ruptura — ela disse, sua voz rouca — Ele pode não ser um dominador de fogo, e pode não ser o Avatar, mas ele ainda era o meu estudante. Eu tinha uma obrigação para com ele e eu falhei.

Escutar o nome dele a noite toda devia estar devorando-a. O Avatar ausente ainda era o brinde da festa, sua conquista dos piratas se transformando em lenda através de palavras nas bocas.

— Nós ainda podemos fazer isso direito — Jianzhu afirmou — Nós só precisamos encontrar a Kyoshi. Depois disso, tudo ficará bem.

— Se esse é o caso, e eu não acho que seja, você incendiou o tempo que nos restava e espalhou as cinzas. Assim que a festa acabar, Hui vai marchar direto para os outros sábios e contar a eles o que você disse. Ele pode não esperar. Esse será o tópico da conversa na sobremesa.

— Vai demorar mais do que isso — Jianzhu disse — Ele não vai perder uma oportunidade dessa magnitude pela pressa. De fato, se ele soltar a informação muito rápido, vai prejudicar a si mesmo no final. Ele é um homem que se autopreserva.

Hei-Ran se acomodou no canto da carruagem, o vestido dela transformando-a em uma massa disforme.

— Eu gostaria de poder dizer o mesmo sobre você nestes dias.

Para obter a última palavra, ela foi agressivamente dormir. Jianzhu notou que pessoas que eram ex-militares podiam cochilar em qualquer lugar, a qualquer momento, rapidamente. Depois de uma hora de silêncio, ele próprio começou a entrar e sair de sua consciência, abalado pelo ocasional estrondo da estrada, seus pensamentos formando conexões soltas e ideias que ele não tentava guardar.

Não adiantaria planejar muito além. Às vezes, a melhor opção era sentar-se em silêncio até que o próximo passo chegasse em seguida, como um dominador de terra fária. *Jing* neutro.



Quando eles chegaram à casa de Yokoya, havia uma entrega muito válida esperando por eles. Jianzhu não se incomodou em acordar Hei-Ran e pulou para fora do carro, revigorado pela visão.

Há distância, nos estábulos, havia duas caixas grandes de madeira, cada uma do tamanho de uma cabana pequena, salpicadas com pequenos buracos. Os lados das caixas tinham “*Perigo!*” e “*Dê espaço!*” escritos de uma maneira descuidada. Ao redor deles, havia uma turma de estudantes universitários mal pagos, brandindo cautelosamente longos ancinhos. Eles apontavam suas armas para dentro das caixas. O roubo do conteúdo não era a principal preocupação.

À frente do grupo estava um senhor corpulento, com túnicas finas, usando um capacete feito de cortiça. Ele era tentado por aventura como um acadêmico que não tem ideia de como uma verdadeira aventura suja e sangrenta poderia ser.

— Professor Shaw! — Jianzhu gritou.

O homem acenou de volta. Atrás dele, as caixas repentinamente começaram a sacudir e pular, assustando os manipuladores. Um fio comprido e chicoteante saiu de um buraco na lateral e atingiu dois dos estudantes mais próximos no rosto e no pescoço antes que eles pudessem reagir. Eles gritaram e desabaram no chão, empilhados, como bonecas de pano.

O professor Shaw olhou para os estagiários abatidos e, em seguida, deu um grande sorriso a Jianzhu, fazendo sinal de positivo.

A ASCENSÃO DE KYOSHI

Isso devia significar que os shírshus estavam em boa saúde após a jornada. Excelente. Jianzhu precisava deles em condições máximas. O olfato impecável dos animais permitiria que eles rastreassem um alvo através de um continente. Oceanos, se os rumores fossem reais.

Ele mandaria uma mensagem para seus subordinados em todo o reino, os magistrados e prefeitos que ele passara anos comprando, dizendo-lhes para estarem atentos a duas garotas que escaparam de sua propriedade. Mas nunca faz mal ter um segundo plano que não dependesse da lealdade inconstante e da ganância crescente dos homens.

De um jeito ou de outro, ele iria cumprir sua promessa ao Avatar. Não haveria esconderijo para Kyoshi. Não neste mundo.



A CIDADE



AS MONTANHAS TAIHUA AO SUL de Ba Sing Se eram extremamente traiçoeiras. Eram conhecidas por terem engolido soldados na época da fundação da cidade. Tempestades de neve poderiam congelar os pés de um viajante, arrancando-os e deixando só os tornozelos. Uma vez a cada dez anos, os ventos mudavam de direção, levando a poeira vermelha de Si Wong para os topos de Taihua, deixando a neve num tom de sangue amedrontador.

Pengpeng, sem muito esforço, pousou naquele terreno perigoso. Da vista privilegiada que tinham, podiam ver qualquer mudança repentina no tempo, mas agora o céu estava limpo em todas as direções.

— Essa é a vida — comentou Lek. Ele virou para o outro lado, alcançando a cela, e fez um carinho no pelo dela — Ela é uma boa menina. Quem é uma boa menina?

Ele vinha tentando fazer o bisão gostar mais dele do que de Kyoshi e Rangi em qualquer oportunidade que tivesse. Kyoshi não se importava muito. Ao menos Lek cuidava de comida e água para Pengpeng. Como se ela tivesse um servo pessoal.

— Argh, que bom que você lembrou de voltar por mim. — Lao Ge disse. Eu nunca iria conseguir chegar aqui sozinho — O velho bocejou e se espreguiçou, pegando o máximo que conseguia da brisa embaixo dos braços.

O comentário fez o estômago de Kyoshi revirar. O diário dizia que Leo Ge sempre voltava dos seus passeios com sangue nas mãos. Ela imaginou se sua mãe já havia sentado tão perto assim dele enquanto viajavam, temendo que ela pudesse ser alguma de suas vítimas no futuro.

— Já passamos os postos de vigilância listados — Rangi disse, do assento do guia — A partir daqui, as montanhas não estão mapeadas.

— Sim, uma cidade fora da lei não seria mapeada — explicou Kirima — Esse é o exato caminho que costumávamos seguir com a Jesa. Vá em frente.

Enquanto eles voavam por uma linha de picos acinzentados, as montanhas desapareciam, ganhando profundidade. A formação era uma espécie de anel que parecia uma cratera. Na depressão havia um lago raso que Kyoshi pensou que era marrom e sujo de primeira. Mas, conforme voava para mais perto, ela viu que a água era a mais pura possível.

Próximo ao lago, construído na descida como uma plantação de arroz, havia um acampamento um pouco mais bonito do que os da Baía Camaleão. Algumas casas compridas foram construídas de madeira das montanhas e das florestas abaixo. A maioria delas era apoiada em pilastras improvisadas, uma luta constante contra a erosão.

— Bem-vindos a Huiiang — falou Kirima — Um dos poucos lugares que restam no mundo onde os Seguidores do Código vivem livremente.

— Todo mundo lá embaixo é *daofei*? — perguntou Kyoshi.

— Sim — respondeu Wong — Ele franziu o cenho — Mas parece mais agitado que o normal.

Eles se aproximaram com o sol logo atrás e sem muita precaução. Lek guiou Rangi para a caverna onde a mãe de Kyoshi costumava esconder Longyan. Eles aterrissaram Pengpeng lá, camuflaram-na com galhos e arbustos e desceram para a cidade.

Os membros mais antigos da Companhia Ópera Voadora prepararam-se para passar pelo caminho estreito de lodo. Eles cobriram suas bocas com tecidos vermelhos e riram por baixo deles quando Kyoshi e Rangi os encararam desconfiadas, com os olhos avermelhados. O grupo ainda estava pensando em que itens compartilhar. Aparentemente, máscaras contra a poeira não eram uma opção.

Dando a volta na montanha, eles entraram em Huijiang por cima, escolhendo cuidadosamente cada passo que davam no caminho mal construído. Kyoshi se perguntou por que eles não usavam dominação de terra para fazer um caminho melhor.

Chegaram em uma das ruas maiores e baixaram os lenços.

— Você devia tentar manter a calma dessa vez — disse Rangi a Kyoshi — Em vez de chegar como se o lugar fosse seu.

O fracasso na Baía Camaleão ainda pesava na mente.

— Não! — exclamou Kirima — Se você agir com calma aqui nessa cidade, todos vão achar que você é fraca! Sigam a gente.

Enquanto eles acompanhavam o fluxo do tráfego, a dominadora de água parecia crescer, aumentando sua presença. Kirima normalmente mantinha um ar de elegância em seus movimentos, mas agora ela andava pela multidão com uma prepotência exagerada. Ela lançava olhares desafiadores enquanto caminhava, com sofisticação, uma espadachim se movendo livremente com uma lâmina quase viva. Interromper seu caminho significaria ser picado em pedacinhos.

— Tem que parecer que você vai cortar fora a cabeça de alguém a qualquer momento, por qualquer motivo — explicou Wong — Ou então você será desafiada.

Ele seguiu Kirima com passos raivosos, abandonando a agilidade que Kyoshi sabia que ele tinha. Seus pés causavam estrondos altos no chão.

— A Coque-Alto já entendeu — disse Lek, apontando para Rangi — Olha para ela, usando sua ira de dominadora de fogo. Tenta fazer igual.

— Eu não ‘tou fazendo nada! — Rangi protestou — Essa é minha cara normal!

— Você poderia também tentar ser como eu! — disse Lao Ge. Ele se enfiou nas roupas, escondendo os músculos, e botou seu sorriso maníaco e sem dente na cara. Parecia ser o avô do grupo que havia escapado de um manicômio.

MUNDO AVATAR

— Arrumar uma briga com você seria uma desgraça — disse Lek.

— Exato!



Eles seguiram e passaram pelo bazar no centro da cidade. O movimento estava fraco, sem muita pretensão. E não só para eles. Os outros foras da lei estavam nas ruas, arrogantes e de peitos estufados. Alguns preferiam a abordagem de Kirima de um refinamento afiado, carregando *jians* em vez de espadas para completar o perfil.

Praticamente todos estavam armados até os dentes. A maioria com espadas e lanças, mas armas mais exóticas, como cajados de três pontas, lâminas de chifre de cervo e martelos de meteoro, eram até comuns. Kyoshi encontrou algumas pessoas com armas com as quais deveria ser impossível de se lutar. Um homem tinha uma cesta de facas com uma corrente presa a ela.

— Aquele cara tá carregando um ancinho? — sussurrou Rangi, inclinando a cabeça em direção a um homem com um nariz de *pug* caminhando por eles.

— Aquele é Zhu Matador de Luas. E não encare o ancinho — disse Lek — Eu já o vi afundar o crânio de dois homens com um só golpe usando isso.

A Companhia da Ópera Voadora tinha de longe a menor quantidade de metal entre eles.

— A maioria dessas pessoas não parece ser dominadora — Kyoshi disse.

— Que foi, tá tentando trocar a gente por professores melhores? — perguntou Kirima — Porque você tá certa, eles não são dominadores. A maioria dos foras da lei vive e morre pelas suas próprias armas. Nosso grupo é raridade.

— Honestamente, acho que você devia dar mais valor a nós — disse Wong.

Kyoshi se distraiu com um barulho de metal a seu lado. Dois homens, ambos carregando espadas, tinham esbarrado um no outro enquanto passavam por um canto em direções opostas. A rua ficou mais lenta ao redor deles. O estômago de Kyoshi se agitou com uma onda de ódio e violência.

Mas não. As espadas continuaram nas bainhas, e os homens se desculparam profundamente um com o outro, agindo como dois gentis mercadores combinando o casamento dos seus filhos. Houve até promessa de pagar uma xícara de chá ou vinho um para o outro antes de eles continuarem seus caminhos. Os felizes sorrisos ficaram em seus rostos momentos depois do encontro.

— Eles vão se encontrar na plataforma de desafios hoje à noite — explicou Lek — Provavelmente durante a distribuição de armas ao fim da tarde — Ele fez um som ensanguentado e esganiçado que deixou bem claro o que estava para acontecer.

— O quê? — exclamou Kyoshi — Aquilo não foi nada!

— Você não entende — ele disse — Nesse mundo, a única coisa valiosa que você tem é seu nome e sua vontade de defendê-lo. Se algum daqueles homens mostrasse medo ou pouco autocontrole, eles nunca mais seriam respeitadas. Eles não tinham outra opção.

— Eles poderiam deixar de ser *daofei* — murmurou Rangi.

— Como se fosse tão fácil fazer o que você quer! — retrucou Lek, seu rosto cheio de amargura — Você acha que trabalho honesto cai do céu? É por isso que vocês duas são as piores! Ninguém entra nessa vida por vontade própria!

— Lek — Kirima o alertou.

Os gritos dele tinham chamado atenção. Olhos observavam-nos das janelas e da frente das casas, antecipando um segundo ato para a performance da noite.

Lek se acalmou.

— Continuem andando — ele disse a Rangi e Kyoshi — Mostrem que estamos juntos e tudo vai ficar tudo bem.

Kyoshi não hesitou em segui-lo dessa vez. Ela controlou sua postura com uma renovada seriedade. Eles continuaram seguindo o caminho pela cidade.

— Tem uma expressão nessa área — disse Wong, seu timbre baixo pondo um fim à discussão — “Quando a Lei não te dá o que comer, você se junta ao Código”. Então, pelo menos, você pode jantar seu orgulho.



O bazar de Hujiang era... um bazar. Não muito diferente do da Vila Qinchoo, que era vizinha de Yokoya. Vendedores com as pernas cruzadas próximos às suas mercadorias dispostas em lonas no chão, reclamando com quem passava jogando poeira quando caminhava ou com quem parava mas não comprava nada. O som das barganhas e pechinchas enchia o ar. Aqui

era seguro deixar passar as agressões. Parecia haver uma distinção entre os guerreiros e os mercadores de armas que os forneciam.

Kyoshi percebeu que a maioria dos ambulantes era especialista em importar alimentos. Carnes secas e defumadas, feijões e lentilhas. Arroz era caro: para produzir, mais ainda. Os vegetais “frescos” eram marrons e murchos, e as raras porções de frutas enrugadas pareciam decorações antigas.

— Como essas coisas chegaram aqui? — ela perguntou — A propósito, como essas pessoas vieram parar aqui?

— Existem passagens não marcadas pelas montanhas — respondeu Kirima — E outros segredos de negócios. Os servidores reais em Ba Sing Se não fazem ideia.

Essa devia ser uma das razões pelas quais os *daofei* eram tão difíceis de derrotar. Kyoshi refletiu sobre o que Jianzhu havia falado para ela, sobre o Reino da Terra ser muito grande para ser bem vigiado. Se por uma rede subterrânea como essa daria para chegar na capital, então, a podridão devia ser bem maior pelo resto do continente. Uma comunidade inteira existia embaixo do Reino da Terra.

O apelido da pirata da Quinta Nação agora tomava um significado desafiador. “*Estamos aqui*”, Kyoshi imaginava a líder dizendo com uma voz formidável. “*Sempre estivemos aqui*”.

Wong bateu com o pé numa lâmpada a óleo. O vendedor a quem ela pertencia soltou um palavrão antes mesmo de olhar para cima e depois se acalmou por vontade própria. Com o tamanho que tinha, o Pardalquito Voador nem precisava ser reconhecido pelo nome. Os primeiros olhares eram suficientes.

— Está lotado — Wong repetiu. Ele estava fixado nisso desde que chegaram.

Kirima e Lek levaram a sério o comentário dele. Levantaram suas cabeças mais alto, escaneando o bazar. Kyoshi tentou ajudar, mas não sabia para onde olhar.

— Leste para nordeste — disse Rangi — Eles estão ouvindo alguém falar.

De fato, um grupo de pessoas em um canto do bazar tinha suas costas viradas, com suas espadas *dao* e outras armas presas na cintura.

Eles acenavam intensamente com a cabeça em concordância com seja lá o que estava sendo “pregado” a eles. Alguém dera um banquinho ao líder, porque ele ficara mais alto, revelando sua cara feia e dividida no meio por uma faixa de couro.

Lek e Kirima exclamaram um palavrão.

— Temos que sair daqui agora — alertou Lek — Agora!

— Qual o problema? — perguntou Kyoshi

— O problema é que nem deveríamos ter vindo pra cá — respondeu Kirima — Temos que deixar a cidade. O mais rápido possível.

— Não faça contato visual! — exclamou Lek quando Kyoshi tentou dar uma última olhada no homem. A faixa parecia ser o que segurava o nariz dele no lugar. Sua fala havia chegado num tom fervoroso, seus maxilares subiam e desciam como se um pedaço de carne estivesse entre eles. Estranhamente, ele tinha uma flor de pêssego-da-lua presa ao seu colar.

Ela não teve tempo para ver mais detalhes. Eles voltaram com pressa pelo caminho do qual haviam vindo. Apenas para esbarrar em alguém

no mesmo ponto em que eles tinham presenciado o encontro anterior. Aquele ponto era uma armadilha mortal.

O rosto de Lek caiu em desespero. Ele deu alguns passos para trás e se curvou usando o mesmo sinal que fez quando cumprimentou Kyoshi pela primeira vez. Assim o fizeram Kirima e Wong.

— Tio Mok — eles disseram juntos, mantendo suas cabeças abaixadas.

O homem cuja resposta eles esperavam estava vestido com roupas simples de comerciante. Ele era surpreendentemente bonito, com olhos estreitos acima das maçãs do rosto. E tinha uma flor de pêssego-da-lua em sua lapela.

Ele não era mais velho que Kirima. Kyoshi não entendeu o porquê de o terem chamado de “Tio”.

— Lek Bala — disse o Tio Mok — E amigos. Vocês realizaram a grande jornada partindo da Baía Camaleão.

— Há muito tempo não sentíamos o abraço de nossos irmãos — disse Lek, tremendo. No breve tempo em que ela o conhecia, Kyoshi nunca ouvira o garoto falar com tanto respeito. Ou medo.

— E você trouxe alguns extras? — Os olhos de Mok caíram sobre as duas novas adições ao grupo.

Rangi já havia seguido os outros e se curvado, pensando que algumas vezes era melhor ficar quieta e seguir o ritmo. Kyoshi tentou fazer o mesmo, mas não sem atrair o olhar de Mok, que a pegou usando a mão errada de primeira.

— Peixe fresco — explicou Kirima, erguendo bem pouco a cabeça — Ainda estamos ensinando respeito e tradição a elas. Kyoshi, Rangi, esse é nosso ancião, Mok, o Contador.

Não tinha menção de nenhum “ancião” Mok no diário. Até onde Kyoshi sabia, seus pais eram os anciões do grupo.

— Vejo que estão... — disse Mo, com um sorriso — Sem nossos códigos, não somos nada além de animais, implorando por limites. Que fortuito que estejam aqui, pois tenho assuntos para tratar com vocês.

— Sortudos somos nós — disse Wong. Se tinha sido horrível para ele se curvar para um homem mais novo, ele conseguiu disfarçar bem. Kyoshi percebeu que Lao Ge havia conseguido desaparecer de novo. Ela imaginava que tinha sido só para não ter que chamar Mok de “Tio”.

— Discutiremos isso à noite — falou Mok — Por que não me acompanham como convidados na plataforma de desafios? Quando há esse tanto de pessoas na cidade, jorra sangue fácil. Vai ser divertido!

— Seria de uma honra distinta, Tio — disse Rangi, deixando os outros comendo poeira — Nossa gratidão pelo convite.

Mok sorriu.

— Nação do Fogo. É incrível como o respeito vem deles com tanta naturalidade. — Ele se afastou e empurrou o turbante de Lek no chão para despentear o cabelo do garoto.

— Lembro de quando conheci esse pequeno — ele disse enquanto fixava os olhos em Kyoshi. Os dedos apertavam o crânio do Lek, puxando e girando a cabeça dele, fazendo com que machucasse — Ele era um pentelinho barulhento. Mas aprendeu como agir.

Lek aguentou tudo sem fazer um som. Mok o colocou de lado como um talo de uma maçã.

— Espero que você seja uma aluna tão rápida quanto ele — Mok disse a Kyoshi, fazendo um clique com os dentes.



Depois que Mok saiu, ninguém disse uma palavra. Esperaram Lek pegar seu chapéu do chão e arrumar seu cabelo. Seus olhos estavam vermelhos, mas não só pela poeira.

Kyoshi tinha perguntas, mas estava com medo de fazê-las em voz alta no meio da rua. Ela sabia exatamente que tipo de homem o Contador era.

Uma vez, Jianzhu havia implantado uma política que dizia que todos os empregados, de qualquer nível, poderiam falar diretamente com ele sobre qualquer assunto da casa. Kyoshi viu o gesto de bondade se transformar em empregados dedurando uns aos outros sobre coisas ínfimas, esperando ter algo em troca. Ela sabia que essa era a intenção dele o tempo todo.

As longas casas alinhadas nas ruas de Hujiang faziam-na lembrar das paredes da mansão durante a pior das suas paranoias. Ela não tinha dúvida de que qualquer palavra dita chegaria aos ouvidos do Mok. Ela seguiu o grupo até uma estalagem que parecia não ser pintada desde a época em que Yangchen estava viva. Muitos dos foras-da-lei que passavam por eles tinham uma flor de pêssego-da-lua presa em algum lugar das suas roupas. Ela não acreditava o quão estúpida ela era por não ter notado isso antes.

Eles pagaram por só um quarto e subiram as escadas, um cortejo fúnebre. Não havia camas o suficiente caso eles quisessem passar a noite ali.

— Essa é uma das maiores casas — Kirima disse depois de fechar a porta — Será seguro falar contanto que não grite.

Wong pôs a cabeça para fora da janela e fez uma rápida checagem na rua de baixo e também na parte do telhado. Ele recolheu a cabeça e fechou a janela, depois disse:

— Suponho que você queira uma explicação.

— Aqueles tempos difíceis que mencionamos na Baía Camaleão — começou Kirima — foram bem difíceis. Depois que seus pais morreram, o bisão da Jesa escapou, e nunca mais o vimos.

Kyoshi entendia bem isso. A conexão que os bisões tinham com seus companheiros era tão intensa que os animais simplesmente fugiam quando perdiam seus dominadores de ar. Era um milagre que Pengpeng ainda estava com ela para ajudar.

— Estávamos presos na cidade errada com muitas dívidas com as pessoas erradas — continuou Kirima, ignorando a ironia de que, pela maioria dos padrões, *eles* eram as *pessoas erradas* — Estávamos desesperados. Por isso, aceitamos a Sociedade Flor de Outono como nossos anciãos em troca de alguns favores e dinheiro.

— Os caras da flor de pêssego — disse Wong.

Os pêssegos-da-lua floresciam normalmente na primavera, mas, novamente, estes eram *daofei*, não agricultores.

— Presumo que esse grupo esteja agora dependente da Flor de Outono? — perguntou Rangi.

— Parecia uma jogada segura na época — disse Kirima — Depois que os Caipiras se espalharam, havia muitas sociedades menores sedentas

por restos. Mok e a Flor de Outono começaram como algo pequeno, mas depois começaram a apertar as outras gangues.

— E com “apertar” queremos dizer “esmagá-los em uma polpa e sugar as manchas de sangue” — disse Wong.

— Eles mal se preocupavam em obter lucro — disse Kirima, balançando a cabeça com a maior indignação de todas — A lei ainda não os conhece porque eles ainda não fizeram grandes jogadas acima do solo.

— Bem, posso garantir que isso está prestes a mudar — interrompeu Rangi — O que vimos no bazar foi uma reunião de campanha. Uma unidade de recrutamento. Mok tem grandes planos pela frente.

— E nós estamos fazemos parte disso agora — disse Kirima — Se desobedecermos à convocação de nossos anciãos juramentados, nosso nome valerá menos que lama. Estaremos em situação pior do que antes de conhecermos a Flor de Outono.

— Além disso, ele vai nos matar — concluiu Wong.

Lek bateu a nuca contra a parede.

— Mok é nosso dono agora — disse ele. Ele parecia estar falando através de uma cabaça vazia — Nossa independência era o orgulho de Jesa e Hark. E jogamos isso fora. Por minha causa.

— Lek — disse Kirima bruscamente — Você estava ferido e teria morrido sem tratamento. Já falamos sobre isso.

— Picado por uma vespa urubu — disse Lek a Kyoshi e Rangi. Ele riu com uma amargura que deveria ter sido desenvolvida ao longo de muitas noites de reflexão — Dá para acreditar? Como se eu estivesse destinado a ser a queda deste grupo.

— Jesa e Hark teriam tomado a mesma decisão em um piscar de olhos — disse Kirima.



A respiração de Kyoshi entrou e saiu pelo nariz. Lentamente, a princípio, e depois mais e mais rápido, até que seus pulmões pareciam que escapariam pelos buracos em seu crânio.

Lembrou-se de raspar a cabeça contra o chão congelado quando era pequena, tentando procurar alívio pela febre ardente dentro de seu corpo. Lembrou-se de tentar voltar a andar depois que a doença não tratada enfraqueceu seus músculos, não tendo certeza se o tremor iria desaparecer.

Seria possível entrar no Estado Avatar por puro desprezo? Ela olhou para os *daofei*, perdida em suas próprias histórias. O que eles sabiam, né? *O que eles sabiam?* Eles tinham um ao outro. Uma família disposta a fazer sacrifícios. Ela não tinha dúvida de que Jesa e Hark teriam feito qualquer coisa por sua gangue. Mas não por sua filha. Laços jurados superaram laços de sangue. Não foi essa a lição que precisou ser gravada em seus ossos?

— Ah, qual é — Kyoshi retrucou — Como vocês são patéticos.

Eles viraram a cabeça para ela. Ela se recusou a olhar para qualquer um deles, encarando um lugar vazio na parede onde um nó havia caído da madeira, deixando um amassado na tábua.

— Então, suas escolhas tiveram consequências — disse Kyoshi — Essa não é a definição de um acordo bruto. Isso é vida. Vocês se envolveram com o Mok e eu com vocês. Eu deveria ser a única reclamando — Ela desejou ter um hábito de cuspir para poder adicionar a cor apropriada ao que estava dizendo — Se ele quer que a gente apareça hoje à noite, então

nós aparecemos hoje à noite. Nós faremos o que ele quer que façamos. E então todos nós podemos conseguir *o que viemos aqui para conseguir*.

Ela terminou a sua declaração a um fio de cabelo de gritar. O silêncio pairou.

— Kyoshi tem razão — disse Kirima. A parede rangeu enquanto ela desencostava seu ombro — Não temos escolha a não ser fazer as coisas um passo de cada vez.

— Ela não tinha que ser tão má — disse Wong.



Depois da explosão de Kyoshi, Rangi pediu aos outros um momento a sós com ela. Saíram como crianças amuadas. A sala passou de pequeno a muito grande.

— Não grita comigo — pediu Kyoshi antecipadamente — Não tinha nada sobre essa Flor de Outono no diário.

— E ainda assim aqui estamos de qualquer maneira — disse Rangi. Ela parecia estar perdida enquanto falava, apontando em direções diferentes para enfatizar os discursos que ainda não tinha feito. Acabou por se contentar com uma pergunta.

— Sabe como é te ver afundar mais nessa porcaria?

— Estou fazendo o que é necessário — disse Kyoshi — Se você quer fazer progressos mais rápidos, então vamos procurar um local isolado e praticar mais dominação de fogo.

— Kyoshi, você não está me ouvindo. — Rangi instintivamente baixou a voz para proteger o seu segredo — Você é o Avatar.

— Eu me lembro, Rangi.

— *Lembra?* — perguntou Rangi — Sério? Porque, da última vez que verifiquei, o Avatar devia estar trazendo equilíbrio ao mundo para o bem dos humanos e dos espíritos, não arriscando o pescoço para ajudar um bando de ladrões de segunda a pagar pelas suas dívidas! — ela pensou antes de socar a parede mais próxima — Você sabia que o Avatar é capaz de se reconectar com suas vidas passadas e assim ganhar acesso à sabedoria de séculos? Com as lições certas, você podia ter pedido à Yangchen para te orientar agora. Mas não! Você não tem essa opção, porque meu palpite é que os professores espirituais são um pouco difíceis de encontrar em nosso atual círculo social!

Rangi acenou a mão para a sala, para Huijiang, para as Montanhas Taihua.

— “Tá vendo isso? — ela perguntou — Me mata. O fato de estar presa aqui onde ninguém sabe quem você realmente é me faz morrer um pouco por dentro a cada momento que passa. Você está destinada a ter o melhor de tudo e, em vez disso, tem isso — ela esfregou os sulcos que tinha na testa com os dedos — Uma cidade *daofei!* Um Avatar normal teria sido responsável por limpar este acampamento da face da terra!

Então ela estava chateada por Kyoshi negligenciar seus deveres. E nada mais. Rangi queria um Avatar normal. Não era o que Kyoshi era.

“*Ela é uma verdadeira crente*”. As palavras de Yun voltaram como se ele estivesse parado ao lado dela, sussurrando em seu ouvido. Rangi não podia mais aguentar nenhuma desgraça a seu posto. Kyoshi era uma matéria-prima ruim para um Avatar, e suas escolhas egoístas haviam apenas prejudicado ainda mais a posição.

A ASCENSÃO DE KYOSHI

— Rangi. — O coração de Kyoshi estava mais duro do que nunca, metal opaco pesando seu peito para baixo — O mundo esperou anos por um Avatar. Pode esperar um pouco mais. E você também pode.

Ela pensou ter ouvido um pequeno suspiro por trás das mãos de Rangi. Mas quando a dominadora de fogo abaixou os braços, ela estava tão calma e pedregosa quanto a montanha.

— Você tem razão — disse Rangi — Afinal, sou apenas sua guarda-costas. Eu tenho que fazer o que você diz.



O anoitecer fez um favor à aparência de Huijiang. Diferente das pessoas honestas que vão dormir logo após o sol se pôr, o povoado *daofei* se iluminou com a luz das tochas para continuar os negócios. A encosta da montanha estendeu-se abaixo da pousada parecendo ter atraído uma nuvem de vaga-lumes.

Uma refeição de mingau de arroz e batata-doce seca pouco os ajudou a relaxar. Antes de saírem da estalagem, Lek apertou as faixas que cobriam as mangas com tanta ferocidade que Kyoshi teve medo que suas mãos ficassem roxas.

— Você está bem? — ela perguntou.

— Estou preocupado com Pengpeng, é só isso — ele respondeu, em um tom desafiador — Não deixe escapar que a temos. Mok provavelmente iria nos matar e tentar domá-la.

Fazia cada vez mais sentido o quanto bandidos cobiçavam o bisão. O voo era normalmente um feito restrito aos puros de coração. Como uma

dominadora de ar disposta a manchar-se com o trabalho sujo, a mãe de Kyoshi devia estar em alta demanda.

As ruas estavam mais vazias do que durante o dia. Os *daofoi* haviam se reunido dentro de casas de bebida, e essas casas pareciam compreender metade da cidade. Kyoshi podia ouvir risos, discussões e poesia mal composta sendo derramados pelas janelas pelas quais passavam. Ela imaginou que Lao Ge estava em uma das tabernas, procurando bebidas. Ou entregando-se a seu outro hobby.

Eles chegaram a uma casa maior que as outras. Um celeiro amplo e alto que tremia de barulho. Os gritos dentro subiram e caíram em ondas, pontuados por gritos de alegria ou decepção. Outro homem vestindo uma flor de pêssego no chapéu os cumprimentou na porta.

— O Tio Mok está esperando por vocês na varanda — ele disse, enquanto se curvava.

Ao entrar, eles foram imediatamente absorvidos por uma multidão de espectadores. O centro do piso continha uma grande plataforma de madeira coberta com uma camada de lona bem esticada, sustentada por cordas, dando à estrutura a aparência de um grande tambor. Dois homens circulavam um ao outro cautelosamente por cima, passando por posições, recusando-se a piscar quando o suor se acumulava em seus rostos.

— *Lei tai* — disse Kirima a Kyoshi — Já viu um antes?

Ela não tinha. Ela sabia de torneios de dominação de terra com um conceito semelhante - derrube o oponente da plataforma e você ganha. Mas esse estádio era feito de material inflexível, e os dois homens estavam lutando com suspensores e de mãos limpas. Arremessar o oponente exigiria o fechamento da distância e o controle das maneiras que os dominadores normalmente desconsideram.

Lek mencionara uma parte de armas da noite. Agora deviam estar acontecendo as rodadas de combate sem armas, servindo como aquecimento. Os dois homens se atacaram. Punhos estalados contra crânios. Um deles aproveitou a troca e deu um chute devastador no lado do oponente.

— Golpe no fígado — Kyoshi ouviu Rangi murmurar — Acabou.

Ela viu o resultado antes do perdedor. Ele tentou retomar sua posição de luta, mas não conseguiu levantar os braços. Em um arco lento e oscilante que lembrou Kyoshi de uma árvore cortada, ele caiu na superfície da plataforma, segurando o seu torso.

Kyoshi esperava que o homem de pé se exibisse pela vitória e passasse algum tempo desfrutando da adulação da multidão. Em vez disso, ele atacou seu oponente caído, que era claramente incapaz de continuar, e começou a socá-lo violentamente na cabeça.

— Aqui está uma lição para você, gente quadrada — disse Wong — Acaba quando o vencedor disser que acabou.

Kyoshi teve que se virar. Ela ouviu batidas surdas e úmidas intercaladas com os gritos da multidão e quase vomitou. Ela estava ouvindo um homem ser espancado até a morte.

Houve uma rodada de vaiais, e ela olhou para cima. O homem que saiu de pé decidiu parar o ataque, embora Kyoshi pudesse dizer que a decisão era menos sobre misericórdia e mais sobre economia de energia. Ele voltou para um canto da plataforma onde os participantes haviam colocado um banquinho para ele se sentar. Estendeu a mão e uma xícara de chá apareceu nela. Ser o campeão vinha com algumas vantagens.

Dois voluntários carregaram seu oponente derrotado pelos braços e pernas. Apenas uma tosse com spray de sangue indicava que o homem ainda estava vivo.

Kyoshi queria acabar com isso o mais rápido possível.

— Onde está Mok? — ela perguntou.

— Lá. — Kirima apontou para o segundo nível. As suspeitas de Kyoshi estavam corretas; esse lugar era um celeiro. A "varanda" era um palheiro convertido. Mok estava sentado em uma cadeira gigante, semelhante a um trono, que deveria ter sido levantada no lugar por polias. Ao lado dele, estava o homem de nariz preso do bazar, aquele que vinha recrutando bandidos com zelo espiritual.

A Companhia da Ópera Voadora subiu à moda antiga, e eles tiveram que fazer isso um de cada vez. Os três membros mais experientes foram os primeiros. Kyoshi sentiu os olhos nela enquanto subia a longa escada, vulnerável a cada salto e balanço dos suportes de madeira.

Mok não tinha guardas com ele, além do pregador de rua. E os outros disseram a ela que nenhum deles era dominador. Ou os *daofei* eram mesquinhos quando se tratava de proteção pessoal ou preferiam demonstrar força dessa maneira.

— Este é meu tenente, irmão Wai — disse Mok, apontando para o homem de olhos arregalados — Vocês terão por ele o mesmo respeito que têm por mim.

Kyoshi curvou-se junto com os outros, mas Wai ficou em silêncio. Ele olhou para o grupo com um desprezo fervilhante, como se tivesse detectado a mancha do mal enterrada no fundo de seus ossos. Ela ficou consciente de sua perna esfolada que havia se machucado, do pesadelo que

despertava no fundo de sua mente. Mas Wai não prestou atenção especial a ela. Ele os desprezava igualmente.

Mok, por outro lado, destacou Kyoshi.

— Garota novas — disse ele — Você parece um pouco tímida agora. Não é uma característica de que gosto nos meus subordinados.

Wong e Kirima ficaram tensos. Eles a alertaram sobre a necessidade de manter uma certa máscara, e ela não os levou a sério o suficiente. Kyoshi tentou pensar em algo para acalmar Mok.

— Ela é dura quando precisa, Tio — interveio Lek — Eu pessoalmente vi Kyoshi limpar o chão com um esquadrão inteiro de homens da lei na Baía Camaleão.

Mok fez um sinal com o dedo. Em um movimento tão suave que parecia ensaiado, Wai pegou uma faca, agarrou Lek e o cortou na palma da mão. Lek olhou incrédulo para a nova ferida vermelha por um momento.

— Engraçado — disse Mok — Eu não acho que estava falando com você.

Um respingo de sangue caiu no chão. Lek dobrou-se, apertando a mão no estômago e sufocou um grito. Os rostos de Wong e Kirima estavam vermelhos de raiva, mas eles mantiveram suas posições, ombros curvados em deferência.

Kyoshi se forçou a olhar desta vez, para ver Lek sofrer. Mok a estava testando, ela notou. Sua fraqueza havia machucado seu companheiro, e esse era o preço.

Seus membros ficaram frios quando uma visão do futuro a varreu em seus braços. Ela iria resolver os assuntos com esse Mok algum dia. Iria

colocá-lo na prateleira, logo abaixo de Jianzhu. Ele e Wai. Ambos teriam um lugar de honra no coração dela.

Mas, por enquanto, o rosto que ela lhes dava era de pedra. Ela viu Lek se endireitar e puxar sua manga sobre a ferida, apertando sua mandíbula e punho com força. Ele olhou para o espaço entre os sapatos. Além da mancha de sangue florescendo abaixo de sua camisa, ela teria tido dificuldade para dizer que ele estava ferido.

— Melhor, dessa vez — disse Mok a Kyoshi — A menos que, por algum motivo, você não goste do garoto.

Ela balançou os ombros sem se comprometer.

— Não há muitas pessoas que eu odeie, Tio. — A verdade tornou mais fácil manter a calma.

— Uma aprendiz rápida, de fato! — Mok teve um vislumbre de algo interessante acontecendo abaixo. A multidão rugiu, metade deles vaiando e a outra metade expressando louca aprovação pelo que quer que fosse. Ele sorriu e voltou toda a atenção para o centro do celeiro — Não tão rápida quanto sua amiga dominadora de fogo.

Kyoshi seguiu seu olhar. Levou toda a sua nova força de vontade para não gritar de horror.

Rangi estava em pé na plataforma de combate.



— O mais bonito da *lei tai* é que qualquer um pode desafiar — disse Mok. — Simplesmente fazendo o que ela está fazendo.

A ASCENSÃO DE KYOSHI

Kyoshi teve que olhar para a escada vazia novamente para ter certeza de que ela não estava sonhando, de que Rangi não a seguira como sempre. Para confirmar que ela poderia ter demorado tanto tempo sem perceber a presença de sua amiga.

O campeão, ainda sentado no canto oposto, inclinou a cabeça com interesse. Rangi encontrou o olhar dele quando ela tirou as braçadeiras e as ombreiras, jogando a armadura da herança no chão como uma casca de frutas. Ignorando uivos e assobios da multidão, ela se despiu até estar na túnica branca sem mangas que usava sob as camadas externas.

Rangi estava acima da altura média de uma garota. Os músculos dos braços e costas estavam bem formados e fortes após anos de treinamento. Mas seu oponente era mais alto e superava-a em um terço, senão mais. Ela parecia tão pequena e vulnerável na lona, uma pequena flor no canto de uma pintura.

Kyoshi quase pulou do palheiro para se jogar entre os combatentes. Mas Kirima e Wong deram a ela o mesmo olhar e aperto de cabeça imperceptível de quando Lek foi cortado. “*Não. Você vai piorar as coisas.*”

O campeão passou a mão em sua trança e olhou para Rangi com olhos apertados. Ele se esfregou com uma toalha e a jogou para trás. Quando se levantou, seu atendente arrancou o banquinho da plataforma. Ele já tinha descansado o suficiente. O homem levantou o queixo e disse algumas palavras que Kyoshi não conseguiu ouvir, mas ela adivinhou quais eram.

Nada de dominação de fogo.

Rangi concordou.

Uma lança atravessou o coração de Kyoshi quando os dois se aproximaram. O campeão não se posicionou imediatamente. Se ele levasse o desafio de uma garota muito a sério, perderia o respeito.

Rangi deixou que ele soubesse o quão sábia era essa decisão dando um chute no joelho no qual ele estava prestes a colocar seu peso. Apenas um reflexo puro o salvou. Ele puxou a perna para trás antes que ela se partisse ao meio e tropeçou desajeitadamente em torno da plataforma, como um bêbado que havia perdido o equilíbrio. A multidão zombou.

— *Essa garota* — disse Mok com um tom de apreço que enviou ódio fresco pela garganta de Kyoshi.

O campeão se endireitou e assumiu uma postura profunda. O movimento disciplinado em sua parte inferior do corpo estava em desacordo com a ira que corria por seu rosto.

Como se para provocá-lo ainda mais, Rangi deslizou para a frente sem medo até que ela estivesse a uma distância em que ele poderia ataca-la. Sua expressão era fria, impassível. Não mudou quando o homem lançou uma enxurrada de golpes. Ela leu os membros dele como as linhas de um livro, deixando o momento passar por ela enquanto fazia pivôs tão pequenos e afiados que seus pés chiavam contra a lona.

Depois que ele perdeu um soco reto que pairava sobre o pescoço dela como um jugo, ela bateu na axila dele com o ombro, cronometrando com a retração dele. Ele voou de volta, pior do que antes, seus pés fazendo uma tentativa ridícula de apoiá-lo. A esperança de Kyoshi aumentou, forçando-a até a ponta dos pés enquanto ele se aproximava da beirada. Se ele caísse da plataforma, esse pesadelo terminaria.

Ele conseguiu se segurar. Kyoshi ouviu um palavrão vindo de alguém diferente dela. Rangi seguiu seu oponente até o limite, mas parecia despreocupada em empurrá-lo. Poderia ter terminado com um cutucão.

O homem viu isso e perdeu a compostura. Atacou com um soco selvagem desprovido de técnica. Foi tão previsível que a própria Kyoshi poderia ter se abaixado.

Mas, naquele instante, Rangi olhou para cima e encarou Kyoshi. O golpe a atingiu diretamente no rosto. Ela deixou.

Ela tropeçou sobre a plataforma e caiu no centro, uma pilha sem vida. A diferença de peso havia feito seu trabalho. O grito de Kyoshi foi abafado pelo rugido da multidão.

O campeão limpou a boca enquanto passeava pelo corpo de Rangi. A garota o humilhou. Ele levaria um tempo para destruí-la.

Kyoshi gritou para as vigas, invisível e inaudível no frenesi. Nada mais importava além de Rangi. Ela não podia perder a base de sua vida assim. Ela teria destruído o mundo para desfazer o que estava acontecendo.

Apenas as mãos de Wong apertando os ombros de Kyoshi a seguraram no lugar enquanto o homem levantava o pé acima do crânio de Rangi. Houve um borrão de movimento e o som de estalos abafados.

A mente de Kyoshi alcançou seus olhos. Sua compreensão se desenrolou como uma série de fotos, alteradas entre piscadas.

Rangi girou por baixo do pé do homem, rodando sobre seus ombros como um profissional, e envolveu seu corpo em torno da perna dele. Ela fez uma virada sutil, e o membro dele se partiu em todas as direções possíveis. O campeão deitou-se sobre a lona, contorcendo-se de dor, a perna reduzida a uma meia fina presa ao corpo. Rangi estava de pé sobre

ele, sangrando pela boca. Apesar do único soco que ela tomara, estava bem. Ela não tinha suado.

Os espectadores ficaram em silêncio. Seus passos ricochetearam na lona como batidas. Ela pulou da plataforma e pegou sua armadura.

Uma única pessoa batendo palmas quebrou o silêncio. Era Mok, aplaudindo furiosamente. Deu permissão à multidão para reagir. Eles gritaram e gritaram para a nova campeã, avançando em sua direção. Um único olhar os fez parar de dar um tapa em suas costas ou levá-la sobre seus ombros, mas eles chegaram o mais perto que puderam, formando um pequeno anel de apreciação em torno dela.

Rangi caminhou até a escada e subiu com uma mão, com o equipamento embaixo do outro braço. A cabeça dela espiou pela borda do palheiro e depois pelo resto de seu corpo. Jogou a armadura no canto e curvou-se.

Ninguém respondeu. Todos esperaram seu próximo passo, incluindo Mok e Wai.

Rangi deu de ombros com a pergunta não feita.

— Pareceu divertido — ela disse calmamente.

Kyoshi sabia que aquilo era uma completa e absoluta enrolação. Não havia razão para ela ter tanto lapso de julgamento, para cometer um ato tão estupidamente incompreensível. Kyoshi quis dar um soco em Rangi com tanta força que aterrissaria em Yokoya. Ela iria estrangular a dominadora de fogo até que a chama saísse de seus ouvidos.

Mok bateu nas coxas e caiu na gargalhada.

— Uma futura chefe em formação! — ele exclamou — Jantem comigo esta noite. Vou contar os planos que tenho guardados.

— Como poderíamos recusar, tio? — Rangi perguntou com o maior, mais doce e mais falso sorriso que Kyoshi já vira.



Os atendentes carregavam cadeiras para todos na escada com grande dificuldade, seguidos por uma mesa e depois comida e bebida. Ao contrário das grandes mansões da sociedade legítima, não havia classe servidora aqui. Jovens durões e espadachins executavam a tarefa, suas armas tilintando nas bainhas enquanto faziam malabarismos com bandejas como empregadas novatas.

Ninguém revelou que eles já haviam comido. A refeição foi uma tentativa de imitar a mesa de um sábio rico, com mais de um prato. Pasta de farinha como substituta para ingredientes que seriam impossíveis de entrar nas montanhas, e vegetais amarelados compunham o resto. Mas havia muito vinho.

Mok estava sentado de costas para a beira da varanda. As brigas não o interessavam mais. A julgar pelo choque de metal vindo de baixo, os desafios haviam passado de combate desarmado para a seção de armas. Os gritos e gargalhadas ocasionais dificultavam a concentração.

— Algum de vocês já ouviu falar de Te Sihung? — ele perguntou, ignorando as intermináveis demonstrações de elogios e domínio. Por mais imprudente que a luta de Rangi tivesse sido, não havia como negar que ela havia mudado a energia da reunião.

Te Sihung. Governador Te. Kyoshi nunca o tinha visto pessoalmente na mansão, mas os últimos presentes que ela se lembrava de ele ter enviado para Yun eram uma cópia original e completa de *Poemas de Laghima* e uma única semente de dragão-branco preciosa.

— Governador das Províncias do Leste — disse ela — Gosta de ler e beber chá. Certamente não está precisando de dinheiro.

— Muito bem — disse Mok, impressionado, mesmo considerando que ela pudesse estar descrevendo metade dos velhos ricos do Reino da Terra — É um pouco incomum entre os líderes da prefeitura. Ele não é tão rápido com o machado quando se trata de crimes de sentença — ele fez um movimento de corte na nuca. Como estavam sendo dóceis!

Mok tomou um gole de vinho e sorriu quando Kyoshi encheu sua xícara sem avisá-lo.

— Ele mantém prisioneiros — Mok continuou — Sua família herdou uma antiga mansão que remonta ao Trigésimo-qualquer-coisa Rei da Terra, completa com um tribunal e uma prisão onde criminosos poderiam cumprir suas sentenças em vez de enfrentar a justiça moderna e rápida. Acredito que a noção romântica de misericórdia tenha subido à sua cabeça.

— Parece bom da parte dele — disse Rangi, um pouco indiferente. O rosto dela tinha começado a inchar, as palavras tremendo no lábio machucado. Os outros membros do grupo tinham se retirado voluntariamente para o segundo plano, deixando ela e Kyoshi conversarem com o ancião. Eles estavam jogando com as peças que haviam recebido.

— Não faça homenagens ainda — disse Mok — Ele tem mantido um dos nossos preso por oito anos.

Atrás dele, Wai reagiu positivamente, seu corpo vibrando de raiva.

— Precisamos tirar nosso homem das células de Te — disse Mok — É disso que se trata este trabalho. Uma fuga de prisão em uma posição fortificada vai levar muitos corpos, mais do que a Flor de Outono tem em membros. Então, estamos chamando nossos associados. Todo favor será pago em uma noite.

— Esse prisioneiro, ele é importante? — perguntou Rangi — Ele tem informações que você não quer que vazem?

Pela primeira vez na noite, Mok parecia descontente com ela.

— Essa missão é sobre fraternidade — ele respondeu — Primeiro e acima de tudo. Meu irmão jurado apodrece nas mãos da lei há quase uma década. Demorou tanto tempo para a Flor de Outono se tornar forte o suficiente para tentar uma missão de resgate, mas Wai e eu nunca o esquecemos.

Sua paixão era real, esculpida em seu espírito com sulcos profundos. Ele se parecia com Lek quando o garoto falava sobre os pais de Kyoshi. Sustentado por uma estrutura de ferro maior que ele. Kyoshi se perguntou se ela teria a mesma aparência se alguma vez falasse sobre Kelsang com alguém. Ela esperava que sim.

— Me desculpe, Tio — disse Rangi — Eu achei que conhecer os fatos seria útil para a nossa causa.

— O único fato com que preciso que você se preocupe é como seu grupo vai ajudar a tirar meu homem da prisão do governador Te — disse Mok.

— Nosso grupo? — Kyoshi inclinou-se preventivamente em desculpas por não entender — Parecia que deveríamos unir toda a Flor de Outono nessa missão.

— Originalmente sim. Mas, depois de pensar um pouco, isso seria um desperdício para uma equipe de elite de dominadores como vocês. Um ataque duplo deve dobrar nossas chances. Tenho números à minha disposição, mas não furtividade ou proeza. Enquanto meus homens batem nas portas em um ataque frontal, quero que a Companhia da Ópera Voadora tome o caminho silencioso. Quem conseguir primeiro, isso não importa para mim.

Rangi ainda estava em seu modo profissional de coleta de informações.

— Existem mapas do palácio de Te? Esquemas? Horários dos funcionários? Alguém de dentro com quem possamos contar?

O rosto de Mok escureceu. Ele chutou a mesa para longe, mandando pratos direto para o chão.

— O que você acha que é isso? Um assalto? — ele retrucou — Encontre sua abordagem por conta própria!

Kyoshi percebeu por que ele estava tão bravo. As perguntas de Rangi o expuseram como pouco tático. Ele não sabia nada sobre liderança além de fazer exigências e distribuir crueldades quando elas não eram atendidas.

“*Controle por birra*”, Kyoshi pensou. Ela tinha um rótulo para o modo como Mok exercia o poder.

Ele se levantou e tirou o pó de suas vestes.

A ASCENSÃO DE KYOSHI

— Planejo estar no palácio do governador Te daqui a trinta dias com minhas forças. Sei o quão veloz a Companhia de Ópera Voadora costuma ser, por isso, se você chegar cedo, terá todo o tempo necessário para se preparar. Mas! Não quero que vocês atuem por conta própria antes de chegarmos. Ouviram?

“Eu ouço muitas coisas sobre você”, pensou Kyoshi, mas respondeu:

— Claro, Tio. — O choque de aço e um grito encheram o ar enquanto ela se curvava.



Os cinco ficaram do lado de fora da estalagem, sem saber o que dizer um ao outro. Havia uma nova distância entre eles. A autoconsciência reinava, suprema.

Kyoshi quebrou o silêncio.

— Podemos concordar em deixar esta cidade abandonada logo de manhã?

— Sim — concordou Wong — Vou me embriagar estupidamente até lá. Se eu encontrar algum de vocês, vou fingir que não conheço. Mesmo se vocês me desafiarem — Ele franziu a testa — Especialmente se vocês me desafiarem.

Wong pisou na escuridão, desaparecendo além do brilho da lanterna mais próxima.

Lek não falou uma palavra no caminho de volta. A manga estava colada na palma da mão com sangue seco, um bom sinal no que dizia

respeito à ferida. Mas ele estava possuído por uma rigidez que preocupava Kyoshi.

— Lek — ela disse, antes que ele desaparecesse também, dentro de sua própria cabeça — Obrigada. Por me defender.

Ele piscou e olhou para ela, como se eles tivessem se conhecido apenas um minuto atrás.

— Por que não? — ele perguntou, pego de surpresa ao acordar de um sonho.

— Eu tenho que cuidar da mão dele — disse Kirima. Ela olhou para Rangi — Eu não sou a melhor curandeira, então levarei algum tempo até que eu possa chegar ao seu rosto.

— Eu não preciso disso — disse Rangi. Ela se virou e se afastou na direção oposta de Wong, descendo a ladeira em que a cidade foi construída.

— Rangi! — exclamou Kyoshi.. A dominadora de fogo não a ouviu. Ela era o guarda-costas de Kyoshi. Ela era obrigada a ouvi-la — Volte aqui! Rangi!

— Depois da exibição de hoje à noite, ela é a pessoa mais segura de Huijiang — disse Kirima. Havia um tom malicioso em seu sorriso — Mas eu ainda acho que você deveria ir atrás dela.

Tendo crescido em Yokoya, Kyoshi havia percorrido montanhas suficientes por duas vidas. Descer rapidamente ameaçava dobrar seus tornozelos, com a tensão nos joelhos. Ela encontrou Rangi sentada à beira do lago raso, menos pela luz e mais pelo calor. A dominadora de fogo era uma silhueta escura enrolada contra a água que batia. Kyoshi pensou seriamente em empurrá-la.

— Você quer me dizer o que foi aquilo? — ela gritou.

Rangi zombou da pergunta.

— Mok estava nos tratando como esterco e, agora, um pouco menos. Eu impressionei um *daofei*. Esse não era nosso objetivo?

— A gangue da minha mãe pertencia à minha *mãe*! Mok é um animal raivoso com quem não temos influência! Foi um risco estúpido!

Rangi ficou de pé. Ela estava deixando os dedos dos pés balançarem na água e agora estava com o todo o tornozelo mergulhado.

— Claro que sim! — ela respondeu, quase batendo o dedo no peito de Kyoshi por instinto, mas se conteve. Ela torceu as mãos e as forçou a permanecer ao seu lado — Fiz exatamente o que você tem feito esse tempo todo! Deixa eu te dizer uma coisa. Eu desmaiei quando fui atingida. Se eu não tivesse acordado rapidamente, esse homem teria me matado.

A mente de Kyoshi ficou branca de fúria. Depois que a luta terminara, ela assumira que Rangi estava fingindo inconsciência para atrair seu oponente. Ela queria voltar para o celeiro e quebrar o resto dos membros dele.

— Sabe o que você sentiu, me vendo deitada na lona? — perguntou Rangi — Esse desespero? Essa sensação da sua âncora sendo cortada? É o que eu tenho sentido, observando você, a cada minuto desde que deixamos Yokoya! Entrei naquela plataforma para que você pudesse ver da minha perspectiva! Eu não tinha ideia do que mais te atingiria! — Ela chutou a superfície do lago, cortando uma onda entre elas. Por um instante, pareceu uma dominadora de água. Eu assisto você se atirar de cabeça em perigo, de novo e de novo, e pra quê? Alguma tentativa equivocada de levar Jianzhu “à justiça”? Você sequer sabe ainda o que isso significa?

— Significa colocar um fim nele — retrucou Kyoshi — Garantir que ele não ande mais nesta terra. É isso que tem que significar.

— Por quê? — Rangi perguntou, seus olhos implorando e combatendo ao mesmo tempo — Por que você precisa tanto fazer isso?

— *Porque então eu não vou mais precisar ter medo dele!* — gritou Kyoshi — *Eu 'tou com medo, ok? Tenho medo dele e não sei o que mais vai fazer isso ir embora!*



Suas palavras foram carregadas sobre a superfície do lago para qualquer homem e espírito que pudesse estar ouvindo. A obsessão de Kyoshi não era a marca de um grande caçador em uma busca implacável por sua presa. Essa era a mentira que a sustentara. A verdade era que ela era uma criança assustada, correndo em direções diferentes e esperando que tudo desse certo. Ela não podia se sentir segura com Jianzhu solto.

Ela ouviu de novo. Aquelas respirações suaves e agudas. Rangi estava chorando.

Kyoshi lutou contra as próprias lágrimas. Elas não teriam sido tão graciosas.

— Fala comigo — ela pediu — Por favor.

— Não era para ser assim — disse Rangi. Ela tentou se sufocar com a palma da mão — Não deveria ter sido assim.

Kyoshi entendeu o desapontamento de sua amiga. A nova era brilhante que o mundo deveria enfrentar após tantos anos de luta, o campeão que Rangi treinara para proteger, havia sido roubado e substituído por... por Kyoshi.

— Eu sei — ela concordou com o coração doendo — Yun teria sido muito melhor.

— Não! Esquece o Yun, só uma vez! Esquece o fato de ser o Avatar! — Rangi perdeu a batalha contra seu autocontrole e bateu em Kyoshi com força no colarinho — Não deveria ser assim pra *voce!*

Kyoshi ficou em silêncio. Principalmente porque Rangi havia batido nela com muita força, mas também por surpresa.

— Você acha que não merece paz, felicidade e coisas boas, mas merece! — gritou Rangi — Você, Kyoshi! Não o Avatar, mas você!

Ela fechou a distância e passou os braços em volta da cintura de Kyoshi. O abraço foi uma maneira inteligente de esconder o rosto.

— Você tem alguma ideia do quão doloroso tem sido te seguir nessa jornada em que você está tão determinada a se punir? — perguntou Rangi — Observar você se tratando como um vaso vazio por vingança, quando eu te conheço desde que você era uma criada que não podia dominar uma pedra? O Avatar pode renascer. Mas você não pode, Kyoshi. Não quero deixar você para a próxima geração. Eu não aguentaria te perder.

Kyoshi percebeu que tinha entendido tudo errado. Rangi era uma verdadeira crente. Mas sua maior fé tinha sido por seus amigos, não por sua tarefa. Ela puxou Rangi para mais perto. Ela pensou ter ouvido um suspiro leve e contente vindo da outra garota.

— Eu gostaria de poder te dar o que você merece. — Rangi murmurou depois de algum tempo — Os professores mais sábios. Exércitos para te defender. Um palácio para morar.

Kyoshi levantou uma sobrancelha.

— O Avatar ganha um palácio?

— Não, mas você merece um.

— Eu não preciso disso — disse Kyoshi. Ela sorriu para os cabelos de Rangi, os fios macios acariciando seus lábios — E eu não preciso de um exército. Eu tenho você.

— Pfff — Rangi zombou — Eu valia muito mesmo, até agora. Se eu fosse melhor no meu trabalho, você nunca se sentiria assustada. Apenas amada. Adorada por todos.

Kyoshi ergueu gentilmente o queixo de Rangi. Ela não podia se impedir de fazer isso mais do que podia se impedir de respirar, viver, temer.

— Eu me sinto amada — ela declarou.

O lindo rosto de Rangi brilhou em reflexo. Kyoshi se inclinou e a beijou.



Um brilho quente mapeou as veias de Kyoshi. Uma eternidade destilada em um único encontro de pele. Ela pensou que nunca estaria mais viva do que naquele momento..

E então...

O choque de mãos empurrando-a para longe. Kyoshi saiu de seu transe, horrorizada.

Rangi se encolheu com o contato. Repeliu-a. Visceralmente, reflexivamente.

Ah não. *Ah não.*


A ASCENSÃO DE KYOSHI

Isso não poderia - não depois de tudo o que elas haviam passado - não poderia ser assim.


Kyoshi fechou os olhos até doerem. Ela queria encolher até desaparecer dentro das rachaduras da terra. Queria se tornar poeira e soprar ao vento.

Mas o som da risada a puxou de volta. Rangi estava tossindo, afogando-se com suas próprias lágrimas e alegria. Ela prendeu a respiração e retomou Kyoshi pelos quadris, virando-se para o lado, oferecendo a pele lisa e sem manchas da garganta.

— Esse lado do meu rosto tá inchado, boba — ela sussurrou na escuridão — Me beija onde não está machucado.



A FERA



O SOL NO ALVORECER nunca tinha sido tão quente. Kyoshi dormiu melhor na compacta orla do lago, sem nenhum colchonete ou coberta, do que em qualquer outra noite que passou acampando entre a Baía Camaleão e Huijiang. Talvez fosse porque agora ela tinha seu próprio fogo. Ela não tinha que dividi-lo com mais ninguém.

Rangi murmurou na base de seu pescoço, a sensação de uma vibração suave. Uma sombra emergiu sobre elas. Kyoshi piscou até ver um par de botas de couro perto de sua cabeça. Kirima agachou-se para ficar mais próxima delas, suas mãos sobre seus joelhos e seu queixo repousando sobre as mãos.

— Tiveram uma noite agradável? — perguntou a dominadora de água, piscando várias vezes, romanticamente. O sorriso em seu rosto era maior que o céu aberto.

Kyoshi apoiou-se em seus cotovelos. Rangi deslizou do peito dela e bateu a cabeça no chão, acordando assustada. Desenroscou a perna que tinha jogado sobre o corpo de Kyoshi relutantemente.

— Deve ter sido legal — Kirima continuou, quase sem conseguir conter o riso. — Dormir sob as estrelas. Apenas duas amigas. Tendo um momento íntimo de amizade, só as duas.

Kyoshi esfregou a sonolência para fora de seu rosto. Ela podia levantar-se num pulo e negar tudo. Ela não tinha ideia alguma do que iria se desenrolar se ela e Rangi continuassem puxando aquele fio. Poucas pessoas do Reino da Terra reagiriam tão bem quanto Kirima.

Mas desde aquele dia em Yokoya, quando aprendera seu destino enquanto suas mãos ainda estavam sujas de farinha branca, sua vida vinha sendo uma rejeição eterna, cheia de segredos infelizmente guardados até seus fins destrutivos. Ela estava farta de negar a si mesma.

Não desta vez. Desta vez seria diferente. Um pensamento constante. A batida em sua cabeça e coração informou-a da verdade. Ela nunca voltaria atrás sobre seus sentimentos por Rangi.

O olhar de Rangi cruzou com o dela e ela sorriu, acenando quase imperceptivelmente com a cabeça. Um sinal de *estou pronta se você estiver.*

Ela estava. E elas estavam.

— É exatamente o que está pensando — Kyoshi disse — Tem algum problema com isso?

Kirima encolheu os ombros e balançou seus dedos, mergulhando em um quieto momento de seriedade.

— Eu não sou do tipo que vai te causar sofrimento por causa da pessoa que você ama — ela disse. Sua hilaridade retornou de imediato — Eu, no entanto, vou te dar uma *tremenda* quantidade de sofrimento por estar num romance com alguém da sua própria irmandade. É que nem lavar a roupa em um banheiro externo. Nunca acaba limpo.

Kyoshi levantou-se.

— Em primeiro lugar, nos conhecíamos antes de conhecer vocês. E, em segundo, meus pais fundaram essa gangue estúpida, e eles eram obviamente um par!

— Bom te ver seguindo a tradição da família — disse Kirima. A Jesa e o Hark eram loucos um pelo outro.

Para Kyoshi, nada poderia estragar o momento como uma lembrança de seus pais. Ela se perguntava se eles ainda se beijavam, se entreolhavam apaixonados, sussurravam piadas depois de a terem abandonado em Yokoya. Talvez aliviar-se do fardo tivesse feito com que o relacionamento deles se tornasse ainda mais doce. Ela não queria perguntar.

A escuridão de seu abandono deve ter fervido até sua superfície enquanto as três caminhavam montanha acima, de volta à cidade, com passos lentos e pesados, porque Rangi acariciou as costas da mão de Kyoshi com suas unhas, uma provocação brincalhona e distrativa que agora tinha mais significado do que centenas de volumes de história. Kyoshi quase tropeçou e caiu de rosto no chão.

Se isso era como ela devia se sentir sendo seu verdadeiro eu, ela nunca conseguiria voltar ao que era antes. Seu coração estava aconchegado em

algum lugar acima dela, na nuvem mais próxima. Ela queria pegar Rangi em seus braços e correr, pisando cada vez mais alto usando aquela técnica que ainda tinha que aprender, até que elas o encontrassem.

Kyoshi estava tão feliz que até Hujiang parecia mais bonita sob a luz do novo dia. Seus olhos pegavam manchas de cores que não eram visíveis sob a luz da tocha da noite anterior, azuis e vermelhos de lugares além do Reino da Terra. As casas comunitárias, agora podia ver, cada uma tinha toques individuais como alcovas de templos entalhadas e tapetes da Nação do Fogo pendurados em cima das portas. Aquilo a fazia lembrar de como barcos tinham personalidades gravadas neles por sua tripulação. A sujeira ainda havia de ser levantada pelos negócios do dia, o ar estava mais limpo, mais fácil de respirar sem a neblina suja.

Elas passearam pela cidade – quando tinha sido a última vez que Kyoshi passeara? Tinha passeado alguma vez na vida? – e evitaram os corpos estirados de homens que dormiam por causa de ressaca, ou brigas, ou ambos. Kirima guiou-as até um dos maiores estabelecimentos, onde ela se abaixou para passar pela porta que tinha um dos umbrais destruído, como se alguém tivesse sido jogado para fora, mas não de um modo muito preciso. Ela retornou alguns momentos depois, dominando uma grande bolha de água que ela teve que achar lá dentro. A bolha rolou escada abaixo como uma lesma.

Wong flutuou dentro da bolha reversa, sua cabeça saindo do topo. Ele roncava confortavelmente.

— Acorda! — gritou Kirima. Com um girar dos braços dela, a água congelou. O homenzarrão acordou abalado por causa do frio. Ele parecia um pequeno iceberg com seu rosto saindo da cúpula.

— Argh, me deixa assim por um tempo — ele disse com os olhos turvos.

Kirima liquefez a bola de gelo, soltando-o em pé, e dominou a água para longe do corpo dele, secando-o. Ela devolveu a água para dentro da construção, onde pousou com um barulho estrondoso.

— Já tivemos o suficiente dessa cidade — ela disse. Então, direcionou um sorriso malicioso para Kyoshi e Rangi, sem nenhuma tentativa de esconder o significado de sua encarada — Ou ao menos eu tive.

Wong não teve a chance para interpretar a encenação dela. Um forte barulho de algo quebrando veio de algum lugar próximo e perfurou o silêncio da manhã. Soava como se uma casa tivesse desmoronado. Pássaros fugiram para o céu, inquietos pela agitação.

Rangi franziu as sobrancelhas e inclinou sua orelha em direção a confusão.

— Isso foi um deslizamento? — perguntou ela.

— Eu não sei — Kirima respondeu cautelosamente — Mas as aves tiveram a ideia certa.

Então o clamor dos homens gritando em horror pôde ser ouvido acima dos telhados.

— Nunca espere para descobrir qual é o problema — alertou Wong, já correndo para longe do estardalhaço — Quando o momento chegar, você já vai estar muito envolvido.

Se aquilo não era um conhecimento antigo, deveria ser. Elas o seguiram rapidamente em direção à estalagem. Com sorte, Lek e Lao Ge estariam ali, prontos para sair de lá voando. Julgando pela velocidade que o

tumulto os estava alcançando, eles não teriam tempo de investigar a cidade em Pengpeng.

Uma bufada horrenda, um som asfixiante estendia-se pelas ruas. Em seus dias na mansão, Kyoshi uma vez viu um embaixador que trouxe seu macaco-poodle, que era o resultado de tantos cruzamentos consanguíneos em nome da “fofura”, e que tinha problemas de respiração por causa de seu focinho miniatura. Foi isso que ela tinha acabado de ouvir, só que numa escala milhares de vezes maior. As advertências de uma criatura que nunca conseguiria suprir a quantidade de ar que precisava.

Dois homens fugiam para fora de uma das casas compartilhadas, gritando, correndo o mais rápido que podiam. No instante seguinte, a frente da construção explodiu, tábuas e vigas destruídos por uma massa escura e rija que se retorcia com fúria. Uma corda ou chicote foi lançado com a velocidade de um cabo que estava muito tensionado e chicoteou os homens nas costas. Eles caíram no chão, derrapando em seus rostos, o impulso fazendo as pernas deles se curvarem em cima de suas cabeças, lembrando um escorpião.

— Guelras de Tui! — Kirima grito — O que era aquela coisa!?

Atrás deles havia um tipo de fera que Kyoshi nunca tinha visto antes, uma monstruosidade marrom e preta, de quatro patas, cujo ombro ficava numa altura maior que algumas das cabanas. Conseguia ser desajeitado, pesado e largo apenas em músculo, mas ao mesmo tempo era ágil e flexível como uma serpente. Garras longas e afiadas como lâminas de foice ceifando o chão, abrindo feridas úmidas embaixo da superfície empoeirada.

Mas a parte mais hedionda da criatura era o vazio escuro que era seu rosto. O crânio peludo e alongado não tinha olhos, apenas florescia um focinho rosa que contorcia suas protuberâncias carnudas. Era como se um

parasita de outro mundo tivesse acoplado o nariz de uma fera terrestre e tomado controle de todo o animal. Dois enormes buracos, narinas, sugavam ar de todas as direções até que apontaram diretamente para Kyoshi.

Ela recuou lentamente, inutilmente, surpresa por conseguir fazer aquilo. A náusea que o terror lhe causava acorrentava-a, roubando-lhe o instinto de sobrevivência. Sentia sua pele molhada e gelada.

“*De novo*”, era o único pensamento que corria em sua mente. Mais uma vez, Jianzhu liberou um pesadelo nela, um espectro inumano que a arrastaria de volta para a escuridão, gritando. Tinha que ser ele. Não havia mais ninguém que lhe causava um terror como aquele. De algum modo, sentia em seus ossos que ele tinha sido quem a provocava com essa aberração viva.

Uma parede de terra subiu entre ela e o animal. Não tinha sido ela quem a dominou.

— O que está fazendo? — Wong rugiu enquanto ele continuou seu ataque — Ou luta ou corre! Não fica aí parada onde não podemos te ajudar!

O monstro escalou a parede que ele fizera com facilidade, suas garras possibilitando que escalasse tão rápido quanto corria. Kirima puxou mais água de um canal que estava próximo e golpeou os ombros da fera, tentando tirar seu equilíbrio. Rangi chutou pequenas lâminas de fogo nos lugares em que a criatura tentava pousar suas patas dianteiras, esclarecendo que quebrar a base de um animal era tão eficaz quanto de um oponente qualquer.

“*É verdade*”, Kyoshi pensou. “*Desta vez eu não estou sozinha.*”

A rua era larga o suficiente para aguentar sua fraqueza em dominação de terra. Ela esfaqueou o ar em sua frente, e toda a superfície da rua começou a ranger e se deslocar. Uma fissura se abriu, e uma das patas do

animal caiu dentro dela. Se ela conseguisse fechar o espaço rápido o bastante, ela conseguiria prendê-lo pela...

O monstro, em vez de evitar a armadilha, mergulhou na fenda de cabeça. Seu corpo inteiro desapareceu no subterrâneo, deixando uma pilha de pedras fundidas para trás.

— Essa coisa pode *cavar*? — Kirima soou mais descontente do que assustada, como uma jogadora experiente descobrindo que, na mesa em que estava jogando, todos os jogadores estavam de complô contra ela.

Kyoshi sentiu vibrações abaixo dela. Era impossível que não sentisse, com uma criatura daquele tamanho, mas eram vagas e sequer conseguia distinguir a direção. Não ajudava naquela situação.

— Afastem-se! — Rangi exclamou, olhando para o chão.

— Não devíamos ficar próximos? — perguntou Kyoshi.

— Não — respondeu Rangi — Senão, isso vai pegar mais de um de nós em uma única mordida.

Kyoshi podia estar se sentindo aquecida com a recém-descoberta camaradagem por sua gangue, mas ninguém tinha falado isso para Wong e Kirima. Depois de ouvir Rangi, eles imediatamente pularam no telhado da casa mais próxima, um leve rastro de elemento pelas solas de seus pés, deixando ela e Kyoshi lá em baixo.

O solo cedeu um pouco em volta delas, um círculo perfeito afundando. Rangi levou Kyoshi para fora do centro da formação, impulsionando-se com jatos de chama que saíam de seus pés. Elas tiveram um pouso difícil, caindo de lado, contundindo seus ombros. A criatura voou através da superfície, suas costas em direção ao céu, o solo dando à luz uma forma da morte que cobria o sol acima.

Houve um barulho cortando o vento, então, um som de batida. O animal guinchou, e suas garras pousaram numa curta distância dos corpos de Kyoshi e Rangi. A criatura balançou sua cabeça furiosamente.

Outro impacto, e desta vez Kyoshi conseguira ver. Uma pedra lisa, que cabia em um punho, acertou a fera com força, bem na ponta de seu nariz sensível, fazendo-a recuar cambaleante. Ela olhou para cima e conseguiu reconhecer a silhueta de Lek no telhado da estalagem, o sol cobrindo seu rosto.

— Que tal se moverem? — ele gritou.

Uma chuva de pedras perfeitamente miradas deu-lhes cobertura, cada projétil acertando perfeitamente no único ponto em que aquele bicho parecia sentir dor, sem importar o quanto se debatia. Ele recuou, tentando esconder o focinho. Enquanto Kyoshi e Rangi fugiam em direção a Lek, várias flechas acertavam o animal nos quadris. A criatura virou para enfrentar a nova ameaça.

Os *daofei* superaram sua surpresa e agora atacavam a fera, fincando lanças e fazendo pequenos furos em seu pelo usando arcos curtos. Eles buscavam a glória de abatê-lo. O animal atacou com sua língua, fazendo com que uma fileira de homens viesse ao chão, mas mais espadachins-que-se-tornaram-caçadores passaram por cima de seus corpos fracos para substituí-los.

Kyoshi não se importava se ficaria sem entender a cena bizarra que estava acontecendo perante seus olhos. Ela e o resto do grupo fugiram para as montanhas.



Chegaram à caverna de Pengpeng no lado da montanha ofegantes, suas pernas queimando, e encontraram Lao Ge alimentando o bisão com uma pilha de repolhos. Ele os jogava um de cada vez, alto, para que Pengpeng os pegasse entre seus largos e planos dentes. Provavelmente não adiantaria perguntar como ele adquirira o alimento.

— Você foi de uma grande ajuda! — gritou Lek. Ele assumira, assim como Kyoshi estava fazendo no momento, que Lao Ge estava completamente a par do que acontecera.

O velho deu a ele um olhar de pena.

— Lutar contra um shírshu? Isso seria um péssimo investimento de esforços. Eu saí assim que o senti chegando.

— Você sabia o que aquela abominação era? — perguntou Kirima.

— É uma lendária fera subterrânea que caça pelo cheiro — ele explicou desdenhosamente, como se eles pudessem saber disso se tivessem prestado mais atenção às suas divagações — Supostamente pode rastrear sua vítima além de rochas, água, terra e ar rarefeito. Antigamente, Reis da Terra usavam-nos para executar seus inimigos políticos. “*Para os traidores, deixe-os serem caçados por um shírshu até que eles caiam onde estão de pé, longe de casa e dos ossos de seus ancestrais*”. — Lao Ge deu outro repolho para Pengpeng — Ou ao menos era assim que o ditado dizia. Shírshus não são mais vistos na natureza há pelo menos uma geração, então, eu assumo que esse também estava sendo usado para caçar um fugitivo. Assim como antigamente.

Kyoshi sentiu o olhar de Lek pousando sobre ela.

— Estava indo atrás de você — ele disse — Eu pude ver do telhado da estalagem. Estava rastreando seu cheiro. *Você* o trouxe aqui.

Ela hesitou. Se ela fosse sutil como Yun, ela conseguiria ter inventado um modo de negar convincente num piscar de olhos.

Antes de conseguir falar qualquer coisa, ela foi impedida pelo barulho metálico de lâminas sendo desembainhadas. Eles inclinaram-se sobre a borda da caverna para ver um grupo de espadachins lá embaixo. Atrás do grupo, exortando-os para frente, estava o Irmão Wai. O inquisidor de Mok aparentava querer muito falar com quem quer que ele estivesse procurando.

— Eu posso explicar — Kyoshi disse rapidamente — Mas pode ser enquanto estivermos voando?

Houve um silencioso e unânime acordo enquanto eles escalavam Pengpeng. Sobreviver era uma prioridade maior do que a verdade.



OS MESTRES DO AVATAR



PENGPENG ENFEITAVA O CÉU sobre as planícies de Ba Sing Se. A Cidade Impenetrável os observava passar como uma sentinela silenciosa, as paredes marrons monolíticas eram um rosto vazio desprovido de feições.

Kyoshi assistia a capital passar. Em algum lugar no meio de todas aquelas fortificações titânicas, estava o Rei da Terra, nominalmente a pessoa mais forte no continente, com exércitos para comandar e as riquezas do mundo à sua disposição. Embora ela nunca tenha mergulhado nas lições de história, ela sabia que os registros estavam cheios de casos em que os Avatares e os Reis da Terra vinham ajudar uns aos outros.

E ainda assim ela não poderia pedir ajuda para ele. Não havia meios para um camponês se aproximar do Rei da Terra que não resultassem em recusa imediata, ou captura, ou morte. Além disso, cortes e cidadãos

eram o reino de Jianzhu. Ele passou décadas cultivando influência entre os burocratas de Ba Sing Se. Entrar ali não seria melhor do que render-se ao Governador Deng na Baía Camaleão.

Ela olhou para a gangue de seus pais. Essas eram as únicas pessoas em quem ela poderia confiar, por mais triste que isso fosse. Fora daqui estava uma cidade que essencialmente pertencia a seus inimigos. Seus aliados poderiam caber nas costas de um único bisão.

E eles não estavam felizes com ela agora.

— Ok, conta tudo — disse Kirima — Quem é esse homem com quem você tem problemas? Você disse que ele é um rico e poderoso sábio. Qual deles, exatamente? Fala a verdade!

Kyoshi olhou para o forro da sela. Antes, ela sentia-se dentro de seus direitos, mantendo seu nome em segredo.

— ...Jianzhu — Kyoshi murmurou fracamente — Jianzhu, o companheiro de Kuruk.

— O Arquiteto? — perguntou Lao Ge, coçando sua barba — Você tem boa mira, minha querida. Estou impressionado.

O resto deles não parecia tão animado. Seus queixos caíram em coro.

— Jianzhu, o Coveiro?! — gritou Lek — Você escolheu uma luta contra o *Coveiro*?!

— Eu não escolhi lutar — Kyoshi protestou — Eu não estava mentindo quando eu disse que ele matou duas pessoas que eu amava!

— Oh, não, nós acreditamos naquilo! — Kirima atirou — Nós podemos acreditar muito naquilo! A contagem de corpos desse homem é maior do que a septacatapora!

— E você o irritou tanto que ele enviou uma fera mitológica pra te seguir até as Montanhas Taihua — suspirou Wong. Podemos muito bem pular fora de Pengpeng agora e nos poupar do problema.

— Valeu mesmo, bobona! — exclamou Lek — Nós tivemos a sorte de sobreviver ao Mok, mas se o Açougueiro da Passagem de Zhulu quiser que você coma vermes, então, é só uma questão de tempo antes que ele coloque você e a gente no subsolo!

Então Kyoshi não era a única aterrorizada por ele. Aquilo foi um pequeno conforto, mas a fez sentir como se estivesse mais rígida. Foras da lei eram provavelmente os únicos que deveriam entender o quão brutal e perigoso Jianzhu realmente era.

Ela fechou seus olhos. Não conhecia aquelas pessoas há muito tempo. Mas, para sua surpresa, mais do que qualquer um, ela teria se sentido insuportavelmente culpada se os esforços de Jianzhu para capturá-la causassem algum dano grave a eles. Eles mereciam... não ser enganados, ela diria. Eles mereciam a história completa.

— Ele não está tentando me matar — disse Kyoshi — Ele não me quer morta.

— Bem, isso seria novo para ele! — disse Kirima — Como *voce* é tão privilegiada pelos pensamentos e objetivos dele?

— Porque... — Ela respirou fundo para se estabilizar — Porque eu sou o Avatar.



Foi a primeira vez que ela disse conscientemente a verdade em voz alta. De alguma forma, ela conseguiu evitar falar essas palavras específicas naquela ordem específica para Rangi na noite em que fugiram de Yokoya na chuva torrencial. Rangi já sabia que o Avatar era ela ou Yun, então o contexto tinha sido o suficiente.

A confissão de Kyoshi pairava no ar, visível como fumaça. Ela esperou que o resto deles se recuperasse do golpe que havia desconsertado Rangi, Kelsang e todos os outros que pertenciam ao pequeno círculo de conhecimento em um momento ou outro. Eles poderiam ter precisado de um momento para reequilibrar sua visão de mundo...

— Ha! — disse Lek — *Ha!*

... Ou talvez eles apenas rissem da cara dela?

Lek rolou de volta no chão da sela, achando seu momento de absoluta honestidade uma boa piada, um alívio de seus nervos estridentes.

— Você, o Avatar? Cara, eu já ouvi algumas mentiras deslavadas, mas essa é a melhor até agora!

— Eu sei que deixei você ignorar um monte de juramentos — Kirima disse — Mas cinco deles são sobre nunca mentir para sua família jurada.

— Ela *é* o Avatar! — disse Rangi — Por que você acha que ela tem uma escolta da Nação do Fogo?

— Eu não sei — Wong disse dando de ombros. Ele apontou seu polegar para Kirima — Por que você acha que temos ela?

A dominadora de água deu a ele um olhar sujo antes de continuar.

— Olha, você pode acreditar na sua dupla personalidade o quanto você quiser. Só nos diga o que você roubou do Coveiro. Você não foi a primeira serva que teve um roubo frustrado e teve que fugir do seu chefe irritado.

Kyoshi não podia acreditar nisso. Ela tinha entendido tudo errado. Ela pensou que o seu Manto Avatar era o segredo final, um tesouro dourado que precisava ser mantido em uma série de baús trancados até o exato momento certo. Descobriu que, sem provas, a informação valeria menos do que o papel em que estava escrita. Ela apertou um dos leques em seu cinto por frustração.

— Você ao menos já dominou todos os quatro elementos? — perguntou Wong.

— Uma dominação de fogo, uma vez — ela disse, percebendo o quão ridícula ela soava ao dizer isso — Sob coação. Ele, hum, veio da minha boca. Como a respiração de dragões.

Ela pensou em tentar fazer um Punho de Fogo, mas isso parecia uma má ideia, dada a falta de espaço e o quão ruim foi sua última tentativa.

— Sim, uma vez eu tive intoxicação alimentar por flocos flamejantes desonestos também — Lek disse — Isso não significa que eu sou a reencarnação da Yangchen.

— Bom, *eu* acredito nela — disse Lao Ge, com um orgulhoso e empinado queixo. Julgando pelas outras expressões, seu endosso teve o efeito oposto.

— Ok, ok — disse Kirima — Todos fiquem calmos. Tomem um ar. Vamos considerar isso racionalmente por um minuto. Assumindo que ela é- KYOSHI, PENSA RÁPIDO!

Ela desarmou sua bolsa de água com um truque de mãos. Uma pequena quantidade de líquido voou contra o rosto de Kyoshi.

Kyoshi deu um grito indigno que deveria tê-la desqualificado de ocupar qualquer cargo. Ela ainda não podia dominar qualquer pedaço de terra menor do que uma casa, e a água apontada para seus olhos a fez estremecer como se uma cobra-espinho tivesse entrado em seu saco de dormir. Ela levantou seus braços sobre seu rosto.

— Pelos espíritos! — Lek gritou.

Suas bochechas queimaram em vergonha. Claro, ela parecia ruim, mas *quão* ruim?

— Kyoshi! — Rangi exclamou, sem fôlego e emocionada — Kyoshi!

O leque que ela estava segurando tinha saído de seu cinto enquanto ela se apertava em surpresa. Ela o estava segurando do jeito errado, como um punhal.

A ponta da arma apontava para a pequena mancha de água pairando no ar.

— É você? — perguntou Rangi a Kirima. A atordoada dominadora de água balançou a cabeça.

Rangi mergulhou em Kyoshi. A água caiu em suas costas, espalhando-se sobre ambas. Ela apertou Kyoshi em um feroz abraço.

— Você conseguiu! — ela gritou — Você dominou outro elemento!

Enquanto Kyoshi lutava para respirar com uma dominadora de fogo em êxtase enrolada em seu pescoço, ela olhou para o leque em sua mão. A arma de sua mãe tinha feito alguma coisa diferente, tanto no elemento quanto na quantidade. Ela tinha certeza disso.

Ela olhou para os rostos dos *daofei*. Lao Ge tinha uma divertida e conhecida expressão, mas o resto deles estava chocado em submissão. Eles estavam contrabandeando uma carga valiosa o tempo todo.



Eles se estabeleceram em uma das inúmeras pedreiras abandonadas que abasteciam os anéis médio e superior de Ba Sing Se. O marcador de riqueza para a maioria dos cidadãos do Reino da Terra era se sua casa tinha sido construída com pedras do subsolo. Quanto mais a rocha tinha que viajar, mais extravagante era.

Essa pedreira seguia um caminho de mármore. O pequeno desfiladeiro tinha sido minado em blocos perfeitamente quadrados, deixando as bordas salientes com ângulos retos. Eles pousaram em uma superfície plana, com entalhes redondos cinza e branco, que pareciam figuras minúsculas na bacia de uma fonte gigante. A regularidade das fraturas de pedra colocadas em cima das formações rochosas naturais fez a visão de Kyoshi se confundir.

O primeiro sinal de que algo estava errado foi Wong. Ele desmontou primeiro e depois estendeu a mão para ajudar Kyoshi a descer. Ela franziu a testa, presumindo que ele fosse mais propenso a pegar do bolso dela do que agir como lacaio. Ela pulou do outro lado da sela.

Uma vez que todos estavam em terra firme, os membros originais da Companhia da Ópera Voadora afastaram-se dela.

— Precisamos conversar a sós — disse Kirima.

Kyoshi e Rangi compartilharam olhares incertos enquanto os *daofei* se juntavam do outro lado do cubo de mármore, murmurando e sussurrando. Ocasionalmente, um deles levantava a cabeça como se fosse uma marmota-cantante e dava a Kyoshi um olhar duro antes de voltar seu debate.

— Se eles se virarem contra nós — Rangi sussurrou, enquanto forçava um sorriso — Eu quero que pegue Pengpeng e fuja. Eu vou ganhar algum tempo.

Kyoshi achou aquele cenário muito angustiante para pensar sobre ele. O fim súbito da discussão da gangue forçou sua coluna a se erguer. Eles caminharam de volta para Kyoshi e Rangi, tão sombrios e cautelosos e determinados como na primeira noite em que eles se conheceram. Kyoshi prendeu a respiração pelos dentes quando Lek se adiantou, um espelho daquela noite, quando eles quase chegaram a golpes.

— Tem sido uma honra viajar com o Avatar — ele disse — Nós lamentamos que tenhamos que nos separar.

Eles se curvaram em unísono. Não usando a saudação *daofei*, mas suas mãos, formalmente, lado a lado.

Kyoshi piscou.

— Ahn?

— Não agora, se esse for seu desejo. — disse Kirima — Eu imagino que você queira uma noite para planejar seu próximo moimento e nos deixar de manhã.

Essa foi a forma mais educada que alguém já a jogara fora.

— Ahn?

Eles pareciam tão confusos quanto ela.

— Você é o Avatar — disse Wong — Você não pode ficar com gente como nós. Isso seria uma ofensa aos espíritos ou algo assim.

— Sem mencionar que é muito perigoso — disse Lek. Ele correu os dedos pela palma da mão onde permanecia uma linha vermelha manchada, o artefato da cura imperfeita de Kirima — Nós ainda somos obrigados a participar do ataque ao Governador Te. Se nos aliarmos, o Mok irá nos encontrar eventualmente. Quando ele encontrar, bem... ser morto por shírshus seria algo gentil.

— Você estará segura longe de nós — falou Kirima.

A mente de Kyoshi cambaleou. Eles a estavam *protegendo*? Ela estava certa de que as primeiras pessoas que descobrissem sua identidade a tomariam como refém ou a entregariam a Jianzhu. O Avatar era uma ferramenta. O Avatar era influente. O mestre de todos os quatro elementos estava em algum lugar entre uma moeda de barganha para conseguir o que você queria e um martelo de força contundente para girar nas muitas imperfeições do mundo.

“Não. Você só pensa assim por causa da forma como Jianzhu tratava Yun.”

Isso era verdade. Se ela se importava em ser o Avatar, em algum dia ocupar o cargo e desempenhar suas funções como Yun já havia

começado a fazer, então, ela teria que se separar da Companhia da Ópera Voadora e de suas dívidas. Caso contrário, a associação com criminosos a marcaria indevidamente.

Ela seria impura.

A história dos Avatares continha rebeldes, inimigos dos tiranos, aqueles que estavam sozinhos contra os exércitos das Quatro Nações quando necessário. Mas, até onde ela sabia, nenhum deles havia sido um fora-da-lei. O tempo sempre provara seus antecessores como corretos e os mostrara como defensores da justiça.

Yun dissera a ela que a maioria dos *daofei* respeitava o Avatar. Ela olhou para a gangue de seus pais e viu sua arrogância desaparecer, seu manto de ousadia e confiança escancarado. Eles se despiram na presença da ponte viva entre a humanidade e os espíritos.

Ela não sabia explicar o que era tão familiar nessa situação, nem por que ela se sentiu tão forte. A Companhia da Ópera Voadora não era um bando de vítimas inocentes, como os reféns sequestrados por Tagaka, que precisavam que um poder maior chegasse e mudasse seu futuro. Eles deveriam ser capazes o suficiente sem ela, assim como...

Yun. Eles a lembravam de Yun, quando ele precisou de Kyoshi ao lado dele no iceberg. Eles eram seus amigos, e eles estavam ligados.

Kyoshi não viraria as costas para seus amigos. Ela engoliu suas dúvidas e resolveu seus problemas.

— Eu não vou a lugar algum — ela disse — Eu vou ficar. E se eu puder ajudar com a Flor do Outono, eu vou. Eu ainda não consegui o fim da minha barganha.

A turma se animou. Logicamente, sua promessa não deveria ter feito diferença para eles. Ela era peso morto desde o começo, só sendo útil por causa de Pengpeng. Mas eles olhavam para ela com admiração em seus olhos, o mesmo nervosismo que ela sentiu quando Kelsang a localizou pela primeira vez e a tirou da sujeira. “*Você ficaria comigo?*”

— Kyoshi — interveio Rangi — Pense nisso direito. O Avatar não pode ser visto atacando a residência de um oficial do Reino da Terra.

— No que diz respeito aos membros, eu ainda não sou o Avatar — respondeu Kyoshi — Fiz os juramentos desse grupo. Eu não vou abandonar meus irmãos e irmãs jurados.

Sua escolha de palavras não estava perdida neles. Ou Rangi. A dominadora de fogo estava dividida entre criticar o julgamento de Kyoshi e ter orgulho de ter trazido honra pessoal para o assunto.

— Você não está preparada para qualquer coisa semelhante a uma luta real — disse Rangi — Atualmente. Você é a maior fraqueza desse grupo. Você é muito valiosa para perdermos e você não tem as habilidades para se defender.

— Isso foi um pouco duro — Lek disse, de todas as pessoas.

— Coque-Alto está certa — disse Kirima para Kyoshi. — *Atualmente*. Temos até a próxima lua cheia para nos unirmos às forças de Mok para o assalto. Nós podemos finalmente te dar o treinamento que você estava esperando. Isso é o que nós prometemos a você, não foi?

— Leva anos para o Avatar dominar todos os quatro elementos! — Rangi retrucou — E isso é com professores de classe mundial! Não tenho a impressão de que algum de vocês tenha uma linhagem de dominação para falar.

Kirima sorriu.

— Não, mas eu sempre quis iniciar uma. Eu não vou deixar passar a chance de entrar para a história como a Mestre de Dominação de Água do Avatar.

Kyoshi podia praticamente ouvir o sangue de Rangi ferver. Pelo lado da mãe dela, sua família pertencia a uma linha ininterrupta de professores que eram considerados alguns dos melhores da Nação do Fogo. Eles ensinaram membros da família real. Esse plano exigia que ela aceitasse a vergonha que elas adiaram por tanto tempo. A dominadora mais importante do mundo teria que se curvar à ralé.

Os *daofei* assistiam a agonia subir pelo rosto de Rangi. Eles estavam se divertindo muito.

— Animem-se! — disse Lek — Nós iremos ensinar Kyoshi a sobreviver, não transformá-la na Yangchen. Considere o ataque a Te como um exame prático.

Qualquer que fosse a adoração que Kyoshi detectara anteriormente, desaparecera completamente de sua atitude. Kyoshi supôs que só podia culpar a si mesma, dizendo a eles para pensar nela como sua irmã em vez de seu Avatar.

— Falando em Yangchen, nós estamos sem sorte quanto a um dominador de ar, de qualquer forma — Kirima adicionou — Ou vocês duas aceitam algumas improvisações ou Kyoshi continua do jeito que ela é. Fraca. Indefesa. Uma desamparada, um lamentável bebê nas florestas que não pode...

Kyoshi apontou para além do ombro de Kirima e puxou um enorme cubo de pedra do outro lado do desfiladeiro. Ele desabou no

penhasco, seus cantos se cortaram, uma peça lançada por um espírito do tamanho de uma cidade. O pedregulho atingiu o chão do cânion e se partiu em um exército de lajotas e estilhaços que balançavam em suas extremidades antes de cair sobre o plano.

Apesar do barulho, Kirima não deu uma olhada ao deslizamento de terra. Ela olhou para Kyoshi, impassível, sem se impressionar.

— É exatamente disso que estou falando — disse ela — Você precisa de mais de um truque na sua manga.



Kyoshi sentiu a noite passar por ela como o vento passando pelos galhos de uma árvore. A gangue estava contente em deixá-la por enquanto. Eles conversaram animadamente entre si em volta do fogo. O Avatar se ofereceu para ficar ao seu lado. Cada movimento deles parecia levar um toque de certeza espiritual.

Kyoshi dava um dia para esse brilho apagar.

Rangi estava de bom humor. Depois que as tarefas do acampamento terminaram, ela pulou para uma pedra totalmente cortada, para meditar. Sozinha, como era bem claro. Elas conversaram sobre a angústia de ter que assumir riscos, mas nenhuma delas fez promessas de parar.

Elas não poderiam. Não agora.

Kyoshi observava as estrelas desaparecerem do céu, mostradas e reveladas, por sua vez, pelas nuvens que eram tão invisíveis na escuridão como as mãos de palco vestidas de preto movendo as configurações de uma peça. Ela estava esperando que os outros adormecessem. E esperou até uma

hora em particular que não pertencia a este dia nem ao próximo, quando o tempo parecia gelatinoso e denso.

Kyoshi se levantou, foi para a próxima plataforma cúbica da pedreira, e depois para a próxima. Sem o método de “Levantar-Poeira”, estava indo devagar. Teve que subir e descer pelas mudanças de altura. Ela não queria acordar os outros com uma barulhenta dominação de terra ortodoxa.

O velho homem estava na boca do caminho de mármore, de costas para ela. Algumas vezes ela se perguntava se Lao Ge não era uma alucinação coletiva. Ou um amigo imaginário exclusivo dela. Os outros poderiam estar humilhando-a, balançando a cabeça e sorrindo toda vez que ela falava com um pedaço de espaço vazio.

— Eu pensei que você viria a mim em Hujiang — ele disse — Acho que você tinha outras prioridades em mente.

Kyoshi fez uma reverência, sabendo que ele poderia dizer se ela o fizesse, mesmo de costas.

— Me desculpe, Sifu. — Em seus pensamentos, o desconforto aumentou. Se ele tivesse um problema com Rangj, então...

Lao Ge se virou. Havia um sorriso em seus olhos.

— Você não tem que abandonar o amor — ele disse — Matar não é uma forma de arte sagrada que requer abstinência dos prazeres humanos. Portanto, essa vai ser a lição dois.

Ela engoliu o bloco em sua garganta. Estava cheia de arrogância na primeira noite em que foi a ele em segredo. Mas ela estava tão acostumada a falsos começos e ao progresso frustrado que continuar sua

conversa parecia território estrangeiro. Mais dúvidas se infiltraram em suas rachaduras.

— A lição dois deve assustar você até os ossos — disse Lao Ge — Você pode tirar uma vida antes do sol nascer, tomar café e continuar seu dia. Quantas pessoas que passam na rua você acha serem capazes de fazer isso? Muito mais do que você imagina.

Jianzhu certamente era. Ele a puxara sozinha para segurança, deixando Yun nas garras daquele espírito profano. Aquele foi o momento em que ele marcou o seu outrora valioso aluno como inútil, da mesma forma que um trabalhador no píer poderia pintar um X em uma caixa de carga suja de água do mar. Perda total, não valia a pena o esforço da recuperação.

E, então, tinha o que ele havia feito a Kelsang.

— Está se sentindo diferente? — perguntou Lao Ge, notando sua quietude.

Ela ainda podia sentir as mãos de Jianzhu agarrando-a.

— Eu não vou saber enquanto eu não tentar — ela respondeu.

O velho gargalhou, como um latido único perfurando a noite.

— Acho que você vai ter uma chance em breve. No calor da batalha, você pode se safar do ato bem o suficiente. Atire uma flecha aqui, use uma espada ali. Você e sua vítima são apenas dois de muitos, agindo em autopreservação. É isso que você quer negociar com seu homem? Com o caos como sua mortalha? Você quer fechar seus olhos, lançar uma quantidade esmagadora de morte em sua direção e esperar que ele esteja descartado quando você os abrir?

— Não — ela disse. Lembrar-se do que fora roubado dela, o que ela nunca teria de volta por causa de Jianzhu, trouxe um surgimento de convicção — Eu quero olhá-lo nos olhos enquanto eu acabo com ele.

Lao Ge reagiu como se ela tivesse feito um gracejo atrevido, franzindo os lábios em diversão.

— Bom, então! — ele disse — Nesse caso, durante o ataque, você e eu vamos nos separar dos outros. Nós vamos mais longe no palácio do que qualquer outra pessoa. E nós iremos assassinar o Governador Te.

— Espera, o que? — A certeza que ela tinha a respeito de Jianzhu a fez tropeçar mentalmente com a menção de outro alvo. Foi como se ela fosse o lutador de *lei tai* atirando socos de tudo ou nada em Rangí, que habilmente virou seu impulso contra ela — Por que nós faríamos isso?

— Para você, é prática — explicou Lao Ge — Para mim, é porque ele é meu homem. O Governador Te é *brutalmente* incompetente e corrupto. Seu povo passa fome, ele tira os impostos do Rei da Terra para enriquecer seus próprios cofres e, caso não tenha notado, ele não tem uma boa política para lidar com *daofeis*.

— Isso não é desculpa para assassiná-lo!

— Você está certa. Essa não é uma desculpa – é uma justificativa. Eu garanto a você que muitos cidadãos têm sofrido imensuravelmente com sua ganância e negligência, e muitos mais morrerão se ele continuar tendo permissão para respirar — Lao Ge abriu bem as mãos como se quisesse abraçar o mundo — Te e sua laia são parasitas sugando força e vitalidade do reino. Imagine-se como o predador que mantém a terra saudável, eliminando as fontes de sua fraqueza. Foi dito que Kuruk era o maior caçador que já caminhou pelas Quatro Nações, mas, pelo que eu sei, ele nunca fez do homem sua presa. Eu espero que você seja diferente.

A ideia de se tornar uma besta livre de pensamentos e culpa deveria ajudar, mas, em vez disso, a fez estremecer.

— O que te dá o direito de decidir? — ela perguntou — Você faz parte de outra irmandade? Existem mais pessoas como você? Alguém está te pagando?

Ele balançou a cabeça, evitando as perguntas dela.

— Não temos todos o direito de decidir? — ele perguntou — O Avatar não é uma pessoa como eu? Alguém que molda o mundo com suas escolhas?

Ela ia protestar que não, que o Avatar tinha o reconhecimento dos espíritos e das Quatro Nações, mas ela encontrou sua língua amarrada na esteira de seu argumento.

Ele segurou seus antebraços por trás das costas e olhou através do desfiladeiro.

— Eu declararia que o camponês mais humilde é como o Avatar nesse sentido. Todas as nossas ações têm impacto. Cada decisão que tomamos faz sentido no futuro. E nós alteramos nossas paisagens de acordo com nossas necessidades. Para manter suas plantações vivas, um fazendeiro arranca as ervas daninhas que a natureza colocou em seus campos, não arranca?

— As pessoas não são ervas daninhas — respondeu Kyoshi.

Ele virou para encará-la.

— Acho que é um pouco tarde para reivindicar a moral, considerando quais são seus objetivos.

. Kyoshi sentiu suas bochechas esquentarem.

— Jianzhu assassinou dois dos meus amigos com as próprias mãos — ela cuspiu — Ele não merece fugir disso. Se você o matasse por mim, em vez de mirar em algum governador aleatório, eu poderia me revelar como o Avatar. *Eu estaria segura.*

Sua resolução estava oscilando para a esquerda e para a direita. Nem um minuto atrás ela estava uivando sobre tomar atitude, fingindo ser uma alma dura, e agora estava implorando ao vovô que fizesse o homem mau ir embora.

Lao Ge sorriu maliciosamente.

— Ninguém neste mundo é aleatório. Eu não me importo de matar Jianzhu. Ele é competente e envolve-se com pessoas competentes. Eu gostaria que o Reino da Terra tivesse cem Jianzhus. Nós entraríamos em uma nova era dourada.

— E você ainda não está tentando me impedir de acabar com ele.

— Para esse caso, não vou intervir de uma forma ou de outra. Além disso, que tipo de professor eu seria se fizesse o exame da minha aluna por ela?

— Um rico — Kyoshi resmungou. Era uma prática comum em todo o Reino da Terra os professores trocarem de lugar com as crianças de famílias ricas, para que conseguissem passar em testes governamentais para empregos administrativos de prestígio. Realizar o golpe pagava bem.

Lao Ge desatou a rir.

— Oh, eu gosto de nossas pequenas conversas. Aqui está uma tarefa para você nesse meio tempo. — Ele pulou para um nível mais alto sem a ajuda da dominação e sem muito esforço. O salto foi mais alto que a cabeça de Kyoshi — Muitos guardas pessoais do governador Te morrerão

no ataque de Mok. — ele desapareceu depois da borda da pedra, sua voz já começando a desaparecer — Soldados que estão simplesmente fazendo seu trabalho. Seus servos serão pegos na violência também. O que você fará então, Avatar?

Kyoshi pulou no lugar, olhando para cima da superfície do cubo em que ele havia pousado, tentando pegar um último vislumbre. Estava vazio. Lao Ge já tinha ido embora.

Ela caiu contra a parede de mármore. O conceito de dano colateral existia no fundo de sua mente, mas Lao Ge o circulara com tinta, fizera doer, da mesma forma que Rangí apontara falhas em sua posição de cavalo. Ela não tinha ideia de como iria participar dessa ação, cumprir sua promessa à recém-descoberta irmandade, sem sujar as mãos.

A promessa tinha sido tão fácil de fazer na época. Ela olhou miseravelmente para o lado oposto da pedreira, o sono vindo até ela antes que uma solução chegasse.



Ela acordou esparramada na superfície de mármore duro. Provavelmente havia se deslocado durante a noite.

Quatro figuras pairavam sobre ela, formando um arco com seus rostos de cabeça para baixo.

— Olha só! — disse Kirima — Nossa preciosa aluna está tentando evitar e fugir de seu treinamento.

Wong pisou no chão. O mármore sob Kyoshi inclinou-se como uma frigideira, deixando-a de pé. Ele ofereceu seus leques, levantando-os em direção a ela.

— Eu te pego primeiro — ele rugiu — Um aquecimento antes de começar a dominar.

— A Coque-Alto nos contou tudo sobre sua pequena fraqueza — disse Lek, recuando com uma expressão de superioridade no rosto — Que você não consegue dominar pequenos pedaços de terra.

— Acredito que minhas palavras foram “completa e totalmente sem precisão” — disse Rangi, suspirando de desprezo. Ela ignorou o olhar de Kyoshi.

— Não se preocupe — disse Lek — Quando terminarmos com você, você poderá dominar a remela do seu próprio olho. Pega!

Ele chicoteou a pedra que apareceu em sua mão no rosto de Kyoshi. Só porque Wong estava segurando seus leques na direção dela, Kyoshi conseguiu pegar um a tempo de se proteger. Quando ele se abriu, ela dominou a terra através da arma, e a pedra parou no ar.

Lek se abaixou.

— Uau! — ele gritou — Eu estava mirando acima de você!

— Espera, então você pode dominar coisas pequenas? — perguntou Kirima, chateada com a revelação — Você estava mentindo para nós de novo? Eu tenho que te dizer, eu estou me cansando dos seus segredos.

— Eu estou sangrando aqui! — exclamou Lek — Isso é pior do que Hujiang!

— Não é assim que você abre o leque! — Wong rugiu, indignado — Você poderia ter danificado a folha!

A ASCENSÃO DE KYOSHI

Em meio aos gritos, Rangi enterrou o rosto nas mãos. Ela parecia ter uma dor de cabeça que rivalizava com a de Lek.


Kyoshi concordou com ela. O treinamento oficial do Avatar estava tendo um ótimo começo.



PREPARAÇÕES



A JORNADA ATÉ O PALÁCIO de Te foi um borrão de dor. Cada momento passado em terra firme era gasto em treino. Os *daofei* adotaram seus novos papéis como professores de Kyoshi com gosto. Criminosos gostavam de sua hierarquia, e a Companhia da Ópera Voadora acabara de estabelecer uma novinha em folha, com Kyoshi bem no final.



— Não! — Wong atirou — É leque aberto, leque fechado, bloco alto, degraus delicados para trás, grande estocada e varredura nas pernas! O leque não é uma arma! É uma extensão do seu braço!

O homem nunca fora muito de palavras, mas, quando se tratava de lutar com os leques, ele se transformava em um professor de teatro tirânico, com o ego e o perfeccionismo combinando.

— Eu poderia lembrar melhor dos movimentos se você não me fizesse cantar todas as palavras de Yuan Zhen enquanto nós fazemos isso! — disse Kyoshi, aspirando e bufando no campo aberto em que eles aterrissaram. O resto do grupo estava sentado à sombra de um caquizeiro que dava para um campo vazio, mastigando a fruta agridoce e apreciando as brisas enquanto Kyoshi trabalhava sob o sol.

Wong ficou tremendamente ofendido.

— O canto é prática de controle de respiração! Poder e voz, ambos vêm do centro! De novo! Com conteúdo emocional dessa vez!



Não importa o quão difícil a prática dos leques fosse, ela resistiu. As recompensas foram saltos em seu progresso com a dominação de terra. Com seus leques em mãos, ela poderia limitar seu foco para chutar rochas nos alvos e levantar paredes de pedra como uma dominadora de terra normal, embora uma com uma técnica desleixada e informal. Ainda assim, depois de todos aqueles anos de medo de destruir os campos com o menor ato de dominação, usar as armas de sua mãe era libertador. Ela era tão efetiva que sentia como se estivesse trapaceando.

— É trapaça — disse Lek, enquanto jogavam rochas de um lado para o outro, uns nos outros, em frente à entrada de uma caverna, enquanto os outros montavam o acampamento — Claro, alguns dominadores de terra amplificam seu poder com armas como martelos e maçãs, mas o que você vai fazer se você não tiver seus leques? Pedir por uma mudança de regras?

— Como alguém roubaria os meus leques? — perguntou Kyoshi. O voo das rochas ganhou velocidade, o segmento de seus círculos ficando mais visíveis — Eu sempre estou com eles.

— Eles não precisam necessariamente ser roubados — disse Lek — Você pode voluntariamente deixá-los para trás. A primeira regra do contrabando é *não seja pego com a mercadoria*. Seus pais sabiam disso. Esse é provavelmente o motivo pelo qual eles esconderam os leques naquela cidade caipira com você.

O temperamento de Kyoshi esquentou. Primeiro: ela tinha estado com saudade de Yokoya ultimamente, para sua surpresa. Não das pessoas, mas da dura paisagem livre onde as montanhas arborizadas encontravam o mar e o ar salgado. O interior do Reino da Terra muitas vezes se parecia com um monótono marrom, uma extensão plana que mudava pouco de um local de pouso para outro. Ela decidiu que não apreciava as pessoas que menosprezavam aquele local único onde Kelsang a encontrara.

Segundo: ela nunca superaria o ressentimento por Lek por cada momento que seus pais passaram com ele em vez dela. Não importava se ele tinha sido simplesmente um membro da gangue para eles. Eles o acharam útil, decidiram que ele tinha um propósito. Ela? Nem tanto.

Ela poderia explicar seus sentimentos para ele. Em vez disso, fatiou as rochas voadoras com seus leques, quebrando-as no meio, e enviou duas vezes mais projéteis para Lek. *Você consegue fazer isso, com ou sem uma arma?*

Ele gritou e se jogou no chão. A explosão das pedras zumbiu na parede da caverna acima dele, enchendo-o de poeira. O intervalo havia ido longe demais.

— Desculpa! — gritou Kyoshi, cobrindo sua boca em horror com a extensão de seus leques. Ela poderia ter acertado os olhos dele, ou pior.

A ASCENSÃO DE KYOSHI

Ele se levantou com um rosto carrancudo. Mas então se lembrou de algo. Seu olhar transformou-se em um sorriso tão convencido que poderia ter iluminado o resto da caverna.

— Tudo bem — ele disse, limpando a sujeira em suas pernas — Mas eu vou ter que contar à Rangi sobre o seu lapso de controle.

Qualquer que fosse o remorso, Kyoshi sentiu que iria desaparecer.

— Seu pequeno nariz-entupido...

Ele pacientemente levantou um dedo como um sábio guru.

— *Bup-bup*. É Sifu Nariz-entupido pra você.



Kyoshi podia dominar fogo sem os leques.

Aquela tentativa ruim depois de escapar da Baía Camaleão era uma memória distante. Desde então, algum tipo de bloqueio havia desaparecido. A chama era direta, um poder que só podia ser libertado e não manipulado ou estimulado como a terra.

Não fazia sentido para ela ter uma fraqueza com seu elemento nativo mas conseguir produzir chamas decentemente para uma iniciante. A razão poderia ser que Rangi era uma grande professora, como esperado de uma descendente de grandes professores.

— Não — disse Rangi — É o seu estado emocional.

A pequena área de treinamento que elas construíram ficava no final de um caminho de pastoreio isolado que levava para longe de uma cidade em um vale abaixo. Rangi a enfrentava em um longo estreito de terra que

ela ordenou que Kyoshi erguesse do chão. Equilibrar-se ali já era difícil, mas então elas começaram treinar as diversas posições de dominação de fogo e a luta com chamas. O exercício linear significava que ela devia se concentrar em resistir e superar apenas com *jing* positivo, em vez de fugir ou ficar parada.

— De todas as disciplinas de dominação, fogo é a mais afetada pela sua turbulência interna — disse Rangi, socando uma chama para baixo, em frente ao pé de Kyoshi, forçando-a a recuar — O fato é que isso está vindo mais fácil para você agora porque você se sente mais relaxada e natural.

Kyoshi deu um chute com sua perna. Uma crescente de fogo cortou para cima, e Rangi teve que reconsiderar quanta pressão ela queria colocar.

— Isso não é uma coisa boa? — perguntou Kyoshi.

— Não! Por que isso seria? Você se sente solta e alegre quando está cercada por *daofeis*, prestes a arriscar sua vida por eles, no que é essencialmente um ato de traição contra o Reino da Terra! — Rangi girou na ponta dos pés, perfeitamente centrada, com uma beleza que Kyoshi jamais imaginara. Uma saia de fogo saiu de sua cintura, exatamente em uma altura muito embaraçosa para Kyoshi pular ou se abaixar facilmente.

Rangi não tinha considerado a completa falta de vergonha de sua oponente. Kyoshi caiu de barriga para baixo como uma minhoca, abraçando os lados da viga em busca de estabilidade, e deixou a onda de fogo passar por ela. Ela apareceu de novo para ver Rangi olhando para ela com desaprovação em seus olhos. E era sobre mais do que sua fuga humilde.

— Você está dominando fogo agora — comentou Rangi — E, eu ousou dizer, você talvez seja boa nisso. Não há razão para continuar nesse caminho. Nós podemos ir para os sábios e provar que você é o Avatar.

Kyoshi pensou que esse assunto estava decidido, mas aparentemente não.

— Qual deles, exatamente? Porque os únicos sábios que eu sei o nome estão na lista de convidados do Jianzhu! Nós deveríamos tentar Lu Beifong? O homem que pensa em Jianzhu como seu próprio filho? Ou talvez alguém da corte de Omashu! Omashu é praticamente sua casa de verão!

— Nós poderíamos ir atrás da minha mãe — respondeu Rangi, sua voz quase inaudível.

Kyoshi desistiu de sua posição de luta. Se ela levasse uma bola de fogo no rosto, seria porque merecia. Ela essencialmente separou Rangi de sua família. Era uma culpa incômoda que Kyoshi tinha sido capaz de ignorar por causa da força de sua amiga. Esta foi a primeira vez que Rangi quebrava o plano.

— Você realmente acha que ela ficaria do nosso lado e não do dele? — perguntou Kyoshi. Ela não queria que a pergunta fosse um desafio. A amizade entre os companheiros do Avatar das eras passadas foram material para lendas. É dito que dois amigos próximos e professores de dominação de Yangchen morreram defendendo-a dos seus inimigos. A perspectiva de Hei-Ran escolher Jianzhu em vez da própria filha tinha que ser considerada.

O rosto de Rangi murchou ainda mais.

— Eu não sei — ela disse depois de um tempo. Seus ombros pesavam com desânimo — Eu posso não estar certa. Eu acho que, se não podemos confiar na minha própria mãe, não podemos confiar em qualquer um.

Não parecia bom vencer essa discussão. Kyoshi pisou cuidadosamente ao longo do feixe até que pudesse por seus braços ao redor de Rangi.

— Eu sinto muito — ela disse — Eu tenho tirado tanto de você. Eu não sei como fazer isso direito.

Rangi limpou o nariz e empurrou Kyoshi para longe — Você pode começar me prometendo que será um ótimo Avatar. Uma líder justa e virtuosa.

O comentário desequilibrou Kyoshi mais do que um chute no joelho. Ela não conseguia conciliar os desejos justos de sua amiga com as conclusões obscuras de Lao Ge. Entreter a sabedoria de um assassino já era uma traição à confiança de Rangi. O que aconteceria se Kyoshi fizesse o teste do velho homem e passasse?

Rangi fez um grande ataque para derrubá-la do feixe, exagerando propositalmente seus próprios movimentos e aberturas para permitir que a estudante contra-atacasse. Mas Kyoshi não conseguiu tirar vantagem disso. Ela recuou até ficar sem espaço, acenando desesperadamente com as mãos em uma zombaria de dominação de fogo, calor crepitando dos dedos dela.

A sorte interveio antes que ela se humilhasse ainda mais.

— Vocês duas estiveram aqui a manhã toda! — Kirima gritou enquanto se aproximava ao longo da trilha — É a minha vez com a Kyoshi.

— Cai fora! — Rangi gritou de volta. Ela pegou o fogo que estava enrolando nas mãos e redirecionou acima da cabeça de Kirima.

Desde a noite em que eles passaram na pedreira de mármore, a atitude pessoal de Rangi para com Kirima tinha rolado ladeira abaixo. Kyoshi não sabia por quê. Elas eram ambas dominadoras habilidosas que

casavam inteligência com precisão. Ela confiaria no julgamento delas em um piscar de olhos.

Kirima não cedeu com a explosão de fogo. As ondas de calor agitaram seu cabelo e iluminaram seu rosto forte em tons dourados, um efeito muito bonito.

— Você não está dando um bom exemplo para o bebê Avatar, Coque-Alto. Raiva demais vai afetar o crescimento dela.

— Pare de me chamar assim! — Rangi fumegou.

Talvez fosse isso, a constante provocação. Kyoshi se perguntava como Rangi tinha suportado o apelido por tanto tempo. Na Nação do Fogo, o cabelo estava fortemente ligado à honra. Ela ouviu que algumas vezes um perdedor de um importante Agni Kai deveria raspar partes de sua cabeça, deixando nu o couro cabelo para mostrar um nível extra de humildade devido à sua derrota, mas o coque alto era sempre sagrado. Ele nunca era tocado além de circunstâncias de morte.

Kirima curvou-se em zombaria.

— Como desejar, minha querida moça-do-fogo. Voltarei em cinco minutos.

Depois que ela desapareceu, Kyoshi pôs suas mãos nos ombros de Rangi.

— Alguma coisa aconteceu entre vocês duas?

Rangi respondeu com sua nova forma favorita de desviar o assunto.

— Treinamento de posição.

— Nós já fizemos treinamento de posição! — protestou Kyoshi.

— Lek me disse que você ficou furiosa na caverna. Nós estamos mudando para duas vezes ao dia. Cavalos. Agora.

Kyoshi grunhiu e pressionou seus pés juntos. Ela os arrastou para o lado, alternando entre calcanhar e pé, até que estivessem mais largos que os ombros. Ela manteve-se quieta enquanto abaixava a cintura, ou então Rangi a faria segurar uma tora ou outro objeto pesado que encontrasse por aí.

Rangi a circulou, procurando qualquer ponto fraco onde pudesse acertar.

— Não se mexa — ela disse, antes de pisar cuidadosamente no joelho dobrado de Kyoshi.

— Eu te odeio tanto! — Kyoshi gritou enquanto Rangi colocava seu peso corporal sobre os ombros dela.

— O exercício é manter compostura mediante a distração! Agora mantenha!

Kyoshi suportou a agonia assimétrica até Rangi voltar ao chão.

— Eu não quero que ela te ensine dominação de água — Rangi disse, enquanto movia-se ameaçadoramente no ponto cego de Kyoshi.

— Por quê? — Kyoshi sentiu Rangi saltar para suas costas, segurando-a como uma mochila — Argh! Por quê?

— Há uma ordem adequada para ensinar o Avatar — explicou Rangi — O ciclo de estações. Terra, fogo, ar, água. Não é bom se desviar desse padrão. Você tem que dominar os outros elementos antes da água.

— De novo, por quê? — Só havia quatro Templos do Ar no mundo, se ela tentar procurar um mestre neles, Jianzhu iria encontrá-la mais fácil que qualquer coisa.

A ASCENSÃO DE KYOSHI

— Porque — Rangi rebateu — eles dizem que coisas ruins acontecem quando o Avatar tenta mudar a ordem natural da dominação! Dá má sorte!

Kyoshi não sabia que Rangi era inclinada a superstições. Tradição, de qualquer forma, era outro assunto. Ela poderia dizer que cada vez que uma prática estabelecida para o Avatar fosse quebrada, uma faca torcia o coração de Rangi cada vez mais.

Mas Kyoshi devia a Rangi uma promessa que ela não poderia manter.

— Eu irei usar cada arma à minha disposição — ela disse. Aquela era a verdade.

Rangi a soltou.

— Eu sei. Eu não posso te impedir de treinar com Kirima. É só que, quando você começa a aprender a dominação de água tão cedo, nossas chances de fazer as coisas da maneira certa morrem. Para sempre. Não poderemos voltar.

Escutar essa frase, desse jeito, deixou Kyoshi mais melancólica do que o esperado. Ela encarou o chão a sua frente. O pé de Rangi estava visível.

— Vamos lá — disse Rangi — Se anima, eu não quis te deixar preocupada.

— Não posso me animar. Estou na Posição de Cavalo.

— Eu gosto da sua concentração — disse Rangi — Mas veja se consegue suportar isso.

Ela deslizou entre os braços de Kyoshi e deu-lhe um beijo de virar a cabeça e balançar os joelhos, tão poderoso e profundo quanto o oceano depois de uma tempestade.

Os olhos de Kyoshi arregalaram-se antes de se fecharem para sempre. Ela afundou na escuridão celestial. Sua espinha dorsal virou líquido.

— *Mantenha* — Rangi murmurou, seus lábios como uma pena nos de Kyoshi antes de atacar novamente, com mais ferocidade.

Kyoshi queria que o tormento nunca acabasse. Rangi pressionava contra ela como metal brilhando em uma bigorna, queimando-a onde suas peles se encontravam. Dedos correram pelo cabelo de Kyoshi, para lembrá-la do quão deliciosa era a misericórdia de uma dominadora de fogo.

Depois de se passarem cem anos, Rangi quebrou o contato, suave e deliberadamente respirando um pouco de vapor no pescoço de Kyoshi, um presente de despedida calorosa que flutuou por baixo de suas roupas. Ela se inclinou para um último sussurro sedutor.

— Ainda faltam sete minutos — ela disse

Kyoshi manteve suas queixas para si mesma. Foi uma negociação interessante, considerando tudo.



— Seus chakras de água e ar estão transbordando — disse Lao Ge.

Ele soava como se fosse algo constrangedor, como se Kyoshi tivesse saído sem roupas de casa. Ela corajosamente o enfrentara enquanto os outros ainda estavam acordados, junto à brasa da fogueira. Rangi

provavelmente estava olhando para o céu, vigilante para os seus últimos momentos de consciência.

Lao Ge estava deitado de lado na grama, com a cabeça apoiada na mão, de modo que podia ver um par de pirilampos circulando um ao outro, traçando padrões erráticos pelo ar. Kyoshi há muito tempo percebera que o velho homem tinha muito pouca necessidade de encará-la.

— Eu não sei o que são chakras — ela disse.

— O que eles são é abertos ou fechados. Por uma questão de previsibilidade, eu prefiro trabalhar com pessoas que tenham todos os sete abertos ou todos os sete fechados. Um cúmplice com apenas alguns dos seus chakras desbloqueados pode ser facilmente influenciado por sua emoção mais forte e retorcida.

Kyoshi supôs que os chakras tinham algo a ver com a passagem de energia dentro do corpo. Não muito, já que controlar o chi interno era a base para toda dominação.

— Seus sentimentos de prazer e amor estão encostados em uma parede de luto — ele explicou — E culpa. Com o luto eu posso lidar, mas culpa me torna um assassino pobre. Você tem dúvidas sobre o seu homem?

— Não — ela respondeu — Nunca.

Lao Ge rolou para o lado dela. Ela esperou, deixando-o examiná-la para ver se não estava blefando. Jianzhu era parte de seu sangue agora. Ele era as costas de suas mãos. Mas esse tal de Te não era.

— Eu não sei se posso te ajudar a matar o governador — ela disse — Ajudar Mok a libertar um prisioneiro é uma coisa, matar um a sangue frio é outra. — Kyoshi se perguntava por que ela não havia rejeitado Lao

Ge imediatamente naquela noite. Falar aquilo em voz alta tornou-a ridícula — Não tenho motivo para te ajudar.

O velho assoou o nariz na manga.

— Você já ouviu falar sobre o Guru Shoken? — Ele perguntou. Kyoshi balançou a cabeça. — Ele foi um antigo filósofo, um contemporâneo de Laghima. Embora não tão popular quanto. Ele tinha um provérbio: “Se você encontrar o espírito da luz na estrada, mate-o!”

Ela franziu a testa.

— Eu posso ver por que ele não era tão popular.

— Sim, alguns o consideravam um herege. Mas outros o consideravam um sábio. Uma interpretação desse ditado em particular é que você não pode estar preso a pequenas preocupações em sua jornada pessoal. Você deve andar com um propósito singular. O julgamento dos outros, não importa quantas vezes rotule você ou suas ações, não pode ter nenhum significado.

— Eu não posso fazer isso — insistiu Kyoshi — Eu me importo com o que pensam de mim. Eu não sei se eu poderia lidar com o desapontamento dela.

Lao Ge sabia sobre quem Kyoshi estava falando.

— Sua hesitação parece ser menos sobre sua moral do que sobre ela. De fato, sem a sua dominadora de fogo te prendendo a este mundo, você poderia não sentir remorso. Talvez seja por isso que você se sente culpada. Você está apenas a um passo do ideal do Guru Shoken, mas isso está te perturbando.

A ASCENSÃO DE KYOSHI

Este era o lado vergonhoso da Avataridade de Kyoshi. Insensibilidade à iluminação. Assassina dos meios de autodescoberta. Se ela aparecesse no mundo legítimo, criaria uma sombra tão escura quanto amarga nos livros de história.

— Não pareça tão abalada — disse Lao Ge — Yangchen era uma leitora devota de Shoken.

Kyoshi olhou para ele.


— Ela também estudava seu oponente — ele continuou — Mas eu não tenho vontade de te dar seus argumentos filosóficos. Eles não servem aos meus propósitos.

Ela se lembrou das anotações no diário de sua mãe, sobre a suposta longevidade de Tieguaí, o Imortal.


— Você é ele? — ela perguntou — Você é o Shoken? — Se sua acusação selvagem estivesse certa, ele seria um homem mais velho que as Quatro Nações.

Lao Ge bufou e rolou de costas, fechando os olhos.

— Claro que não. — Ele se acomodou para dormir — Eu sempre fui muito melhor do que aquele idiota.



CONCLUSÕES



JIANZHU APRENDERÁ SUA LIÇÃO. Sem caravanas. Sem estradas. Assim que ele recebeu a mensagem da equipe de shírshus rastreadores, entregue por um falcão, ele passou pela despesa enorme e absurda de comprar cães-enguia. A montaria mais rápida do país depois dos bisões voadores. Uma horda inteira deles.

Nos arquivos do Reino da Terra, antigos bárbaros nômades haviam percorrido grandes distâncias, surpreendendo exércitos a pé com tais táticas. Um único cavaleiro trazia várias montarias em uma jornada, alternando entre elas no caminho para manter os animais tão descansados e rápidos quanto possível. Das fileiras de seus guardas recém-reabastecidos, ele escolheu dois com base em suas habilidades de montaria e partiu com oito cães-enguia entre eles. Contou o mínimo possível a eles, mas, por sua urgência, era fácil adivinhar que sua busca era importante.

Eles atravessaram as montanhas de Ba Sing Se em um tempo surpreendente, com quase nenhuma testemunha para marcar suas passagens. Logo no início, uma das montarias havia quebrado a perna no buraco de uma marmota e precisou ser abatido. Outro morreu de exaustão na margem distante do Lago Oeste.

Mas, além disso, a constante e desatenta cavalgada e o vento em seu cabelo haviam sido bons para o espírito de Jianzhu. Por mais que ele sentisse falta da companhia de Hei-Ran, ele precisava da ocasional liberdade do olhar vigilante dela. O grupo trouxera mais falcões mensageiros em suas bagagens, cuidadosamente enjaulados e encapuzados. Jianzhu prometera enviar uma palavra para ela o mais rápido possível.

A localização que lhe foi indicada para encontrar os farejadores era uma pequena trilha que levava ao sopé da cordilheira do sul de Taihua. O declive suave de colinas verdejantes era perfurado por fileiras de penhascos de pedra vermelha que se projetavam para cima, seguindo uniformemente os mesmos ângulos e grãos. As rochas eram tão altas e numerosas quanto as árvores de uma floresta.

Jianzhu viu uma figura solitária no meio das pedras, acenando, e franziu a testa. A mensagem que o trouxera aqui com tanta pressa tinha explicado, com desculpas transbordantes, que o shírshu havia seguido o rastro de cheiro para essas montanhas. Logo antes de perderem o controle do animal. Ele escapara e subira os picos em busca de sua presa. Até onde Jianzhu sabia, o shírshu poderia ter comido o Avatar.

Os domadores devem ter sorteado para ver qual deles iria encarar sua ira pessoalmente enquanto o resto procurava pelo shírshu. Ele lançou seu cão em direção ao representante sem sorte. O homem estava acenando rígida e forçadamente, como uma roda d'água.

— Você pode parar — Jianzhu gritou — Estou vendo você...

Um apito e depois um baque. O rastreador solitário se inclinou, duas flechas nas costas.

Jianzhu xingou e saltou de sua montaria, enquanto mais flechas cruzavam o ar acima de sua sela. Ele ergueu pedaços de terra ao seu redor e se agachou em sua cobertura, ouvindo a batida de projéteis à sua volta.

“Eu estou ficando muito velho para isso”. Ele nunca cairia em uma armadilha tão óbvia como essa nos seus dias de juventude.

Houve um cessar-fogo. Ele fechou os punhos e socou para fora. As placas que o protegiam agora explodiram e voaram para fora em todas as direções, como estilhaços de um bombardeio. Ele ouviu gritos vindo das rochas acima.

Absorvendo seu entorno tão rápido quanto possível, ele viu alguns arqueiros que haviam caído de suas posições rochosas. Mas era melhor prevenir do que remediar. Ele abaixou a postura, balançou sua cintura e girou seus braços. De baixo para cima, de cada pedra que ele podia ver, brotaram violentamente espinhos finos do tamanho de *jians*, como se tivessem se transformado instantaneamente na mesma espécie de cacto de Si Wong.

Ele ouviu mais gritos vindo dos arqueiros que permaneceram escondidos em suas cavernas ou atrás de rochas. Eles deviam ter vindo de inimigos mais elevados. Lutadores que se chamam de profissionais, mas não o são, muitas vezes planejam tomar posições altas sem planejar um caminho de fuga.

Seus cães-enguias haviam fugido. Mas dois deles ainda estavam perto, amarrados por suas rédeas em algo pesado. O cadáver de um dos guardas, cravejado de flechas. As rédeas estavam presas em seus pulsos.

“Bom trabalho, seja lá qual for seu nome”, Jianzhu pensou.

O outro guarda estava ocupado limpando o sangue de seu *dao* com um pedaço de grama. Três atiradores estavam aos seus pés. Eles carregavam armas brancas e bizarras. Jianzhu pensou ter visto um ábaco feito de ferro no chão.

Ele ainda estava impressionado.

— Como eles chamam você, filho?

O guarda se virou e olhou por cima da cabeça de Jianzhu com olhos brilhantes e jovens. Ele tinha a forte fronte dos ancestrais da Península Leste.

— Saiful, senhor.

Era como se Saiful não entendesse o quão próximo da morte ele havia estado. O talento só permitiria que você sobreviva a alguns embates. Depois disso, as probabilidades tendem a se aproximar com uma vingança.

— Excelente trabalho, Saiful. Há sempre uma oportunidade para uma lâmina rápida em minha equipe. Eu vou lembrar disso.

O jovem guarda conteve sua emoção tanto quanto ele pôde.

— Obrigado, senhor.

Jianzhu cutucou um corpo atrás de suas costas. O homem morto estava vestindo um traje padrão de bandido, no sentido de que ele usava qualquer roupa de camponês que tivesse pegado em seu último trabalho

legítimo. Este tinha as calças de um pescador ou de um marinheiro, consertadas repetidamente com boa habilidade de costura.

Mas havia um estranho detalhe em sua camisa. Havia uma flor presa em sua lapela. Ela estava muito arruinada para saber qual era seu tipo.

Jianzhu checkou outro corpo. Não havia decoração nessa pessoa, mas ele retrocedeu ao longo do caminho que o homem tinha andado e encontrou o que procurava no chão. Uma flor de pêssgo-da-lua ressecada.

“*Uma insígnia*”, Jianzhu pensou com alguma veemência. Ele se endireitou e olhou em volta. As montanhas se aproximavam. Tinham dito que elas eram inabitadas. Praticamente intransitáveis. Ainda que aqueles homens não estivessem vestidos para uma expedição.

Com uma inesperada explosão de energia, ele esmagou suas palmas contra o chão. Tremores badalaram através da terra, espalhando-se largamente como ondas em um lago.

— O senhor está... procurando algo sob a terra? — perguntou Saiful.

— Talvez — Jianzhu disse, sua atenção deslizando sobre a grama — Embora o que eu esteja fazendo nesse momento seja preservar as pegadas deles.

Ele continuou ao longo da trilha deixada pelos oponentes de Saiful, observando os recortes que faziam com os calcanhares e os dedos no chão, examinando onde eles haviam deixado lama na grama. Há muito tempo, ele rastreava criminosos desse jeito, ouvindo a terra e lendo suas marcas.

As pegadas, ao contrário, levaram a uma clareira com uma notável rocha cinza do tamanho de uma cadeira. Jianzhu mandou-a para longe com um gesto de sua mão. Embaixo, havia um alçapão de madeira.

— Uma passagem secreta? — perguntou Saiful.

Jianzhu assentiu sombriamente.

— Uma passagem secreta. Através das montanhas.



— Senhor, era para essa cidade estar aqui?

— Não — Jianzhu respondeu, seus dentes rangendo juntos.

Embora ele não pudesse ver embaixo da terra, saber que o túnel estava ali permitiria que fizesse várias suposições educadas com a dominação de terra e conhecimento das obras para determinar um caminho. Eles seguiram a rede montanha acima com seus cães-enguia, abrindo os caminhos bloqueados e confiando na agilidade de suas montarias incomuns para garantir sua passagem. Eventualmente, os obstáculos se separaram para revelar uma grande cratera nas alturas, e, naquela depressão, esperando por eles, estava uma vila que nenhum dos dois jamais ouvira falar.

Um assentamento inteiro que não estava em qualquer mapa, fora do alcance da lei. A raiva de Jianzhu era quase grande demais para ele engolir. Ele era um comerciante que nunca que poderia se livrar dos vermes, um servo que nunca seria capaz de polir a prata limpa.

A cidade parecia abandonada. Eles cavalgaram pelas ruas vazias, entre longas casas que zombavam das Quatro Nações com adornos saqueados ou imitando grosseiramente seus locais de origem. Um estandarte acolchoado em forma de sucata havia sido amarrado em conjunto, de modo que os caracteres de múltiplos símbolos formavam desajeitadamente as sílabas *Hu* e *Jiang*.

Hujiang. Então esse era o nome dessa pilha de esterco.

— Aqui está nosso shírshu, senhor. — Saiful apontou rua abaixo, onde um monte escuro e fedorento bloqueava o caminho.

O animal estava em um relativamente digno repouso. Apesar das moscas zumbindo em torno de seu rosto - ou a falta dele -, ele ainda estava inteiro. Qualquer caçador de troféus teria achado muito rapidamente que as toxinas ainda corriam através de seu corpo morto.

Apesar disso, Professor Shaw ficaria chateado. Jianzhu precisaria inventar uma história e providenciar uma quantidade convincente de dinheiro para evitar que a raiva do homem causasse suspeitas.

Um breve ruído de arranhão veio da casa à sua direita. Havia alguém dentro. Jianzhu desmontou e se aproximou do prédio escuro.

— Senhor? — Saiful sussurrou — Ir sozinho é uma má ideia.

Jianzhu acenou para ele.

— Patrulhe as ruas.

Ele escorregou para dentro, contornando a moldura da porta, em vez de ficar de pé na entrada, onde seria contornado pela luz do sol. A julgar pelas longas mesas e bancos baixos e sem encosto, o prédio era algum tipo de estalagem ou taverna. Isso o deixou furioso novamente, que aqueles bandidos desfrutavam de paz suficiente nessas montanhas para construir lugares de reunião e vender vinho um ao outro.

Jianzhu caminhou ao redor do balcão da taverna. Ele encontrou a pessoa que fazia o barulho.

Era um homem sentado em uma pilha de travesseiros. Ele era musculoso e assustador como um lutador, embora parecesse ter se dado mal

em sua última luta. Uma de suas pernas estava envolta por um pano que se estendia até seu quadril.

O homem ferido olhou para Jianzhu com a vazia e desconfiada expressão de ter sido pego. Jianzhu notou garrafas vazias no alcance dos braços dele e jarras de comidas indeterminadas. Ele juntou todas as peças. Os habitantes do assentamento haviam evacuado alguns dias atrás, provavelmente assustados pelo shírshu. A emboscada na base da montanha tinha sido uma retaguarda, ou um monte de oportunistas gananciosos que ficaram para trás. Esse homem com a perna quebrada não conseguira fazer a viagem, então seus companheiros o deixaram ali para se recuperar.

Os olhos de Jianzhu foram para um pequeno vaso que parecia não pertencer ali. Havia uma flor de pêssego-da-lua nele.

— Eu estou procurando por uma garota — ele disse para seu amigo em recuperação — Ela esteve aqui em algum ponto. Uma garota muito alta, mais alta que você e eu. Rosto bonito, sardas, não fala muito. Você a viu?

As sobrancelhas do homem se contraíram. Poderia ter sido uma tentativa de esconder a verdade ou poderia ter sido a sua memória acendendo, mas falhando.

— Ela estava acompanhada de uma dominadora de fogo. Outra garota, cabelos pretos, corte militar...

Jianzhu pegou o golpe de lança em direção a sua garganta e redirecionou-o para a estante próxima, quebrando os suportes superiores. O homem poderia adicionar um pulso quebrado aos seus problemas. Jianzhu observou-o ferver de dor.

O lutador ferido enfiou a mão ruim embaixo do braço bom.

— Eu sou Guan Quatro Sombras — ele rosnou com orgulho — E eu não vou te dizer nada. Eu conheço um homem da lei quando eu vejo um.

Jianzhu acreditou nele. Uma vez que esse tipinho dizia seu nome profissional, não havia mais conversa a ser dita. Ele tentou mais uma tática, um jogo nas emoções *daofei*. Arrancou a flor de pêssego-da-lua do vaso e girou o caule entre seu dedão e seu indicador.

— Os tempos mudaram — ele disse — Nos meus dias de juventude, lembro-me de acompanhar um pequeno grupo em torno das bordas do deserto, de poço a poço. A Banda do Escorpião, eles se chamavam. Não poderiam ter mais de uma dúzia de membros.

Jianzhu pegou o que estava procurando, o homem bufando em escárnio para uma irmandade tão pequena. O que significava que seu grupo era muito maior.

— A coisa engraçada foi que, quando os encontrei, eu descobri por que eles estavam se movendo tão devagar — continuou ele — Dois de seus membros tiveram os pés necrosados e não conseguiam andar. Os outros montaram liteiras e os carregaram pelo deserto o tempo todo. O grupo teria me escapado se eles tivessem deixado seus doentes para trás, mas eles preferiram ficar juntos. Eles escolheram a irmandade. — Ele esmagou a flor — É como os Seguidores do Código costumavam ser. Quando eu olho para você, abandonado pelos seus irmãos jurados, eu não vejo aquela tradição. Eu não vejo honra.

Jianzhu deixou uma gota de cuspe acertar o rosto dele.

— Os irmãos da Flor de Outono estão dispostos a morrer uns pelos outros — o homem disse, enxugando os lábios — Você nunca entenderá. Nossa causa nos faz...

Ele parou, percebendo que Jianzhu o estava manipulando. Guan Quatro Sombras era mais esperto do que parecia ser. Ele apertou a mandíbula e bateu de volta contra o seu apoio improvisado.

Jianzhu fez uma careta e arregaçou as mangas. O jeito fácil não tinha funcionado.



Ele entrou na luz do sol e enxugou as mãos em um cobertor de sela que estava pendurado para secar e foi esquecido.

“A Flor de Outono”, ele pensou consigo mesmo. “A Flor de Outono. Quem, em nome das crianças bastardas de Oma, era a Flor de Outono?”

Jianzhu realmente estava ficando muito velho. Ele nunca ouvira sobre essa gangue antes. Ele, o homem que uma vez, sozinho, impedira que metade do continente caísse na ilegalidade, deixou um novo grupo criminoso grande o suficiente para povoar uma vila de bom tamanho operar à distância da capital. A Flor de Outono, fosse quem fosse e seja lá qual fosse seu objetivo, tinha um nível de organização grande o suficiente para evacuar o assentamento que momentaneamente estava sob suspeita de invasão.

E, mais importante, *muito* mais importante, a *única* coisa que era importante, era que agora eles tinham o Avatar em suas garras. A garota esteve aqui em algum ponto, isso é certo. Ela deve ter planejado se esconder nas montanhas remotas e deve ter caído em uma emboscada, como ele quase fez. Ela foi capturada e levada para este quartel general. Shírshus seguiam rastros vivos, e o animal não viria aqui se ela estivesse morta.

Jianzhu amaldiçoou os espíritos e a humanidade, e amaldiçoou os fios do destino que formaram esse nó. O Avatar havia sido sequestrado pelos *daofei*.

Ele jogou a cabeça para trás e olhou para o céu em busca de respostas. Com o canto do olho, viu um pássaro voar para longe, com a plumagem da cauda comprida atrás dele como uma flâmula. Algumas culturas obscuras leem o futuro através dos padrões de criaturas aladas. Jianzhu se perguntou se isso teria funcionado, se os pássaros poderiam ter encontrado a menina no nascimento e evitado esse problema. Ele soltou um grande suspiro.

Saiful virou a esquina e voltou para a rua, trotando de volta para seu chefe.

— Achou alguma coisa lá dentro, senhor?

— Só um cadáver — Ele olhou para o jovem espadachim. Saiful, junto com um punhado de outros homens, respondera ao chamado de Jianzhu para mais combatentes depois que o encontro com Tagaka deixou as fileiras de sua guarda esgotadas. Talvez tivesse sido um pouco rápido e conveniente demais, agora que ele pensava sobre isso.

— Saiful, eu não te disse para enviar uma mensagem com um de nossos falcões. — observou Jianzhu.

O jovem parecia surpreso.

— Eu estava, ahn, pedindo por reforços — ele respondeu. Sua mão se moveu em direção à sua arma. Ele era um guerreiro capaz, sem medo de matar por pagamento. Um mercenário que havia jurado lealdade desde que o salário fosse bom. Quando se colocava assim, não há nenhuma diferença real entre ele e um *daofei*.

Mas mentir era algo que ele precisava praticar mais.

— Você é da Península Leste, não é? — perguntou Jianzhu. Ele apertou as mãos atrás das costas — Eu tenho um bom amigo que faz muitos negócios na Península Leste. Seu nome é Hui. Você já o conheceu antes, em alguma ocasião? Talvez ele seja um dos reforços de agora há pouco?

Isso tinha sido apenas uma pontada de suspeita da parte de Jianzhu, um blefe, na verdade, mas mencionar o nome de Hui soltou uma enxurrada de palavras do rosto e da linguagem corporal de Saiful.

— Deixe-me adivinhar — Jianzhu disse, cavando mais fundo ao longo dessa camada produtiva de minério — Hui te enviou para se infiltrar em minha propriedade, não foi? Com ordens para descobrir o que aconteceu ao Avatar. — O ligeiro recuo de Saiful fez Jianzhu acreditar que ele acertou a verdade — E sendo o jovem inteligente que você é, você percebeu a trilha dos shírshus terminando aqui. O Avatar - e, vamos ser claros, nós temos seguido o Avatar - foi pego pelos fora da lei. Essa foi a mensagem que você acaba de enviar a Hui.

Saiful ficou surpreso que Jianzhu tivesse realizado o feito sobrenatural de ler sua mente. Na verdade, tudo o que Jianzhu havia feito era seguir as linhas de informação enquanto elas se desdobravam, como qualquer bom jogador de Pai Sho.

O espadachim decidiu seguir um gambito próprio. Ele tinha sido descoberto, mas eles estavam em montanhas isoladas, e ele tinha sua arma e seus reflexos juvenis ao seu lado. Ele cautelosamente atraiu seu *dao* novamente.

Jianzhu virou o pescoço, as juntas mais rangentes do que nos anos anteriores. Um fato sobre Pai Sho era que a maioria dos jogos não precisava ser jogada até o final. Os mestres geralmente reconheciam quando eram espancados e resignados enquanto a ação ainda estava tecnicamente em

progresso. Se essa dança entre ele e Hui tivesse ocorrido na grade, então aqui seria onde Jianzhu deveria supostamente se curvar e pegar suas peças em derrota.

Não havia como impedir que a mensagem chegasse até Hui, agora que o pássaro estava no ar. O mordomo perceberia o quão grande era a bagunça que ele estava escondendo e montaria um caso contra ele para o resto dos sábios do Reino da Terra. Se a garota fosse encontrada viva e sua identidade comprovada, ela seria entregue diretamente nas mãos de Hui, que no final não se importaria com qual versão do Avatar ele teria, contanto que ele estivesse tirando isso de Jianzhu.

Por todo raciocínio lógico, ele estava arruinado. Ele havia perdido.

Mas o que apenas seus parceiros próximos de Pai Sho sabiam sobre ele era que Jianzhu nunca havia desistido de um jogo no início em toda a sua vida. Nas raras ocasiões em que um adversário conseguira o melhor dele, ele o forçou a jogar as linhas até um final amargo. Ele os fez pular obstáculos para cada pedaço dele que capturaram, e correu as velas da madrugada até seus últimos centímetros de pavio por puro despeito.

Jianzhu sorriu sombriamente enquanto se aproximava do jovem espadachim. Bater nele sempre exigia um preço em sangue. Ele não estava prestes a abandonar o hábito agora.



QUESTÕES E MEDITAÇÕES



KYOSHI MANTEVE O PASSO atrás de Lao Ge através das ruas do mercado. Os dois estavam sozinhos, uma garota e seu tio idoso fazendo um passeio relaxante. Nada fora do comum.

Exceto pelo fato de que Lao Ge, quando não estava na presença dos outros membros da Companhia da Ópera Voadora, andava com a postura de um dragão enrolado nas roupas de um mendigo. E Kyoshi era... Kyoshi. Vendedores em suas barracas esticavam seus pescoços para olharem fixamente para ela enquanto ela passava.

— Não estamos aqui para comprar arroz? — Ela murmurou, sentindo a pressão de tantos olhares — Já passamos por dois vendedores ambulantes.

— Qualquer um de nós poderia ter feito isso sozinho — respondeu Lao Ge Ele piscou para uma mãe de família varrendo sua varanda. Ela fez careta e empurrou uma pilha de poeira na direção dele — Você está aqui para observar.

O vilarejo de Zigan era a cidade principal que supria comida e mão de obra para o palácio do Governador Te. Kyoshi estava impressionada com o tamanho do complexo enquanto andavam nos arredores, mas rapidamente notou que as casas construídas firmemente e armadilhas tradicionais do Reino da Terra estavam pouco à frente. Eles não tinham encontrado nenhuma pessoa de fato até estarem no coração da vila. Kyoshi achava difícil de acreditar que os distritos periféricos estavam completamente vazios, mas não vira nada que provasse o contrário.

Suas orelhas se inclinaram em direção ao som de uma discussão. Um vendedor ambulante e o fazendeiro que o supria estavam quase se atacando.

— Você não me engana! — gritou o ambulante — Eu sei que a colheita foi boa esse ano! O que você está me cobrando é um absurdo!

O fazendeiro gesticulava ferozmente com o chapéu de palha em sua mão enquanto respondia:

— E eu estou te dizendo que a maioria é confiscada para os silos do governador! Eu tenho que dar o preço baseado nos grãos que me sobraram!

— Como é que você consegue continuar aumentando os preços quando existe um oceano de arroz parado atrás das paredes dele? —

perguntou o comerciante, que estava fora de si — Pelo amor de Yangchen, eu consigo ver o teto do depósito daqui!

— Te não abre os silos há mais de cinco anos! Você pode considerar aquele alimento comido pelos espíritos! — disse o fazendeiro.

Lao Ge empurrou Kyoshi para que continuassem andando. Aparentemente, eles não estavam ali para oferecer soluções para pessoas que precisavam delas.

Ela sabia o que ele estava tentando provar, que a morte iminente de Te era justificada.

— Guardar comida para uma emergência não é insensato ou corrupto — ela disse.

— Não, mas vender suas reservas secretamente para lucro clandestino é. Para se enriquecer, Te comercializou os grãos que coletou desde o ano em que foi indicado como governador. Ele persistiu durante colheitas ruins, quando seus cidadãos ficaram famintos o suficiente para abandonar suas casas. A maioria das situações de fome são criadas por humanos, e ele está prestes a fazer uma.

Lao Ge chutou um seixo em uma janela fechada. Não houve nenhuma resposta ao barulho.

— Me diga — ele continuou — Jianzhu já falhou com seu povo dessa maneira?

Kyoshi foi forçada a admitir que Yokoya só tinha crescido e prosperado desde que Jianzhu pusera sua bandeira lá. Os cidadãos que ela vira em Zigan tinham a aparência de um povo preocupado e decadente, o tempo que tinham estava quase esgotando. Ainda não passavam fome, mas logo passariam. Ela reconhecia o peso da subnutrição nos ombros deles, o

mesmo que ela sentira quando ia de porta em porta em Yokoya, depois de ser descartada lá, rejeitada por cada família, suas opções ficando escassas.

Ela sabia intimamente o que aconteceria com os aldeões. Como sua humanidade seria destruída enquanto a inanição e impotência assumissem. Como seria o sentimento de ver a morte invadir um pouco mais a cada semana. Foi necessária a intervenção de Kelsang para salvá-la daquele destino.

Agora Lao Ge estava dizendo que aquilo seria a misericórdia para Zigan, para centenas de pessoas em vez de apenas uma garota. Ela não tinha nenhuma razão para dizer que ele estava errado.



Foi uma longa escalada, serpenteando pelas encostas da colina até o acampamento. Ela estava notando que a Companhia da Ópera Voadora preferia posições elevadas — provavelmente influência de sua mãe. Nesse contexto, fazia todo sentido. O terreno rochoso os escondia da vista, e dessa altura eles podiam ver a disposição do palácio de Te, tão claro quanto um mapa bem desenhado.

“O governador é taticamente incompetente por não ter sentinelas monitorando essas passagens”, Kyoshi pensou, antes de notar a mistura estranha de Rangì e Lao Ge que ela estava se tornando.

Lek olhou para cima, enquanto alimentava o fogo.

— Vocês conseguiram o arroz? — ele perguntou.

— Conseguimos batata-doce. — ela jogou o saco de pano no chão — Arroz é... um problema.

— Estou cansado de batata-doce — ele resmungou.

Kyoshi o ignorou e subiu para o terreno plano onde Kirima e Rangi estavam deitadas de bruços, fazendo um levantamento topográfico do palácio. Elas tinham entrado em uma trégua temporária em nome da apreciação mútua por coleta de informações. Planejar cercos era basicamente a mesma coisa que planejar um assalto.

Kyoshi sentou-se atrás delas, sem ser notada.

— Estamos procurando por designs tradicionais *sibeyuan* que são datados da dinastia Hao de Reis da Terra — Rangi disse a Kirima, seus olhos fixados no complexo abaixo. Era milenar se comparado à mansão em Yokoya. Tinha quatro pátios em vez de dois. E, em vez de ser cercado por quartos em uma construção contínua e suave, parecia ter dezenas de casas que variavam em largura e altura, coladas uma à outra com uma estampa de quadrados desenhados no chão. Os antigos donos deviam ter enriquecido através do tempo, adicionando mais e mais extensões casualmente, bem longe da visão singular de Jianzhu, que tinha construído sua própria casa.

Ainda era obscenamente extravagante, especialmente quando comparada ao vilarejo em declínio de Zigan. Um dos jardins continha um espalhafatoso lago de patos-tartaruga que era largo demais para seus arredores. Kyoshi sabia que aquilo era a nova moda em imitação do Palácio Real da Nação do Fogo.

— Há campos de visão que se sobrepõem para os guardas em cada um dos pontos altos — explicou Rangi. Ela apontou para três protuberâncias na ponta mais próxima do telhado — Temos que assumir que eles estarão operando com todos os seus homens. Então, na melhor das hipóteses, serão três sentinelas com os quais teremos que lidar durante a abordagem.

— Lek pode lidar com dois deles à distância, mas o terceiro teria tempo para soar o alarme — disse Kirima — Como você sabe tanto sobre arquitetura antiga do Reino da Terra?

— Na Academia estudamos como atacar qualquer tipo de forte — respondeu Rangi — Templos do Fogo cercados, barricadas do Reino da Terra...

Kirima olhou-a cuidadosamente.

— Paredes de gelo polar? — perguntou ela.

— Sim — Rangi respondeu sem hesitar — Melhor prevenir do que remediar. Tinha até um plano para Ba Sing Se, mas eu teria pena das tropas que executariam isso.

A dominadora de água deixou de lado os comentários feitos para as outras nações.

— Mok vai querer atacar o portão sul diretamente, podemos assumir que os sentinelas que foram colocados em outras paredes vão se redirecionar em direção dele.

Rangi franziu as sobrancelhas.

— Isso vai ser uma matança. — O chão no sul do complexo era coberto de terra compactada com pedras ornamentais do tamanho de uma cabeça — Poucos dominadores de terra na guarda de Te poderiam causar um grande número de vítimas.

— Eu não acho que Mok liga — disse Kirima — Eu não sei que veneno Wai tem derramado nas orelhas de seus homens, mas eles se tornaram fanáticos. Ele vai transgredir os muros só com os números.

Kyoshi estremeceu só de pensar na chacina que se seguiria se os *daofei* tivessem êxito. Ela nunca ouviu falar de um cerco em que os atacantes não pagassem o preço da vitória com sangue.

— Temos uma última opção — disse Kirima — Ainda não sabemos em qual construção as celas de prisão estão. Capturar o palácio inteiro pode ser o único modo de conseguirmos tempo suficiente para procurar pela pessoa que estamos tentando libertar. Então, em vez de tentar invadir o complexo, nós apenas eliminamos os vigias da parede sul, abrimos o portão por dentro e deixamos Mok passar direto por ele.

— Isso não vai acontecer — interveio Kyoshi.

— Ahh! — Kirima caiu de joelhos e quase despencou do lugar em que estavam — Como você é tão sorradeira com esses seus cascos enormes?

— Servos têm que ser quietos. — Kyoshi examinou a dupla de dominadoras, que eram provavelmente mais parecidas do que qualquer uma delas admitiria. Ela precisava de um pouco de conhecimento, rápido. Do modo convencional, não os joguinhos mentais de Lao Ge. Naquele momento, as duas mulheres eram suas melhores fontes.

— Temos que conversar — Kyoshi disse a elas.



— Não podemos deixar Mok chegar perto do palácio — Kyoshi disse — Ele matará todos que estão dentro.

Rangi e Kirima olharam para ela de suas posições no afloramento rochoso. Elas precisavam de uma pausa de analisarem o complexo, de qualquer forma.

— De jeito nenhum vamos conseguir impedir que ele o tome a longo prazo — respondeu Rangi — Você quer trocar de lados e tentar lutar contra eles?

Kyoshi negou com a cabeça.

— Eu não acho que chacinar as forças de Mok seja a resposta.

— Mas, se Mok não iniciar seu ataque, então nosso time vai ser um alvo tão fácil quanto patos-tartarugas — disse Kirima — Você ‘tá dizendo que precisamos encontrar um jeito de atacar um palácio com um exército, salvar as vidas de todos dentro do palácio, impedir o exército de se destruir e resgatar um prisioneiro que está lá dentro?

Lao Ge nunca tinha dito que ela não podia procurar ajuda para resolver suas charadas. Era uma respeitada tradição do Reino da Terra. Trapacear num teste com a ajuda de seus amigos.

— Isso é exatamente o que estou dizendo.

— Não podemos inventar todo tipo de plano elaborado quando só temos uns cinco dominadores — respondeu Rangi.

Kyoshi fez uma careta. Ela teria que se acostumar a exercitar seu privilégio, e ela poderia também começar naquele exato momento.

— Que tipo de planos vocês fariam se tivessem o Avatar? — ela indagou.



As últimas horas de luz do sol foram dedicadas a mais treinamento. O treino não acabava nunca. O treino iria invadir os sonhos dela. Ela tinha

certeza de que o próximo Avatar do Fogo nasceria com a memória muscular dela impressa em suas pequenas extremidades de bebê da Nação do Fogo.

— Vamos logo! — gritou Wong gritou — Você é quem queria aprender a andar sobre o pó.

— Você tem certeza disso? — perguntou Kyoshi, nervosa, e com razão — Quando eu vi vocês fazendo isso, vocês começaram no num chão sólido e foram indo cada vez mais alto. O que parecia ser bem mais seguro.

Ela estava empoleirada numa coluna de pedra, uma de muitas fincadas num barranco. A distância entre cada pilar era no mínimo de três metros e meio. No lado mais longe da vala, Wong esperava por ela.

— A prática tem que ser mais difícil do que a realidade — ele disse — O objetivo é me alcançar sem diminuir o passo. Se tropeçar, você tem que voltar para o início e tentar de novo. Você vai fazer três vezes.

Kyoshi olhou para o chão abaixo. Não tinha nada para aparar sua queda além do duro chão rochoso.

— Eu posso pelo menos usar meus leques?

— Não sei — respondeu Wong — Você pode?

Ela tirou suas armas do cinto. O peso deles em suas mãos era reconfortante quando ela os abria. Ela achou que, talvez, se os batesse forte e rápido o suficiente, poderia alçar voo como uma ave.

— Ou você corre ou passa fome! — Lek berrou.

Ela devia ter ido sem hesitar. Agora ela tinha atraído uma plateia. O grupo todo, incluindo Lao Ge, assistia-lhe de vários lugares ao redor do acampamento.

“*Precisão*”, ela pensou para si. “Tempo. *Precisão*. Tempo.”

Ela pulou para o vazio. No mesmo instante, cascalhos e poeira subiram do fundo da vala, empilhando-se um no outro, solidificando em uma estrutura rígida que apenas precisava aguentar o peso dela durante o período que ela demoraria para dar o próximo passo. Ela sentiu a ponta do pé pousando graciosamente na mini coluna temporária, uma frágil torre de terra.

Então ela se espatifou. Ela caiu como... bem, uma pedra.

Em seu pânico, Kyoshi largou seus leques e esticou suas mãos em direção a coluna, uma vítima de afogamento pronta para puxar o barco salva-vidas para baixo d'água junto com ela. Ela atingiu a lateral e ricocheteou, esburacando a torre com seus dedos, mas sem obter sucesso. Suas costas colidiram com a formação atrás dela, enviando-a como uma hélice, com o rosto sendo a primeira coisa que acertaria o chão, para o fundo da vala.

Ela ficou ali deitada, uma mancha junto ao chão. O som de duas batidas, seus leques pousando logo depois dela. Ela tinha uma leve impressão, provavelmente porque ainda estava viva, de que alguém tinha dominado o chão abaixo dela para ficar mais macio, cobrindo a pedra com uma camada de areia. Suas suspeitas apontavam para Lao Ge.

— Zero! — Ela ouviu Wong berrando — De novo.



Cada tentativa de fazer aquele movimento falhou. Dolorosamente. Era tão ruim que Rangi cedeu e deixou Kirima tentar ensiná-la a usar água

como suporte no lugar da terra. Kyoshi ainda terminava esparramada no chão, só que mais molhada.

— Talvez seja melhor você ficar fora da missão — disse Lek depois de uma queda particularmente bruta. Dessa vez ele estava falando com uma preocupação genuína, e não em tom de provocação.

— Não acho que ela possa — disse Kirima — Os únicos planos decentes que bolamos requerem todos nós trabalhando juntos.

— Eu acho que há maneiras de podermos usar o poder bruto da Kyoshi — disse Lao Ge. Ele não havia oferecido nenhuma opinião sobre o assunto até aquele momento — Ela pode ser um martelo num time de bisturis, mas, às vezes, uma abordagem com força bruta é necessária. Eu vou ser babá dela durante o ataque.

Kyoshi quase tinha que admirar o modo que o velho transformava os eventos, conseguindo exatamente a situação que para ele era ideal, um tecelão vendo linho em sua forma bruta e vendo o tecido que iria se tornar.

— Talvez isso seja para o bem maior — ela disse — Podemos evitar que o outro tenha problemas.



Cada noite, Kyoshi olhava para a lua se tornando mais cheia, como se ela estivesse se alimentando de seu temor. A data do golpe estava se aproximando, e o clima no acampamento se tornava sombrio. Papéis foram determinados, ensaios foram feitos usando adereços feitos de casca de noz e moedas soltas colocadas em diagramas tracejados no chão. A corrosão no estômago de Kyoshi não tinha muita ligação com a fome, e o suor frio a

mantinha acordada sem importar o quão longe do acampamento ela estava ou o quão perto dela Rangi dormia.

Sendo otimista, os dois membros mais inúteis do grupo se tornarem uma dupla deu bastante tempo para Kyoshi e Lao Ge para conversarem sozinhos.

— Você já imaginou por que o objetivo de Mok não é matar o Governador Te? — perguntou Lao Ge, poucos momentos depois de mandá-la sentar e meditar com ele.

O pensamento passou pela cabeça de Kyoshi.

— Ele sabe que você fará isso? — ela perguntou.

Lao Ge riu.

— E eu costumava achar que você não tinha senso de humor. Não, a razão é que ele tem a mesma informação que eu. Palácios construídos na dinastia Hao geralmente tinham um abrigo de ferro escondidos nas suas profundezas. Em caso de um ataque, o lorde da propriedade fugiria para lá e se trancaria atrás das portas impenetráveis de metal. Os cofres têm suprimentos para durar um mês, o que era tempo mais que suficiente para reforços chegarem. Mok sabe que tentar matar o governador seria uma perda de energia.

Quanto mais Kyoshi sabia sobre esse tal de Te, mais ela o detestava. Ela abriu seus olhos.

— Ele irá abandonar sua residência para um exército de *daofei*? — perguntou.

— O que você esperava de um oficial rico? — retrucou Lao Ge — Você parece desapontada. Talvez estivesse esperando que Te se jogasse no

campo de batalha, se colocando em um grande risco, e batalhasse com as forças de Mok sozinho, numa maravilhosa demonstração de dominação de terra, protegendo as vidas dos inocentes? Eu não sei de onde você tirou essa ideia.

Sua hesitação aumentou. Parecia que o velho nunca deixava passar uma oportunidade de cantar louvores a Jianzhu. Ela tentou se acalmar retornando para sua meditação.

Foi negado a Kyoshi o acesso a esse tipo de treinamento em Yokoya, mas Rangi encontrara momentos para ensiná-la os básicos durante a jornada delas. Com sua tarefa sangrenta pairando sobre sua cabeça, ela tinha achado a prática calmante, centralizante. Ela era uma pedra fria abaixo da...

— Então está me dizendo que você nunca imaginou qual é a minha idade? — disse Lao Ge.

Agora ele estava tentando incitá-la de propósito. Era impressionante o quão facilmente ele mudava da versão terrível e hipnótica, que ela sabia que ele podia ser, para uma criança estúpida com rugas e cabelo branco. Ela tinha errado em chamá-lo de Sifu nas poucas vezes em que ele lhe dera acesso consistente e ininterrupto ao guru da morte.

— Eu não posso dizer que imaginei — Kyoshi murmurou por entre seus dentes

Ele soava um pouco magoado pela falta de interesse da garota em seus segredos.

— É que... as pessoas que me confrontaram abertamente no passado com o nome “Tieguai, o Imortal”... Todos eles me imploravam pelos segredos da longevidade. Os únicos que não o fizeram foram você e sua mãe.

Primeiramente, ela não acreditava nem um pouco que ele fosse tão velho quanto dizia ser. Em segundo lugar, procurar desesperadamente por mais poder e controle sobre a vida é o que pessoas como Jianzhu fariam. Te também, provavelmente.

— Sifu — ela disse preguiçosamente — Oh, por favor, passe para mim os mistérios da imortalidade, pois eu desejo ver eras passarem por meus olhos como grãos em uma ampulheta.

— Claro! — Lao Ge disse alegremente — Qualquer coisa para minha querida pupila. Veja, tudo se resume a manter a ordem. Manter as coisas simples, limpas e arrumadas.

— Perdão? — Aquilo era genuinamente ofensivo para Kyoshi, sendo que costumava ser uma serva de serviços domésticos. Ela deixou seus padrões por limpeza na primeira manhã fora de Yokoya, depois de acordar coberta dos pelos que Pengpeng soltou. Mas, com a bebedeira dele e aversão a trocar de roupas, Lao Ge pisava na linha da rancidez. O que ele sabia sobre limpeza e arrumação?

— Envelhecer, na verdade, é como se seu corpo estivesse caindo aos pedaços, nos menores e mais invisíveis níveis, negligenciando-se a voltar para o lugar — ele explicou — Com o foco mental certo, você pode fazer um inventário de seu próprio corpo e colocar cada pecinha que não estiver em seu devido lugar de volta ao lugar certo.

Kyoshi teve que assumir que ele estava ajustando suas lições ao histórico dela e que o processo, na verdade, era muito mais complexo.

— Do jeito que você descreve, você teria que decidir que versão de si mesmo você ficaria parada, para sempre.

— “Exatamente! “*Aqueles que crescem, vivem e morrem. A piscina da estagnação é imortal, enquanto o claro fluir do rio morre um número incontável de mortes*”.

— É mais um dos provérbios de Shoken? Porque não soa como nenhuma lição espiritual que eu já tenha ouvido.

— É o *meu* provérbio — Lao Ge choramingou, mais uma vez magoado — Toda essa inquietação por causa de espíritos. Estou tentando te ensinar sobre a *mente*. Um mundo infinito que foi negligenciado por exploradores demais.

A mente. A mente de Kyoshi viajou para uma outra existência, uma onde ela sentava ao lado de Kelsang, feliz, em um campo verde, enquanto ele lhe contava sobre as maravilhas do Mundo Espiritual. A voz dele, gentil e acolhedora, guiando a consciência dela até que eles cruzassem a fronteira, de mãos dadas, para uma terra onde preocupações mundanas não os afetariam.

Ela perdera aquilo. Ela o perdera, e a doença que se seguiu nunca seria completamente curada. A falta de Kelsang a colocava em êxtase. Se Lao Ge queria que ela ficasse estagnada e presa para sempre, ela já tinha dominado essa lição.

Kyoshi olhou para este substituto que sentava à sua frente, a piada esquisita que ela conseguiu no lugar de seu verdadeiro professor. Era uma troca pobre o suficiente para fazê-la chorar.

— Criaturas espirituais são mais interessantes do que charadas mentais — ela disse.

— Minha querida — Lao Ge disse gentilmente — Assim como você descobrirá um dia, a mente tem seus próprios espectros.



O ROSTO DA TRADIÇÃO



A HORA CHEGOU. A lua estava totalmente cheia. Ela derramava sua luz sobre os campos ao redor do palácio de Te, afiando cantos e alterando cores em detalhes fantasmagóricos. Mok sabia o suficiente para agendar seu ataque quando seus homens pudessem ver o que estavam fazendo.

A Companhia da Ópera Voadora escolheu o caminho pela encosta rochosa.

— Todos sabem o plano? — perguntou Rangi.

Ela estava perguntando como uma formalidade. Rangi havia exercitado cada passo em seus crânios. Foi gratificante aplicar aos outros

uma fatia da disciplina da Nação do Fogo como vingança pela situação em que eles colocaram Kyoshi.

Encontrar Mok antes do assalto era parte da operação. Se ele os deixasse como bem entendessem, e não deixasse seu temperamento e sua vaidade reinarem, então, se a sorte estivesse ao lado deles, eles lhe trariam o que ele queria. Um prisioneiro ileso.

A idiotice de Te estava em plena exibição quando eles se aproximaram do acampamento de Mok ao sul do palácio. Kyoshi contou pelo menos quinhentos *daofei* se preparando para a batalha, afiando suas espadas e treinando seus impulsos de lança. Nenhum dos guardas da propriedade de Te tinha notado aquilo? Tantos homens armados convergindo em sua localização? Jianzhu teria sufocado essa insurreição em miniatura antes que eles notassem...

Ela balançou sua cabeça. Por uma noite, e apenas por uma noite, Jianzhu era irrelevante.

Eles caminharam na ponta dos pés por um grande grupo de homens sem camisa dispostos em fileiras bem definidas, profundamente na Posição de Cavalo, cantando sons inarticulados em uníssono. O capitão andava entre eles, segurando um pacote de incensos acesos na mão. Ele varreu ritualisticamente as pontas fumegantes sobre seus torsos, deixando trilhas de cinzas em sua pele. Kyoshi olhou mais de perto e viu que cada homem tinha os caracteres para "impermeável" pintados na testa.

— Quem são aqueles? — ela sussurrou para seus companheiros.

— Aqueles são os membros da Seita Kang Shen — explicou Kirima — Eles são não-dominadores que acreditam que fazer cerimônias secretas de purificação irá torná-los imunes aos elementos. Mok deve ter recrutado um grupo para servi-lo como sua linha de frente.

— Isso é loucura! — exclamou Kyoshi — Se eles investirem diretamente em uma linha de dominadores de terra, serão abatidos! — Os homens que ela viu não tinham armadura, nem escudos. Muitos deles pareciam ser lutadores de mãos vazias, sem nenhuma arma.

— É incrível o que a mente pode ser levada a acreditar — comentou Lao Ge.

— Principalmente se você estiver desesperado — resmungou Lek — Dizem que eles entram para a Seita Kang Shen depois de verem um amigo ou pessoa amada ser morta por um dominador. Sinta-se impotente dessa maneira e você fará qualquer coisa que lhe dê coragem.

Eles se aproximaram do centro do acampamento. Foi fácil detectar Mok. Ele havia montado uma mesa ao ar livre que não servia para nada além de mostrar que ele podia. Ele se sentava-se atrás dela com os dedos esticados, como se *ele* fosse o governador daquelas partes e não Te. Wai estava próximo a ele, uma imitação amedrontadora de um secretário.

— Meus queridos associados — Mok disse depois que eles se curvaram — aproximem-se.

Eles se entreolharam nervosamente e caminharam para a mesa.

— Mais perto — enfatizou Mok. Eles se aglomeraram ao redor dele. Kyoshi notou que Lek estava no flanco, no lugar mais perigoso. Sua cabeça estava baixa e imóvel. Ela se arrependeu de não ter ficado entre ele e o líder *daofei*.

— Eu não tive a chance de me despedir de vocês em Huijiang — disse Mok — Vocês perderam a comoção — Ele encarou Rangi e Kyoshi. Não havia evidências que as ligassem ao ataque dos *shírshus*, mas um

homem como ele não precisaria disso. Elas eram peças que não se encaixavam, e isso bastava.

— Uma grande fera apareceu na manhã em que vocês nos deixaram — ele continuou — Ela matou muitos dos meus melhores homens. O que vocês duas tem a dizer sobre isso?

Wai sacou a sua faca antes que Kyoshi pudesse responder. E foi Lek, o corajoso e estúpido Lek, que ou nunca aprendia ou era altruísta demais para seu próprio bem, que novamente falou por ela.

— Nós não sabemos qualquer coisa sobre aquilo, Tio. Kyoshi e Rangi não são culpadas.

Wai atacou.

A certeza emprestou a Kyoshi uma velocidade que ela nunca soube que tinha. Em um movimento rápido, ela pegou a mão da faca de Wai antes que ela alcançasse Lek, prendeu-a na mesa pelo pulso e puxou o seu leque com a outra mão. Ela manteve a arma pesada fechada enquanto a batia como um martelo nos dedos de Wai, quebrando-os em um único golpe.

A faca caiu no chão. Os olhos da Companhia da Ópera Voadora estavam tão arregalados e grandes quanto a lua. Todos estavam chocados, em silêncio, incluindo Wai, que parecia entorpecido pela pura descrença da dor subindo em seus braços.

— Me perdoem, Tios — disse Kyoshi, achando extremamente fácil falar agora — Eu vi um inseto venenoso e pensei em salvar as suas vidas.

Wai apertou a sua mão quebrada e mostrou os dentes para Kyoshi, uma cobra-das-vinhas prestes a cuspir.

Ela ainda estava calma e continuou falando:

— Mas se o Tio Wai acredita que minhas ações são inapropriadas, ele pode sempre me ensinar o significado da disciplina no *lei tai* depois que nossa missão estiver acabada.

Mok inclinou as costas em sua cadeira e soltou uma gargalhada.

— Tanto progresso em apenas algumas poucas semanas! Essa é a influência que eu tenho sobre as pessoas. Venha, Kyoshi. Já que a língua dos seus irmãos e irmãs foi tomada por um espírito, me diga, quais planos você tem feito desde a última vez que nos vimos?

Ela continuou como se nada tivesse acontecido, ignorando a surpresa de seus amigos e a fúria de Wai. Ela ouviu a estratégia entre Rangi e Kirima várias vezes para ser convincente.

— Acreditamos que a prisão onde o seu... o nosso irmão de juramento está sendo mantido está abaixo do pátio nordeste. Supondo que tenha sido construído na mesma época em que a parte mais antiga do palácio, devemos ser capazes de derrotar a segurança.

Ele notou sua pausa.

— Mas?

— Mas só se tivermos tempo o suficiente. Se os guardas de Te escolherem defender a prisão, nosso grupo sozinho pode nunca ser capaz de alcançar nosso homem. Há também uma chance de que, se mostrarmos a nossa mão cedo demais, eles percebam o que estamos fazendo e matem o refém preventivamente.

— Então é como eu esperava — disse Mok, acariciando seu queixo como um sábio — Vamos precisar de um ataque direto em conjunto com seus esforços clandestinos.

Kyoshi tinha que dar a ele algum crédito. Ele previra esse resultado em Hujiang.

Mok procurou dentro da mesa e tirou dois bastões de incenso temporizados. Kyoshi observou-o arrancar a faca de Wai do chão e cortá-los cuidadosamente com o mesmo comprimento antes de entregá-los a Rangi.

— Se você puder, meu amor.

Ela acendeu as duas pontas com um dedo e entregou uma de volta a Mok.

— Vão para suas posições — ele disse — Nós vamos atacar em uma hora.

A Companhia da Ópera Voadora fez uma reverência e saiu de lá o mais rápido que pôde. O primeiro passo foi dado. Rangi embalou o incenso temporizador quando eles deixaram o acampamento, tentando protegê-lo da brisa que podia acelerar a queimadura e jogá-los fora do cronograma.

“Uma hora”, Kyoshi pensou. Ao longe, algumas luzes brilhantes do palácio podiam ser vistas, as fogueiras iluminadas por empregados como ela para cozinhar e esquentar, lanternas carregadas por guardas como os vigias que sempre a cumprimentavam gentilmente nos portões da mansão de Jianzhu. Ela olhou para os acólitos de Kang Shen trabalhando em um frenesi, vulneráveis e nus, mas por sua fé. Uma hora até o sangue ser derramado.

— Fique calma — Lao Ge sussurrou para ela.

Suas palavras, que deveriam ser reconfortantes, apenas a lembraram. Uma hora até ela se tornar a assassina que estava tentando ser.



Lek, Kirima e Wong os levaram de volta ao acampamento.

— Por que a pressa? — perguntou Rangi, cobrindo o bastão de incenso — Não tem por que se apressar nesse momento.

Ela e Kyoshi já estavam de armadura.

— Temos que pintar nossos rostos — disse Kirima. Ela vasculhou seus pertences limitados — É tradição, antes de um trabalho.

Lek não conseguiu encontrar o que procurava e grunhiu:

— Esqueci que deixamos a Baía Camaleão com pressa. Eu ‘tou sem. Alguém tem alguma maquiagem que possa emprestar?

Kyoshi piscou, tendo dificuldade em entender.

— Eu... tenho? Eu acho que tinham algumas no baú da minha mãe, junto com os leques?

Wong vasculhou a mochila de Kyoshi até encontrar o grande kit de maquiagem que havia sido completamente negligenciado até agora.

— Seria vergonhoso para uma trupe de ópera se apresentar sem maquiagem. E idiota, para ladrões que querem esconder suas identidades.

Kyoshi se lembrou. A ópera clássica era executada por atores que usavam certos padrões de maquiagem que correspondiam às características do personagem. O espírito do tigre-macaco, um herói popular, sempre teve uma fenda negra de tinta descendo pelo rosto laranja. Roxo significava sofisticação e cultura e frequentemente aparecia em tipos de mentores sábios. O diário de sua mãe havia mencionado a maquiagem, mas ela tinha

ignorado isso em nome dos leques que eram mais práticos. E o cocar. Ela também não tinha um cocar?

Wong trouxe o kit para ela e o abriu.

— Parecem coisas boas, de Ba Sing Se, então elas não secaram — ele disse — Eu faço a sua primeira. Leva prática até colocar no seu próprio rosto corretamente.

Kyoshi estremeceu ao pensar na pasta oleosa em sua pele, mas decidiu não reclamar.

— Só um segundo — ela disse — Não tem nada aqui além de vermelho e branco.

Os recortes que deveriam conter uma variedade de cores tinham sido preenchidos várias vezes com carmesim profundo e um pigmento cor de casca de ovo. Havia uma pequena quantidade de *kohl* preto também, mas não o suficiente para cobrir todo o rosto.

— Essas são as nossas cores — disse Wong enquanto mergulhava o polegar e começava a aplicar suavemente a tinta em suas bochechas — O branco simboliza a traição, uma natureza sinistra, a suspeita dos outros e a vontade de cometer maus atos sobre eles.

Kyoshi pôde ouvir Rangì bufar tão alto que Te devia ter escutado do seu palácio.

— Mas — continuou Wong, pegando a tinta do outro lado da caixa com o dedo indicador — Vermelho simboliza honra. Fidelidade. Heroísmo. Este é o rosto que mostramos aos nossos irmãos e irmãs jurados. O vermelho é a confiança que temos um pelo outro, enterrados no campo do branco, mas sempre aparecendo no nosso olhar.

Kyoshi fechou os olhos e o deixou colocar mais tinta.



— Pronto — disse Wong. Ele alisou o último delineador preto em sua testa e deu um passo para trás para examinar sua obra — Eu não posso prometer que vai parar uma pedra afiada ou uma flecha, mas posso garantir que você vai se sentir mais corajosa. Isso sempre funciona pra mim.

— Incline-se — disse Kirima. Ela roubou o cocar da bolsa de Kyoshi enquanto seus olhos estavam fechados — Você está usando o rosto da sua mãe, então você também deveria usar a coroa dela.

Kyoshi abaixou a cabeça para que Kirima pudesse amarrá-lo torno dela. Ela nunca tinha tentado usar o cocar antes. Encaixou como se tivesse sido feito para ela.

Ela se levantou, retornando à sua altura total.

— Como eu estou? — ela perguntou.

Wong levantou um pequeno espelho que havia sido colocado na tampa do kit de maquiagem enquanto Rangi angulava o brilho do incenso para que ela pudesse ver. O vidro não era largo o suficiente para mostrar seu rosto inteiro, apenas um reflexo que corria pelo arco de ouro em cima de sua testa, através de seu olho brilhante e sobre o canto da boca avermelhada dela.

O espelho estreito lembrava uma lágrima no véu do universo, e, da terra que ficava além do outro lado, um ser poderoso, imperturbável e eterno olhava para Kyoshi. Um ser que poderia passar como um Avatar algum dia.

A ASCENSÃO DE KYOSHI

— Eu não estou feliz por você estar usando cores *daofei* — disse Rangi, mordendo o lábio enquanto sorria — Mas você está linda.

— Você está aterrorizante — adicionou Lek.

Uma vida atrás, Kyoshi nunca pensou que ela pudesse ser alguma dessas coisas.

— Então está perfeito.



O ATAQUE



ELES SE RASTEJARAM até onde tudo começaria, uma pequena ponta de terra a alguns metros de distância das paredes do palácio. Amontoaram-se ao redor de Rangi e assistiram ao incenso que usaram para marcar o tempo se extinguir nos dedos dela, as últimas brasas iluminando seus rostos pintados. Kyoshi olhou para o grupo, suas feições apagadas ou exageradas por traços vermelhos no branco. Até Rangi e Lao Ge vestiam as cores. As marcas os uniam.

O incenso desmoronou até que Rangi não pudesse mais segurá-lo.

— Vão — ela sussurrou.

Lek levantou poeira até o topo do pedregulho atrás do qual eles se escondiam. Ele pegou sua manga e puxou-a acima de seu ombro, expondo um braço longo e rijo amarrado em mais tiras finas de couro do que Kyoshi tinha pensado anteriormente.

Ele balançou o cotovelo para frente, e as amarras se desfizeram, revelando o bolso de um *sling*.

Rangi, Kirima, e Wong partiram correndo para o palácio.

Sem desacelerar seus movimentos, Lek chutou do chão um projétil de pedra do tamanho de um punho e o capturou no bolso do *sling*. O projétil chiou com a velocidade enquanto contornava sua cabeça, acelerado pela dominação. Enquanto ele estava montado na rocha, pernas apoiadas no momento poderoso da bala, seu rosto tranquilo com a concentração, ele aparentava ser mais velho para Kyoshi. Menos garoto e mais um jovem homem em sua especialidade.

Ele deixou a pedra voar. Kyoshi mal conseguia ver o guarda no telhado em que ele tinha mirado, e teria suposto que tal alvo seria pouco prático para se acertar, mas os talentos de Lek — físicos, ou de dominação, ou ambos — criaram um pequeno barulho a distância. A figura embaçada que era o guarda abandonou o campo de visão.

Lek já estava finalizando seu próximo arremesso antes de o primeiro ter chegado no alvo. Rangi e os outros diminuíram o espaço entre eles. Estavam ao alcance do ponto em que guardas pudessem notá-los. Ele lançou a segunda pedra.

Mas, justo enquanto ele soltava uma das pontas do *sling*, um alarme quebrou o silêncio da noite. O barulho veio do sul. As forças *daofoei* decidiram anunciar sua presença.

O barulho inesperado estragou o arremesso de Lek. Ele xingou e imediatamente abriu as mãos em uma posição de dominação. Kyoshi assistia incrédula enquanto ele aplicava um tipo de pressão invisível na pedra voadora. Ela não conseguia ver nenhum dos resultados, mas, pelo modo como ele soltou o ar aliviado quando outro barulhinho igual ao do arremesso anterior soou, ele tinha acertado. Tudo acontecera num instante. O controle dele a distância devia ser o mesmo que o de Yun. Talvez melhor.

— Vá! — Lek gritou para Kyoshi, desinteressado em sua admiração — Mok e aqueles idiotas estragaram nossa cobertura! Vá!

Kyoshi e Lao Ge começaram a seguir a parte deles do plano. Eles correram colina abaixo em direção aos campos no sul do palácio. Pelo canto do olho, ela vira três figuras subindo pelo ar para pular no topo da parede oriental, um deles com pés cintilando como se ela estivesse pisando em luz estrelar.

A planície em frente ao portão principal estava cheia de espadachins tentando invadir o complexo. Assim como Rangi previra, as linhas de frente não eram nada além de repletas de dominadores de terra, pagos por Te, que estavam escondidos. Não tinham a precisão de Lek, mas não precisavam dela. As primeiras pedras voaram do castelo fazendo um movimento de parábola, pulverizando os acólitos desprotegidos de Kang Shen. Os mísseis quicaram mais longe, talhando extensões através dos *daofei* atrás deles. Gritos de dor e raiva preencheram o ar.

Os criminosos ignoraram suas fatalidades e retomaram a velocidade. Kyoshi e Lao Ge estavam direcionados exatamente para o campo de batalha entre os foras-da-lei e o palácio.

Lao Ge se colocou atrás de Kyoshi e tocou nos ombros dela duas vezes.

— Vá! — ele gritou.

Ela respirou fundo, ainda correndo, e abraçou a terra totalmente.



Kyoshi mergulhou no chão, descendo em uma rampa de pouco mais de 15 metros de largura que ela mesma estava fazendo. A terra escancarou-se para aceitá-la, separando caminhos para criar um sulco titânico que empilhou a terra restante nas as laterais. Aoma e Suzu podiam ir pular de um cais. Kyoshi tinha crescido em Yokoya assim como elas. Ela *sabia* sobre agricultura. E agora ela estava arando o solo com mais força do que todos os dominadores de terra da vila juntos.

Flechas e pedras voavam por cima da cabeça deles inofensivamente. Ela nivelou tudo assim que tinha chegado na profundidade desejada — por que não deixar tudo quadrado e arrumado? — e continuou correndo através do campo sul com Lao Ge mantendo o passo, criando uma trincheira intransitável atrás dela.

Tinha se tornado claro durante o monitoramento que o castelo de Te tinha uma fraqueza absurda em sua segurança. Faltava um fosso. Kyoshi estava providenciando um para ele, sem cobrar nada.

— Você aguentaria fazer isso mais rápido? — Lao Ge gritou, sua voz mais alta que o barulho de ossos quebrando.

Ela acenou com a cabeça. Não havia mais fadiga. Nenhum desgaste. A dominação dela havia mudado. Descontrair-se desse modo com seu poder total em vez de tentar espremê-lo através de buraquinhos era energizante. Era a diferença entre comer uma tigela de arroz um grão de cada vez e dar mordidas maiores e mais satisfatórias.

Lao Ge dominou uma parte do chão envolta deles, e de repente os dois estavam surfando em uma plataforma de terra enquanto Kyoshi se mantinha empurrando o solo para fora do caminho.

— Não faz sentido andar quando não precisamos — ele disse.

Daquele modo não demorou nada para eles contornarem o palácio de Te e encapsulá-lo na trincheira. Ela não podia ver o que acontecia acima deles, mas podia imaginar a surpresa nos rostos dos guardas e dos *daofei*, uma grande matança por culpa de Mok e Wai. Ela tinha que ter esperança de que a segunda etapa do plano conseguiria aplacá-los. A Companhia da Ópera Voadora ainda tinha uma promessa a cumprir.

— Preste bastante atenção agora — Lao Ge avisou — Eu sei que ainda não consegue levantar poeira.

Ele levantou suas mãos e a plataforma ascendeu para fora da trincheira. Voou para acima do nível do chão e para o telhado da parte leste do palácio, onde desmoronou sob seus pés, deixando-os em pé sobre as telhas no ponto exato onde Kirima, Wong e Rangi esperavam por eles, banhados pelo luar.

— Bem a tempo — disse Kirima.

— Os guardas estão concentrados na parede sul? — perguntou Kyoshi. Ela criara um impasse entre eles e os *daofei*, e precisava que eles ficassem naquele lugar.

— O suficiente — respondeu Rangi — Mas você tem que agir rápido.

Esse ponto de reunião os deixava temporariamente expostos, mas fora escolhido por uma razão. Ficava exatamente acima do absurdamente largo e profundo lago de patos-tartaruga. E eles tinham uma vista perfeita da lua cheia acima deles.

Kyoshi bebeu de sua luz, sentindo seu empurrar e puxar assim como Kirima havia lhe ensinado, seus músculos se relaxando da rigidez da dominação de terra para o tranquilo e fluido estado da água. Ela tomou uma posição e acenou para o lago.

Ela conhecia muito pouco de formas avançadas de dominação de água, mas isso não era necessário naquele instante. Ela também não precisaria de seus leques ainda. Para aquela façanha, Kyoshi iria providenciar o poder, como um rascunho bruto, e Kirima aplicaria o controle. Como dominadoras de água, ambas teriam seus poderes aumentados pela lua cheia, como a maré subindo na baía.

Os patos-tartaruga que estavam dormindo acordaram grasnando em pânico e fugiram enquanto uma protuberância crescia na superfície da água. Kyoshi levantou a bolha de líquido cada vez mais alto. Onde ameaçava projetar-se muito longe e derramar, Kirima empurrava de volta ao lugar com uma precisão cirúrgica. A massa de água parecia uma medusanêmona, pulsando e flutuando com a corrente.

Kyoshi sentiu um impacto contra suas costelas e quase perdeu o controle sobre a água. Ela olhou para baixo para ver um rasgo no tecido de sua jaqueta e uma pequena ponta de metal interrompida nos elos da cota de malha abaixo. Uma flecha a tinha acertado de raspão.

Poucos guardas saíram do lado oposto do jardim.

— Vamos dar cobertura! — exclamou Rangi — Vamos!

— Todos que não conseguiam dominar água pularam do telhado.

— Certo, Kyoshi! — gritou Kirima — Solte o martelo!

Kyoshi relaxou e abaixou seu centro de gravidade com tanto vigor que parecia que seu esqueleto tinha superado a velocidade de seus músculos.

A pesada formação de água perfurou o interior da parede da sessão sul do complexo, preenchendo as brechas. Tinha tanta água que iria inundar todo o corredor, de parede a parede, do chão ao teto. Pequenas janelas e respiradouros que faziam bolinhas nas paredes internas lhes deram o campo de visão que eles precisavam, apesar de que, com essa quantidade de água, seria difícil não reparar a presença do elemento intuitivamente.

As localizações dos gritos lhes diziam que o plano estava funcionando. Os guardas que estavam focando no ataque dos *daofei*, concentrados nas fortificações ao sul, estavam sendo arrastados violentamente de seus postos.

Kyoshi e Kirima varreram a onda de maré da esquerda para direita, e então de perto delas até o oeste para terem uma medida precisa, antes de saltarem a pressão. Elas queriam nocautear os soldados, não afogá-los. Com um empurrão sincronizado, elas descarregaram a porção da parede oeste, deixando a água fluir no outro jardim. Pilhas de corpos grunhindo e tossindo derramados pelo fosso.

No curto momento em que Kyoshi passou checando se os homens estavam vivos, um grito de batalha a pegou de surpresa. Ela se virou para ver um soldado solitário, que entrara por uma escotilha de saída que elas tinham esquecido, correndo em sua direção com uma lança, seus pés retinindo sobre as telhas. As mãos dela foram para seus leques, mas ela se atrapalhou na hora de pegá-los.

Pouco antes de ser empalada, ela ouviu um som familiar rasgando o silêncio. O lanceiro fora atingido por um projétil de pedra no quadril e caiu do telhado com um berro. Kyoshi olhou de volta para a escuridão da noite. Em algum lugar distante, Lek estava sorrindo presunçosamente para ela.

— O que está fazendo? — vociferou Kirima — Mexa-se!

A ASCENSÃO DE KYOSHI

Para a última fase, a que Kyoshi estava realmente temendo.



Kirima e Kyoshi desceram rápido os degraus dos túneis de serviço. O objetivo deles era subterrâneo. Elas chegaram a uma bifurcação onde Lao Ge estava esperando por elas.

— Eles precisam que você exploda a tranca na porta da cela — ele disse a Kirima, apontando para o corredor que seguia a direita da bifurcação — Kyoshi e eu vamos verificar o outro lado para o caso de algum guarda estar à espreita.

Os outros explicaram a Kyoshi que “explodir uma tranca” significava disparar água na fechadura com pressão suficiente para forçar os pinos a irem para cima, desprendendo o mecanismo de tranca. Era considerado mais rápido e elegante do que tentar congelar o metal a ponto de estilhaçar. Era também muito além da habilidade de dominação de água de Kyoshi, com ou sem os leques.

Kyoshi mordeu o lábio enquanto Kirima descia o túnel à direita sem hesitar, deixando-a sozinha com Lao Ge. O velho assistia à partida da dominadora de água com um interesse provisório. Ele tomara uma posição relaxada contra a parede como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo.



Ela o seguiu através do corredor. Era mais elaborado do que os túneis embaixo da mansão de Jianzhu, aceso com cristal incandescente e pintado

em um branco límpido. Por mais que seu acessório na cabeça aumentasse sua altura, ela não tinha que se inclinar.

A tontura que ela sentia algumas vezes na presença de Lao Ge quando eles estavam sozinhos voltou com uma vingança. Cada passo seu parecia levá-la milhas adiante pelo túnel que aparentava não ter fim. Ela não sabia mais diferenciar o que ficava em cima e o que ficava em baixo.

Ela não fazia ideia o quão longe eles tinham ido quando chegaram no fim do corredor. Primeiro, Kyoshi achou que estava coberto de corpos, que a violência tinha de algum modo os ultrapassado. Mas as pessoas que estavam deitadas no chão ou que se pressionavam contra as paredes estavam vivas e tremendo. Não eram guardas. Usavam padrões decorativos de damas de companhia, ou os simples e organizados robes de mordomos. Pouco mais à frente deles, havia uma sólida porta de ferro, bloqueada por um parafuso grosso que não tinha nenhum mecanismo visível para abri-la.

Lao Ge deu um passo à frente. Todos se esconderam e cobriram seus rostos.

— Seu mestre se salvou e os deixou trancados pra fora — ele falou com um humor perverso. O corredor estreito fez com que a voz dele ecoasse em um timbre grave, ou talvez ela sempre tivesse sido assim tão profunda — Vocês foram deixados à mercê dos seus destinos.

A serviçal que estava mais próxima dele soluçou. Lao Ge tinha pintado seu rosto como um olhar malicioso de bobo da corte, só que de um modo distorcido e horrendo. E muitas pessoas consideravam Kyoshi uma torre ameaçadora nos seus melhores dias. Ela lembrou do efeito que ela causava nos servos na mansão de Jianzhu naquele dia chuvoso que ela os deixou, e eles a conheciam por anos. Para os servos de Te, que ouviram a

agonia da batalha do lado de fora, ela e Lao Ge deviam parecer com encarnações da morte.

Um cheiro acre enrugou o nariz dela. Ela olhou para baixo para encontrar um camareiro, balançando e murmurando para si mesmo com seus olhos revirados em terror.

— Yangchen me protege. Os espíritos e Yangchen me protegem. Os espíritos...

Lao Ge riu, e os serviçais gritaram.

— Saíam — ele disse — Hoje vocês viverão.

Os funcionários passaram por eles engatinhando, virando na curva que os levaria para a superfície do palácio. Kyoshi assistiu aos desafortunados homens e mulheres indo embora. Ela não disse nada que aliviaria o medo deles ou os deixaria dormir melhor naquela noite.

— A tranca — Lao Ge a lembrou.

A maior parte dela estava do outro lado da porta, assim como ele explicara anteriormente. Mas, durante a construção da porta, cometeram um erro no projeto que acabou deixando a grossa barra de metal exposta. Era só dar um jeito naquilo e eles poderiam entrar.

Ela segurou o parafuso com ambas as mãos. Ele começou a brilhar sob sua dominação de fogo. Ela o puxou para trás e para frente ritmicamente até que o metal começou a esquentar cada vez mais. Entre ela e Lao Ge, eles tinham planejado três passos necessários para que isso funcionasse. Calor suficiente para estragar o ferro temperado. Movimentos oscilantes para fadigar a estrutura, deixando-a mais fraca. E, por último, pura força bruta. Sua especialidade.

Com cada puxão consecutivo, o metal cedia um pouco mais. Uma vez, Rangi a avisara que esquentar um objeto como aquele sem se machucar precisava de muito, muito mais habilidade do que prevenir suas próprias chamas de chamuscar sua pele, o que era um ato tão instintivo para dominadores de fogo que não precisava ser ensinado. Esse truque com o ferro era contato perigoso prolongado com uma superfície quente. Kyoshi sentiu suas mãos queimarem.

— Você está quase lá — disse Lao Ge, com uma pitada de admiração — Honestamente, eu não tinha tanta certeza de que isso era possível.

O metal inclinava cada vez mais longe de seu suporte até que, pouco antes da dor se tornar demais para suportar, ele quebrou. As pontas rompidas do parafuso foram ejetadas como atizadores de chamas vermelhos e quentes. A porta pesada rangeu sobre suas dobradiças.

Kyoshi comprimiu o calor de seus dedos e abriu o cofre com o ombro. Era mais claro dentro da sala do que era no corredor. Ela piscou algumas vezes enquanto absorvia seus arredores e acostumava-se com a luz.

O interior da sala enorme não era o que ela esperava. Lao Ge tinha descrito como se fosse um abrigo emergencial como medida de sobrevivência. Ela esperava por reservas de água, comida em conserva, armas.

Tinha sido redecorado. Alguém tinha removido as necessidades para se sobreviver a um cerco e trocado-as por carpetes luxuosos, travesseiros sedosos. Uma das paredes tinha prateleiras repletas de jarras de vinho, não água. Qualquer tolo que se trancasse ali dentro morreria dentro de poucos dias.

A ASCENSÃO DE KYOSHI

Tinha uma figura solitária em pé escorada na parede mais longe. Um garoto em suas roupas de dormir. Kyoshi deduziu que o filho de Te havia transformado aquele quarto, feito para guerra em um clube.

— Onde está seu pai? — ela perguntou, as palavras saindo como um rosnado hostil — Onde está o Governador Te?

O garoto encarou-a com desafio estampado em seu rosto redondo e suave.

— Eu sou Te Sihung — ele disse — Eu sou o Governador.

Kyoshi olhou para Lao Ge. Ele sorriu para ela, como se já soubesse disso. *Isso* era um teste. Se ela era sangue-frio o suficiente para ajudá-lo a matar um garoto que não parecia ser velho suficiente para se barbear. Ela xingou o velho, xingou a juventude estúpida na frente dela, xingou a corrupção e incompetência de sua nação que permitia tal erro de autoridade acontecer.

— Quantos anos você tem? — ela perguntou a Te.

— Eu não devo uma resposta a um *daofei* — ele respondeu com desdém.

Ela avançou rapidamente, pegou o garoto pela nuca e jogou-o para fora do abrigo. Ele quicou no chão e derrapou pelo corredor. Kyoshi andou ao redor da cabeça dele e empurrou a mandíbula dele com a bota.

— Quantos anos você tem? — ela perguntou novamente.

— Quinze... quase — ele resmungou. Sua atitude mudara drasticamente enquanto ele estava voando, e seu doloroso pouso selou o acordo — Por favor não me mate!

— Ele tem a idade de Lek — Lao Ge disse a Kyoshi — Velho o suficiente para distinguir certo e errado. Velho suficiente para fugir de suas responsabilidades, gerir mal, roubar. Você viu o estado de Zigan. Eu ainda garanto que você salvará muitas vidas tirando a dele — Ele notou Te tentando fugir rastejando e colocou seu pé no tornozelo do menino, não aplicou força suficiente para quebrá-lo, mas era o suficiente para deixar claro que ele podia.

Te desistiu de se mover.

— Por favor — ele choramingou — Meu pai era governador antes de mim. Eu só agi de acordo com o que ele me ensinou. Por favor!

Era isso que todos nesse mundo faziam. O que viam seus predecessores e professores fazendo. O Avatar não era a única criatura que fazia parte de uma corrente inquebrável.

— *Você* não é muito mais velha que ele — ela ouviu Lao Ge dizendo — Você é imune a consequências?

Não. Ela não era. Ela pegou Te pelas lapelas de sua roupa. Ele desabou em lágrimas incoerentemente, a água escorrendo por seu rosto.

— Desculpa — ela disse — Mas isso é algo que eu tinha já tinha decidido, muito tempo antes de botar meus olhos em você.

Kyoshi impulsionou um de seus braços para trás e lançou Lao Ge para o fim do túnel com uma bola de vento.



Lao Ge poderia ter previsto o golpe se soubesse o que havia acontecido algumas noites atrás.

Foi na véspera do dia em que Kyoshi havia marcado de começar o treinamento com Kirima, para ver se conseguiam, juntas, levantar uma quantidade de água digna de um lago

Ela e Rangi estavam sozinhas em uma pequena clareira debaixo de uma solitária árvore de montanha nodosa que salpicava suas folhas secas sobre o chão. Andavam em círculos, seus braços estendidos, quase se tocando no centro. Não tinha como elas estarem fazendo aquilo do jeito certo.

— Rangi, eu não consigo dominar o ar. Você não é uma instrutora de dominação de ar.

— Eu não estou tentando te ensinar dominação de ar — Rangi disse — Eu só quero que você crie vento, ao menos uma vez, antes que você mergulhe de cabeça em dominação de água. Não precisa ser perfeito. — Ela girou e trocou a posição de suas mãos — Eu acho que você tem que... Espiralar? Sentir sua energia espiralar?

Kyoshi teve que girar estranhamente para ir para o lado antes que Rangi colidisse com ela.

— Como é que você está bem com a ideia de aprender uma dominação de ar amadora e autodidata?

— Eu não estou. Eu só... Eu só tenho esse medo irracional de que, se você se tornar muito boa em dominação de água antes de dominar o ar ao menos uma vez, você irá danificar o ciclo elemental. No outro dia, quando você usou seus leques para dominar água, primeiro eu estava extasiada, depois eu entrei em pânico. Comecei a ter pesadelos em que você bloquearia permanentemente sua dominação de fogo e a de ar. Tinha medo de que você se tornasse um Avatar quebrado.

Rangi desabou no chão e pôs sua cabeça em suas mãos.

— Eu sei que não faz sentido — ela disse — Nada mais faz sentido. Estamos fazendo isso tudo errado. Para cima é para baixo, esquerda é direita.

Kyoshi ajoelhou-se e colocou seus braços ao redor de Rangi, por trás.

— Mas o centro não muda.

Rangi soltou um risinho.

— Sabia que eu também sinto falta dele? — ela murmurou — O Mestre Kelsang. Ele era tão gentil e divertido. Algumas vezes eu me encontro sentindo falta dele, e me sinto culpada por não estar pensando sobre o meu pai no lugar. Eu queria que os dois estivessem aqui. Eu queria que todos que perdemos pudessem estar aqui conosco, uma última vez.

Kyoshi apertou seu abraço. Ela imaginou a energia de Rangi se entrelaçando com a sua própria, formando uma linha mais forte feita de dois fios.

Sentiu cócegas contra sua sobrançelha. Ela e Rangi olharam para ver um redemoinho de folhas dançantes, girando ao redor delas. Kelsang costumava fazê-la rir no jardim daquele jeito, fazendo o ar circular, deixando-a tocar as correntes e sentir o vento correr por entre seus dedos.

Kyoshi deixou a brisa brincar contra sua pele antes de dar um empurrão gentil com sua mão. O vento girou mais rápido com seu pedido. Ela podia sentir Kelsang sorrindo carinhosamente para ela, um último presente de amor.

— Eles sempre estarão conosco — ela disse para Rangi — Sempre.



Se soubesse que ela conseguia dominar o ar, Lao Ge não teria sido arremessado. Ele pousou no cofre, que por acaso estava cheio de almofadas. O que significava que Kyoshi tinha uma vantagem menor do que ela esperava. Ela jogou Te sobre seu ombro e correu ao longo do corredor.

— Garota! — ela ouviu Lao Ge berrar atrás dela, ecoando pelo túnel. Ela tinha o sentimento distinto de que ele poderia alcançá-la a qualquer momento, sem importar o quão longe ela estava indo.

O medo lhe deu mais velocidade. Ela tomou as escadas, cinco degraus de cada vez, até que alcançou a superfície.

Te engasgou por causa do aperto que ela fazia contra o quadril dele.

— O que está...

— Calado — ela o interrompeu. Eles estavam cercados pelas paredes do pátio. Os estábulos estavam no lado oposto do complexo. Um assassino imortal estava, com certeza, a poucos passos atrás deles.

Kyoshi correu até a parede mais distante. Então ela correu mais alto. E mais alto. A terra tremulava nas solas de seus pés, impulsionando-a para cima. Ela continuou a levantar poeira até pousar no topo do telhado.

Ela se deixou dar uma olhada para trás. Lao Ge estava nas escadas, escolhendo não segui-la pelo ar, momentaneamente.

— Ora! — ele bradou — Você está cheia de mentiras, não está? E pensar que você estava fingindo tantas tentativas falhas fazendo esse movimento.

— Nem todas foram fingimento! — Ela gritou enquanto fugia.



Kyoshi correu através do palácio, telhas quebrando sob seus pés. Ela foi para o norte até achar os estábulos adjacentes à parede. Pulando para o chão com Te ainda em suas mãos, ela achou um cavalo-avestruz adormecido e o acordou.

Lao Ge ainda estava brincando com ela, ou talvez ele não conseguisse levantar poeira. Ela nunca o tinha visto fazer isso. De qualquer maneira, eles não tinham muito tempo. Ela largou o menino na montaria que tinha roubado.

— Obrigado — disse Te, oscilando pela falta de uma cela — Eu te darei o que que quiser. Dinheiro, gabinetes...

Kyoshi golpeou-o fortemente na boca com as costas da mão.

— Você devia ter morrido esta noite — ela sibilou — Eu te darei uma chance de se purificar e se redimir como governador dessas terras. Você irá abrir as portas de seus armazéns e se certificará que seu povo será alimentado. Você devolverá o que roubou, mesmo que signifique vender as posses de sua família. Se não fizer isso até que eu retorne, eu farei com que você deseje ter sido capturado por aqueles *daofei* lá fora.

Ela deixara um prazo indefinido, não fazendo ideia de quando estaria livre para cumprir a ameaça. Mas ela sabia que iria, se dada a chance. Estava fazendo com que Te entendesse que haveriam consequências. “*Jianzhu* estaria orgulhoso”, ela pensou sombriamente.

O rosto ensanguentado de Te se incomodou com confusão.

— Você... Você dominou a terra e dominou o ar. Eu vi. Como isso é possível? A não ser que... não pode ser. Você é o Avatar?

Ela viu as imagens confusas na cabeça dele. Ele devia ter conhecido Yun, talvez até encontrado ele em pessoa. Revelar sua identidade sempre

tinha sido um risco nessa missão. Mas Te era uma ponta solta, uma que corria nos mesmos círculos que Jianzhu.

Kyoshi mordeu o lábio. Ela escolhera desde o início salvar a vida miserável do garoto em vez de manter o segredo do qual sua própria segurança dependia. Não fazia nenhum sentido em se arrepender agora.

— Mais motivo ainda pra você fazer o que eu mandei. — Ela bateu no flanco do cavalo-avestruz, mandando-o rápida e descontroladamente em direção ao fosso. Te gritou enquanto ela dominava uma ponte no último minuto. Ele cavalgou para a escuridão, agarrando-se no pescoço de sua montaria por sua vida.

Assim que ele tinha desaparecido, Kyoshi abaixou a ponte novamente. Ela não queria que os homens de Mok se infiltrassem no recinto por trás enquanto muitas pessoas indefesas ainda estavam lá dentro. Ela levantou poeira sobre a distância e levou seu tempo andando ainda mais ao norte, para o ponto de encontro onde os outros estariam esperando.

Em algum ponto durante a escalada, Lao Ge caiu ao lado dela.

— Você não é uma boa aprendiz — ele disse sem emoção.

Várias respostas vieram à cabeça dela. Te era jovem demais e ainda tinha tempo para se redimir. Toda a existência era falha e aquilo não tinha relação alguma com o desejo dela de acabar com Jianzhu.

— Faz um bom tempo que eu não falho em apagar meu alvo — Lao Ge continuou — Meu orgulho está destruído.

Kyoshi estremeceu. Ela nunca vira Lao Ge realmente com raiva, e aquilo era uma aposta em que tipo de pessoa iria emergir quando as coisas não fossem do jeito que ele queria.

— Te, agora, é responsabilidade sua — ele disse — De agora em diante, os crimes dele serão seus. Mais do que tudo, estou chateado que você se deteriorou tanto. É como se não tivesse prestado atenção nas minhas aulas.

Ela supôs que ser tratada como uma criança desobediente que adotou um animal de rua seria o melhor resultado que ela podia esperar.

— Sinto muito, Sifu. — disse Kyoshi — Estou disposta a aceitar as consequências das minhas ações.

— É fácil falar isso agora. — O lábio superior de Lao Ge curvou-se com desdém — Piedade tem um preço maior do que a maioria das pessoas pensa.

Ela se manteve silenciosa. Não havia necessidade de provocar mais um homem que poderia fazer o ciclo do Avatar começar de novo na Nação do Fogo naquele exato momento sem nem perder o ritmo de seu andar. Quaisquer esperanças que ela tinha de que poupar Te fosse a resposta certa desde o início, ou que Lao Ge, através da experiência com a idade, interpretaria a traição dela como uma grande piada nos esquemas da vida, foram sufocadas pelo aborrecimento dele, comprimido e tangível, para com ela. Não havia nenhum tipo de entendimento mais profundo ali.

O impasse entre ele continuou até que eles alcançassem os outros. A Companhia da Ópera Voadora obteve sucesso. Wong e Kirima seguravam um homem amarrado entre eles, vestido com uma simples túnica esfarrapada. Ele tinha um saco de pano amarrado sobre sua cabeça.

— Conseguimos! — Rangi comemorou. Ela correu em direção à dupla que acabara de chegar e abraçou Kyoshi — Não consigo acreditar que conseguimos! Você dominou como um... — Ela se impediu de falar

“Avatar” na presença de um desconhecido — Como um dos antigos mestres!

— Vamos fazer nossa entrega — disse Wong. Ele pegou o prisioneiro e jogou-o sobre os ombros, do mesmo jeito que Kyoshi fizera com Te — Desculpe o tratamento rudimentar, irmão. Não demorará muito até que você possa respirar o ar da liberdade.

— Não tem nenhum problema — o homem encapuzado respondeu educadamente.



Os *daofei* quase os encheram de flechadas enquanto eles se aproximavam da facção sul do castelo.

— Estamos com seu homem! — berrou Kirima. Wong despejou o prisioneiro em seus pés. Com o saco cobrindo o rosto, ele não conseguia ver como seus salvadores amontoados atrás dele o estavam usando como escudo humano.

Mok caminhou até eles, chocado.

— O que acham que estão fazendo?! Não discutimos aquele plano!

Kirima levantou as mãos.

— Nós o tiramos da prisão — ela disse, lembrando-o que tecnicamente a missão fora cumprida — A trincheira foi uma improvisação necessária de último minuto.

Aquilo não era verdade. Descobrir como manter os *daofei* fora do palácio foi o principal desafio que Kyoshi tinha feito a Rangi e Kirima. Ver a dominadora de água mentir por ela fez Kyoshi se sentir ainda pior sobre

esconder dos outros a missão extra com Lao Ge e Te. Ela havia posto seus amigos em um risco excessivo.

— Eu devia esfolar suas peles e colocá-las embaixo de minha cela! — berrou Mok. Wai estava atrás dele, mas Kyoshi notou que ele não estava tão preparado para sacar sua espada dessa vez. O homem encarou-a desconfiadamente, esfregando sua mão enfaixada.

— Mok, é você? — o prisioneiro perguntou, inclinando a orelha em direção ao barulho — Se sim, pare de dar sermão nos meus salvadores e tire esse saco da minha cabeça.

Wong desamarrou o capuz dele enquanto Kirima cortava as cordas de seus pulsos com uma pequena lâmina de água. Rangi recomendara as amarras como uma precaução, já que eles não queriam um prisioneiro confuso resistindo a seus salvadores. A máscara de pano caiu da cabeça dele para revelar um rosto belo e pálido embaixo de um cabelo escuro desgrenhado.

— Irmãozão! — exclamou Mok, emocionado. Os maneirismos do líder *daofei* de repente tomaram uma qualidade reverente e submissa — Mal posso acreditar que é você. Depois de tanto tempo!

— Vem cá — o prisioneiro disse, abrindo seus braços. Os dois homens se abraçaram e deram um tapinha nas costas do outro — Oito anos — o recém-liberto disse — Oito anos.

— Eu sei, irmão — Mok soluçou.

— Oito anos — o homem repetiu, apertando mais — Oito anos! Você *levou oito anos imundos para me resgatar?*

Mok arfou, incapaz de respirar.

— Me perdoe, irmão! — ele se engasgou com o pouco ar que lhe restava — Fizemos o nosso melhor!

— O seu melhor? — seu irmão mais velho berrou na orelha de Mok — Seu melhor durou quase uma década! O que seria seu segundo melhor? Esperar que minha prisão desmoronasse com a ferrugem?

A julgar pelos guinchos de dor que Mok soltava, a prisão não tinha deixado o homem fisicamente fraco. Ele jogou Mok para o lado e analisou os *daofei*. Wai não tinha feito nenhum movimento. Os seguidores de Kang Shen que sobreviveram ajoelharam-se perante o homem e abaixaram suas cabeças, enquanto a formação e fileiras estavam em atenção. Os olhos de Kyoshi perceberam as flores de pêssego-da-lua, ainda colocados com cuidado nas blusas dos homens. Agora que era óbvio que eles não haviam libertado um fora-da-lei comum da custódia de Te, havia algo pior, um aviso sombrio na imaginação dela.

— Tios — Kyoshi pronunciou-se de repente — Se a dívida da Ópera Voadora foi paga, devemos seguir em nossa jornada.

Os instintos dela gritavam que eles tinham que sair daquele lugar. Imediatamente.

— Pagas? — o homem que eles salvaram exclamou. Ele sorriu brilhantemente, não com um sorriso falso que nem os de Mok, mas com afeto genuíno em seu coração — Meus amigos, vocês fizeram mais do que pagar uma dívida. Vocês tornaram um novo futuro possível. Vocês terão, eternamente, a amizade e irmandade jurada de Xu Ping An. Vocês têm que ficar e celebrar conosco!

Alarmes soaram na cabeça de Kyoshi, o indício crescente de reconhecimento que estava quase longe de sua vista. Xu Ping An. O líder dos Caipiras Amarelos em pessoa.

Antes que ela e os outros pudessem recusar, ele se virou para suas tropas. Os homens de Mok tornaram-se dele, e não houve protestos.

— Irmãos! — a voz agradável do homem ecoou pelo campo — Vocês mantiveram a fé por diversos anos. Vocês são verdadeiramente Seguidores do Código! Eu morreria alegremente nesse mesmo instante sabendo que ainda há honra e lealdade nesse mundo!

Os *daofei* reunidos rugiram balançando suas armas. O sol começou raiar dramaticamente atrás de Xu, como se ele fosse favorecido pelos espíritos.

— Mas eu acho que já sofremos baixas suficientes, e vocês? — disse Xu — Cinco mil. Cinco mil compatriotas exterminados como vermes. Eu não os esqueci, não durante os oito anos que passei apodrecendo na prisão de um homem da lei. Eu não os esqueci! E vocês?

Com os gritos em frenesi dos *daofei*, Xu levantou seus braços para a luz da manhã.

— Eu digo que um preço deve ser pago! Um débito é devido! E a cobrança começa *hoje!*

A cabeça de Kyoshi nadava. Eles tinham sido enganados. Distráídos por pequenas questões enquanto o real perigo que ameaçava o reino emergia ao alcance deles. Ela era tão estúpida.

— Agora! — Xu disse com uma casualidade teatral — Onde estão minhas cores? Eu me senti terrivelmente exposto sem elas.

Mok apressou-se e entregou-lhe uma peça de tecido. Em uníssono, os *daofei* pegaram dentro de seus bolsos e mochilas, ou levantaram suas blusas para revelar panos compridos. Eles soltaram as amarras de quaisquer

A ASCENSÃO DE KYOSHI

lugares em que estas estavam escondidas e amarraram-nos em volta de seus pescoços.

O sol nasceu por completo, deixando Kyoshi ver as cores que adornavam os corpos de todos os criminosos presentes. A flor de pêssegoda-lua tinha sido um truque, uma história de fachada para passarem despercebidos. A Flor de Outono era um nome temporário para uma velha organização. Um mastodonte se erguera das profundezas da terra para alimentar-se mais uma vez.

— Bem melhor — Xu disse enquanto dava palmadinhas no cachecol amarelo brilhante amarrado em volta de seu pescoço — Eu estava ficando com um pouquinho de frio aqui.



O DESAFIO



- **TEMOS QUE FAZER ALGUMA COISA!** — exclamou Rangi — Isso é culpa nossa!

— Pode até ser culpa nossa, mas definitivamente não é problema nosso murmurou Kirima, enquanto empacotava agressivamente sua parte do acampamento — Não é problema nosso — ela repetiu como um mantra que os mantinha a salvo.

— Eu não entendo — disse Lek — Quem é esse Xu Ping An? Quem são os Caipiras Amarelos? Achei que estivéssemos lidando com a Flor de Outono.

— Os Caipiras Amarelos são pessoas com as quais não queremos ter nenhuma relação — respondeu Wong. Ele enrolou os sacos de dormir com movimentos precisos e nervosos — Eles não estão nessa vida por dinheiro ou liberdade. Eles se divertem com saques e destruição. São como assassinos irresponsáveis. E o Xu Ping An é o cérebro, o coração e a alma deles.

— Ele já era um sanguinário *antes* de ter passado os últimos oito anos trancado e sonhando com vingança — disse Kirima — Nós ouvimos as histórias. Ele costumava chamar a si mesmo de General de Pandimu e alegava que os habitantes deviam a vida a ele pela proteção que ele oferecia.

Lek coçou a cabeça.

— Onde fica Pandimu? — ele perguntou.

— Em lugar nenhum! — respondeu Kirima — É o nome que ele inventou para o mundo. Meu ponto é que ele é fora de si.

Mais cedo, quando eles haviam murmurado razões pelas quais não poderiam se juntar aos Caipiras Amarelos, Xu tinha parecido extrovertido, sem as implicações de Mok ou os surtos de violência de Wai. Ele lhes tinha assegurado que, por mais que quisesse realizar um banquete em sua homenagem — uma pequena apreciação, qualquer coisa, sério —, eles eram livres para ir e suas dívidas com a Flor de Outono e os Caipiras Amarelos estavam pagas.

Kyoshi sabia que aquele vislumbre de civilidade não significava nada. Homens como Xu simplesmente esperavam pelo momento certo para abrir mão daquilo e mostrar a besta por trás das cortinas.

— Eu não sei como ele está vivo — comentou Rangi. Ela andava em círculos em volta dos restos da fogueira do acampamento — Eu li cópias

dos relatos enviados para o Rei da Terra pelo próprio Jianzhu. Xu estava listado como morto na Batalha da Passagem Zhulu. Isso não faz sentido!

Kirima manteve seus argumentos direcionados a Kyoshi.

— Olha, eles têm o quê? Algumas centenas de homens agora, no máximo? Menos, já que os Kang Shen decidiram jantar pedras? Eles não são o exército que costumavam ser. Podemos simplesmente esperar os governos levantarem uma milícia para lidar com eles. Aposto que o Te vai ser quem vai cavalgar para encontrá-los.

O Governador Te estava atualmente cavalgando uma tropa de um homem só vestindo nada além de pijamas. Não estava claro se Kirima e os outros sabiam o quão novo ele era. Mas ele poderia ter cem anos e ainda não saberia lidar com um homem que havia dado trabalho a Jianzhu.

— Parece perfeito pra mim — disse Lek. Seu rosto estava irreconhecivelmente sombrio — Quanto mais homens de lei mortos, melhor. — Ele deixou o acampamento para preparar Pengpeng para a viagem, satisfeito com sua contribuição ao debate.

— A princípio, Xu começou com menos homens do que tem agora — disse Rangi — Se mais Caipiras Amarelos saírem dos esconderijos e se juntarem à bandeira dele, vamos estar de volta aos dias sombrios depois da morte de Kuruk.

— *Nós* não vamos voltar pra lugar nenhum! — gritou Kirima — Xu é problema dos aplicadores da lei! Até onde *nos* diz respeito, ele é um trabalho terminado! Você não volta pra um trabalho que já terminou!

— Anos atrás, eu passei por uma cidade que foi pega no meio de um levante dos Caipiras Amarelos — disse Lao Ge, lembrando-se calmamente como se tivesse sido uma viagem de férias que ele tivesse feito

— Eu vi o que aconteceu com os habitantes. Eles tinham sido... — Ele comprimiu os lábios, tentando decidir que palavra usar — Empilhados. — Ele fez um movimento de empilhamento com as mãos, alternando entre uma e outra.

Kirima ainda não estava convencida.

— Nós corremos pra longe do perigo, — ela disse — não em direção a ele. Deu certo na Baía Camaleão, nos ajudou a sobreviver em Hujiang e vai valer a pena aqui.

— O que você acha que deveríamos fazer, Kyoshi? — perguntou Lao Ge — Considerando seu novo gosto por tomar decisões de vida ou morte.

Sua pergunta estava encharcada de petulância. Mas o resto da gangue não sabia sobre seu assassinato interrompido. Eles ainda estavam pensando sobre o comando dela de preservar a vida dos funcionários da mansão de Te durante a invasão. Ninguém tinha se colocado contra ela naquela hora.

Não parecia que eles iriam se colocar agora também. O grupo ficou em silêncio e esperou pela resposta de Kyoshi, dando a ela a chance de avaliar a situação.

Sua cabeça girava. Uma lua atrás, ela tinha sido o ponto fraco, não a tomadora de decisões. Os outros estavam apostando muito no fato de ela ser o Avatar. Confundindo versatilidade de dominação com liderança. Ela tinha se tornado mais habilidosa nos dias que se passaram desde Hujian, mas não mais sábia.

Kyoshi se deixou levar pela filosofia que ela conhecia bem como dominadora de terra. *Jing* neutro.

MUNDO AVATAR

— Esperamos pra ver o que acontece — ela disse — Mas podemos esperar de um ponto mais alto. Carreguem a Pengpeng.

Rangi e Kirima, as duas vozes opostas em sua cabeça, uniram-se num olhar preocupado entre elas.



Eles alçaram voo, uma marca física da indecisão de Kyoshi estampada no azul e branco do céu. Pengpeng flutuava dentro de uma nuvem que Kirima havia colocado em volta deles. A dominadora de água estava em pé na sela, movendo seus braços para impedir que os tufos de vapor se dissipassem, revelando a localização deles.

Lek os levou lentamente para cima dos Caipiras Amarelos para que eles pudessem monitorar os movimentos do esquadrão de Xu. Kyoshi sabia muito bem que eles ocupavam o ponto exatamente entre ficar e fugir, talvez estragando suas chances em qualquer um dos casos. Ela sacudiu a dúvida para fora de sua mente e espiou o local abaixo.

A coluna de homens se afastava lentamente do palácio de Te como formigas marchando. Eles formavam uma massa sólida, com Xu com certeza na frente, como um soldado correndo ocasionalmente à frente e retornando com alguma informação.

— Espero que eles encontrem um posto militar — disse Lek, ainda se segurando em algum tipo de ódio pela lei — Aí poderíamos ver alguma diplomacia daqui.

— Eles pararam em um campo de arroz — observou Rangi — Talvez eles estejam tentando colher? A segunda colheita não estaria pronta ainda.

O conhecimento de agricultura de Yokoya havia ficado marcado nela.

Kyoshi assistiu conforme as plantações provocavam algum tipo de resposta nos *daofei*. Anos atrás, quando ela ainda estava vivendo sem um teto sobre sua cabeça, ela às vezes assistia a seus amigos insetos cavarem a terra em busca de comida. Os movimentos dos insetos sempre começavam devagar, indistinguíveis do acaso, cheios de passos hesitantes para trás, até que, num estalar de dedos, eles se transformavam num enxame focado. O exército esperou próximo aos grãos verdes em crescimento como se o coletivo tivesse encontrado um objeto de interesse.

Linhas escuras começaram a se formar pelo campo. Ela teve dificuldade para entender o que eram, até perceber que eram os soldados de Xu se infiltrando pelos longos suportes de arroz, partindo e arrancando as plantas. Seus olhos se moveram para o canto oposto do campo, onde havia uma pequena casa e um celeiro. Fumaça da água matinal esquentando subia gentilmente pela chaminé.

Kyoshi tinha estado tão preocupada com os funcionários do palácio de Te que havia esquecido das pessoas do lado de fora do fosso. Estados grandes geralmente tinham tenentes fazendeiros cuidando de duas terras privadas. Naquela pequena casa havia uma família. Um alvo para a raiva acumulada por oito anos de Xu.

Tentar separar as coisas com *jing* neutro tinha sido a decisão errada.

— Eu cometi um erro — disse Kyoshi — Temos que descer ali agora!

Kirima fez um barulho engasgado e indignado.

— E o que exatamente nós vamos fazer? — ela perguntou.

As linhas já tinham quase terminado de cruzar o campo de arroz.

— Eu não sei! — respondeu Kyoshi — Mas eu não posso mais ficar aqui e assistir! Me deixem lá e voem embora se precisarem!

Um grito veio de dentro da casa. Os ocupantes haviam visto os *daofei* se aproximando. A memória de espadachins usando amarelo em volta de seus pescoços provavelmente ainda assombrava aquela região do Reino da Terra.

Kirima xingou e bateu o punho contra o forro da sela.

— Não. Se você for, nós vamos. — ela abriu seu cantil e colocou o vapor da nuvem lá dentro, condensando-o em munição.

— Assim que chegarmos ao solo, seguiremos você. — disse Wong a Kyoshi.

Lek resmungou, mas fez Pengpeng dar a volta, descendo tão rápido quanto era seguro. Os outros seguraram os lados da sela e se agarraram por suas vidas.

— *Obrigada!* — Rangi disse a Kirima, o vento cobrindo suas palavras, forçando-a a gritar. Foi o mais legal que ela havia sido com a dominadora de água até então — *Vocês são verdadeiros companheiros do Avatar!*

— *De que adianta se estivermos mortos?* — Kirima gritou de volta. Apesar de suas bochechas terem ficado um pouco vermelhas.



“*Por favor, que nós não cheguemos tarde demais*”, Kyoshi rezou enquanto eles mergulhavam na direção do celeiro. Ela tinha escolhido aquela instalação em vez da casa, lembrando-se da instalação em Huiiang.

Aquela pequena cabana não acomodaria uma audiência grande o suficiente para os gostos mesquinhos de Xu e Mok.

O contingente de *daofei* do lado de fora se assustou, mas logo relaxou conforme eles se aproximaram. A tinta ainda craquelando em seus rostos tornava a Companhia da Ópera Voadora facilmente reconhecível. Os fantasmas vermelho e branco eram convidados honrosos de seu chefe. Kyoshi entrou mais a fundo. Ela ainda podia ver por cima das cabeças da multidão um vazio onde Xu provavelmente estava e cavou seu caminho até encontrá-lo.

O líder dos Caipiras Amarelos estava sentado num banco, lendo um livro calmamente. Ele deve ter sentido falta de literatura na prisão e roubado aquilo da casa. Na parede atrás dele, Mok e Wai montavam guarda sobre uma mulher e seu filho, que não deveria ter mais que sete ou oito anos, escondendo-se e choramingando entre eles, vestidos em roupas simples de fazendeiros.

Eles haviam apanhado, seus rostos estavam machucados e ensanguentados. A raiva dela por Xu ter colocado suas mãos numa criança empalideceu frente ao que ele havia feito ao pai do garoto.

Os *daofei* haviam amarrado o fazendeiro e o pendurado pelos pulsos sobre as vigas com uma longa corda, vários homens segurando a outra ponta dela para que pudessem levantá-lo e abaixá-lo ao comando de Xu. Embaixo dele, eles haviam montado uma fogueira e um caldeirão de água fervente. Era grande o suficiente para que, caso eles o soltassem, o fazendeiro ficasse completamente submerso. Os dedos do pé do homem roçavam sobre a água enquanto ele gritava.

Xu não levantou os olhos de seu livro.

— Você derramou meu chá. — ele disse antes de lamber o dedo e virar a página.

Ela tinha chegado à conclusão de que a indiferença de Mok era uma imitação barata da de seu irmão mais velho. Xu provavelmente a havia aprendido com outra pessoa. Como Te, eles estavam sempre copiando seus antecessores, em um ciclo que se repetia de novo e de novo. Kyoshi tirou força do fato de que suas próprias conexões datavam de gerações atrás, entre os mais corretos da história.

— Xu! — ela gritou — Chega! Deixe-os ir!

Ela ouviu um movimento atrás de si e um calor familiar. Rangi e a Companhia da Ópera Voadora estavam ao seu lado.

Xu fechou seu livro com força e encarou Kyoshi. Ele havia penteado seus longos cabelos e cortado a barba o melhor que pôde.

— Primeiro de tudo, é “Tio Xu” pra você — ele disse — E, segundo, esse homem é um homem de lei. Ele trabalhava para o homem me prendeu. Ele cultivou suas plantações e recebeu suas moedas, o que o torna mais um peso que eu preciso balancear. Se você não consegue aguentar isso, não vai gostar do que eu vou fazer com a cidade de Zigan.

Kyoshi apertou mais os punhos. Já que eles estavam desempenhando papéis, então ela iria imitar o mais forte, o mais corajoso, o melhor.

— Você não terá Zigan — ela grunhiu — Você não terá nenhuma cidade do Reino da Terra, nem essa fazenda, diga-se de passagem. Você terá o ar grátis que cabe nos seus pulmões e nada mais.

Ela ouviu seus amigos ficarem tensos perto dela. Xu preventivamente dispensou os *daofei* que estavam prontos para cortá-la em pedaços.

— Kyoshi, certo? — ele disse — Kyoshi, eu sou eternamente grato a você e seus companheiros por me resgatarem. Mas você é jovem e é por isso que não entende. Oito anos da minha vida foram roubados de mim. Milhares dos meus seguidores. Na sua pouca idade, o que você saberia sobre injustiça?

“Eles são todos iguais”, pensou Kyoshi. “Cada um deles. Sejam vestidos em negócios ou irmandades ou em um chamado que só eles podem ver, não importa. Eles são iguaiszinho”.

— Um homem mais fraco poderia desistir diante de um contratempo tão grande — continuou Xu — Mas eu não. Eu me importo com o trabalho, não com o prêmio. Eu terei o que é meu por direito.

“Eles olham para si mesmos como forças da natureza, como fins inevitáveis, mas não são. A profundidade deles é tão falsa quanto cardumes na maré baixa. Eles manipulam o significado de justiça para absolver sua consciência”.

Xu sorriu benevolmente e tentou reencontrar o trecho do livro em que havia parado.

— O mundo está quase esquecendo meu nome. O que significa que eu não deixei cicatrizes profundas o suficiente da última vez. Eu farei melhor com a segunda chance que você me deu, Kyoshi.

Ele gesticulou na direção de Wai, que ainda fiscalizava a mãe e o filho. Wai empurrou a mulher, que caiu de joelhos, e puxou a cabeça dela para trás pelos cabelos, expondo sua garganta.

“Eles são humanos, como nós, feitos de pele, vísceras e dor. Eles precisam ser lembrados disso”.

— EU MANDEI PARAR! — gritou Kyoshi. Havia um eco em sua voz que atravessou o ar. Wai hesitou, lembrando-se da última vez que havia sacado sua faca na presença dela. Kyoshi apontou para Xu — Xu Ping An! Eu te desafio para um *lei tai* imediatamente!

Era a única ideia que poderia impedir tanto ele quanto seu exército de explodir num frenesi de violência. Talvez Xu não pensasse muito de Kyoshi, mas ele tinha respeito pelo desafio. O Código que lhe dava poder aos olhos de seus seguidores o obrigava a isso.

Houve um silêncio na multidão enquanto as palavras dela eram absorvidas, mas Xu respondeu como se fosse o pedido mais normal do mundo.

— Desafios servem para resolver desentendimentos — ele colocou a ponta de seu indicador na língua novamente — Que insulto eu fiz a você?

— Sua existência. — Kyoshi rebateu.

Ela não sabia que era possível para um grupo de assassinos enrijecidos arfar ao mesmo tempo. Agora Xu estava lhe dando atenção. Ele guardou o livro e se levantou. Seus homens se separaram para formar um corredor entre ele e a porta do celeiro. Só Kyoshi e a Companhia da Ópera Voadora ficaram no meio, barrando a passagem.

— Com ou sem dominação? — perguntou Xu, totalmente tranquilo.

— Com dominação — respondeu Kyoshi. Era a única forma que ela teria uma chance. Ela se lembrou dos leques em seu cinto — Armas.

Tudo que quiser — ela sentiu o calor e o borbulhar das emoções de Rangi ao seu lado mas não ouviu nenhum protesto.

— Muito bem, então. — A ideia do combate afetava Xu tanto quanto uma mosca pousando em seu olho. Talvez ele já tivesse medido as habilidades dela e determinado o tamanho da ameaça que ela representava — Vamos acabar com isso logo.



Era um arranjo desigual. Seis de um lado do campo de arroz, centenas do outro. No meio, Caipiras Amarelos haviam usado pás do celeiro para montar uma plataforma elevada. Num *lei tai* com dominação de terra, a plataforma tinha que ser feita do elemento, não de madeira como em Hujiang.

Kyoshi tinha se recusado a ajudar na construção com esperança de que a demora daria tempo para que uma milícia governamental, um exército do Reino da Terra ou qualquer ajuda que fosse aparecesse. Naquele ponto, ela teria aceitado Te e alguns servos irritados com vassouras.

— Esse era o seu plano? — perguntou Kirima, enquanto elas observavam a terra sendo jogada no ar.

— Não foi mais um plano do que algo que poderia ter acontecido e aconteceu — respondeu Kyoshi — Percebi que nenhum de vocês tentou me parar.

— Não tinha muito mais que você pudesse fazer — disse Wong — Especialmente se você quiser impedi-lo de destruir Zigan completamente. É logo ali, e o posto militar do Reino da Terra fica a cinco dias de distância.

Kyoshi se colocou atrás de Rangi e a abraçou, aproveitando o calor dela. Nenhum dos outros comentou sobre a proximidade das duas.

— Desculpa por continuar fazendo isso com você. — Kyoshi sussurrou no ouvido da dominadora de fogo.

Rangi apoiou o corpo no dela.

— Hoje você passa. Como Avatar, você teria que enfrentar horrores como Xu regularmente. Essa talvez seja a primeira vez que você cumpre seu dever desde que saímos de Yokoya.

Era prazeroso acertar uma decisão, por mais que fosse incerto quanto tempo ela ainda viveria para aproveitar a sensação.

— Kyoshi, posso falar com você um segundo? — perguntou Lao Ge — A sós?

Os outros franziram o cenho, levemente confusos. Até onde sabiam, não tinha nenhuma relação particular entre Kyoshi e o velho que demandava uma conversa antes de sua morte iminente. Era mais provável que Lao Ge lhe desse algumas doses de vinho para coragem do que um discurso.

Kyoshi o seguiu para trás de uma cortina de caules de arroz.

— O que você pensa que está fazendo? — ele exclamou assim que os dois ficaram sozinhos. Ele nunca tinha assumido aquele tom com ela, mesmo depois que ela salvou a vida de Te.

— Você acha que é errado lutar contra o Xu? — ela perguntou. Se Lao Ge iria argumentar que os Caipiras Amarelos eram bons para a saúde do Reino da Terra, então ele realmente era tão caduco quanto sua personalidade ensaiada.

— Não, sua tola! O que eu quero dizer é que se você queria o Xu morto, você deveria tê-lo abatido sem aviso! Surpreendido ele! *Esse* é o estilo do predador! — Ele parecia realmente enojado pela noção de um duelo limpo — Enfrentá-lo no *lei tai* e esperar pelo melhor é a mentalidade de um cérebro herbívoro balançando seus cascos para parecer bom na frente do resto do bando. Eu queria que você bebesse sangue, não comesse grama.

Kyoshi deu um passo para trás. Ela se curvou na frente dele, total e formalmente, mantendo seu ângulo adequado. Não era o gesto de um aluno para seu professor, mas sim a rara reverência de desculpas, só usada no Reino da Terra em momentos de verdadeira sinceridade, e ela a manteve até ouvir um barulho de surpresa de Lao Ge.

— Sinto muito, Sifu — ela disse — Mas não estou fazendo isso como uma assassina. Estou fazendo como o Avatar. Mesmo que o mundo não saiba.

Lao Ge suspirou.

— Pare com isso, está envergonhando nós dois — ela se ergueu e encontrou a expressão dele enrugada em desprezo. Ela era estragada apenas por uma preocupação em seu olhar — É claro que quando eu finalmente encontro uma pupila que eu gosto, ela tem que ser tão mortal quanto possível.

— Bom... talvez Xu morra de repente no lugar onde ele está parado nos próximos cinco minutos? — Kyoshi disse para qualquer espírito ou criatura lendária que estivesse passando e pudesse ouvir e ter pena dela.

— A morte não funciona assim — disse Lao Ge. Ele ergueu a mão e deu tapinhas no ombro dela — Você está sozinha.



Os *daofei* terminaram de moldar a plataforma. Era menor que a de Huijiang. Teria menos espaço para onde correr.

Xu pulou para o *lei tai* primeiro, balançando os braços para soltar os ombros. Ele tinha vestido um colete e calças que ficavam presas nos tornozelos. Mok e Wai estavam no canto do lado dele, a elevação da plataforma escondendo seus corpos da cintura para baixo.

— Se alguma coisa acontecer, peguem a Pengpeng e deem o fora daqui — Kyoshi disse em um eco irônico do que Rangi havia dito a ela uma vez — Encontrem alguém com poder para interferir antes que os Caipiras Amarelos cresçam seus números de novo.

— E se for o Coveiro? — Kirima perguntou.

Kyoshi fez uma pausa. Ela se perguntava se seu ódio a seguiria até a próxima vida, se a pureza de sua vingança era tão importante que ela recusaria sua ajuda para salvar vidas.

Ela não respondeu. Em vez disso, deu um último aperto em Rangi e pulou para a plataforma. Ela ainda estava armada da noite anterior. A tinta estava começando a sair.

Kyoshi estabilizou seus dedos trêmulos nos apoios de seus leques. A natureza teatral do *lei tai* adicionava uma tensão de performance ao duelo. Teria Rangi estado tão assustada ao subir para a luta? Enfrentar Tagaka tinha sido menos assustador que aquilo. A batalha no gelo tinha acontecido muito rápido para ela pensar direito em cada passo.

A ASCENSÃO DE KYOSHI

“*Você não estava com tanto medo naquele dia porque Jianzhu estava lá ao seu lado*”, o pensamento carregava verdade demais para ela engolir. Kyoshi sacou suas armas.

Xu grunhiu enquanto abraçava um joelho contra o peito e depois o outro.

— Pela última vez, Kyoshi, você tem certeza disso? — ele perguntou.

“*Você e sua simpatia podem ir direto pro fundo do oceano*”, ela pensou, e disse:

— Você deveria perguntar isso a si mesmo. Acho que o seu tipinho tem certeza demais.

Um *daofei* aleatório, em vez de Mok ou Wai, estava parado entre eles com a mão levantada. Kyoshi abriu seus leques e ficou em uma posição Sessenta-Quarenta que Wong lhe havia ensinado, tão boa quanto para atacar quanto para dominar. Xu pulou levemente sobre os calcanhares, preferindo não sinalizar sua estratégia para a dominação de terra.

— Prontos! — gritou o juiz.

Kyoshi lambeu uma gota de suor dos lábios. Tinha gosto de gordura. Ela jogou um pouco mais de peso sobre seu pé dianteiro. Xu começou a inalar pelo nariz.

— Comecem! — o jovem gritou antes de saltar para a segurança fora da plataforma.

Kyoshi invocou sua energia, começando por sua conexão com a terra e a estendendo através de suas armas. Ela iria superar seu oponente com uma barreira de terra.

MUNDO AVATAR

Mas foi lenta demais. E ela estava jogando um jogo totalmente diferente. Xu esticou seus braços para frente, dois dedos estendidos em cada mão, e acertou seus leques com um relâmpago.



DÍVIDAS



SUA ESPINHA QUASE se quebrou em duas. Cada gota de seu sangue havia sido picada por uma víbora-morcego. Suas mãos pareciam entorpecidas e pegajosas. A pele havia sido queimada.

Houve um baque e uma sacudida através de seu corpo. Uma eternidade depois, ela percebeu que isso era os seus joelhos acertando o chão enquanto ela desmaiava. O resto do seu torso os seguiu. Seu cocar caiu enquanto sua mandíbula ia contra a plataforma.

Com o lado de seu rosto pressionado contra a sujeira, os sons estavam ampliados. Ela escutou mais que uma pessoa gritando. Rangi, certamente. Os outros estavam entristecidos? Era difícil dizer. Ela teve um vislumbre deles e só viu seus rostos horrivelmente desconcertados, a incapacidade de entender com qual elemento ela havia sido fortemente atingida.

Xu caminhou até o lado visível do rosto dela, tampando sua visão. Ela nunca tinha ouvido falar de dominação de raios, nunca havia sido atingida por isso, mas aquela era a única explicação para o que ela vira, zigzagues de crepitações azuis-frias que saíram de seus dedos até o corpo dela. Ela tentou levantar suas mãos e joelhos, mas desabou, o peito dela contra o chão.

— Lembre-se — dissera Wong em um passado distante, um borrão de uma memória nebulosa — Está acabado quando o vencedor disser que está acabado.

Xu plantou seus pés e atirou outro raio diretamente em suas costas.

— Isso não devia ser desse jeito — ele atirou. Pontuou sua sentença enviando uma terceira e uma quarta explosão de raios no corpo dela. Ele pretendia cozinhar o cadáver dela tornando-o irreconhecível — Você tinha o maior presente em todo o mundo. Meu respeito. E você jogou isso fora. Pra quê?

Ele chutou o ombro dela, um ato sem sentido algum além de mostrar seu desdém.

— Não pense que eu não notei como você tem me olhado desde a noite passada — ele continuou — Com condenação nos seus olhos. O que você não sabe é que homens como eu estão além do julgamento! Eu vou fazer como eu quiser, e o mundo deve aceitar meus critérios com submissão e gratidão!

Um quinto raio, para dar ênfase

O que Xu não parecia saber era que nenhum dos raios atingidos além do primeiro tinha doido no mesmo grau. Kyoshi fingiu-se de morta enquanto recuperava os sentidos. Ainda havia um calor abrasador que

envolvia sua metade superior, separada por uma camada de tecido. Sua sobrevivência poderia ter algo a ver com a cota de malha em sua jaqueta, exposta pelos rasgos e arranhões da invasão da noite anterior. Melhor ficar pressionada contra o chão até que ela visse uma abertura.

Xu respirou novamente e disparou um fluxo contínuo de raios em um alvo que ele achava que estava certamente morto. Kyoshi cheirava a roupa fumegando enquanto lavava seu corpo. Ele estava profanado o corpo dela.

— Pare! — Ela ouviu Rangi chorar, ao longe — Por favor, pare!

Foi o desespero na voz dela que deixou Kyoshi em seu limite, a desistência de uma garota que deveria ser invencível se não fosse por seu amor. Kyoshi colocou aquela fraqueza em Rangi, e Xu a havia despedaçado. Ele estava torturando a pessoa que Kyoshi mais amava no mundo.

E por cada espírito de cada estrela no céu, ele pagaria por isso.

Ela estendeu a mão e agarrou o tornozelo de Xu. O repentino relâmpago em seu próprio corpo fez com que ele gritasse, um ruído estridente e indigno que era música para seus ouvidos. Ele parou o fluxo a tempo de ser jogado de costas, Kyoshi desequilibrando-o completamente.

Os olhos dela pareciam estar vazando. Não com lágrimas, mas com luz. Ela pensou brevemente em balançar Xu e arremessá-lo contra o chão ou torcê-lo como um pano molhado entre as mãos nuas. Ele era certamente mais frágil que uma sólida barra de ferro.

Não. Ela precisava mostrar o que era uma força da natureza real. Seus homens tinham que vê-lo espancado não pela força, mas pela retribuição dos próprios elementos. Ela mudou seu punho para o colarinho dele.

Ela levantou-se no ar, não com a técnica de levantar poeira, mas com um vórtice que a sugou para o céu. Xu gritou e soltou-se do aperto dela. O tornado que ela criou o soprou de volta. Dessa distância, eles eram tão pequenos, tão patéticos e tão humanos.

Kyoshi estendeu sua mão livre, palma para cima, e os campos de arroz em volta dos homens de Xu foram incendiados. Ela enrolou os dedos mais juntos, e as chamas, aceleradas por seus ventos, os cercaram. Muitos dos bandidos gritaram e se jogaram no chão, rolando para apagar o fogo em suas roupas.

Kyoshi olhou para o comprimento de seu braço em Xu. Ele protegia seus olhos dos dela, sua luz interior muito dura para absorver. Sua boca se abriu e fechou como um peixe. O ar estava se movendo rápido demais para ele respirar.

— **Você se esqueceu, Xu,** — ela disse, em uma legião de vozes sincronizadas no olho da tempestade — **que sempre haverá alguém acima de você em julgamento.**

Era possível que outras pessoas, mais poderosas, falassem através dela nesse momento. Havia uma chance de que ela fosse simplesmente uma marionete em dívida com a vontade coletiva deles. Mas uma sensação inatacável de controle disse a ela que isso não era verdade. As vozes poderiam emprestar sua percepção, eloquência, mas elas não poderiam assumir o controle. Muitas delas pareciam desaprovar o que ela estava fazendo.

“*Deixe-os*”, Kyoshi pensou. Ela estava no comando. Ela trouxe o rosto de Xu próximo a ela.

— **O que você vai fazer agora?** — ela perguntou — **Sabendo que todos os seus passos terão consequências?**

A ASCENSÃO DE KYOSHI

Ela não precisava perguntar. Por trás do terror dos olhos de Xu, estava um forte ultraje profundo. Sua alma não tinha qualquer porosidade, e a chance que ela tinha tão generosamente fornecida tinha sido lavada como que por chuva. “*Como ela ousa?*”, era o único pensamento que passava pela mente dele. “*Como ela ousa?*” Consequências eram para suas vítimas! *Ele* era um homem que fazia qualquer coisa que seu poder o deixasse fazer!

Xu confundiu a análise que Kyoshi fazia de seu rosto por um lapso na guarda dela e cuspiu uma gota de fogo em seu rosto.

“*Então ele é um dominador de fogo*”, ela pensou, enquanto desviava as chamas para o lado com uma inclinação de sua cabeça. Que pena, para ele, ter dado suas intenções tão claramente, e a respiração do dragão ter sido o primeiro ataque de fogo que Kyoshi já havia feito. Ela não estava tão surpresa quanto ele esperava que ela estivesse.

A geração de raios foi única, no entanto. Um refinamento da arte? Um talento singular? Ela tinha tantas perguntas para Xu sobre isso. Pena que ela nunca teria a chance de perguntar.

Ambos, Lao Ge e Jianzhu, estavam certos em algumas medidas. Homens de visão curta como Te e Xu eram parasitas que roíam as próprias estruturas que exploravam por poder e sobrevivência. Eles eram cegos ao fato de que eles não existiam por mérito próprio, mas devido à forma distorcida de caridade que o mundo decidira dar a eles.

E Xu havia esgotado a dele. Kyoshi era a única coisa o segurando em cima. Ela abriu sua mão e assistiu ele cair.



No momento em que ela desceu de volta ao chão, a parede de fogo que rodeava os *daofei* havia sido extinguida. A maioria dos espadachins aproveitara a oportunidade para se dispersar. A julgar pelas trilhas pisoteadas pelas plantações, eles fugiram em todas as direções, um exército derrotado sem um líder. Mok fora embora. Ele e alguns outros arrastaram o corpo de Xu antes de desaparecer nos campos de arroz.

Surpreendentemente, Wai permaneceu. Ele olhava para Kyoshi, transfixado, seu queixo boquiaberto. Reverente. Kyoshi não sabia o que fazer com o homem cruel e incomum. Ele parecia constantemente precisar de uma figura poderosa para lhe dizer o que fazer.

— **Vá embora** — ela disse, com o último dos ecos em sua garganta.

Wai fez o gesto com a mão e curvou-se profundamente para ela. Ele e os *daofei* restantes, na sua maioria sobreviventes dos massacrados Kang Shens, desapareceram nos campos.

Kyoshi procurou por seus amigos ao redor, mas não pôde encontrá-los.

— Você, hum, ainda está possuída? — ela ouviu Lek falando, sua voz camuflada como se falasse através de um buraco — Ou você é você de novo?

— Vocês podem por favor se mostrar? — ela rebateu

Houve um rangido quando eles surgiram. Wong tinha dominado um abrigo para se esconder abaixo da superfície, da mesma forma que Jianzhu havia sobrevivido quando ela perdeu o controle e entrou no Estado Avatar. Ela queria dizer a eles que, desta vez, não tinha sido involuntário. Ela tinha plena consciência de seus poderes aumentando com as vastas reservas de energia a que o Avatar tinha acesso.

Ela estava totalmente ciente de que havia matado Xu.

Se Rangi queria abraçá-la, ela se conteve bem. Ela e os outros ficaram diante de Kyoshi, rígidos e hesitantes. Eles a conheciam, haviam se acostumado com a ideia de que sua amiga inexperiente podia dominar todos os quatro elementos, mas, até agora, eles não tinham visto o Avatar ainda.

— Por favor, não façam isso — pediu Kyoshi disse — Por favor, se vocês agirem assim eu não vou ser capaz de...

Os joelhos dela cederam.

“*Não agora*”, ela pensou consigo mesma. “*Esteja acordada. Esteja presente para lidar com o que fez. Olhe para as suas ações em vez de virar as costas*”.

— Kyoshi, suas mãos — disse Rangi, espantada.

Ela as segurou na frente do rosto dela. Elas estavam cheias de queimaduras de onde os raios haviam atingido seus leques.

— Nós temos que ir a um curador! — Kirima gritou, seu rosto fino já perdendo suas bordas conforme a visão de Kyoshi ficava embaçada.

— Kyoshi — Lek disse, de repente, próximo a ela, apoiando-a da melhor maneira possível debaixo de seu braço, a última pessoa entre eles que deveria ter tentado segurá-la fisicamente — Kyoshi!

Ela durou menos de dois minutos antes de sucumbir para a dor.



MEMÓRIAS



ELES A LEVARAM de volta para Zigan. Os outros detalhes eram menos claros.

No começo, Kyoshi havia tentado recusar a medicação empurrada para ela enquanto se contorcia na cama de madeira em uma construção escura. Ela se lembrava do inebriante e doce estado no qual Jianzhu a colocara antes de invocar um terror das profundezas, antes de matar Yun, e resistiu a todas as tentativas de nublar sua lucidez.

Mas suas mãos a traíram mandando ondas de agonia abafantes e envolventes para o resto de seu corpo. Sua determinação se despedaçou, e ela engoliu as amargas misturas das tigelas de madeira sem questionar a procedência. A medicação separava sua mente da dor como ela separou o

palácio de Te dos *daofei*. O ferimento ainda estava ali, rangendo os dentes, mas ela agora podia assistir à distância.

As imagens vinham como atos de uma peça. Wong se exaltando pela luz do sol e pelos móveis no quarto, incapaz de fazer qualquer coisa além disso. Rangi curvada, formando uma miserável bola com o corpo. Por diversas vezes havia uma senhora do Reino da Terra que Kyoshi não reconhecia, sua cabeça enrugada flutuando acima de uma nuvem de saias volumosas. Ela guiava Kirima em sua amadora cura por dominação de água fazendo referências a prontuários médicos, indicando os locais das mãos queimadas de Kyoshi pelos quais a água refrescante deveria passar. A falta de confiança e a preocupação no rosto de Kirima, durante as sessões, eram adoráveis.

Após algum tempo, ela começou a sentir a dose mais recente do medicamento se esvaecer sem sentir uma necessidade gritante por mais. Claridade infiltrava seu crânio novamente. Seus pensamentos capazes de focar na única pessoa no quarto agora, o resto do grupo tendo um turno de descanso. A roleta girou e escolheu Lek.

— Você está aqui? — ela perguntou, com a língua dormente em sua boca.

— Bom te ver também, sua grande idiota. — Ele se sentava em uma cadeira refinada que parecia não pertencer àquele lugar. Sua melhor presunção era de que esse quarto se situava na parte abandonada da cidade e fora usada como hospital improvisado. Um gabinete de ervas trazido para dentro do cômodo desenhava linhas de poeira no chão.

— Quanto tempo se passou?

— Só uns três dias, mais ou menos. — Lek folheava um livro sobre pontos de acupuntura. Kyoshi suspeitava que ele estava procurando ilustrações anatômicas.

— Você está se recuperando rápido. Tivemos sorte. A Senhora Song é uma das melhores médicas de queimaduras do Reino da Terra. Ela mora a algumas quadras daqui, descendo a rua.

Essa devia ser a senhora que entrava e saía dos sonhos lúcidos de Kyoshi.

— Então o que ela faz em um lugar como Zigan? — perguntou Kyoshi.

Médicos hábeis tinham alta demanda, possivelmente seriam trancafiados dentro de paredes de mansões como a de Te.

Parecia que Kyoshi não conseguia proferir mais de cinco sentenças sem deixar Lek irritado.

— Tenta construir um lar — ele respondeu, erroneamente interpretando sua surpresa como desdém — Se firmando em um lugar enquanto sua vila muda e decai ao seu redor. — Ele se levantou, bufando — Vou buscar Rangi. Você pode ter alguém digno para conversar.

— Lek, espera.

Eles já tinham passado muito tempo como rivais equivocadamente. Ela havia decidido não permitir mais que seus pais possuíssem algum tipo de controle sobre sua vida, começando por ser civilizada com o garoto que seus pais escolheram para passar o resto de suas vidas no lugar dela.

Ele realmente ouviu dessa vez, cruzando os braços e esperando.

“*Não esperava por essa*”, Kyoshi pensou, vendo-se sem palavras. Eles não tinham motivo algum para dever um pedido de desculpas formal um para o outro. Ela pensou em uma lista de coisas para dizer.

— Você é... muito bom em atirar pedras — ela soltou num ímpeto. Que articulada. Se suas mãos não estivessem enroladas em bandagens, ela estaria roendo as unhas. Ela não tinha escolha senão investir mais — Quer dizer, você me salvou no palácio de Te, e eu nunca tive a chance de te agradecer. Você foi incrível lá. Onde aprendeu a atirar assim?

Ela esperava que elogios, que eram completamente genuínos e merecidos até onde ela sabia, o fariam sorrir. Em vez disso, sua expressão pareceu envelhecer diante de seus olhos. Ele jogou o livro para o lado.

— Você sabe o que é uma força pública? — ele perguntou após uma tensa pausa.

Kyoshi negou com a cabeça.

— É uma forma de punição que oficiais usam no Deserto Si Wong — ele explicou — Te penduram em uma gaiola elevada como uma forma de exibição para que sirva de aviso a outros criminosos. Durante as secas, é uma sentença de morte. Você não consegue durar mais de dois dias antes que a sede te tome.

— Lek, eu não quis trazer à tona...

— Não — ele a interrompeu gentilmente, levantando a mão. Pela primeira vez ele não estava zangado com ela — Você precisa saber. — Ele afundou de volta na cadeira, apoiando suas pernas nos descansos de braço, e encarou a janela — Eu estava vivendo nas ruas de Tamareira, uma colônia perto do Oasis das Palmeiras Enevoadas. Meu irmão – não de sangue. Ele era meu amigo. Nós jurávamos um pelo nome do outro. Nós estávamos

copiando os durões e espadachins que iam e vinham da cidade em busca de trabalho. Uma gangue normal de dois, nós éramos, comandando nosso pedaço da sarjeta.

Não era de admirar que ela e Lek não se dessem bem. Eles compartilhavam muito, tinham o mesmo fedor.

— Qual era o nome dele? — ela perguntou.

— Chen — respondeu Lek. Ele balançava o pé, a cadeira rangendo pelo movimento — Um dia, o Chen foi pego roubando castanhas de lichia que estavam apodrecendo. Fizemos isso centenas de vezes. Algumas vezes em plena luz do dia. Os aldeões nunca se importaram. Até que um dia passaram a se importar. O bastante para aprisionar o Chen em uma força pública. — O tremor de seu pé aumentou — Deve ter sido um novo governador tentando demonstrar seu poder. Ou talvez os aldeões tenham se cansado de nós. Trancafiaram-no numa jaula antes mesmo que soubéssemos o que estava acontecendo.

— Lek — disse Kyoshi. Ela não podia oferecer nada além do som de seu próprio nome.

— Mas eu mantive a esperança! — ele disse com um pequeno soluço — Veja bem, a gaiola era velha e enferrujada. Possuía uma dobradiça fraca, pelo que eu reparei. Eu juntei cada pedra que pude achar e atirei o mais forte que conseguia naquele ponto fraco, tentando derrubar o confinamento. Os aldeões que permaneceram riram de mim o tempo todo. Especialmente quando eu errava. Eu poderia ter arrancado seus dentes, mas não me ocorreu isso. Eu não podia desperdiçar uma pedra sequer. Passados alguns dias, Jesa e Hark me acharam desmaiado logo abaixo da força. O Chen deve ter morrido antes deles chegarem, porque acordei nas costas de

Longyan enquanto fugíamos. Não pude usar meu braço por duas semanas, meu ombro e cotovelo estavam muito inchados.

Lek retirou seus pés do braço da cadeira, incapaz de manter-se na mesma posição enquanto tal memória o alcançava.

— O engraçado é que Tamareira não existe mais — ele continuou — A água estava se esgotando, estava em suas últimas gotas quando eu ainda estava lá. Ela foi engolida pelo deserto. As pessoas da cidade mataram meu irmão para honrar uma lei, e isso não significou nada no fim. Se a lei existia para proteger a vila, mas a vila não sobreviveu, então o que eles ganharam com isso? Sempre me perguntei se essas pessoas se sentiram satisfeitas por terem condenado aquele garoto, aquela vez, enquanto corriam da tempestade de areia que soterrava suas casas. Sempre esperei que a morte do Chen tivesse algum valor para alguém.

Kyoshi mordeu o interior de sua bochecha até sentir o gosto de sangue.

— Enfim, Jesa e Hark me salvaram, aprendi a dominar a terra e fiz um juramento de que nunca mais erraria um alvo de novo — completou Lek — E é por isso que eu sou tão bom em atirar pedras.

Não havia uma resposta correta. A resposta correta seria desfazer, voltar atrás e reconstruir o destino para chegar a um desfecho que não consistisse em ambos neste quarto.

Lek sorriu apático por seu silêncio.

— Você já considerou que talvez seus pais tenham te deixado onde deixaram para que você não tivesse que viver esse tipo de vida? — ele perguntou — Que talvez eles estivessem protegendo você?

A noção havia, sim, cruzado sua mente, mas nunca recebera tanto crédito até agora.

— Do jeito que eu encaro, Jesa e Hark presumiram que os aldeões poderiam te tratar melhor que eles — Lek limpou o nariz — Você era do sangue deles. Inestimável. Eu? Eu era útil. Tão bom quanto a criança mais próxima com mãos ágeis, e tão substituível quanto. Era o suficiente.

— Lek. — Ela ponderou qual verdade poderia lhe dizer em retorno — Eu acho que, como sempre, você está errado. — Kyoshi captou a pequena repuxada no canto de sua boca — E eu estou feliz que, se meus pais não podiam estar comigo, ao menos estavam com você.

Um longo tempo se passou antes de Lek suspirar e se levantar.

— Vou dizer para Rangì que você está acordada e consciente. — Ele parou na porta. Sua expressão tornou-se hesitante — Você acha que... quando tudo se acalmar, eu talvez tenha uma chance com ela?

Kyoshi o fitou espantada.

Lek manteve o contato visual o máximo possível. E então desatou a rir.

— Sua cara! — ele cacarejou — Você devia ter visto a sua! Ah, essa tem que ser a expressão que você vai fazer em seu retrato de Avatar! Olhos esbugalhados e furiosa!

E pensar que eles tiveram um momento.

— Vai encharcar sua cabeça, Lek! — ela cortou.

— Pode deixar, irmã. Senão você vai fazer por mim? — Ele agitou as mãos em gozação com a dominação de água e fez barulhos de afogamento enquanto saía do quarto.

A ASCENSÃO DE KYOSHI

As bochechas de Kyoshi ardiam pela frustração. E, então, como uma geleira se quebrando, elas lentamente derreteram e formaram um sorriso. Ela reparou em como ele a havia chamado pela primeira vez.



A EMBOSCADA



NA OPINIÃO DE JIANZHU, era bom estar de volta a Yokoya. Não importava quantas perguntas seus funcionários tinham sobre o time que havia saído com ele. Onde estavam Saiful e os outros? O que aconteceu com eles? Eles estavam bem?

Mortos cumprindo seus deveres. Emboscada *daofei*. E não. Por definição, não.

No entanto, ele devia respostas melhores a Hei-Ran. Não só porque ele mentira para ela em um nível mais profundo, mas também porque precisava das ideias dela. Depois de fechar a porta de seu escritório na cara de seus servos perturbados, ele jogou sua correspondência perdida na mesa enquanto ela esperava sentada no sofá.

— A trilha esfriou em Taihua, e nós perdemos um shírshu — ele disse. Ele retirou um lacre de cera de um cilindro de correspondência — Mas é por isso que temos um par, não é? Redundância, a chave para o sucesso.

— Jianzhu — disse Hei-Ran. Ela parecia um pouco fria e distante, sentada no sofá dele.

— Ba Sing Se fica perto de Taihua. — A carta vinha daquele pírralho do Te — Eu aposto que elas estão em algum lugar seguro atrás daquelas paredes. Vou ter que reunir todos os meus contatos dentro dos três anéis.

— *Jianzhu!*

Ele olhou sobre o pergaminho.

— Pare — ela disse — Está acabado.

Ele olhou para ela com cuidado. Havia muitas formas disso estar acabado. Isso dependia do que ela sabia. Ele esperou que ela continuasse.

— Eu fiquei de olho nos movimentos de Hui enquanto vocês tinham ido — explicou Hei-Ran — Pouco mais de uma semana atrás houve uma explosão de atividades vindo de seus oficiais. Cartas, mensagens, ouro e prata começaram a ser transferidos.

Um pouco mais que uma semana. Aquela deve ter sido a mensagem de Saiful chegando nas mãos de Hui. A compreensão de Hui seria a verdade parcial, que o Avatar teria sido levado pelos *daofei*. Mas ele ainda pensava que Yun era o Avatar. Hei-Ran sabia que a garota era o Avatar real mas não os resultados da missão de rastreamento nem do assentamento fora-da-lei nas montanhas.

Um tinha as últimas notícias, o outro, as mais corretas. Ele tinha que manter assimetria.

— Hui está agindo com base nas informações que *voce* deu a ele na festa — ela continuou — Ele está confabulando com outros sábios para levar o Avatar Yun para longe de você. Se ele está fazendo isso progredir baseado somente em Yun tendo tido uma discussão com você, como as pessoas vão reagir ao saber sobre Kyoshi?

Até agora, essa revelação não tinha sido bem recebida por qualquer um que a ouviu.

— Como você acha que deveríamos responder? — perguntou Jianzhu.

Hei-Ran se encolheu no sofá, abraçando seus joelhos. Ela parecia tão jovem ao fazer aquilo.

— Eu não quero responder. Eu quero dizer ao Hui e aos sábios a verdade, então eles podem nos ajudar a estender a busca. Jianzhu, eu não me importo mais com o Avatar. Eu só quero minha filha de volta.

Ele ficou surpreso com a falta de resistência dela. Até onde ela sabia, sua filha e o Avatar não estavam em nenhum perigo particular. Claro, a realidade era que elas estavam, se elas estivessem, nas mãos de foras-da-lei. Mas Hei-Ran não sabia disso.

Jianzhu suspirou. A filha dela nunca voltaria sem o Avatar, o Avatar nunca voltaria sem... o quê, exatamente? As rodas giravam em sua cabeça.

— Talvez você esteja certa — Jianzhu disse — Talvez esteja acabado. Essa farsa já durou tempo demais.

Hei-Ran olhou esperançosamente para cima.

— Você disse que Hui começou seus movimentos uma semana atrás. — Jianzhu coçou a parte de baixo do queixo. Havia uma cicatriz lá de

onde a lâmina de Saiful o havia cortado — Levará pelo menos mais duas semanas para enviar cartas e obter respostas de todos os sábios que são importantes no Reino da Terra. Eles se reunirão em Gaoling ou Omashu e depois me convocarão para responder pelos meus erros; essa é outra semana. Isso é tempo mais do que suficiente para preparar uma declaração da verdade. — Ele encolheu os ombros. — Podemos até encontrar Kyoshi antes disso. Os fatos sairão imediatamente nesse caso. Eu perderia o Avatar, mas você se reencontraria com sua filha.

Hei-Ran foi encorajada. Ela se levantou e colocou a mão na bochecha não barbeada de Jianzhu, acariciando-o gentilmente com o polegar.

— Obrigada — ela sussurrou — Eu sei que você está fazendo um sacrifício. Obrigada.

Ele se inclinou na mão dela, pressionando-a brevemente em seu rosto, e sorriu para ela.

— Eu tenho um monte de cartas não abertas para ler.



O sorriso desapareceu quando a porta de seu quarto se fechou. Sozinho, ele pegou a carta de Te novamente. Ele estava certo ao não dar a história completa a Hei-Ran. Ele sempre esteve sozinho neste jogo.

A mensagem do garoto governador foi escrita com uma mão desleixada e apressada, desprovida dos floreios que normalmente acompanhavam as correspondências de alto nível. A única autenticação era o selo pessoal, que os funcionários mantinham consigo em todos os

momentos. Era como se Te tivesse escrito de outro lugar que não o seu palácio e em grande aflição.

A princípio, Jianzhu foi contra a instalação de um governador tão jovem de uma família com histórico de corrupção, mas acabou achando útil a maneira como a impressionável criança olhava para ele. Ele poderia fazer com que Te fizesse qualquer coisa, incluindo reportar ameaças ao Reino da Terra para ele antes de avisar os outros sábios. Como agora.

O pergaminho caiu nas mãos de Jianzhu enquanto ele lia sobre a fuga de Xu Ping An. Suas veias ameaçaram explodir de sua pele e se afastar.

Contra todas as inclinações, Jianzhu manteve vivo o líder dos Caipiras Amarelos como um favor a seus aliados da Nação do Fogo para que pudessem estudar como o homem era capaz de dominar raios. Era uma habilidade tão rara que alguns pensavam que era um conto folclórico ou um segredo que fora perdido para as eras. De qualquer maneira, isso fez de Xu um espécime valioso e perigoso. E Te, dono de uma das prisões mais defensáveis da região, conseguiu deixá-lo escapar.

Jianzhu examinou furiosamente o relato de Te sobre os acontecimentos, esperando chorar e morrer de raiva. Em vez disso, mais abaixo na página, ele encontrou a salvação.

Também houve um atentado contra a vida de Te, a carta continuou, como se Te não fosse eminentemente substituível. Dois assassinos quase o mataram, mas, no último minuto, decidiram mostrar misericórdia. Um homem velho, cuja descrição Jianzhu não reconheceu, e uma menina.

A garota mais alta que Te já vira.

E, a menos que o pânico tivesse bagunçado sua mente, ele a vira dominar a terra e o ar.

Jianzhu se recostou na cadeira. Ele ignorou os detalhes supérfluos que terminaram a carta, algo sobre rostos pintados e como Te precisava acabar com o ciclo de acúmulos no qual sua família estava profundamente envolvida e como o Mestre Jianzhu poderia lhe dar algumas lições de governança mais sábias e blá blá blá.

O Avatar estava vivo. O alívio tomou conta dele como água gelada.

Mas o que diabos ela estava fazendo? Ela havia deixado Taihua e chegado ao palácio de Te antes da lua cheia, o que significava que se movia a um ritmo razoável. Suas ações não soavam como as de uma prisioneira.

Jianzhu deixou a pergunta sem resposta enquanto ele abria outra carta. Esta era de um capitão da província em Yousheng, um território que fazia fronteira com o de Te. O homem da lei tinha capturado um punhado de *daofei*, assustados, sem graça, com uma história inacreditável. Seu líder, Xu Ping An, tinha sido assassinado por um espírito com olhos brilhantes, encharcado de sangue e cinzas brancas, que levou Xu para o céu antes de sugar a chama vívida de seu corpo e consumi-la para si mesmo. O capitão pensou que o temido Xu Ping An tivesse morrido há anos na Passagem Zhulu. Como o estimado sábio que derrotou o repugnante líder *daofei*, Jianzhu tinha alguma informação que pudesse esclarecer a situação?

Olhos brilhantes, pensou Jianzhu. Ele tinha visto aqueles olhos de perto antes e quase perdera a vida. Ele fez um rápido mapa mental de Yousheng e descobriu que os bandidos em fuga poderiam muito bem ter visto o Avatar entre o palácio de Te e a Vila de Zigan.

Tudo bem então. As coisas estavam melhorando. Com alguns ajustes leves, ele teria o Avatar de volta ao seu teto. Ele não entendia o que ela estava fazendo ou por que, mas não se importava. Ele tinha a localização dela e ele tinha tempo.

Isso durou até a manhã seguinte, em que ele descobriu que tinha acabado de ficar sem o último.



Uma coisa com que ele e Hei-Ran se divertiram nos seus dias de juventude era conversar entre si através de sorrisos e risos falsos. Tinha sido útil quando eles tiveram que manter uma frente dura durante as reuniões de oficiais de alto escalão, enquanto Kuruk cochilava pelas festividades da noite anterior ou colocava os olhos sobre delegadas bonitas. Jianzhu estava na frente de seu portão, com os pés molhados de orvalho da manhã, e acenou alegremente para a caravana que se aproximava que estava adornada com o javali voador dos Beifong.

— Você sabia sobre isso? — Jianzhu perguntou a Hei-Ran. Ele pensou ter ouvido seus dentes rangerem em frustração.

— Eu juro que não sabia — Hei-Ran estava tão zangada com ele quanto ele estava com ela — Eu pensei que você tivesse dito que nós tínhamos semanas.

Devia ter demorado mais tempo. Como o Avatar da Terra era ensinado dependia somente do mestre dele ou dela. Revogar esse vínculo exigia um conclave dos sábios do Reino da Terra. Reunir um número suficiente deles de todo o continente deveria ter demorado tanto quanto ele imaginou no dia anterior, se não mais. E, ainda, julgando pelo tamanho das caravanas e pelas bandeiras voando no topo dos vagões, Hui reunira cabeças suficientes aparentemente da noite para o dia. Ele devia estar preparando essa tomada de poder desde antes do incidente em Taihua.

Jianzhu havia subestimado o mordomo. Em vez de considerar as camadas mais profundas dele, considerara somente o que se via na superfície.

O condutor principal parou na frente do portão da mansão. O javali voador das portas se abriu e revelou Hui, que viajava sozinho.

— Mordomo! — Jianzhu exclamou, com um sorriso rude — Mas que deleite de surpresa! — Jianzhu queria alcançá-lo e estrangulá-lo na frente do resto das caravanas. Ele poderia ser perdoado. Negócios do Avatar ou não, aparecer sem aviso prévio ainda era tão rude quanto em qualquer outra situação — Lu Beifong está com você?

— Mestre Jianzhu — Hui disse, em um tom sombrio — Diretora. Eu gostaria de dizer que estou aqui por circunstâncias melhores. Lu Beifong não se juntará a nós.

Jianzhu notou que Hui não disse se tinha ou não aprovação do velho homem para fazer essa ação. Ele observou os outros sábios pisarem para fora de suas carruagens, contando quem havia vindo. O Herborista Pan, de Taku, carregando seu gato de estimação em seus braços. General Saiyuk, o Lorde Comandante do Forte Hwan, outro político nomeado como Te, que era altamente desqualificado para liderar aquela fortaleza. Sábio Ryong de Pohuai...

“*Pelos espíritos*”, Jianzhu pensou. Hui havia simplesmente varrido toda a costa noroeste do Reino da Terra por aliados?

Pode ter sido o caso. Não havia ninguém de Omashu, ou Gaoling, ou Ba Sing Se, onde o apoio de Jianzhu era mais forte. Hui havia escolhido os participantes desse conclave surpresa a dedo, sábios que ele poderia influenciar. Promessas e vastas somas de dinheiro devem ter fluído como a água até este dia.

Zhang Dakou estava lá também, Jianzhu notou, secamente. Nenhum Zhang digno de seu sal passaria a oportunidade de humilhar um Gan Jin.

Seus números eram surpreendentes. Ele não havia notado quantos sábios ficaram fora de sua esfera de influência. Talvez cerca de um quinto das pessoas mais importantes do Reino da Terra tivessem chegado à sua porta com intenção hostil.

— Bem! — Ele disse alegremente, batendo as mãos juntas — Vamos colocar todos vocês revigoradamente lá dentro!



A equipe tremia. Eles não tinham tido qualquer aviso de que viriam convidados. A natureza medonha de seu curto prazo ficou mais aparente quando Jianzhu entrou na cozinha para supervisionar pessoalmente os preparativos. Quer dizer, ajudá-los.

— Acalmem-se, todos — ele disse, de maneira tranquilizante, enquanto ele mesmo içava uma enorme chaleira no fogão — Vocês não precisam dar seu melhor. Não é culpa de vocês; simplesmente não há tempo.

— Mas, senhor, tantos colegas seus de uma só vez? — perguntou a Tia Mui, quase chorando — Seria vergonhoso dar um serviço menor! Nós temos que... Temos que alinhar uma refeição para o almoço e o jantar, e, ah, quase não há lenha o suficiente!

Jianzhu abriu a tampa da chaleira e olhou para dentro para verificar o nível da água antes de se virar e colocar as mãos nos ombros da mulher.

A ASCENSÃO DE KYOSHI

— Minha querida — ele disse, olhando nos olhos dela — Eles estão aqui a negócios. Eu duvido que você tenha que alimentar muitos ou qualquer um deles. Concentre-se em preparar o chá. Isso é tudo.

Mui ficou vermelha.

— C-claro, Mestre — ela gaguejou — Será impossível discutir as ideias sem chá.

Ela saiu para gritar com os empregados encarregados da seleção de chá. Jianzhu espanou as mãos com cuidado e deu um suspiro cansado.



Jianzhu entrou no grande salão de recepção para uma visão difícil. Os sábios sentavam-se em três lados da sala, atrás das filas de mesas compridas. Hui estava no centro, onde o dono da casa normalmente estaria. Ele estava sentado na cadeira de Jianzhu.

Hei-Ran estava à sua esquerda. Ela trocou um olhar assustado com ele. “*O que você vai fazer?*”

O que Jianzhu iria fazer era sentar-se, sozinho, atrás da mesa restante, e esperar. Ele sentiu olhares ardendo para ele de todas as direções.

— Mestre Jianzhu — disse Hui — Você poderia pedir para o Mestre Kelsang e o Avatar Yun juntarem-se a nós?

Os empregados abriram a porta e entraram com bandejas fumegantes de chá. Jianzhu sugou cada momento por tudo que valia a pena, esperando para responder até que cada sábio tivesse uma xícara diante de si. Ele fez gestos de agradecimento à empregada, que lhe deu uma xícara, e bebeu um gole, elogiando a escolha do oolong misturado pela tia Mui.

Apenas quando os funcionários saíram, ele falou.

— Você sabe tão bem quanto eu que eu não posso. O Mestre Kelsang e o Avatar ainda estão em sua jornada espiritual.

Hui sorriu com firmeza, um movimento que puxou o seu rosto quadrado para o lado.

— Sim, a jornada. Os abades dos Templos do Ar não os viram desde que você fez essa reivindicação. Não é estranho que o Mestre Kelsang não tenha levado o menino a nenhum dos templos, seja para visitar os locais sagrados ou simplesmente para reabastecer?

— Eu não desejo falar mal do meu amigo, mas ele tem uma relação complicada com os líderes mais ortodoxos dos Templos do Ar. E lugares sagrados para os Nômades do Ar existem ao redor do mundo inteiro, eles são Nômades.

— E quais lugares sagrados estão em Taihua? — Hui rebateu — Talvez em um prévio assentimento *daofei* desconhecido?

Jianzhu continuou calmo.

— Mordomo, o que você quer dizer?

— Eu estou dizendo que o último paradeiro conhecido do Avatar é em um ninho de criminosos, traidores, foras-da-lei, e que ele não foi visto em outro lugar desde então! Eu estou dizendo que temos que assumir o pior! Que ele e seu companheiro estão em perigo mortal, se já não estiverem mortos!

Houve o barulho de uma única xícara sendo derrubada. Hei-Ran sabia que ele havia rastreado o Avatar até Taihua mas não sabia que as montanhas estavam cheias de perigo. Ou que nenhuma das cartas que ele

leu na noite passada mencionavam uma dominadora de fogo. O destino da filha dela era desconhecido.

Hei-Ran olhou para ele como se ele a tivesse esfaqueado no coração. Aquele era um olhar que ele não conseguia encarar. Em vez disso, concentrou-se em Hui, aquele pequeno sapo-texugo usurpador que se imaginava um jogador. Estritamente falando, Hui não tinha provas em mãos. Mas ele poderia conseguir isso facilmente. Não havia como esconder uma cidade inteira, nem os túneis secretos que a forneciam.

— Você tem demonstrado no mínimo uma negligência imperdoável, e isso pode ter custado ao Reino da Terra sua parte do ciclo Avatar! — disse Hui. “*E as pessoas que eu subornei para aparecerem hoje vão aprovar isso*” — Você não servirá por muito mais tempo como Mestre do Avatar!

Ele escolheu usar *aquelas* palavras. Jianzhu rebateu.

— E *você* vai? — ele atirou para Hui, ficando em pé — Você, que quer poder e status por nenhuma outra razão além de poder tê-los?

Hui tomou o tempo para cheirar e saborear seu chá, sabendo que ele ganhou.

— Essa reunião ainda não decidiu com quem o Avatar, se ainda estiver vivo, vai aprender — ele disse, presunçosamente.

Jianzhu sentiu-se enjoado. Sua testa ficou úmida.

— Essa reunião — ele zombou, balançando em seus pés — Esse não é um bom conclave de sábios. Você identificou meus inimigos entre os líderes do Reino da Terra e os trouxe para a minha porta como um bando de bandidos! O que ele lhes prometeu, hein? — Ele gritou para os rostos ali reunidos, quase girando no lugar — Dinheiro? Poder? Durante séculos,

homens como Hui dividiram esta nação e ofereceram fatias a quem quiser pagar! Eu sou o único tentando torná-los mais fortes!

Eles piscaram lentamente, tossiram forte, mas não responderam.

Hui fungou, seu nariz começando a escorrer.

— Nós temos aqui o número mínimo requerido para tirar você de suas obrigações... Se vocês... se vocês são a favor, vamos votar.


Jianzhu vomitou. Suas entranhas moveram-se para cima e para baixo e sua visão borrou.

— O que está acontecendo? — ele atirou para Hui — O que você fez comigo?


— O que você quer dizer? — perguntou Hui, tentando se levantar, mas desabou em sua cadeira. Ele cobriu seu nariz em assombro. Estava coberto de sangue.

— O que está acontecendo? — alguém gritou. Sons de vômito percorriam toda a sala. Um servo abriu a porta para ver do que se tratava a comoção e gritou.

Jianzhu desmoronou para frente, sua parte superior do corpo batendo contra a mesa. Ele não podia ver Hei-Ran. Mas, como a agulha de uma bússola, sua mão se ergueu na direção dela enquanto ele apagava.



DESPEDIDAS



KYOSHI DEU UM PULO quando Lao Ge entrou no quarto, sozinho. Ela assumiu imediatamente uma postura defensiva em sua cama ao pensar que ele teria vindo para puni-la tardiamente por ter poupado sua vítima. Ele não estava ajudando a situação ao brandir uma pequena lâmina ao entrar.

— Hora de tirar as bandagens — ele disse.

— E por que você é quem vai fazer isso?

— Eu sou muito convincente quando preciso. — Ele se sentou ao lado da cama dela e aplicou gentilmente a faca nas tiras de algodão que cobriam seus braços. Houve um barulho ríspido vindo do tecido, das fibras se rasgando, que a fez tremer — Você parecia perdida nos pensamentos quando eu entrei. Está arrependida de ter matado Xu?

Ele rasgou a primeira camada enquanto ela considerava gritar por ajuda.

— Não — ela respondeu — Eu me sinto mal por ter deixado o Te viver.

Lao Ge lançou-lhe um olhar exasperado e balançou a faca.

— Sabe — ele disse — Nós podemos consertar isso facilmente.

— Não foi o que eu quis dizer. Eu te disse que aceitava a responsabilidade por salvá-lo, e eu não vou voltar atrás na minha escolha. — Ela lambeu os lábios — É mais como se eu me sentisse... inconsistente. Injusta. Como se eu devesse ter matado os dois ou não matado nenhum.

Lao Ge começou a enrolar o pedaço cortado da bandagem em uma tigela.

— Um general manda algumas tropas para morrer num ataque e mantém outras guardadas como reserva. Um rei taxa metade de suas terras e apoia as outras. Uma mãe tem uma dose de remédio para dois filhos. Eu não diria que sua situação seja especialmente fora da curva — Seu mentor sabia como diminuí-la — Pessoas de todos os tipos, das classes altas e baixas, escolhem machucar algumas pessoas para ajudar outras. Posso dizer que só vai ficar pior quando você abraçar sua Avataridade.

— Pior? — Ela perguntou — Não deveria ficar mais fácil com o tempo?

— Ah, não, minha querida. Nunca vai ficar mais fácil. Se você tivesse uma regra rígida, digamos, de sempre mostrar piedade ou sempre punir, você poderia usá-la como um escudo para o seu espírito. Mas isso seria se distanciar do dever. Determinar o destino dos outros caso a caso, considerando as infinitas combinações de circunstâncias, vai te desgastar

como chuva numa montanha. Dê algum tempo, e você vai aguentar as cicatrizes. — Ele falava com bondade e pena, talvez não tão imutável como se dizia ser — Você nunca será completamente justa ou verdadeiramente correta. Esse é o fardo que você terá que carregar.

Ter que continuar decidindo, de novo e de novo. Kyoshi não sabia se iria aguentar.

Lao Ge começou a retirar as bandagens do outro braço dela.

— O que eu estou curioso para saber — ele continuou — é o que você fará em seguida. Já se sente forte o suficiente para matar o seu homem?

Kyoshi tinha se distraído com um cheiro que vinha de sua mão não lavada.

— Quê? — ela perguntou.

O velho estalou os dedos.

— Que buscadora de vingança você é! Sua missão. Seu maior objetivo. Você derrotou o mesmo inimigo que Jianzhu. Você já se sente forte o bastante para derrotá-lo?

Kyoshi não tinha pensado sobre sua luta com Xu naqueles termos, que o líder dos Caipiras Amarelos poderia ser uma forma de medir a si mesma contra Jianzhu. Parecia simplificar demais.

E ainda assim...

Ela não lhe deu uma resposta. Lao Ge terminou de liberar seu segundo braço. Ela flexionou seus dedos pálidos e enrugados. A dor tinha ido embora, mas suas mãos estavam manchadas e brilhantes, algumas linhas e digitais apagadas.

— Vá — disse Lao Ge — Veja seus amigos. Eu tenho alguns negócios para resolver sozinho.

— Não mate o Te — disse Kyoshi. Ela tinha bastante certeza de que o garoto havia cavalgado até um local seguro, longe do alcance de Tieguaí o Imortal, mas valia a pena mencionar, de qualquer forma — Não depois que eu tive todo aquele trabalho.

Lao Ge fez uma expressão inocente e guardou a faca que estava segurando.

— Eu ‘tou falando sério! — Ela exclamou.



Kyoshi lavou as mãos e foi para o quarto ao lado. A Companhia da Ópera Voadora estava dormindo ali, os sacos de dormir espalhados no chão vazio. Rangi e Lek eram os únicos, jogando uma partida de Pai Sho que Lek analisava com muita concentração e que parecia entediar Rangi. A julgar pela posição das peças, ela vinha brincando com ele, criando aberturas de propósito.

Ela olhou para cima e deu um sorriso a Kyoshi que poderia derreter os polos.

— Você está de pé de novo — disse Rangi.

— Eu fiquei muito tempo deitada — respondeu Kyoshi. Ela tinha herdado a necessidade de segurança em movimento do grupo — Não parece certo ficar tantos dias seguidos na mesma cidade.

— O resto de nós concordou que não iríamos a lugar nenhum até que você estivesse cem por cento — disse Lek — Kyoshi, você levou

vários... relâmpagos? Honestamente, eu nem sei como você ‘tá viva — ele se virou para Rangi como se fosse culpa dela não saber que Xu era capaz daquilo — Quer dizer, eu nunca conheci um dominador de fogo além de você. Aquilo é algum tipo de truque sujo que vocês usam naqueles Angi Kois ou qualquer coisa assim?

— Não! — Exclamou Rangi — Dominação de Raio é uma habilidade tão rara que quase não existe nenhuma testemunha viva para confirmar que existe de verdade! E os relatórios não mencionavam que o Xu era da Nação do Fogo. Você acha que eu teria deixado a Kyoshi entrar numa luta sem contar tudo que eu soubesse sobre o oponente dela?

Kyoshi observou-os discutir sobre a técnica secreta de Xu. Ela não tinha reparado na cor dos olhos dele, mas, até aí, nem todo dominador de fogo tinha olhos dourados. Se tinha uma coisa que ela havia aprendido recentemente, era que a irmandade *daofei* não fazia questão de laços de sangue. Mok e Wai poderiam ter jurado lealdade a Xu sem terem algum parentesco com ele.

Um dominador de fogo havia se tornado o líder de uma gangue criminosa do Reino da Terra. Não era uma desgraça maior do que uma nômade do ar fazendo o mesmo. Talvez seu parentesco misto a ajudasse a ver que situações como essa eram menos raras do que as pessoas acreditavam.

— Ah, Kyoshi! — Rangi exclamou com uma surpresa repentina — Suas mãos!

Elas tinham sido o primeiro machucado que Rangi havia notado depois do duelo também. Kyoshi as ergueu para mostrar que estavam curadas.

— Elas parecem bem.

— Mas as cicatrizes — Rangi entrelaçou seus dedos com os de Kyoshi e trouxe sua mão para perto da bochecha dela. Kyoshi agradeceu mentalmente por tê-las lavado — Você tinha mãos tão macias — ela disse, acariciando a mão de Kyoshi — Sua pele era tão macia e...

Lek tossiu bem alto.

— Eu tenho uma ideia quanto a isso — ele disse — Vamos, pombinhas. Vamos fazer compras.



Zigan não tinha sido particularmente receptiva com estranhos na primeira vez que eles haviam entrado para comprar comida. Agora, à luz de um novo dia... era ainda pior.

Os habitantes da cidade a encaravam com medo e hostilidade em vez da simples grosseria de antes. Portas e janelas se fechavam bruscamente conforme eles passavam. Residentes que não poderiam pagar por saídas tão dramáticas balançavam seus tapetes e cortinas vigorosamente para dar ênfase.

— Eu ainda estou com tinta no rosto? — perguntou Kyoshi — Por que eles estão me olhando assim?

— Olha, pra começar, muitas pessoas de Zigan viram os relâmpagos e um pilar de ar e fogo do seu duelo com o Xu — disse Lek — E então alguns *daofei* passaram pela cidade enquanto fugiam, contando histórias de uma gigante com olhos de sangue que bebeu a alma do líder deles. Esses idiotas não necessariamente se tocaram que você é o Avatar. Eu ouvi um vendedor dizendo que você era um dragão em forma humana, o que explicava por que você podia soprar fogo.

— Mas eu os salvei dos Caipiras Amarelos!

Lek riu.

— Kyoshi, se formos interpretar o Código a sério, *voce* é a líder dos Caipiras Amarelos agora. A Dra. Song não é boba, e mesmo assim precisamos implorar muito para conseguir que ela te ajudasse. Ela viu uma garota *daoifei* que havia desafiado seu irmão mais velho pelo controle da gangue e vencido. Pode admitir, irmã. Você é perigosa.

Kyoshi ficou surpresa pelo quanto aquilo a aborreceu. O primeiro ato heroico e altruísta que ela havia performado como Avatar estava manchado. O contexto já havia se despedaçado, fazendo com que ela não fosse melhor que Tagaka, a rainha pirata.

Mas, até aí, não havia ela mesma entendido isso desde o começo? Seu legado tinha sido parte do que ela estava disposta a pagar para trazer justiça a Jianzhu. Sempre tinha sido. Era só... um preço mais alto do que ela havia esperado.

Essa foi a história que ela repetiu para si mesma enquanto Lek as levava para dentro de uma loja decaída. Uma passada de mão em sua bochecha a assustou. Era uma luva, pendurada preguiçosamente no teto por um gancho.

Um velho tão seco e esticado quanto as peles que ele vendia estava sentado no chão. Ele acenou com a cabeça para cada um deles, sem o medo ou o desdém dos outros cidadãos.

Kyoshi achava que sabia o motivo. Artesãos de couro e tintureiros, plebeus que ganhavam a vida fazendo produtos de origem animal, eram considerados sujos em muitas partes do Reino da Terra. Era uma parte da hipocrisia que Kyoshi tanto odiava. Pessoas de todas as castas da sociedade

dependiam e imploravam por tais produtos, mas desprezavam seus vizinhos que os faziam. Ela se lembrou das belas botas que Yun havia vestido naquele dia na mansão, e seu coração doeu por ele.

— Estamos procurando por um par de luvas para minha amiga — anunciou Lek — Elas têm que ser grandes, claro.

O vendedor gesticulou para uma parede onde os maiores tamanhos ficavam. Kyoshi colocou a mão contra a maior luva e balançou a cabeça em negação.

— Eu tenho mais uma ou duas maiores nos fundos — disse o homem sem pressa — Mas elas seriam ruins pra usar no dia a dia. A não ser que você pense em travar uma luta todo dia.

— Acho... — respondeu Kyoshi — Que devemos dar uma chance a elas.

Ele procurou em volta, sem se levantar, escavando uma pilha. “Os fundos” da loja eram simplesmente o que ficava atrás dele. Ele apareceu com um saco rasgado e soltou a corda que o mantinha fechado.

— Fiz essas para um coronel em ascensão no exército há muito tempo — explicou o vendedor — O pobre rapaz morreu antes que pudesse buscá-las.

As luvas se pareciam mais com manoplas. O couro grosso e maleável ficava preso a braceletes de metal que protegiam os pulsos. Kyoshi as calçou, abotoou e puxou as fivelas. Os dedos ficaram confortáveis, como se fosse uma segunda pele, e a parte com armadura pesada passava segurança.

Aquelas luvas nunca seriam aceitas como uma companhia educada. A própria aparência delas era agressiva, uma declaração de guerra.

A ASCENSÃO DE KYOSHI

— São perfeitas — anunciou Kyoshi — Quanto eu te devo?

— Fique com elas — respondeu o vendedor — Considere como um presente pelo que você fez.

Ele não se estendeu mais. Kyoshi curvou-se profundamente antes de sair, grata até o coração.

Havia pelo menos uma pessoa que via a verdade.



Eles andaram animados pelas ruas. Kyoshi puxou um de seus leques e levantou uma pedrinha. Ela conseguia dominar perfeitamente com suas novas luvas.

— Se ao menos fosse tão fácil encontrar sapatos que servem — ela resmungou.

— É melhor do que ser pequeno e magrelo — rebateu Lek — Se eu tivesse o seu tamanho, já estaria liderando minha própria nação.

Rangi riu e apertou o braço dele.

— Ah, se anima, Lek! — Ela disse — Você vai crescer logo. Sua estrutura óssea é ótima.

Lek ficou mais vermelho do que a tinta que havia usado naquele dia.

— Cai fora! Não é engraçado quando... Argh!

Rangi o havia empurrado para frente pelo braço. Os joelhos dela se arrastaram pela terra. Foi como se todo o seu corpo tivesse se tornado flácido.

— O quê... — ela murmurou, suas pálpebras batendo como asas de inseto.

Lek endireitou-se e bateu na própria lombar. Enquanto ele girava no mesmo lugar, Kyoshi viu um pedaço de penugem saindo dele. A ponta de um dardo. Ela instintivamente cobriu o rosto com as mãos e ouviu ruídos metálicos saindo de seus braceletes. Mas a parte de trás de seu pescoço não estava coberta, e ela sentiu uma queimadura ácida vindo dali.

A sensação de líquido se espalhou por seu corpo. “Veneno”, sua mente gritou enquanto seus músculos sucumbiam. Lek tentou preparar uma pedra para jogar em seus agressores, mas ela caiu de suas mãos e rolou para o chão. Ele e Kyoshi caíram de cara no chão como os *daofoei* que haviam sido lambidos por shírshus.

Era diferente do incenso com o qual Jianzhu a havia drogado. Ela ainda conseguia ver e pensar. Mas o veneno estava tendo reações diferentes em seus amigos. Rangi parecia quase inconsciente. E Lek começou a tossir e engasgar.

Pés passaram sobre eles. Pares de mãos fortes pegaram Rangi e a arrastaram para longe.

Apenas Rangi.

Kyoshi tentou rastejar e gritar, mas o veneno era mais forte em seu pescoço, o primeiro local que havia afetado de seu corpo. Ela podia ver Lek. Seu rosto estava ficando vermelho e inchado. Ele agarrou a garganta inflamada. Estava tendo algum tipo de reação. Ele não conseguia respirar.

Lágrimas escorreram pelo rosto de Kyoshi enquanto ela estava deitada a centímetros de distância, desamparada, incapaz de salvar outro garoto dos venenos de Jianzhu. A poeira ficou lamacenta sob seus olhos.

A ASCENSÃO DE KYOSHI

Levou mais de meia hora até que ela pudesse rastejar sobre Lek e procurar por um batimento cardíaco que não estava ali.



Ela chegou no prédio deles ao mesmo tempo que Lao Ge, Wong e Kirima. Eles viram o corpo de Lek nos braços dela e cambalearam como se tivessem sido atingidos. Wong caiu no chão e começou a chorar, seus gemidos graves fazendo a terra tremer. Lao Ge fechou os olhos e começou a sussurrar uma prece repetidamente.

Kirima estava tão pálida quanto a lua. Ela entregou algo para Kyoshi, sua mão tremendo descontroladamente.

— Isso estava em um poste na praça central — ela disse, sua voz crua e machucada.

Era um aviso. “*Avatar, venha me encontrar na Vila Qinbao, sozinha*”.

Preso ao aviso havia um coque de cabelos pretos e sedosos, arrancados cruelmente da cabeça de sua dona.



O RETORNO



JIANZHU ESTAVA SENTADO ao lado de Hei-Ran na enfermaria. Ela estava viva, mas ainda não havia acordado.

Se ele fosse contar sua história no futuro, para documentar suas jornadas e segredos, essa parte se destacaria como a estrada mais difícil pela qual ele já viajara. Assassinar Hui e os outros sábios em sua própria casa não tinha sido nada. Beber ele mesmo o veneno para desviar suspeitas, confiando no treinamento que tanto ele quanto Yun haviam recebido do falecido Mestre Amak, não fora nada. Um bom número de servos que também estavam mortos, aqueles que usaram a sobra da água fervida para servirem seus próprios copos.

Nada. Nada comparado a ver sua última amiga no mundo deitada em silêncio. Esse sacrifício foi duro.

Haveria tremores secundários, do tipo que alterariam a paisagem do Reino da Terra. A Costa Oeste fora dizimada de sua liderança, especialmente perto do Mar Mo Ce. Certamente, alguns dos sábios que beberam seu chá envenenado eram corruptos ou incompetentes, mas muitos outros estavam tão empenhados em trazer força e prosperidade para a nação quanto ele. Levaria tempo para os efeitos serem sentidos pela população comum, mas as partes do país mais distantes de Ba Sing Se tinham sem dúvida sido muito enfraquecidas.

Haveria um alarde vindo da capital. Investigações. Acusações. Mas Hui inadvertidamente lançara as bases para que Jianzhu saísse dessa bagunça. Ele identificara e reunira os sábios que não estavam totalmente do lado de Jianzhu, incluindo alguns que foram uma surpresa completa. Esse tinha sido o intuito de dizer a Hui que ele havia perdido o Avatar em primeiro lugar.

Se Hui sentisse que os sábios remanescentes na outra metade do reino estavam fora de seu alcance para essa reunião, mesmo com as provas contundentes do Avatar fugindo com os *daofei*, isso significava que aqueles oficiais em particular eram verdadeiramente leais a Jianzhu. Quando chegasse a hora de revelar o verdadeiro Avatar, ele estaria em uma posição melhor e mais segura, tendo testado seus limites.

O mordomo havia feito exatamente o que Jianzhu queria que ele fizesse. Só que rápido demais e muito agressivamente. Esse cálculo incorreto o havia obrigado a transformar sua própria casa num local de chacina. Havia lhe custado Hei-Ran. Ele iria desenterrar os ossos de Hui para dar de comida aos porcos.

Ele se levantou, os joelhos ainda tremendo um pouco pelos efeitos remanescentes do veneno, e tirou uma longa mecha de cabelo do rosto adormecido de Hei-Ran. Sua constituição, seu fogo interno, havia salvado

sua vida, mas só isso. Assim que tivesse tempo, ele iria dedicar todos os seus recursos para curá-la completamente.

Apesar disso, se tivesse estado acordada nos últimos dois dias, ela o teria matado pelo que havia feito com sua filha.

Ele iria revisitar o assunto depois. Agora, ele tinha um encontro importante para o qual se preparar.



Eles enterraram Lek do lado de fora do cemitério de Zigan em vez de reclamar um dos espaços vazios dentro dele. Ele não iria querer sem enterrado junto com homens da lei, como Kirima havia explicado.

Cada grupo de túmulos parecia um pomar, cada árvore cinza e sem frutas cravada com o nome de seu dono. Kyoshi contou as fileiras, gravando em sua memória a distância aproximada para que ela pudesse voltar àquele lugar no futuro. Seguindo a tradição de Si Wong, eles haviam evitado qualquer marca, tomando cuidado para cortar a relva em fileiras que pudessem ser substituídas e colocadas de volta. O povo do deserto considerava aquele simples abraço da terra a única honra que os que partiam mereciam, o silêncio sendo o tributo mais adequado.

Parada ao lado do túmulo de Lek, Kyoshi não teria conseguido falar nada sobre ele. Ela tinha a língua de um animal dentro da boca, o uivo de uma fera em seu peito. Lao Ge estava certo sobre piedade ter seu preço.

Ela havia mostrado piedade a Jianzhu em cada pensamento que havia passado por sua mente que não fosse dedicado à destruição dele. Cada sorriso e momento de diversão que havia compartilhado com seus amigos haviam sido atos de negligência. *Esse* era o custo de esquecer Jianzhu, de

não sussurrar o nome dele antes de cada refeição, de não ver a forma dele em cada sombra. E Kyoshi nunca deixaria de pagar por isso até confrontá-lo.

— O que você vai fazer? — perguntou Kirima.

Kyoshi levantou os olhos da grama que encobria seu irmão jurado. Os olhos de Kirima estavam vermelhos e inchados. Wong e Lao Ge esperavam pela resposta dela também.

— Vou acabar com isso — respondeu Kyoshi, sua voz quebrando galhos e rasgando tecidos — Vou acabar com *ele*.

— E quanto a nós? — perguntou Wong. Ele tinha o mesmo olhar recolhido e queixoso de quando aguardava para saber se o Avatar iria continuar com o grupo depois da fuga de Huiiang.

Kyoshi teve que dar uma resposta diferente a ele dessa vez. Ela ergueu a mão.

— Aqui é onde temos que nos separar.



A Vila Qinchoo tinha um ar que muitos visitantes achavam desconcertante. A maior parte dos habitantes pertencia ao clã de Chin, o que fazia com que os forasteiros se sentissem como se estivessem falando com a mesma pessoa e sendo vigiados pelo mesmo par de olhos, não importava em que parte da cidade fizessem seus negócios. Havia um grau de riqueza mão-de-vaca que desviava a atenção de uma série de costumes e feriados bizarros que não existiam em nenhum outro lugar do Reino da Terra, muitos dos quais giravam em torno de bonecos e retratos, pequenos nas casas e enormes na praça dos festivais públicos.

O povo de Qinchao era insular, ainda mais que os Yokoyanos. Eles exaltavam seu status com declarações quase além do limite, como “Um cidadão de Qinchao e um súdito do Reino da Terra”, que era uma fala comum em uma ordem que deixava claras suas prioridades.

Há muito tempo, Kyoshi e outras empregadas haviam ganhado alguns dias de descanso em Qinchao. Jianzhu havia lhes avisado para não fazer nada em desacordo com a lei ali, porque coisas ruins aconteceriam antes que ele pudesse resgatá-las. As outras empregadas haviam rido e largado Kyoshi com a Tia Mui enquanto corriam de rua a rua, experimentando vinho pela primeira vez e flertando com atores no teatro a céu aberto.

Nada fora do comum acontecera. Elas haviam retornado sãs e salvas.

Mas Kyoshi se lembrou da sensação de mau presságio que ela havia tido naquela vez ao entrar pelos portões através das paredes circulares e seguir seu caminho até o centro da cidade em forma de lágrima. Havia uma escuridão debaixo das ruas limpas e tons fantasmagóricos que ela sentia que iriam explodir pela superfície algum dia.

Ela devia estar olhando para o futuro. Esse dia havia chegado. E aquela sombra das profundidades era ela.

Ela andou pela rua principal, despreocupada com os olhares que recebeu. Com seu cocar se somando à sua altura, sua maquiagem feita em uma camada fresca de vermelho e branco e os pesados braceletes de metal em seus pulsos, ela se parecia em parte com uma artista que havia se separado de sua trupe e metade com um soldado sem seu pelotão. Ela atraía atenção abertamente e sem hesitar, como nunca havia feito na vida.

Isso era quem ela era agora. Essa era sua pele. Esse era seu rosto.

A ASCENSÃO DE KYOSHI

A pedra da coroa do Clã Chin era a grande casa de chá de pedra no centro da cidade. Diferente da Madame Qiji, com seus quartos para a noite sobre a área comum, o estabelecimento sem nome era uma estrutura de três andares totalmente voltada a comidas e bebidas, como em grandes cidades como Omashu e Ba Sing Se. Moradores da vila passavam manhãs inteiras ali, aproveitando o chá e as fofocas. Era o lugar mais óbvio para Jianzhu ou para ela esperar um ao outro.

Kyoshi abaixou a cabeça e entrou. O restaurante era construído com o segundo e o terceiro andares como mezaninos, permitindo que ela visse as mesas com conversas tempestuosas de cima até embaixo. Garçons carregavam bandejas de vaporizadores de bambu pelos corredores, anunciando seus conteúdos, pausando quando convocados por um convidado para colocar pequenas porções de bolinhos luminosos em seus pratos.

O homem atrás da cortina reparou nela e acenou na direção da área de jantar. Ou um lugar havia vagado ou ele estava muito assustado para negar a entrada dela. Ela visualizou uma mesa no chão que ainda estava sendo limpa e se moveu na direção dela. Cadeiras rangeram contra o chão quando as pessoas se viraram em seus lugares. Um servo vindo do lado oposto do corredor quase derrubou sua bandeja e andou para trás o mais rápido que pôde.

Kyoshi escolheu uma posição em que pudesse observar a porta para ver quem entrasse e saísse. Os pratos sujos em sua frente sumiram como se ela fosse um espírito de um templo que ficaria insatisfeito com qualquer oferta usada que se demorasse demais. Assim que a mesa foi limpa, ela colocou uma pedra pequena e lisa em sua frente. E então esperou.

Eventualmente, sua quietude permitiu que os outros visitantes retomassem seus assuntos. A conversa ao seu redor retomou o rumo. O

som de passarinhos podia ser ouvido no andar de cima; um grupo de homens de idade havia trazido gaiolas ornamentadas para mostrar as novas espécies de suas coleções uns aos outros.

Clientes preencheram o lugar ao longo da manhã. Ela tomava nota de suas estaturas, de seus passos, de seus rostos, esperando que algum deles fosse Jianzhu. Era só uma questão de tempo até que ele viesse.

Seu antigo empregador entrou e imediatamente a notou, sentada na mesa distante. Ele parecia levemente cabisbaixo. Seu belo rosto estava desgastado, abatido, como se ele não tivesse comido ou dormido há dias. Seu cabelo e sua barba tinham sido totalmente penteados, mas não em seus padrões impecáveis de sempre. Ele parecia mais velho do que ela se lembrava. Muito mais velho.

Jianzhu sentou-se na cadeira em frente a Kyoshi. Um garçom aventureiro, ao ver que uma pessoa normal havia se juntado a ela na mesa, aproximou-se para ver o que eles queriam. Jianzhu o mandou embora com um olhar.

Os dois se encararam, saboreando o momento.

— Você está horrível — comentou Kyoshi.

— Você também — ele respondeu — O veneno shírshu ainda não saiu totalmente do seu sistema. Eu consigo dizer pelo jeito como você está piscando um pouco devagar — ele apoiou os cotovelos na mesa e se inclinou sobre as mãos, dando-lhe um meio-sorriso exausto — Em algum momento te ocorreu que os animais não estavam rastreando você, pessoalmente, para início de conversa? Eu dei a eles o cheiro da Rangì, não o seu.

— Você estava caçando ela o tempo todo, não eu — murmurou Kyoshi. A crueldade dele ia além da compreensão dela em todos os sentidos.

Jianzhu esfregou o rosto.

— Trazer você de volta sem algum tipo de barganha teria sido à toa — disse ele — Você nunca teria me ouvido. Você deixou isso muito claro antes de fugir.

— Eu devia ter percebido — comentou Kyoshi — Você trafica *reféns*. Não é melhor que os *daofei*.

Jianzhu franziu o cenho.

— O fato de você pensar assim mostra que você precisa do treinamento e da educação corretos mais do que tudo. É hora de acabar com essa loucura, Kyoshi. Vamos para casa.

— Onde está a Rangi?

— Ela está... em... CASA — ele gritou — Onde *voce* deveria ter estado esse tempo todo!

Seu surto não atraiu muita atenção dos vizinhos mais próximos. Era claramente um pai bravo com a filha por ter se disfarçado e fugido. Nada que já não tivessem visto centenas de vezes.

Kyoshi duvidava que Rangi estivesse passeando pelos jardins da mansão como bem entendesse, esperando por ela. Jianzhu havia desonrado a dominadora de fogo completamente ao cortar seu cabelo. Para evitar uma resposta, ele teria que aprisioná-la. Ou pior.

Kyoshi lutou contra a raiva que correu por seu corpo. Em uma situação com reféns, ela tinha que se manter tão calma quanto pudesse. Mas seu joelho tremia um pouco, em contato com a mesa, fazendo a pedra

balançar. O barulho que isso fazia chamou a atenção de Jianzhu. Ele olhou para a pedra sobre a mesa.

— O que é isso? — ele perguntou — Outro brinquedo de criança que você pegou enquanto estava fora?

Kyoshi negou com a cabeça.

— Isso pertenceu a uma pessoa que deveria ter feito parte da sua derrota.

— Estamos perdendo nosso tempo aqui com esses joguinhos — ele retrucou — O que você vai fazer, se não o que eu digo?

Ela não podia falar de sua vingança em voz alta. Agora que ela estava perto o suficiente para esticar suas mãos e envolver o pescoço de Jianzhu, dizer que ela havia desejado a morte dele funcionaria como um feitiço reverso que enfraqueceria sua força de vontade. Ela temia que, se desse voz ao ódio, ele se transformaria em pó como um remédio que havia ficado muito tempo sem uso.

— Está vendo? — Ele continuou — Você veio aqui sem um plano. Enquanto eu vou te dizer exatamente o que vai acontecer se você não se levantar e vier comigo para casa — ele aproximou o rosto do dela — Eu vou destruir esse prédio e matar todos aqui dentro.

Os olhos de Kyoshi se alarmaram. Sua mente vagou entre se perguntar se ele era capaz e temer que ele fosse capaz. Ele não estava blefando.

— Esse é o problema com prédios feitos totalmente de pedra — Jianzhu continuou — Eles quebram em vez de dobrar. O que os torna terrivelmente vulneráveis a terremotos.

Kyoshi olhou em volta deles. O restaurante estava cheio de moradores desavisados sentados no chão de pedra, suas costas nas paredes de pedra, um teto de pedra sobre suas cabeças. Nas mãos de Jianzhu, aquilo seria uma armadilha mortal. Um túmulo coletivo à espera. A ameaça era tão real quanto possível.

— Você faria jus ao nome que tem entre os *daofei* — disse Kyoshi.

Jianzhu congelou. Kyoshi pensou tê-lo insultado ao ponto em que ele esqueceria que precisava do Avatar, que ele esticaria o braço sobre a mesa e simplesmente acabaria com a vida dela. Mas ele colocou as mãos sobre a própria boca e começou a tremer.

Lágrimas saíram de seus olhos. Demorou um tempo para Kyoshi entender que ele estava rindo histericamente. Ela nunca havia visto a verdadeira risada dele, e era um espasmo quieto que ocupava todo seu corpo. Ela se assustou quando ele bateu os punhos contra a mesa.

Com muita dificuldade, Jianzhu se recompôs.

— Você quer saber como eu ganhei esse nome anos atrás? — ele sussurrou, aproximando-se com a confiança de um conspirador — É uma história engraçada. Primeiro, eu fiz de exemplo alguns dominadores de terra entre os Caipiras Amarelos. Levei meu tempo com eles. Então eu disse ao restante que quem cavasse a cova mais funda até o amanhecer seria poupado, livre para voltar para casa. Só os que ficassem para trás seriam mortos — ele riu em satisfação — Você tinha que ter visto. Cavaram mais rápido do que suas mãos fracas podiam aguentar. Alguns mataram uns aos outros por causa de uma pá. Eles *pularam* dentro de suas covas e olharam para cima com sorrisos confiantes de que *eles* seriam os sobreviventes, não seus companheiros.

Kyoshi queria vomitar. Não havia palavra para o que Jianzhu era.

— E aí está — ele continuou — Cinco mil covas frescas cavadas por seus próprios ocupantes. Eu só joguei a terra por cima. Como um dia eu expliquei a um pupilo, a força está em dominar as pessoas à sua vontade, não os elementos. — Ele suspirou enquanto enterrava a memória junto com seus participantes — Você é muito difícil de dominar, Kyoshi. Mas se você não me der nenhuma outra opção, depois de matar todo mundo aqui, eu talvez tenha que ir para casa e cortar a garganta da Rangi...

A última bala de Lek cruzou o ar na direção da testa de Jianzhu. Parou antes de fazer contato. Jianzhu se balançou em sua cadeira pelo esforço de conter o ataque dela, uma mão curvada no ar. Com muito esforço, ele colocou a pedra de volta na mesa e a empurrou de volta para ela.

Ele estava muito interessado nessa mudança de cenário.

— Como? — Perguntou, enquanto eles brigavam pelo controle da pedra — Quando foi embora, você não tinha a precisão necessária para dominar uma pedra tão pequena.

Kyoshi moveu seu leque sob a mesa, longe da visão dele. A pressão era muito maior para ela.

— Eu caí com um grupo diferente — ela respondeu.

Jianzhu parecia levemente impressionado.

— Bom, espero que você esteja feliz com o que aprendeu, porque você condenou todo mundo aqui — ele esticou a mão e puxou o telhado para baixo.

Kyoshi se igualou a ele, erguendo seu segundo leque acima da mesa. Um tremor passou por todo o prédio e morreu antes que pudesse ser notado pelos clientes. Talvez uma carroça muito pesada tivesse passado por ali. O

telhado de pedra ficou onde deveria, apesar de uma camada de poeira ter caído pelas paredes sobre algumas mesas, causando gritos irritados pelo terceiro andar.

Naquela altura, algumas pessoas estavam olhando para eles, atraídas por suas posições de dominação. “*Corram*”, ela queria gritar à plateia. Mas ela não conseguia. Seu corpo todo estava tensionado ao limite, sua garganta congelada. Estava custando cada grama dela aguentar a força de Jianzhu.

Mas, quando seus olhos encontraram os dele, ela viu que ele estava quase tão afetado quanto ela. Seus ombros estavam tremendo, como os dela.

— Eu tenho que elogiar... — ele disse antes de interromper a si mesmo. Ele provavelmente iria dizer que tinha que elogiar os novos amigos de Kyoshi. Mas ele não conseguia dizer isso sob a pressão.

Ele percebeu que ela havia notado seu momento de fraqueza. Num surto de raiva, ele apontou a perna para o lado e tentou derrubar a parede de apoio. Kyoshi suprimiu um grito conforme a força para mantê-la intacta rasgava um músculo perto de sua costela.

Ela lutou contra a dor e conseguiu manter a destruição em uma única rachadura que correu do chão ao teto. A parede aguentou.

O queixo de Jianzhu se moveu. Ele mostrou os dentes. Ele e Kyoshi lutaram parados, seus corpos totalmente presos em oposição, uma perversão do *jing* neutro em que eles só pareciam não estar fazendo nada. Vibrações começaram a correr pelo prédio novamente, o leve tremular de pratos e xícaras contra temperos. Os clientes no térreo poderiam ter suspeitado que a culpa era daquela garota e daquele homem, mas sua hesitação em se mover os manteve na zona de risco.

Os sons de conversa diminuíram, como se o próprio ar estivesse congelado. Homens e mulheres na visão periférica de Kyoshi viraram suas cabeças na velocidade de uma lesma. Suas falas se dissolveram em grunhidos.

Kyoshi poderia estar lutando contra Jianzhu há tanto tempo que ela não sabia mais o que era real. Ela ouviu um passo ecoando em sua orelha, e então outro.

Uma figura encapuzada andou com propósito até a mesa deles. Nem ela nem Jianzhu podiam se mover. Foi como se a presença daquele terceiro tivesse se juntado àquele sofrimento, colocando as mãos sobre a dominação deles e esmagando-os juntos.

A pessoa parada sobre eles com toda a familiaridade do mundo jogou seu capuz para trás.

Era Yun.

Se ela tivesse a habilidade de respirar, Kyoshi teria engasgado. Chorado. Aquilo era um sonho e um pesadelo, suas maiores esperanças e seu maior tormento despejados juntos em uma mistura estranha em seu rosto. Como ele havia sobrevivido? Como os havia encontrado? Por que ele havia retornado agora, de todos os momentos?

O choque de Jianzhu ao ver Yun quase quebrou o domínio volátil que ele tinha sobre a pedra ao redor deles. Kyoshi não conseguia mais dizer quem estava no controle do que, com a dominação deles unida daquela forma, mas tinha certeza de que, se diminuísse a tensão ao falar ou piscar, o prédio todo iria cair em pedaços. Os três estavam mergulhados em um delírio privativo, uma prisão feita por eles mesmos.

Yun não disse nada. Ele os encarou com um sorriso fraco e educado. Sua pele tinha o brilho de um aventureiro saudável que retornava de uma viagem de sucesso, a barba por fazer cobrindo seu queixo. Seus olhos brilhavam com a mesma travessura que Kyoshi se lembrava tão bem.

Nada disso impedia uma sensação cegante e nauseante de algo errado que seu corpo emanava. As pessoas sempre se atraíam por Yun como metal por magnetita, e Kyoshi não tinha sido uma exceção. Mas ele havia mudado. Havia algo essencial faltando nesse ser de outro mundo na frente dela. Algo humano.

O garoto que ela amava tinha sido substituído por uma casca vazia, com o vento passando pelos buracos. Os clientes próximos, que até então tinham tolerado a estranheza dela, afastaram-se de Yun como se ele fosse um cadáver apodrecendo, arrastando cadeiras pelo chão para criar uma distância. Eles não aguentavam ficar perto dele.

Yun notou a bala sobre a mesa. Sua presença o encheu de deleite e seu rosto se acendeu como se ele tivesse visto o objeto antes. Ele esticou o braço e lentamente libertou a pedra enquanto Kyoshi e Jianzhu ainda lutavam pelo controle dela com a combinação da dominação de um grande mestre com o Avatar da Terra. Para Kyoshi, foi como se ele tivesse aberto um buraco no local vazio, removido a própria lua do céu. Ela quase pôde ouvir um barulho de sucção quando a pedra saiu do controle dela e de Jianzhu.

Ainda sem dizer nada, Yun segurou a pedra, tendo certeza de que tanto Kyoshi quanto Jianzhu podiam vê-la. E então ele enfiou a mão no peito de Jianzhu.

Os olhos de Jianzhu saltaram. Kyoshi sentiu sua dominação de terra se exceder e teve que compensar. Yun gentilmente colocou sua outra mão,

ainda suja de tinta preta, nas costas de Jianzhu. Depois de um segundo, ele mostrou o que havia passado de uma mão à outra.

A pedra, agora coberta de sangue.

Yun não esperou Jianzhu terminar de morrer. Ele piscou para Kyoshi e se virou para sair. Mais rachaduras percorreram as paredes, grandes o suficiente para atrair a atenção dos clientes. Na porta, Yun parou e olhou para Kyoshi, para a dureza dela, para como ela mal estava conseguindo manter o prédio no lugar. Ele riu.

E então bateu na mesa.

As fundações do prédio se ergueram e caíram ao seu comando. O impacto arrancou as pessoas do chão. Kyoshi perdeu seu controle na maior parte da pedra, e o teto começou a cair. Yun desapareceu.

Um pedaço de pedra do tamanho de uma janela caiu no primeiro andar, quase acertando um garçom. Ela podia sentir uma debandada se formando. Havia muitas pedras caindo em volta dela. O mundo estava caindo sob seus olhos.



Lao Ge tinha insistido.

Apesar dos protestos dela de que não precisava desbloquear os segredos da imortalidade, ele a fizera se juntar a seus exercícios diários de longevidade. Ela tinha dito bem diretamente que achava o conceito ridículo.

— Isso não é espiritualidade — ele havia dito — Você não precisa acreditar. Só tem que praticar.

Ele a havia levado aos mesmos lugares em que um guru meditaria: curvas de rios, troncos de árvores que um dia haviam sido grandes, cavernas na encosta de penhascos. Mas ele também havia enchido as orelhas dela com absurdos contra intuitivos.

— Em vez de bloquear tudo como você faria numa meditação normal, absorva tudo — dissera ele, numa campina no caminho para Taihua — Note cada folha de relva ao mesmo tempo em que você notaria apenas uma.

— Eu teria que ter mil olhos pra fazer isso — Kyoshi havia retrucado.

Ele riu, e respondeu:

— Ou uma quantidade infinita de tempo. Os dois funcionariam.

As adivinhações não pararam mesmo quando eles estavam se preparando para o assassinato de Te.

— Divida seu corpo em dois — ele havia dito enquanto ela praticava esquentar e quebrar um pedaço de metal velho — E então divida de novo, e de novo, e de novo. O que sobraria?

— Uma bagunça ensanguentada — ela havia respondido, pouco antes de queimar a mão e gritar.

— Exatamente! Coloque as partes de volta, de novo, e de novo, e mais uma vez, e você estará completa novamente — dissera o velho.

— Um ser humano não é um bloco de pedra — comentara Kyoshi, mostrando seus dedos avermelhados para dar ênfase.

— É aí que você está enganada. A ilusão de que o ser é separado do resto é o que limita nosso potencial. Assim que você perceber que não há nada de especial sobre si mesma, será mais fácil de se manipular.



Para Kyoshi, aquela havia sido a lição mais fácil. Ela não era nada de mais. Ela nunca havia sido nada de mais. Aquele era um mantra no qual era acreditava.

Seus olhos brilharam, mas só um pulso rápido. Ela não precisava expressar sua dominação dos quatro elementos como no duelo contra Xu. Apenas um. A pedra era ela, ela era a pedra.

Sua mente estava em todo lugar, dançando nas pontas de seus dedos. Ela havia largado os leques, mas agora não importava. Kyoshi sentia a forma de cada peça e como elas se encaixavam umas nas outras, era tão fácil juntá-las novamente. Ela não tinha certeza se estava pensando na casa de chá ou em si mesma. De acordo com Lao Ge, não havia diferença.

Havia um senso de disrupção, quase como um grupo de formigas subindo por seu ombro. Os clientes de cada andar corriam para a saída. Ela os observou passar por blocos quebrados, mantidos no lugar apenas pela dominação de terra. Cada passo da multidão em pânico tinha seu barulho distinto, mais um peso para o catálogo. Não foi problema algum para ela.

Quando o último dos ocupantes saiu, Kyoshi se levantou, mantendo a posição da Ponte Cheia com uma mão levantada enquanto colocava seus leques de volta no cinto com a outra. Ela olhou para Jianzhu, caído. Sua vingança incrustada em um único corpo.

A ASCENSÃO DE KYOSHI

Parecia tão limitado e finito. Como tal frasco poderia ter guardado todo o volume de sua angústia, de sua raiva? Se algum sentimento sequer passava pela dormência de sua união com a terra ao redor dela, era a ira de uma criança enganada cujos pais haviam prometido o final de sua história de ninar só para acabar vendo as luzes das velas apagarem e a porta se fechar. Ela era uma garota sozinha no escuro.

Ela decidiu deixar Jianzhu onde ele estava, não por nenhum desprezo restante. Simplesmente porque o caminho que a levava até ele havia terminado.

Ela saiu para a praça. Havia um meio-anel de pessoas em volta dela, dando bastante distância, encarando a cena em horror. Eles não sabiam quem ela era ou como havia salvado a vida deles. Ela não se importava.

Kyoshi abriu mão de seu foco, e o prédio se desfez atrás dela. A multidão se assustou quando a casa de chá desabou, mandando uma onda de poeira sobre suas cabeças.

Os cidadãos de Qinchao começaram a fugir. Ao mesmo tempo, ela ouviu o bater de sinos e homens da lei correndo em sua direção pela multidão. Os oficiais sacaram suas espadas quando se aproximaram.

— Não se mova! — O capitão gritou — Largue suas armas e fique no chão!

Ela olhou para os homens nervosos, com os rostos avermelhados, agarrando-se a seus metais. Sem dizer nada, ela levantou poeira mais e mais alto, ignorando as ameaças e o choque, até que voou por cima de suas cabeças, até o telhado mais próximo e em direção ao céu.



Havia uma árvore na estrada que levava a Qinchao. Tinha um único galho dominante que se estendia lateralmente, com uma corrente enferrujada e esquecida presa a ele. Kyoshi se perguntou o que havia sido pendurado ali antes da corrente se quebrar.

Penpeng rolava na grama enquanto a Companhia da Ópera Voadora estava sentada em um círculo, voltando da missão à qual ela os havia enviado. Uma figura de cabelos curtos ficou em pé e correu na direção dela.

Rangi enterrou o rosto no peito de Kyoshi. Ela tremia e chorava, mas fora isso não estava machucada.

Kyoshi havia trapaceado no teste de Jianzhu. Ele não havia considerado que uma mera serva teria amigos tão versados em invasões. Enquanto Kyoshi enfrentava Jianzhu em Qinchao, o resto da Companhia da Ópera Voadora havia invadido sua mansão em Yokoya, usando os planos detalhados que ela havia fornecido para o resgate de Rangi.

Mas havia mais um corpo na sombra da árvore. Ela reconheceu Hei-Ran, envolta em cobertores. A mulher mais velha tinha um ar fantasmagórico em seu rosto que era difícil de encarar. Com sua semelhança familiar, Kyoshi só conseguia pensar em Rangi no mesmo estado de desamparo.

— Kyoshi, minha mãe — Rangi murmurou, tremendo em seu aperto — Nós a encontramos na enfermaria desse jeito. Eu não sei o que aconteceu com ela. Eu abandonei a minha mãe! *Eu a abandonei, e isso aconteceu!*

— Ela vai ficar bem — disse Kyoshi, tentando passar a convicção de seu corpo para o de Rangi — Eu juro que ela vai ficar bem. Vamos fazer o que for preciso para ajudá-la — ela permitiu que Rangi se recuperasse naquele abraço, seus soluços diminuindo até se tornarem um segundo batimento cardíaco.

Kyoshi acariciou o pedaço de cabelo cortado, deixado pelo coque arrancado. A dominadora de fogo recuou como se ela tivesse tocado em uma ferida aberta.

— Eu devia estar usando um saco na minha cabeça pra que você não tivesse que me ver assim — resmungou Rangi.

Não havia um bom jeito para Kyoshi explicar que ela não ligava nem um pouco para o cabelo ou a honra de Rangi, contanto que ela estivesse viva. Na verdade, era mais fácil apoiar o queixo na cabeça dela agora, sem o coque alto.

Depois de dar algum tempo a elas, Kirima, Wong e Lao Ge se aproximaram.

— A operação foi um sucesso, aparentemente — comentou Kirima — Uma vez que você resgata uma pessoa das entranhas da caverna pessoal de um oficial poderoso do Reino da Terra, você resgatou todos. Você tinha razão. Jianzhu não parecia esperar que estivéssemos do seu lado. Isso deixou as coisas muito mais fáceis.

— Eu talvez tenha arranjado algumas coisas na saída — disse Wong. Seus dedos grossos estavam cobertos de anéis dourados e selos de jade, inclusive um que lhe permitia correspondência direta e privativa com o Rei da Terra.

Kyoshi não via problema naquilo. Mas os dedos dele estavam inchados e vermelhos.

— Vocês tiveram algum problema? — ela perguntou.

— Ninguém está morto — Wong disse rapidamente — Mas eu tive que conseguir informações do jeito antigo com alguns mercenários vestidos de guardas. Eu posso ter exagerado um pouco. Não me arrependo. — Ele

olhou para Rangi nos braços de Kyoshi e deu um sorriso raro — O Coveiro pegou uma de nós. Eu não o deixaria levar outro.

— Falando nisso, onde ele está? — Perguntou Kirima — Está... Está acabado?

Jianzhu estava morto. Mas Yun estava vivo, um relâmpago incontrolável, cometendo todo tipo de atrocidade e desqualificação, e ela ainda era o Avatar.

“*Está acabado?*”, Kyoshi pensou, e percebeu que não tinha resposta alguma para essa pergunta.



ASSOMBRAÇÕES



O TEMPLO DO AR DO SUL era diferente de qualquer lugar que Kyoshi já tinha visto. Torres brancas estendiam-se, atravessando o topo de fios de névoa em espiral. Longos caminhos enrolavam-se como labirintos de meditação subindo as encostas para as entradas terrestres. Filhotes de bisão brincavam no ar, adoráveis, pequenas nuvens de pelo e chifres grunhindo. Ela não entendia como um povo poderia escolher ser nômade quando eles tinham um lar tão cheio de beleza e paz.

Kyoshi esperou em um jardim que se destacava por sua simplicidade e espaços abertos em vez de densidade de detalhes caros, como as mansões as quais ela estava acostumada. A brisa desimpedida pela grama e a areia varrida eram uma mordida nítida contra sua pele. O jardim terminava em uma parede do templo com enormes portas de madeira. Cada entrada era

coberta por tubos de metal que se torciam em nós e terminavam em uma saída enorme e aberta que parecia um chifre *tsungi*.

Ela estava sozinha.

Seus amigos tinham seguido por caminhos diferentes. Kirima e Wong queriam fazer uma pausa na vida de contrabandista e ficar um tempo fora do radar, vivendo dos bens que surrupiaram da mansão de Jianzhu. Eles prometeram manter contato e visitar Kyoshi, assim que ela tivesse se estabilizado. Eles eram os companheiros do Avatar, afinal. Sem dúvida alguma ela conseguiria perdoá-los de qualquer encrenca que eles se envolvessem.

Lao Ge recusou-se a ir com eles, alegando que ele precisava descansar seus velhos ossos. Quando estavam a sós, ele disse a Kyoshi que, como o Avatar e importante líder mundial, ela agora estava na lista dele. Ele dissera isso em tom de brincadeira, parcialmente. Mas ela não se importava. Ela estava convencida de que agora ela conseguiria enfrentar o velho em uma luta até a morte.

Hei-Ran havia acordado. Rangi, lutando com cada palavra, dissera a Kyoshi que ela precisava levar sua mãe ao Polo Norte, onde os melhores curandeiros do mundo viviam. Se existia uma chance de ela se recuperar completamente, seria encontrada junto aos especialistas da Tribo da Água.

Isso significava dizer adeus por tempo indeterminado. Elas poderiam se encontrar novamente no futuro. Mas, como Lao Ge previra, elas não seriam as mesmas pessoas quando isso acontecesse. Por mais que Kyoshi quisesse ficar com ela, em uma única piscina congelada de momentos, a corrente que as carregava para frente era forte demais.

Kyoshi esperou até que seus amigos fossem embora para fazer sua jogada, querendo poupá-los do caos que iria se seguir depois que ela se

revelasse. Os Nômades do Ar tinham costume de aceitar peregrinos de outras nações, deixando-os ficar em seus monastérios e conventos temporariamente. Sem Jianzhu para deixar sua vida obscura, ela simplesmente se juntou a um grupo de viajantes maltrapilhos que escalavam a montanha para o Templo do Ar do Sul.

Durante a orientação para seus companheiros leigos, ela se apresentou pedindo para que todos se afastassem. Na frente dos monges, ela invocou um tornado de fogo e ar. O vórtex ardente de dois elementos provou sua identidade sem sombra de dúvidas — apesar de que quase queimar uma árvore sagrada ao fazer isso a relembrou que seria uma boa ideia depender de seus leques por um pouco mais de tempo.

Assim como esperado, houve um rebuliço. Muitos dos abades mais velhos conheciam Jianzhu e haviam encontrado Yun. A existência dela causou uma reviravolta de um fato já estabelecido. Ela não era o celebrado prodígio do Reino da Terra, o garoto ora creditado publicamente pela destruição da ameaça dos piratas da Quinta Nação.

Mas havia um motivo de ela ter ido para os dominadores de ar em vez de um sábio de sua nação natal. O isolamento e a santidade do templo proviam a medida de proteção enquanto a tempestade de sua chegada uivava fora de suas paredes. Apesar de ser uma dominadora de terra nativa, os Nômades do Ar tomaram os ultrajantes relatos de eventos como a mais simples verdade, dita pelo Avatar. Eles suportariam a raiva e violência de sábios da Terra que a veriam como ilegítima, como se ela de algum modo tivesse usurpado sua posição apenas por ter nascido, e transmitiriam mensagens para ela com serenidade e graça.

O conselho de anciãos no Templo do Ar do Sul não tinha interesse em lucrar com a presença dela ali, ou em ditar o que ela deveria fazer depois.

Eles pareciam contentes em escutá-la e realizar quaisquer pedidos que podiam.

Além disso, Pengpeng desfrutava de estar reunida com uma manada. Kyoshi devia a ela uma folga com sua própria espécie.

— Avatar Kyoshi! — alguém gritou, quebrando os devaneios dela. Ela olhou para cima.

Bem acima dela, em uma sacada, um alto e jovem monge acenou. Ela deu um passo para trás para lhe dar espaço para pousar, e ele saltou sobre o gradeamento. Uma rajada de vento abrandou sua queda, inflando seus robes laranja e amarelos. Ele aterrissou ao lado dela tão suavemente quanto Kirima fizera, tempos antes, na casa de chá da Madame Qiji.

— Perdão, Avatar — disse o Monge Jinpa — As escadas da torre levam uma eternidade.

— Eu já tive grande parcela dos meus atalhos arquitetônicos — comentou Kyoshi. Ela e Jinpa começaram a passear pelo jardim enquanto eles conversavam, até que ela perguntou — Quais são as novidades?

O Monge Jinpa tinha sido designado a ela como um tipo de mordomo. Ele era o líder do grupo administrativo do templo, lidando com logísticas e finanças quando os Nômades do Ar eram obrigados a lidar com o mundo material. Até monges precisavam de alguém para cuidar de cada dinheirinho que acabava na posse deles.

— As novidades são... Bem, ainda está uma bagunça — disse Jinpa — A tragédia em Yokoya é pior do que temíamos. Aproximadamente quarenta pessoas da elite do Reino da Terra foram mortas por envenenamento. E alguns agregados da família também.

Kyoshi fechou seus olhos mediante a dor profunda. Ela tinha descoberto há pouco tempo o que acontecera na mansão

— Tem mais algum detalhe?

— Os investigadores enviados pelo Rei da Terra acreditam que foi um ato de vingança de algum grupo *daofei*. De algum modo descobriram sobre uma reunião importante entre sábios e decidiram atacar com um nível de atrevimento que nunca foi visto antes.

A mãe de Rangi deve ter adoecido do mesmo modo. E Kyoshi não sabia quem dentro de seus antigos colegas de trabalho ainda estava vivo. Ela não sabia se a Tia Mui estava viva. Ela tinha que voltar a Yokoya o mais rápido possível.

— O que você ouviu sobre Qinchao? — ela perguntou.

Jinpa comprimiu seu rosto. O pobre monge estava esgotado por tantas más notícias passando por suas orelhas. Como um pacifista, ele não estava acostumado com esse nível de morte e desordem.

— Os policiais encontraram o corpo de Jianzhu. Algumas testemunhas corroboraram sua história, de que um jovem o matou a sangue frio. Mas muitos dos cidadãos não estão convencidos de sua inocência. A maioria deles manteve no depoimento que você destruiu a casa de chá.

Kyoshi não contara a ninguém que Yun era quem vingara sua própria morte. Em retrospectiva, ela mal tinha certeza disso. O encontro fora tão surreal quanto o na cidade mineradora onde ela achava que ele tinha perecido. Em ambos os casos, ela vira uma entidade que ela não tinha esperanças de entender.

— Tudo bem — ela respondeu — Duvido que incomodarei os Chin novamente em um futuro próximo. Essa é a última das notícias?

— Ah, não. A morte do Mestre Jianzhu veio com uma complicação.

Por mais que fosse completamente inapropriado, ela quase caiu na gargalhada. Óbvio. O que era mais uma complicação adicionada àquela pilha?

Jinpa continuou:

— Aparentemente vários associados próximos, incluindo o Rei da Terra e o Rei de Omashu, possuíam cópias seladas do testamento dele para ser aberto em alguma eventualidade. Nele, o Avatar fora nomeado como o herdeiro de toda sua propriedade.

Kyoshi deu de ombros à revelação.

— Ele estava treinando Yun para ser seu sucessor como protetor do Reino da Terra. Faz sentido.

O monge sacudiu a cabeça.

— O testamento se referia a você pelo nome, Avatar Kyoshi. O mestre Jianzhu tinha enviado as cópias por falcões algumas semanas atrás. Nesses documentos ele confessava seu grande erro identificando o Avatar e implorava aos seus colegas que eles lhe dessem todo o apoio que pudessem, como ele está fazendo postumamente. Suas terras, sua casa — agora pertencem a você.

Kyoshi teve que parar e admirar o modo que Jianzhu persistia em seus métodos até dentro de seu túmulo. Era tão a cara dele assumir o privilégio de uma súbita mudança de curso, pensar que corrigir um erro era a mesma coisa que fazer as pazes. Em seu testamento, Jianzhu esperava que, com seu pedido, o mundo veria os eventos do modo que ele via.

— Deixe-me adivinhar — disse Kyoshi — Enquanto esses documentos sanaram as dúvidas sobre eu realmente ser o Avatar, agora as pessoas pensam que eu o matei para herdar sua fortuna.

Jinpa apenas pôde levantar seus braços em impotência.

— É incomum que ele estivesse com você em Qinchao e não na casa dele pouco depois do envenenamento.

Os outros membros da Companhia da Ópera Voadora teriam achado aquilo hilário. Ao menos conseguir a mansão como herança não violava os votos *daofei* que ela fizera. Ela tinha todas as intenções de manter o mesmo Código que seus familiares por juramento, vivos ou mortos.

Ela ficou em silêncio enquanto eles terminavam a volta. Era dito que cada Avatar era nascido em tempos de adaptação, em uma era que precisava deles.

Julgando por seu começo, a era de Kyoshi era marcada por incerteza, medo e morte, os únicos presentes que ela aparentava ser capaz de dar ao mundo. O povo nunca a reverenciaria como faziam a Yangchen ou sorririam para ela como faziam com Kuruk.

“*Então que seja assim*”, ela pensou. Ela lutaria contra sua má-sorte, suas estrelas ruins, e protegeria aqueles que poderiam desdenhá-la até o fim de seus dias.



Eles chegaram ao alojamento dela. Kyoshi dissera aos monges que ela estaria perfeitamente bem dormindo nas mesmas celas simples que os outros peregrinos, mas eles insistiram em dar um quarto reservado para a encarnação atual do Avatar. Era mais como uma sala vasta, para os

parâmetros dela. Colunas laranja seguravam o teto, dando a impressão de um sulco interior, e o chão de madeira escura tinha um tapete de lã fina de bisão expelida naturalmente e tecido em padrões de espirais dos Nômades do Ar. Havia um posto para exercícios de meditação, incluindo uma piscina espelhada e uma superfície de pedra branca rodeada por frascos de areia colorida.

— Tem mais alguma coisa que você precise agora, Avatar Kyoshi? — perguntou Jinpa.

Na verdade, tinha.

— Eu notei o nome do Mestre Kelsang em vários registros ao redor do templo — ela comentou — Mas em um lugar de honra mais baixo do que sua experiência sugeriria.

— Ah, perdão, Avatar, mas isso é uma questão de procedimentos dos Nômades do Ar. Sabe, é costume manter um certo nível de separação entre aqueles que tiraram uma vida, direta ou indiretamente, e aqueles que se mantiveram espiritualmente puros. É aplicado em nomes e registros também.

Então era uma questão de Kelsang ser impuro. Era assim como os Nômades do Ar interpretaram os esforços dele para salvar aldeões de regiões costeiras da depredação de piratas. Ela imaginava onde o nome de sua mãe estaria no Templo do Ar do Leste. Talvez enterrado no chão com o lixo.

Ela olhou para a expressão redonda e inocente de Jinpa. Suas façanhas em Zigan ainda não tinham chegado ali. Ela pensou em quão no controle ela havia se sentido quando deixou Xu cair.

— Eu gostaria que o nome do Mestre Kelsang fosse restaurado para seu status normal e estimado — Kyoshi disse. A soberba casual veio a ela com muita facilidade. Ela odiava cada polegada que a empurrava na direção de se portar como Jianzhu. Mas era uma ferramenta extremamente efetiva em seu arsenal, aprimorada por sua reputação pavorosa.

— O conselho de anciãos não ficaria satisfeito — respondeu Jinpa, esperando que ela desistisse.

— Mas eu ficaria — retrucou Kyoshi — Na verdade, uma estátua seria legal.

Ele era jovem e sagaz o suficiente para entender o nível em que ela estava operando. Ele riu em resignação.

— Como desejar, Avatar Kyoshi. E, se tiver mais algum pedido, me avise. É o mínimo que meus compatriotas e eu podemos fazer depois de falhar em vir à sua assistência por tanto tempo. Estávamos, infelizmente, no escuro, como o resto do mundo.

Kyoshi inclinou a cabeça.

— Os Nômades do Ar não tiveram culpa em relação aos meus problemas.

— Eu, er, me referia a um “nós” diferente — Jinpa coçou a nuca — Por acaso você joga Pai Sho?

Kyoshi fez uma careta para sua afirmação enigmática e mudança de assunto súbita.

— Não jogo — ela respondeu — Não gosto do jogo.

Jinpa tomou essa afirmação como um sinal para sair. Ele se curvou e a deixou para sua solidão.

Kyoshi suspirou profundamente e andou até a piscina espelhada, onde havia uma almofada na ponta. Ela se sentou na pose que Lao Ge a ensinara e semicerrou os olhos, seus cílios formando uma cortina sobre sua visão. Ela passara muito de seu tempo no Templo do Ar meditando naquele lugar.

Parecia errado chamá-lo de seu lugar favorito. “O único lugar em que podia ficar relativamente em paz” era mais apropriado. Ninguém a avisara sobre o quão vazia ela se sentiria tendo apenas um objetivo e o vendo ser alcançado. O reaparecimento de Yun, sua assistência, seu novo e absoluto desprezo pela vida inocente, corroía suas extremidades e a impedia de dormir.

Era mais fresco na borda da piscina do que no resto do quarto. Ela sabia que isso se devia à evaporação, mas, hoje, havia um frio absoluto. Sua pele se arrepiou com calafrios e ela tremeu.

— Kyoshi — ela ouviu um homem falar.

Os olhos dela abriram com surpresa. Onde estaria vendo seu reflexo na água, ela viu a silhueta mudando, ainda de uma pessoa, mas ondulante entre dezenas de formas, como se ela tivesse corrido pela superfície da piscina.

— Kyoshi — ela ouviu a voz novamente.

Uma rajada de vento fez seu cabelo voar. Um manto de névoa subiu da piscina. Ela piscou, e havia um homem sentado sobre a água, olhando-a, espelhando a pose dela.

Ele tinha por volta de trinta anos e era acidentalmente bonito. Vestia os adereços de um grande chefe da Tribo da Água, suas peles azuis-escuras compensando a palidez de seus olhos. O corpo dele era adornado com os

A ASCENSÃO DE KYOSHI

troféus de um poderoso caçador, os dentes afiados de feras atados em volta de seu pescoço e pulsos.

— Kyoshi, eu preciso da sua ajuda — ele pediu.

Ela encarou o espírito do homem que ela sabia que estava morto. O homem que fora amigo de Jianzhu, Hei-Ran e Kelsang. O homem que a precedera no ciclo do Avatar.

— *Kuruk?*

CONTINUA...

MUNDO AVATAR

A ASCENSÃO DE KYOSHI

REALIZAÇÃO

MUNDO AVATAR

INSCREVA-SE NO NOSSO CANAL

[YOUTUBE.COM/MUNDOAVATARYT](https://www.youtube.com/mundoavatoryt)